REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO HISTORICO
GEOGRAPHICO, E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

4º TRIMESTRE DE 1873

APONTAMENTOS
PARA A
HISTORIA DOS JESUITAS
NO BRASIL

Extrahidos das Chronicas da Companhia de Jesus

PELO

DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Socio do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil

(Continuados do 3.º trimestre, pag. 178)

ANNALES LITTERARII

E' collecção, escripta em latim, que promette muito, e dá muito pouco de si. As noticias incompletas, sem nome de pessoas nem de lugares; tornando-se-me por isso mui difficil colher o que aqui resumo.

Anno de 1581. Conta a provincia do Brasil oito casas, e cento e trinta e sete socios: morreram tres; entraram cinco, e effeituaram-se 330 casamentos e 1,300 baptismos.

Começou a primavera d'este anno com chuvas copiosas,

como nunca de antes as houvéra na Bahia; ventanias de arrancar arvores, e por cumulo de desgraça sobreveiu peste com tanta crueldade,que só em uma aldêa, no espaço de dois dias, morreram sessenta neophytos.

Faz-se por esse tempo missão a um monte altissimo, que demora no interior da Bahia. Os selvagens mandam embaixadores e vai um padre ao encontro d'elles; mas um mameluco introduz a sizania entre elles, de modo que só desceram duzentos indios.

Nada succede no Rio de Janeiro, a não ser o medo de duas náos francezas, e isto quando a cidade estava sem tropa, e o governador ausente; mas retiraram-se ellas sem tambem fazer damno.

Em Pernambuco deram-se conciliações d'amizades e composições de dividas por intervenção dos jesuitas.

Nos Ilhéos começa a fazer milagres a cabeça ou queixada (o latim diz *os*) do martyr S. Gregorio, que o geral da companhia lhes mandára seis annos atraz. Os *Aymorés*, sempre vencedores d'antes, começam a recuar por milagre d'essa reliquia. Dizem os *Annaes* que aquella nação era tão feroz que arrancava as crianças do ventre ás mãis, e logo alli as assava em espetos, e as comia na propria presença dos pais e parentes.

1582.— Não se trata do Brasil.

1583.—Bahia.—O administrador do bispado, em artigo de morte, reconcilia-se com a sociedade de Jesus da qual se mostrára sempre adverso.

N'este anno houve alli fome e depois molestias, de que morreram muitos.

No collegio de Piratininga se trata da conversão dos *Maramonis*, sendo d'isso encarregado um dos padres.

1584. — Morreram dois padres, entraram seis; sendo o numero total d'elles, na provincia, 142.

BAHIA.—Cria-se alli a irmandade das *Onze Mil Virgens;* por que faltando chuvas e havendo muita secca, fizeram preces e procissão nocturna, indo n'ella um andor com a cabeça de uma das Onze Mil Virgens, e logo se toldou o céo e começou a chover.

Representaram os padres por essa occasião um mysterio ou auto, cujo espectaculo é digno de narrar-se aqui: caminhava Santa Ursula com rodas disfarçadas, e para ella se inclina um Anjo que traz a palma do martyrio: as Virgens a chamam em côro e querem todas dar o sangue pelo Digno Esposo, disparando-se n'esse momento tiros que representam o triumpho. Recebem-n'as por ultimo coros d'anjos, que entoam seus louvores. « O publico chorava » dizem os *Annaes,* e accrescentam: « Não se póde significar quanto começamos a ser procurados e concorridos, depois d'esta solemnidade. »

Ha no Rio de Janeiro 160 baptismos, em Piratininga 170, e em Pernambuco 190, acontecendo mais entrar para o collegio d'esta capitania um moço para noviço, bom discursador, engenho ardente: « *ut omnia de eo sperari jam liceat.* »

1585.— PERNAMBUCO.— Dois figurões brigam por causa da autoridade: estavam para vir ás mãos e a cidade em alboroto, pelo que o Senado recorre aos padres, e os dois inimigos se congraçam *coram populo.*

O visitador tinha ordenado que todos os annos andassem dois padres pelos engenhos d'assucar em desobriga, como se fazia na Bahia. Idéa catholica, mas jesuitica na essencia era essa; pois não faltavam esmolas de vulto aos padres.

Vão dois padres, não dizem quaes, á conquista da Parahyba; e fazem-se n'esse mesmo anno, na Bahia, 950 baptismos.

Appareceu por esse tempo entre os indios uma nova superstição, que fez muito damno, tanto mais quanto, approximando-se aos ritos da igreja, attrahiam os incautos com a novidade.

Explicavam os schismaticos na sua improvisada seita, que eram os portuguezes que se afastavam da verdade. Arvorou-se um d'elles em pontifice, elegia bispos, ordenava sacerdotes, ouvia de confissão; levanta casa para educação das crianças, dizendo ahi missas, fazendo rosarios com quantas fructas de semente dura e redonda apanham os seus, livros de cascas e taboas e com umas garatujas, para figurarem de breviarios, « que não podia ser senão innovação do proprio demonio. » Dizem que para chegar-se a ser santo, convinha passar por certo gráo de demencia, e para isso os que o queriam ser, bebiam o summo de tabaco e cahiam logo em convulsões espasmodicas e horriveis, revolvendo-se no chão e pronunciando cousas inintelligiveis, etc. Sobrevinha a este periodo o do torpor, e logo que voltavam a si, lavavam-se e estavam santos, tanto mais legitimos quanto mais violento fôra o ataque.

Dizia o tal *Papa* que os seus maiores viviam em um navio para os resgatar d'aquelle durissimo captiveiro. Então morreriam ou seriam mortos todos os estrangeiros, e os que resistissem se converteriam em peixes, porcos e féras dos matos; que os indios, que tivessem fé, se haviam de salvar, e os incredulos seriam pasto das feras e das aves de rapina. Envia elle seus nuncios e prégadores aos indios que viviam com os portuguezes, propaga-se a superstição entre elles, e fogem das aldêas com os escravos talando as plantações e ateando fogo ás casas. Nada poupam como homens, que para andarem mais ligeiros na fuga, começam pelo infantecidio.

Por fim, os proprios, que haviam fugido das aldêas dos

dos padres, foram os que se insurgiram contra o *Papa*, prendem-n'o, maltratam-n'o, e tel-o-iam morto se lhes não acudisse que deviam leval-o ao governador como premio de seu perdão ; mas este com melhor aviso entrega-o a elles para que façam justiça por suas mãos. Estes arrastam-n'o para a aldêa, arrancam-lhe a lingua e o enforcam.

Não é para admirar este facto, quando ainda hoje se dão outros semelhantes no valle do Amazonas, não só de apparições de papas mas de Christos, como ainda ha pouco succedeu.

Ilhéos. — Havia aqui duas aldêas com oito padres ; por que o trabalho era muito. Todos adoecem, vindo a succumbir de entre elles o padre Manoel de Paiva, com quarenta e tres annos da companhia e quarenta e dois do Brasil : *obediente ut codex ad pueri ductum.*

Rio de Janeiro. — Estão os indios (não dizem os *Annaes* quaes sejam) em guerra, e vai a elles um padre com um irmão, e expostos á continuas e rigorosas chuvas. Trazem os dois socios para as aldêas da companhia seiscentos d'estes indios.

S. Vicente.— Quer o padre visitador mudar as casas da companhia para lugar mais commodo, e para isso lhe deram os cidadãos *duas optimas ;* mas apesar de tão generosas dadivas não se mudaram ; tendo havido iguaes offertas em Piratininga com identicos resultados.

1586. — Não trata do Brasil.

1587. — Entraram n'este anno dez noviços e morreram tres. Morre tambem na Bahia o padre Manoel de Barros, que estava, ia em nove annos, na provincia.

Augmenta-se o collegio, melhoram-se os ornamentos, e tornam-se mais frequentadas as escholas.

N'esse mesmo anno morre em Pernambuco o padre

Francisco Teixeira, que em 1586 se fôra á Parahyba, onde consegue que o chefe dos selvagens com mais trinta dos seus fossem baptizados.

Rio de Janeiro.— Morre o padre Balthazar Alvaro entre os discipulos, e succede por este mesmo tempo que a irmandade das Onze Mil Virgens fizesse de novo preces, pedindo chuvas.

Espirito-Santo.—Contam-se aqui dez mil neophytos.

Piratininga.—Os *Morominis* fazem amizade com os portuguezes, e como ninguem lhes soubesse a lingua, entendiam-nos por acenos, até que um padre occupou-se de aprendel-a.

1588—1589.— Não trata do Brasil.

1590.— Abrem-se na Bahia as casas do Gymnasio com uma douta oração do professor de humanidades, sem que deixassem de lhe assacar epigrammas. No dia de N. S. da Conceição foram premiados doze alumnos em philosophia com grandes festas da cidade de S. Salvador e do seu bispo, o qual se mostrou nobre e generosamente inclinado a favorecer estes estudos, para o que estabeleceu um premio em assucar no valor de trinta moedas d'ouro *(triginta aureis destinantur)* para ser destribuido em premios aos discipulos.

Dispensava este prelado favores não menos valiosos á irmandade das Onze Mil Virgens, para cujo altar prometteu dar perpetuamente cera.

N'este anno emprehendem tres padres, sendo dois de missa, e um irmão, a missão a algumas duzentas leguas da cidade da Bahia, e percorrem esse caminho difficil pela solidão das mattas e copia das aguas. Chegados que foram aos indios, persuadem-n'os a que desçam para lugares mais commodos; porém convêm n'isto sómente 150 d'elles, recusando-o os mais formalmente.

No collegio do Rio de Janeiro morrem n'esse anno o padre João Baptista, que tinha dezoito annos do Brasil, e era pratico na lingua geral. O administrador do bispado d'essa capitania mostra-se cada vez mais inclinado aos jesuitas. Dão-se n'este anno 172 baptismos.

1591.—Morre em Piratininga o padre Manoel de Chaves, de oitenta annos de idade, constante em suas peregrinações a pé, e quasi sempre descalço.

Os barbaros, depois d'essa morte, vêm em grande multidão sobre Piratininga. Devastam os campos, matam os rebanhos, lançam fogo ás povoações: não ha descanço, nem folga para os cercados, e até desesperam da salvação; por que poucos em numero, posto que mui valentes, não se atreviam arrostar esta tempestade de barbaros que os opprimiam.

Vem a toda a pressa em soccorro d'elles tropa de Santos, d'onde se havia pedido reforço. Já os arrebaldes eram tomados, e destruida a igreja de Santa Maria, que era ahi situada. Os neophytos fizeram proezas, offerecendo-se intemeratos ás settas dos inimigos. Estes, depois de repetidos ataques, retiraram-se em vergonhosa fuga.

Conta mais o autor que na tomada do templo da Virgem, apoderaram-se estes barbaros da imagem e cortaram-lhe a cabeça, sendo feito depois prisioneiro o autor d'este sacrilegio, expirou atado á cauda d'um cavallo.

Ha na Parahyba por esse tempo 10100 christãos.

Diz o autor que receberam baptismo, na capitania de Pernambuco, 8426 indios, o que faz crer que o decrescimento da população convertida foi rapido e espantoso pelo que hoje existe d'ella.

Na Bahia faz-se n'este anno 160 baptismos; e morreram nos dois annos (1590—1591) tres noviços e entraram quatro.

1592.—Não fallam os *Annaes* no Brasil.

1593.—Fmbora não se occupe o autor particularmente do Brasil, traz este trecho digno de reparo :

« Pelo tratado de cazamento da infanta D. Catharina em 23 de junho de 1661, com Carlos II de Inglaterra, deu-se, diz o autor dos *Annaes*, á princeza um dote de dois mil contos. cedeu Portugal Bombain e tanger e abriu aos inglezes os portos do Brasil, onde lhes foi permittido residir e habitar com os mesmos privilegios dos portuguezes quanto ao commercio».

Quando foi por occasião da restauração da Bahia, o conde duque d'Olivares, ministro de Hespanha, fez entrega a D. Fradique de dois ou tres milhões para despezas da guerra.

Deshouveram-se elles depois, e o conde d'Olivares, que governava tudo, ajudando-se de valimento, para se vingar de Fradique, mandou-lhe tomar contas,e por ellas achou-o alcançado em meio milhão. Apertou com elle que o pagasse ou désse descarga: deu-lh'a elle, e esta em poucas palavras: « Que o gastára em missas ás almas, em esmollas e obras pias,para que Deus lhe désse a victoria, que alcançára e que muito mais valia.» (152). Bom tempo era esse em que um general saldava contas por meio tão prompto e facil!...

Restauraram-se as capitanias da Bahia e Pernambuco, não pelo parecer do celebre jesuita, que opinava que se abandonasse esta aos hollandezes, como se verá melhor á pagina 132 da sua *Arte de Furtar*, e mais amplamente desenvolvido na biographia do padre escripta pelo distincto litterato João Francisco Lisboa (IV volume das suas *Obras*).

(152) Vej. no cap. XX da *Arte de Furtar* do padre Antonio Vieira.

Finaliso este extracto pela curiosa estatistica dos collegios e residencias, como vem nos *Annaes*.

COLLEGIOS E RESIDENCIAS	ANNOS									
	1581	1582	1583	1584	1585	1586	1587	1588	1589	TERMOS
Bahia	75		0	62	72	15	5	70	0	81
Rio de Jan. .	20			25	27			30		22
Pernambuco .	16			22	21			22		3
S. Vicente: .	7			7				11		84
Piratininga .	4			4	7			7		85
Espir. -Santo	6			8	Por todos					86
Porto-Seguro	6			4				11		57
Ilhéos	6			5				11		88
	136			142	150			162		89

COLLEGIOS E RESIDENCIAS	ANNOS										
	1590	1591	1592	1593	1594	1595	1596	1597	1598	1599	1600
Bahia . . .		70									
Parahyba .	3										
R. de Jan.		25 a 30									
Pernamb. .		22 a 25									
S. Vicente.											
Piratininga											
Esp.-Santo											
Porto-Seg.		9 a 11									
Ilhéos . . .											
Totalidade	161	172									

Desde o anno de 1601 até o de 1633 apresentam os *Annaes* os mesmos collegios e residencias, sem comtudo assignalar-lhes o *quantum*, deixando os mappas em branco, e assim incompleto semelhante trabalho, o que acontece tambem nas suas demais partes.

RELAÇÃO ANNUAL DAS COUSAS QUE FIZERAM OS PADRES DA COMPANHIA ETC.

PELO PADRE FERNÃO GUERREIRO.—5 VOL. (IMP. 1602 MDCXI).

Occupa-se esta obra, aliás mui estimada pela pureza e elegancia de linguagem com que está escripta, e ainda mais pela escacez dos exemplares completos, das cousas do Japão, Ethiopia, e com bastante desenvolvimento; mas quando refere-se ao Brasil emprega n'isso apenas o liv. II do tomo II e o liv. IV do tomo IV ; e pouco é o que d'ahi colhi.

Diz o chronista, que em consequencia da apparição em 1602 de um cometa, assola a Bahia cruelissima peste.

Nos Ilhéos dá-se uma incursão de piratas, que roubam e devastam a terra, nivelando a igreja com o solo e escarnecendo dos vasos sagrados. Augmentava-se no emtanto a grei de Christo : conseguem quatro sacerdotes fazer descer os *Amoapyras*, tão superiores aos demais indios, tanto no manejo dos arcos como na fereza.

Dá tambem conta de uma expedição de seis padres aos *Carijós*, e passa depois a apresentar o seguinte catalogo das residencias e collegios no Brasil :

Anatuba, missão do collegio da Bahia.

Bahia, collegio

S. Barnabé, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Aldêa de Cypotyba.

Bethlem, seminario.

Camamú, residencia e collegio da Bahia, e ha tambem com o mesmo nome uma missão pertencente a este collegio.

Canabrava, missão do collegio da Bahia.

Cabo-Frio, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Carapicuiba, residencia e collegio de S. Paulo.

Conceição da Virgem Maria, ou da Santa Virgem, resi-

dencia de Gurupotyba, do collegio do Pará, junto ao Amazonas.

Conceição da Virgem Maria, residencia do Pinaré, do collegio do Maranhão.

Conceição da Virgem Maria, residencia de Tapajós, do collegio do Pará.

Ceará, missão.

Espirito-Santo, residencia e collegio do Pará.

Espirito-Santo, collegio.

Espirito-Santo, missão do collegio da Bahia.

Goytacazes, residencia do collegio do Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes.

Guayurú, missão do collegio de Olinda.

Ilhéos, residencia do collegio da Bahia.

Itinga, missão do collegio do Rio de Janeiro.

Jaboatão, residencia do collegio da Bahia junto ao Rio de S. Francisco.

Jurú, missão do collegio da Bahia.

Maranhão, collegio.

Mortiguera, collegio do Pará.

Olinda, collegio.

Pará, collegio.

Parahyba do Norte, residencia do collegio do Recife.

Parahyba do Sul, residencia do collegio de S. Paulo.

Paranaguá, residencia do collegio de S. Paulo.

Porto-Seguro, residencia do collegio da Bahia.

Recife, collegio.

Rerityba, residencia do collegio do Espirito-Santo.

Reis-Magos, residencia do collegio do Espirito-Santo.

Rio de Janeiro, collegio.

Rio da Prata. missão da colonia do Sacramento, pertencente ao collegio do Rio de Janeiro.

Rio de S. Francisco, missão do collegio da Bahia.

Santa-Cruz, residencia do collegio do Rio Janeiro.

Sacco, missão da aldêa do mesmo nome e do collegio da Bahia.

Santos, collegio.

S. Paulo, collegio.

S. José, residencia do collegio do Maranhão na aldêa de S. José de Riba-mar.

S. João Baptista, residencia e collegio do Maranhão, fronteiras á cidade (em Vinhaes).

S. João Baptista, residencia nos Caetés.

S. Miguel, residencia.

Serinhaem, missão do collegio da Bahia

Tupynambás, residencia do collegio do Pará.

Tajupeba, residencia, do collegio da Bahia.

Uratagui, missão do collegio d'Olinda.

Nheengahyba. missão do collegio do Pará.

Nossa-Senhora do Desterro, residencia no Xingú, do collegio do Pará.

Nossa-Senhora da Escada, residencia do collegio da Bahia.

Tratando o padre José de Moraes na sua *Historia da companhia de Jesus*, com tal qual individuação dos padres Figueira e Pinto, acho ocioso extractar d'este autor o que relata a respeito do que succedeu a estes jesuitas, e passo a resumir o que ha de bom em Murcio Vitefleschо, (anno de 1616-1625).

1616. — Não se tinham abrandado os odios contra os jesuitas, defensores da liberdade dos indios. Estas queixas nem sempre foram baldadas : mais de uma vez os homens poderosos tentaram com tumultos populares coagir os padres a abandonarem a administração dos indios, e apezar dos magistrados abafarem as sedições, cujos clamores iam sempre em crescimento. Espalhou-se que elles auferiam grandes e enormes proveitos da administração dos indios,

e que esses productos deviam entrar com mais justiça para o fisco! Chegou isto á metropole, e o rei, bem ou mal informado, tirou aos jesuitas essa administração, confiando-a d'outros sacerdotes ; e assim triumpharam os interressados no captiveiro dos indigenas, e não houve mais pôr obstaculos á sua cobiça. Mais parece que a alegria não foi de longa duração ; pois que o novo governador Gaspar de Sousa, chegando á Bahia, apenas pôde ver as cousas por si, e informando-se das falsidades que haviam prevalecido na côrte para solução d'este negocio, escreveu ao rei « informando-o de quanto convinha ao serviço de Deus, ao seu e do povo, isto é, que as aldêas continuassem a ser administradas pelos padres como d'antes ; que os seus lucros nenhuns eram, a não ser o que elles dispendiam com o culto divino e salvação das almas dos indios ; que haveria perigo em prival-os de seus *curas*; que do contrario se recolheriam de novo aos matos com gravissimo prejuizo da real fazenda, pela diminuição dos tributos. »

Tomou o rei esse accordo e os padres voltaram á administração dos indios. N'este anno (1616) apparece nova peste, em que se manifestou a caridade dos padres, e com este procedimento captivam a vontade aos moradores. Vitellescho falla tambem d'umas aguas milagrosas e narra assim o facto: que um neophyto, chamado Antonio, atacado gravemente da peste, foi ao mato proximo em procura de não sei que herva. « Cahindo desfallecido e quasi no ultimo alento, eis lh'apparece um venerando varão, vestido com o habito de S. Francisco, o qual apontando para uma fonte que sahia d'uma lapa como que lhe ordenava que d'ella bebesse, e logo desappareceu. O homem cobrando animo viu a fonte mais distinctamente e approximou-se d'ella, bebeu e sarou. Correu fama, e a virtude da agua se conservou constante.

Todos crêram que o franciscano não era outro senão o proprio Santo Antonio. »

No tempo do governador Gaspar de Sousa effeituou-se a expedição para a expulsão dos francezes do Maranhão. Nove navios, quarenta veteranos, trezentos indios escolhidos frecheiros, e por chefe Alexandre de Moura que levou comsigo os dois padres Manoel Gomes e Diogo Nunes e tomou posse da ilha. Expede d'ahi Caldeira que chega ao Pará, onde fez um forte. Dizem que os indios como que sofregos pediam o baptismo; era grande o fructo; mas os padres não podiam fazer longa demora; que não tinham licença para isso. Diz o autor que até de duzentos mil passos, ou cousa de 70 leguas, vinham embaixadores dos indios; mas elles não tendo quem os continuasse a guiar na religião, deram o baptismo a alguns na hora da morte, e voltaram com a frota a Pernambuco; mas ainda assim levantaram cruzes em muitos lugares, e expozeram muitas imagens é adoração publica, Esta ultima parte me parece muito duvidosa.

O que houve de mais notavel foi a introducção no Brasil das preces de quarenta horas nos tres collegios, unicos que então existiam n'aquellas conquistas.

Não se sabe quantos baptismos houve no anno, mas deram-se no triennio mais de 3:330 em crianças, e mais de 1:200 em adultos.

Fez-se grande serviço a Deus com os africanos; que já os havia então em grande copia, vivendo nos engenhos sem terem pela maior parte de christãos mais que o nome, e ainda esses mesmos nem sempre eram levados á pia baptismal. Viviam nas fazendas, como nos sertões d'Africa, com toda a licença e máos vicios, uma vez que isso não prejudicasse ao serviço dos senhores, e mal conheciam a igreja. Sahiram alguns padres em desobriga pelo reconcavo e acharam

mais de 9000, que ha tres annos pelo menos senão tinham confessado.

Seria longo, diz o autor, enumerar todas as expedições que emprehenderam os padres jesuitas; mas d'algumas ao menos, bem que se conserve a memoria, ou porque foram de grande risco ou porque tiveram resultado equivalente ao perigo, ou porque afastaram-se do commum, servirão para exemplo e utilidade dos que lerem.

A primeira d'estas missões foi a dos padres Antonio de Araujo e João de Mendonça ás montanhas do Arabe *(ad montem arabicum)*. Este monte, quasi inaccessivel, intromette-se pelas terras dentro muito distante de S. Salvador. Tem duas leguas de comprido e pouco mais de metade de largura. Aqui viviam muitos indigenas dos que se tinham retirado das praias, e outros fugidos do captiveiro; e pela maior parte em lastimosa confusão.

Tomados poucos companheiros, alguns sem armas, commetteram aquelles dois padres a jornada, confiados que acabariam com elles a que de novo se voltassem ás praias e tomassem a doutrina de Christo. Caminharam muitos dias por medonhas solidões, e por matos enormemente espessos e onde não descobriam vestigio humano. Aconteceu-lhes frequentes vezes terem de abrir caminho a ferro, ou de treparem montanhas a pés e mãos, e de soffrerem por fim os horrores e miserias da fome; por que consumida a matolotagem, tiravam o principal remedio da sua vida d'algum mel silvestre que por acaso deparavam nas arvores.

Consumiram quatro mezes n'esta perigosa jornada até que chegaram ao monte *Arabe*. O padre Araujo, gravemente enfermo, era transportado em uma rede, e por isso avançava com mais vagar. Mendonça o precedia com os demais companheiros.

Os indios como os vissem do alto de suas montanhas e suspeitassem que eram portuguezes que os vinham accommetter, deram logo rebate, metteram as crianças e as mulheres no mato e armaram-se para a resistencia. Como se approximassem hostis, Mendonça gritou-lhes que era sacerdote e vinha de paz; portanto que nada temessem. Adiantou-se sósinho e metteu-se resolutamente entre elles. A confiança os impressiona, e a affabilidade os rende. Se é provavel como diz o autor, que elles em sabendo que Mendonça era jesuita se lhe lançaram aos pés, em signal de veneração, não é comtudo crivel.

Chega o padre Araujo e desvanece algumas desconfianças, que os mais suspeitosos talvez ainda alimentassem, e receberam-n'os todos com o melhor gazalhado e contentamento.

Viviam em paz estes selvagens com suas aldêas no monte, a pequenas distancias umas das outras e em numero de quinhentas. Eram de costumes corruptissimos, destoando, porém, d'elles alguns admiraveis exemplos. O principal d'uma d'estas aldêas recebeu luzes do Evangelho; e por isso tinha uma vida integra e recommendavel. Cumpridor de suas regras de bom viver, não procurava vingar-se ainda mesmo quando podia exercer vinganças a seu salvo. Em outro tempo fôra tomado á trahição pelos portuguezes, tratado indignamente, reduzido á escravidão e posto a trabalho em um engenho d'assucar, d'onde fugiu. Quizeram os seus desforçar-se, e bem o podiam; mas elle os dissuadiu d'este intento. Homem de bom coração, d'uma misericordia como que ingenita para com os estranhos, não consentia que se procedesse contra elles injusta, nem deshumanamente. Havia desterrado de suas aldêas os sacrificios humanos, e se lhe constava que alguns dos seus tinham inimigos á corda, lá ia e os resgatava.

Foi facil conseguir por meio d'este abraçassem os mais o christianismo ; mas no que os padres punham maior empenho é que descessem para o littoral. Pareceram concordar n'isso, mas no dia da partida os mais d'elles desappareceram tão mysteriosamente, que, por mais que foram procurados, não se encontrou nenhum dos taes. Desceram ainda assim uns dusentos, que se estabeleceram na aldêa do Espirito-Santo, na Bahia.

Outra missão foi a dos *Carijós*. Partiram para ella, esperançados nos maiores resultados, os padres João Fernandes e João d'Almeida. Mallogrou-se, porém, ella por não terem achado apoio n'aquelles de quem o poderiam esperar.

Salvador Corrêa de Sá e Benevides, governador do Rio Janeiro mandou adiante dos padres ordens para todos os magistrados dos lugares por onde teriam de passar, que lhes déssem auxilio e mantimentos á custa da real fazenda; mas longe d'assim o fazerem, elles empegaram todos os esforços e diligencias para que os padres não fossem adiante, e isso porque tinham sempre á mão um viveiro d'escravos, como estivessem os *Carijós* em constante guerra entre si. Podéram comtudo os padres progredir na sua missão pela liberalidade d'Antonio de Vasconcellos, que os recebeu no seu navio, e os fez desembarcar nas terras dos *Carijós*.

Ao chegarem, souberam que os portuguezes tinham, por mensagens secretas, prevenido estes indios contra os padres, aconselhando-os que se acautelassem d'aquelles dois homens, que fugissem da vista d'elles, que eram máos, e que se chegassem ao ouvir-lhes a voz, ficavam sem remedio seus escravos. « Fez isto *impressão*; mas depois abrandaram.»

Entram os padres pelos sertões, são acolhidos em toda a parte pelos *Carijós* e persuadiram aos melhores d'elles que deixassem seus bosques e viessem para o Rio de Janeiro; mas faltavam navios. O padre Fernandes escreve a Salvador

Corrêa pedindo-lhe meio de transporte seguro; pois com tantas mulheres e crianças não podia emprehender a viagem em canôa.

Ou que o governador não recebesse as cartas, ou que ellas se perdessem, o certo é que não obtiveram resposta, e por isso despediram-se desconçolados e saudosos d'aquella pobre gente, que mandou então um embaixador ao provincial do Brasil, instando com elle para que lhes mandasse padres. Não lhes foram, pela *insufficiencia do numero que então havia no Brasil.* Todavia no tempo d'*Anchieta* com menos se acudia ás mais partes.

De Pernambuco sahiram duas missões ou expedições. O padre Domingos Monteiro aos *Aymorés*, que os catechisou tão bem, que se resolveram a abandonar as suas terras, e a virem para as aldêas dos neophytos. Grande tinha sido o numero d'elles,mas não tendo havido provisão para o accrescimo de tantas boccas, a fome os vexou, e elles fugiram de novo.

Outra expedição foi a do padre Francisco Lobato aos *Goytacazes*. Elles os domesticou por tal modo, que nunca mais de então em diante voltaram as armas contra os portuguezes. Não houve, porèm, meio nem modo de os trazer ás aldêas. Isto em *Cabo-Frio*, posto que o autor diga que as duas missões partiram de Pernambuco, collige-se que ha confusão de localidade.

D'aqui passou-se o padre Lobato para os *Tamoyos* fronteiros, que eram poucos, ou antes reliquias das guerras infelizes movidas contra elles pelos portuguezes; mas que ainda conservavam sua indómita fereza. N'aquelles montes escondiam-se por tal fórma que não havia menor difficuldade em descobril-os, que vencel-os. Sahiam ás vezes d'improviso de seus rochedos, desciam armados ao littoral e assolavam tudo.

Haviam elles captivado tres *Goytacazes*, que tinham na corda. Envia-lhes o padre mensageiros para que lhe venham fallar e tragam os tres prisioneiros; por que d'ahi lhes resultará bem. Levam um mez a se consultarem entre si, por fim resolvem-se e vêm ao lugar marcado. Diz-lhes o padre como os portuguezes eram alliados dos *Goytacazes* que de certo vingariam a morte d'aquelles tres, e á vista d'isto entregam-lhe esses prisioneiros, que elle traz para a aldêa de S. Pedro, fundada dois annos antes pelos padres da companhia a duas leguas de Cabo-Frio. Vieram com filhos e mulheres.

1623. — Vimos como nos annos anteriores foram mandados para a missão de Pernambuco os padres Manoel Gonçalves e Diogo Nunes, na expedição de Alexandre de Moura. Depois d'esse tempo abstiveram-se os padres de enviar para alli novos missionarios, não por que lhes faltasse vontade, mas por que, levado de falsas informações, tinha o rei preferido empregar outros religiosos n'aquella vinha. Fez-se, porém, no governo de Diogo de Mendonça mudança na opinião do conselho de Madrid. Diogo de Mendonça, diz o autor, homem integerrimo, sabendo das cousas da missão, não por fé d'estranhos, mas como *testemunha occular* (?), persuadiu o conselho das Indias, que longe de se deverem afastar do Maranhão os padres da companhia, convinha muito alli a sua presença e assistencia. Tendo-lhe a côrte de Madrid facultado levar avante as suas idéas, entendeu-se Diogo de Mendonça com o provincial, para que fossem mandados dois jesuitas áquella capitania, para o que preparam-se logo o padre Luiz Figueira e Benedicto Amadeu, ambos mui apropriados e escolhidissimos para o caso.

Não os acolheram, comtudo, os colonos do Maranhão com a mesma disposição d'animo, com que o governador da Bahia os mandava. Levantou-se uma sedição no povo, e

apenas chegados, pretendia que de novo fossem embarcados. Reprimiu o governador do Maranhão este tumulto, já com força, já com autoridade.

D'onde estes odios? Induz-me isto a crer que os jesuitas, apesar de tudo, tinham tão má reputação, que esta os precedia até áquellas paragens de tão difficil contacto então com a Bahia. O que dizem os escriptores da companhia de Jesus não é de todo o ponto acreditavel: «Adeo ferre pacate non poterant prodatores indigenarum colonis, esse ibi qui contra eorum rapacitatem tutarentur libertatem indorum, hos que abripim in servitutem prohiberent. Nam qui hoc odii causa unica, *cui alias prætexere* conabantur frustra.»

Reprimidos os colonos, como disse, pelo governador, não deixaram comtudo de insistir com toda a efficacia que os padres fossem logo e logo revocados, se bem que o deixassem de fazer com a violencia do começo. Passaram depois a representar ao governador Diogo de Mendonça que prohiba e interdiga o territorio do Maranhão aos jesuitas, porque a presença d'elles era alli inconveniente (*gravem*) e nociva á republica; e depois lançam os seus libellos em actos publicos (refere-se o autor ao accordo com o senado da camara de que elles padres se não metteriam em questões de indios?); mas nada d'isto aproveitou. O governador da Bahia, como parte que tinha sido, n'aquella determinação, respondeu indignado, que elle admirava-se muito de como lhes passava pela imaginação lançarem fóra taes homens, quando pelo contrario lh'os deveriam pedir com instancia, se já alli os não tivessem comsigo, e que soubessem mais, que elle alli queria a sociedade por muitas razões, e principalmente por haver entendido que com ella se haveria el-rei de confirmar na posse d'aquella conquista, e ainda de dilatar os seus dominios. Por fim, que d'alli em diante se abstives-

sem de todo o ulterior procedimento contra os padres. Cabe notar de passagem que nem elle, nem os da companhia poderam salvar a capital do Brasil das garras da cubiça hollandeza.

Quando esta carta chegou ao Maranhão, já andavam os animos mais pacificos. A mansidão jesuitica tinha produzido seus effeitos, posto que não fosse grande a victoria. Tinha realisado esta conversão no trato e conveniencia com os padres, a ninguem molestos antes affaveis, brandos, religiosos e sabendo mostrarem-se prestaveis á causa publica, quando assim o pedia a occasião. Como era de suppôr, empregadas as baterias jesuiticas contra os que mais violentamente se lhes oppunham, eram estes agora que, descidos da apparente humildade dos padres, mais os favorecia.

Os padres, desejando bem merecer de todos, não se pouparam tambem a trabalho nem industria para promoverem á religião publica ou particularmente. Construiram o seu templo de pedra e cal, o primeiro que teve o Maranhão d'este feitio e solidez, e não se occuparam senão com os colonos; porque os franciscanos, chegados alli por aquelle tempo, tinham um diploma régio para que ninguem, senão elles, se occupassem da conversão dos indigenas; mas decorridos uns seis annos, cederam os franciscanos d'aquelle privilegio, revertendo para os jesuitas. Os motivos que os levaram a isso ignoro, nem me foi possivel colher das obras por mim consultadas.

Passando o autor a tratar em seguida da nação *Mares-Verdes*, approveito antes para aqui o que diz o padre Antonio Vieira em uma carta da mesma epoca (1626), e onde é a materia mais detidamente tratada. « Eram estes *Mares-Verdes* nação feroz, inculta pela infamia de seu nome, procurada muitas vezes dos portuguezes e nunca achada d'elles. »

« Dois annos antes tinham ido á esta conquista, ou an-

tes descobrimento, os dois padres João Fernandes Gotto e Martinez. Depois de errarem muito tempo por valles e montes inhospitos, voltaram cheios de desesperança.

O padre Fernandes morreu de molestias, ou contrahidas n'esta jornada, ou aggravadas n'ella.

O padre Martinez não desistiu, nem desanimou: repetiu este anno (1626) a sua expedição com alguns neophytos e gentios praticos das habitações dos *Mares-Verdes*. Os gentios fogem todos do caminho, o que embaraça a expedição; e os que ficam, querem voltar e persuadem-n'o ao padre; mas este teima em ir adiante. Assim progridem muitos dias ás tontas sem descobrirem vestigio humano, até que um dia, quando menos o esperavam, dão de repente com os Palmares *(creba mapalia?)*, habitação dos *Mares-Verdes*.

Sentindo os barbaros a approximação dos adventicios, e cuidando que seria alguma d'aquellas bandeiras de portuguezes, que a seu costume corriam os matos para os captivar, reunem-se no momento, levam mão das armas, adiantam-se infestos e ameaçadores, preparados a darem a morte aos invasores. O padre manda um mensageiro por quem sabem que é um sacerdote que os vem buscar atravez de tantos obstaculos, e foi isso parte para que depozessem a ferocidade.

Persuadiu-lhes o padre a que viessem ao Espirito Santo, e elles o teriam acompanhado se não fosse a falta de alimentos. Mandam no emtanto sete, declarando que se o padre voltasse no seguinte anno, elles o acompanhariam de bom grado.

Revoluto o anno, volta o padre em companhia do socio Antonio Bellavia. Festejam os indios a sua chegada. Todos o acompanham, e em numero crescido, segundo a affirmativa do autor, ao Espirito-Santo.

Tinham estes pobres incolas sempre o que receiar do con-

tacto com os europêos, ainda quando os tratavam bem: d'esta vez accommetteu-os a peste, *(lues)* chegados que foram ao Espirito-Santo.

Esta peste, de que fallam tantas vezes os escriptos dos padres, é de suppôr que fosse quasi sempre a epidemia variolica, que ataca os indios com violencia extrema, e ainda mais me confirma n'esta opinião a descripção que faz o autor d'ella «*tabes postulorum, malum brasilie* oram maritimam inconlentibus frequens, et adhuc *Mariverdibus* inexpertum.»

PORTO-SEGURO. — Poucos annos antes tinham aqui vindo dois padres de muita virtude, Mathias d'Aguiar e Fabio Moyo. Em seis mezes, que tantos alli se demoraram, carearam tanto a vontade de todos, que muitos desejavam houvesse alli casa da companhia. Escreveram ao proposito-geral Mucio, pedindo-lhe isso, e offerecendo-se para correrem com as despezas da fundação e subsistencia dos padres. O governador aceitou o convite d'estes povos, e mandou fizesse alli casa, no genero d'aquellas chamadas—*residencias*.

Foram alli recebidos os padres com muitas festas e repiques de sino, e reconciliaram-se algumas inimizades inveteradas e que se tinham por implacaveis.

Morre n'este anno o padre Gonçalo d'Oliveira; mas como nada fez que mereça mensão, melhor será deixal-o em silencio.

1624.— Estando ainda no governo Diogo de Mendonça, tomaram os hollandezes a Bahia, concedendo liberdade de culto, excepto aos padres jesuitas; mas não se achou ninguem, nem ecclesiastico, nem cidadão d'algum trato que por isso abandonasse a nossa religião. Irritados por isso, commettem desacatos nas igrejas. « Ficou a Sé para templo de sua superstição de Calvino, do collegio dos jesuitas

fizeram armazens de vinhos, dando licença a alguns mercadores que os acompanharam, para alli se alojarem. Emquanto alli estiveram os hereticos, a casa ficou mal-assombrada e não dormiam com o barulho, os sacrilegos que a habitaram, e suppozeram que eram riquezas enterradas, e assim excavaram tudo. »

Para cumulo de males succedeu outra calamidade. Pouco depois de se terem rendido os portuguezes, o padre proposito provincial, Domingos Coelho, voltava por mar á Bahia ignorando o acontecido. Vinham com elle nove sacerdotes, e entre elles o padre Antonio de Mattos, designado para succeder ao provincial na administração da provincia. O navio é tomado, logo que entra na Bahia. Nenhuma esperança havia de resgate, porque os hollandezes tinham decidido que todos os religiosos, que se tomassem, fossem levados a Hollanda, para servirem de troco de prisioneiros. Foram ainda tomados mais dois, os padres Gaspar da Silva e Simão Souto-Mayor, em viagem para Portugal.

Estes doze com o provincial, maltratados e carregados de cadêas, são transportados para Amsterdão, onde nos carceres publicos jazeram mais de vinte mezes até que por diligencias do geral foram resgatados. Na ausencia d'aquelles dois do collegio da Bahia, o padre Fernão Cardim, tomou a administração da provincia. Ficou ella em tristissimas circumstancias com a entrada dos hollandezes, tanto que o grande seminario da provincia, frequentado de muitos alumnos e professores, agora se via privado não só da casa, mas dos rendimentos, todos necessarios para a sustentação de tanta gente. Por isso muitos apreciando bem as suas difficuldades, já não iam longe de suppôr que a provincia ou se tinha acabado, ou pelo menos estava agonisante.

Restauração da Bahia. — Eram os padres por occasião da restauração da Bahia em numero de vinte e dois, que

se achavam nos arraiaes portuguezes, e acudindo aos soldados por entre balas e fogo. Mas isto tinham de commum (supponho) com todos os mais religiosos. No collegio se guardou a presa feita ao inimigo, e para a vigiar estacionava alli uma companhia de soldados. Os padres retiraram-se e concentram-se no interior de suas casas.

Em Pernambuco e no Rio de Janeiro temem-se dos inimigos e apercebem-se para a guerra. Os indios acodem em grande numero a soccorrel-os, o que, como sempre, se attribuia ao esforço e industria dos jesuitas.

Este autor falla de uma viagem no anno de 1624 a Villa-Rica, na provincia de Guaíra ou Tucuman, onde os jesuitas punham collegio e que ia em grande augmento, quando foi tudo — collegio, colonia e terras — assolado pelos salteadores do Brasil (os hollandezes).

VIDA DO PADRE JOSÉ ANCHIETA

O primeiro que escreveu a biographia de Anchieta foi o padre Pedro Rodrigues, que foi provincial do Estado. Sebastião Beretario, por ordem do geral Aquaviva, escreveu sobre esta, em latim, publicada em 1617, traduzida tambem em hespanhol pelo padre Paternina e impressa em Salamanca. Os milagres, porém, tinham crescido com o andar dos annos. Commetteu-se a nova obra ao padre Ignacio de Siqueira, que adoeceu e morreu. Depois ao padre Matheus Dias que indo a Angola na companhia do governador Simão de Souto-Mayor, foi morto pelos hollandezes. Em fim se confiou a Simão de Vasconcellos (1661) publicada em 1672—Ha mais sobre o assumpto : Nieremberg — *Varões Claros*— 1513— João Burguesio do Patrocinio *Virginit. in soc. Jesu.*

Jacob Biderman, L. I, *Epygramas* — 120 — Jacob Damão— *Synopsi*— L. V.

Segundo o padre Simão de Vasconcellos era Anchieta natural de Tanarife—o pai biscainho—a mãi canarina. Nasceu em 1533. Indo estudar a Coimbra, onde segundo parece foi condiscipulo do bispo D. Pedro Leitão, entrou para a companhia de dezesete annos d'idade. Da muita oração, ou antes, como querem outros, da pancada d'uma escada, começou a soffrer da columna vertebral « aleijão disforme no espinhaço e costellas, ficando o corpo a uma parte penso.

1553.—Mandado ao Brasil, era o terceiro soccorro que lá ia com o padre Luiz da Gram, reitor que fôra do collegio de Coimbra. N'este ponto, traduzindo Vasconcellos a *Arcanthologia* de Godofredo, diz do clima do Brasil: « Goza o Brasil de ares bonissimos pela razão de ventos mui suaves que n'elle quasi sempre aspiram. »

« E' abundante de fontes, rios e bosques, variado suavemente de valles e outeiros, e revestido de verde sempre aprazivel. »

Exprimem-se nos mesmos termos de louvor do clima do Brasil: Maffeo no livro 2º da sua *Historia Indica*, Piso na *Descrip. Bras.* e no *Theatrum Orbis*, etc.

Tratando o padre Simão de Vasconcellos em especial do clima da Bahia nos livros 1º e 3º, n. 14, diz: « O clima é o melhor de todo o Brasil, e conseguintemente o maior de todo o universo, puro, vital, de uma primavera sempre perenne, onde raramente se sente frio ou calma. »

Vem a proposito reconsiderar o caso de Boles, que o merece, pois que mataram-n'o sem motivos mui poderosos: foi crueldade sem desculpa. Que elle fosse argumentador, como todos os lutheranos n'aquelle tempo, não lhe ponho

muita duvida que fizesse ainda aquella invectiva, criminando o padre Luiz da Gram por prégar a palavra de Deus aos de fóra, deixando os de casa, passe, ainda que a prégação não teria effeito sendo em latim, nem são elles pontos de accusação que dessem de si tamanho excesso.

São dignos de reparo os termos de que se serve S. de Vasconcellos no livro 9°, cap. XVI. n. 5 e seguintes.

« Chegaram, diz elle, estas noticias ao padre Luiz da Gram, que estava em Piratininga, e incontinente se partiu para acudir ao principio d'esta peste (a heresia?), que, quando appareceu, tinha logo infeccionado as povoações marítimas e levado após de si a gente ignorante... » O mesmo foi chegar o padre Luiz da Gram que declarar-se nos pulpitos, nas praças, no publico, no secreto, e confutar as heresias de um homem tão atrevido.

Afrontado cara á cara, quando ousava mostrar-se para ouvir a prégação do padre, irritado por essas occasiões, tentou applacal-o. Paternina diz claramente que elle procurára por todos os meios as boas graças do sacerdote intolerante! Eis as proprias palavras d'este autor que appellida João de *Boulle*r : « Y tenia gracia de entretener una conversacion. Dezia dissimuladamente entre sus gracias, algunas que mordian en la autoridad del Sumo Pontifice, en el uso de los sacramentos, en el valor de las indulgencias, y en la veneracion de las imagines..... procurò escusar con el atrevimiento su peligro. Tuvo traça para aplacar al padre Luis de Grana y carteóse amigablemente con el, como un hombre docto con otro, y comunicole muchas opiniones theologicas, professandose siempre en las palabras *enteramente catolico* (note-se bem). Peró aunque entonces vistio piel de oveja nunca desnudò el alma de lobo... Para atajarle, el tribunal eclesiastico prendio al hombre, etc. » (Paternina, livro 2°, cap. VIII).

No tempo de Simão de Vasconcellos batia-se moeda de ouro em S. Vicente, que eram por isso chamadas *S. Vicentes*.

Uma vez fundado o Rio de Janeiro foi Anchieta feito reitor do collegio de S. Vicente, isto pelo anno de 1569, segundo seu biographo, e ahi permaneceu até 1573, quando o provincial Ignacio de Tolosa o quiz transferir para o mesmo cargo no collegio do Rio de Janeiro.

Alludindo o bispo Leitão á voz insinuante e persuasiva, e á excellente pratica do evangelico padre Anchieta, dizia « que mais gostava de ouvir este só, este *canario* cantar em seus sermões, que todo o bando de prégadores. »

Começaram desde esse tempo os milagres de Anchieta, sendo o mais notavel d'elles o do engenho dos Erasmos, mercadores flamengos. Tambem era exemplarissimo, e não se poupava á fadigas nem recuava ante perigo algum para converter gentios e chamar ao redil de Christo as almas desgarradas.

Vem aqui a talho reproduzir do chronista a narração dos trabalhos a que se entregavam os missionarios nas suas jornadas pelos sertões : « Caminhavam a pé com seus bordões nas mãos ; levam o seu breviario, ornamentos sagrados, agulha para rumos e alguma companhia de indios mansos, já baptizados, em cuja experiencia livram os caminhos, em cujo arco a provisão do sustento da vida. Suas flexas são as que caçam e tambem pescam com ellas algumas vezes. As frutas das arvores, as hervas dos campos, a agua dos rios, o mel silvestre, e sobretudo a Providencia do Creador, não faltam. D'esta maneira vão cortando os matos, abrindo muitas vezes o caminho humano á fouce, não sem perigo de féras, serpentes peçonhentas e selvagens traiçoeiros. Depois de vêrem no caminho as contrariedades de uma, duas e mesmo

tres horas, dão tudo por bem empregado quando começam de divisar signaes, que levam destinados, das arvores ou bosques onde habitam as gentes a que são enviados. » (Liv. 3°, cap. VI, n. 7.)

Foi esta a lide de Anchieta emquanto esteve em S. Vicente ; accrescendo mais, que nas suas frequentes jornadas d'ahi para Itanhaem, que demorava a oito leguas, jejuava em todas ellas, como por devoção.

E' a praia d'esta costa, por onde caminhava Anchieta, tão aspera e dura, que um carro bem carregado não deixa signal n'ella, e empachada commummente de armações desfeitas de balêas, que dão alli á costa, e cujos ossos perturbam, impedem a praia e fazem o caminho mais difficil.

« Jámais n'estas tão frequentes missões andou a cavallo, nem ainda em rêde, costume este do Brasil, mas sempre a pé, com seu bordão na mão, e, posto que começava as viagens calçado, em passando lugares publicos ou vendo gente, descalçava-se logo e continuava com os pés nús. Era com tanta pressa seu caminhar, quer por praias, quer por desertos, por mais fragosos e asperos que fossem, que os mesmos indios, em exercicio perpetuo e por mais andejos, admiravam-se d'isto, dizendo que parecia que voava. Por causa de seus grandes caminhos trazia os pés cheios de grossos callos. »

CONVERSÃO DOS *Maromonis*.—Habitavam estes indios com mais especialidade a capitania de S. Vicente, estendendo-se por uma parte duzentas leguas sertão a dentro, e outras tantas até chegar á povoação de S. Vicente.

Andavam nús ; não eram anthropophagos e tinham alguma lavoura, posto que fossem essencialmente caçadores, d'onde maior inconstancia que nas outras nações, e usando de uma lingua facil de aprender aos que sabiam a geral.

Diz Paternina (liv. 4°, cap. I) que Anchieta começou uma grammatica e vocabulario d'esta lingua, porém cousa imperfeita, e que o padre Viegas a completou, ou antes ampliou e concluiu, pondo mais na mesma lingua um cathecismo da doutrina christã.

Era Anchieta ainda irmão quando os padres livraram um indio mancebo das mãos de seus contrarios, que o tinham á corda. Vendo-se o indio livre foi-se para os seus; mas, passados muitos annos, voltou com muitos a procurar Anchieta em S. Vicente.

Foram Anchieta e o padre Manoel Viegas ao capitão-mór, que lhes designou terras em Bertioga, que, demarcadas, aldêaram-se os indios e ficou entre elles o padre Viegas. Tinham, porém, todos este trabalho como baldado, attenta a inconstancia d'elles, e quasi que reprehendiam aos padres de se occuparem de cousas, das quaes não podia resultar fruto. E assim era que fugiam para os matos, onde as saudades os levavam; mas os commodos da vida os traziam de novo. Como não eram castigados sentiam-se por isso livres e ficavam da melhor vontade. Assim foram vindo a pouco e pouco, e por fim todos.

Estabeleceram-se em grandes aldêas, no termo de S. Vicente, porém mais particularmente nos ferteis campos de Piratininga. No tempo em que Simão de Vasconcellos escrevia, achavam-se mudadas algumas d'ellas para o termo do Rio de Janeiro, e em estado florescente.

Nos ultimos tempos do reitorado d'Anchieta, havia já sete annos, que um grande numero de moradores de S. Paulo tinham partido com outros das aldêas convisinhas á partes remotissimas a fazerem guerra ás nações barbaras. Ao voltarem disse-lhes Anchieta: *Eropita Boyaimorebo.* (Faze parar os teus companheiros aqui sobre nós) e isto acom-

panhava de acenos para que melhor o entendessem; e o mais notavel é, que conseguiu chamal-os a si.

Passou Anchieta em S. Vicente os annos de 1569 a 1578, trazendo-o n'este ultimo anno o provincial Ignacio de Tolosa, que andava em visita, para o collegio da Bahia.

Teve patente do provincial para reitor do collegio da Bahia; mas se tinha elle posto em lugares tão baixos, disformes e despreziveis que levados alguns das apparencias, começaram a fazer reparo n'esta patente, dizendo: « *que seria menos reputação d'um collegio tão autorisado metter por superior d'elles religioso tão desprezivel, quebrado de costas, e de menos respeito aos olhos dos homens.* Em resposta d'isto mandou-lhe o geral da companhia patente de provincial do Brasil.

Estava Anchieta na ilha de Taparica quando recebeu chamado de Tolosa. Na mesma hora em que chegou de volta á Bahia reuniu a communidade, leu-lhe a patente dada por Everardo Mercurianno; e como soubesse das murmurações que lavravam, lançou-se aos pés de seus subditos, beijando-lh'os de joelhos e pedindo-lhes ajuda de suas orações para poder levar a carga que a obediencia lhe impozéra. Entrou para este cargo em 1578, sendo na ordem chronologica, o quinto provincial que teve a provincia:—o primeiro Manoel da Nobrega, o segundo Luiz da Gram, o terceiro Ignacio de Azevedo, o quarto Ignacio de Tolosa, e finalmente José de Anchieta.

Foi o seu governo suave e cheio de brandura, e dizia que o superior não é seu, senão dos subditos e do povo; e que estava sempre prompto a ouvir suas necessidades.

No seu governo fez o padre Gregorio Serrão profissão solemne de quatro votos. Serviu de reitor no collegio da Bahia, sendo permutado para o do Rio, a ver se com a mudança melhorava de saude.

Arribou o navio, em que ia, ao Espirito Santo, e o padre alli morreu.

Foram a Pernambuco o padre José de Anchieta e o padre Luiz de Affonseca, seu secretario, por nomeação de Roma: mas faltam-me relações d'esta viagem, e só pude colher, que concluida ella, foi Anchieta visitar as capitanias do sul; que esteve em Porto Seguro, depois nas do Espirito Santo e Rio, d'onde era o administrador ecclesiastico o padre Bartholomeu Simão Pereira, e por derradeiro na de S. Vicente.

Em 1583 acompanhava Fernão Cardim ao padre visitador Gouvêa, como seu socio. N'este anno, segundo parece, partiram elles do Rio para S. Vicente; mas antes fizeram-se festas na aldêa de S. Lourenço (Rio de Janeiro). O irmão Manoel do Couto tinha preparado uma comedia em louvor do santo; porém a muita chuva a impedia, senão quando Anchieta conseguiu pelas suas orações que faça bom tempo.

1585.—Concluida a visita das partes do sul, voltaram todos á Bahia, e no caminho cahe o padre Ignacio de Tolosa gravemente enfermo, e a ponto de se consultar em Cabo-Frio se não seria melhor arribarem ao Rio para darem sepultura condigna a um sujeito tão grave. A viagem foi tormentosa; mas chegam á Bahia tanto os dois como o padre Ignacio de Tolosa.

O padre João Lobato, varão veneravel e tido por santo, conforme Simão de Vasconcellos, principia cedo a patentear suas virtudes. Achando-se enfermo e de cama, pediu ao padre visitador que pois servira oito annos, o livrasse do cargo, e deixou o provincialado n'esse anno de 1585, isto é, occupou-o de 1578 até 1585, succedendo-lhe o padre Marçal Beliarte, que proseguiu o officio por sete annos.

Foi mandado em 1586 para o Rio de Janeiro, cuja collegiada, com as das capitanias de S. Vicente e do Espirito Santo, era governada pelo padre Fernão Cardim, Melhorou

ahi, e em 1587 passou-se ao Espirito Santo, á aldêa de Rerigtyba.

D'esta aldêa escrevia Anchieta ao padre Ignacio de Tolosa: « o padre provincial mandou-me licença que estivesse em qualquer parte da provincia onde bem me approuvesse,não quiz tanta liberdade, porque podia ser causa de cegueira, e eu errar o caminho, não sabendo o homem escolher o que lhe convém. E fôra grande desatino, havendo quarenta e dois annos que deixei em tudo a livre disposição de mim nas mãos dos priores, querer agora, no ultimo periodo de minha vida, dispôr de mim. Puz-me nas mãos do padre Fernão Cardim, reitor do collegio do Rio de Janeiro, e ordenou este nosso irmão, que eu acompanhasse o padre Diogo Fernandes n'esta aldêa de *Rerigtyba*, para o ajudar na doutrinação dos indios, com os quaes me dou melhor do *que com os portuguezes.* »

Fez-se na Bahia, em 1591 ou principios de 1592 a congregação provincial, para enviar-se procurador a Roma,recahindo a escolha no padre Luiz da Fonseca,se bem que estivesse presente a ella o padre Anchieta,um dos mais antigos professos; mas comtudo desempenhou o padre Fonseca a sua missão, e voltando de Roma, falleceu em 1594 em Madrid. Logo que foi terminada a congregação, voltou Anchieta para a sua aldêa.

1593.—Mandou n'este anno o provincial Marçal Beliarte carta a Anchieta, que por serviço de Deus e bem da companhia tomasse o governo da casa e residencias do Espirito-Santo, como superior.

Era a capitania do Espirito-Santo por este tempo fertil em indios, havendo d'elles muitos milhares em quatro aldêas : *Rerigtyba, Guarapary, S. João e Reis Magos.* Succedeu n'este mesmo anno que entrasse no Espirito-Santo o

padre João de Almeida para ser discipulo do *grande mestre.*

1594.—N'este anno ha guerra na capitania do Espirito-Santo entre o gentio *Goytacaz*. « Em corpo agigantados, diz o chronista, destros no arco, inimigos de todas as mais nações e tragadores sobremaneira de carne humana, de cujos ossos faziam grandes montes em seus terreiros. O districto que habitavam era pequeno, dentro dos termos do rio Parahyba e Macahé, sitio, porém, horrivel e inexpugnavel, porque em vez de montes, communs aos mais *Tapuyas*, viviam quaes crocodilos nas aguas de grandes lagôas, de que abundavam seus campos, chamados por isso dos *Goytacazes*, em choças de palhas, fundadas cada qual sobre um esteio de páo mettido na arêa; por mór segurança de seus contrarios, cercados sobretudo de matas espessas e charcos inaccessiveis. D'estes lugares sahiam a dar assaltos nos caminhos e praias, sem que podessem ser acommettidos senão com grandes difficuldades, e em tal caso appellidavam as nações das serras em seu favor, todas féras e barbaras, que só para effeitos semelhantes consentiam entrar nos districtos dos *Goytacazes* e vinham ajudal-os em bandos, e quando acaso se viam em perigo acolhiam-se em suas lagôas, e, nadando, se mettiam nas casas, d'onde nem a pé, nem a cavallo, podiam ser acommettidos. »

Em 1594 os moradores juntam suas forças, e vão em bandeira sob as ordens de Miguel de Azevedo.

Dá Anchieta fim em 1595 ao seu superiorado, mas já tão gravemente enfermo, que todos o criam morto. Volta a *Rerigtyba*; d'ahi vai ao Espirito-Santo, onde melhora. Teve, porem, nova ordem que ficasse superior da casa e residencias até chegar o padre Pedro Soares, que o ia substituir. Serviu assim cinco ou seis mezes, quando pôde tornar-se á aldêa de *Rerigtyba*, onde o recebem os indios em grandes

prantos, o que o impressionou, embora fosse o costume d'elles com os hospedes.

A 9 de Junho de 1597 deu o padre José de Anchieta sua purissima alma ao Creador, tendo então 64 annos de idade, dos quaes passou quarenta e sete na companhia, e d'estes quarenta e quatro no Brasil. Foi seu leito de agonia rodeado n'esta hora solemne de cinco sacerdotes religiosos, filhos e discipulos do collegio.

Era o padre José de Anchieta de estatura mediocre, diminuto de carnes, de côr trigueira, olhos mui azulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, e, no semblante, alegre, amavel e inteiro.

Caminhou o prestito, conduzindo seus despojos mortaes ás costas por quatorze ou quinze leguas, sendo o sahimento acompanhado de todos os indios da aldêa. O cadaver de Anchieta, com vestes sacerdotaes, foi mettido em uma arca.

Logo que foi chegado o prestito á villa, sahiram a recebêl-o o capitão Miguel de Azevedo, o tenente do bispo, ou antes administrador ecclesiastico, padre Bartholomeu Simões, que acompanhado do clero, os religiosos de S. Francisco, que alli tinham casa, e os irmãos da Misericordia, todos com tochas accesas, e que o tomaram em um esquife muito rico e o levaram á igreja dos jesuitas, onde foi sepultado na capella de Sant'Iago, junto ao corpo do padre Gregorio Serrão. Houve tres nocturnas, prégando n'essas solemnidades o padre Bartholomeu Simões; e dando o immenso concurso viva demonstração de sentimento e dó.

Depois da sua morte começou o evangelico Anchieta a obrar muitos milagres em todas as capitanias do Brasil. Eis como se expressa sobre este assumpto o padre Simão de Vasconcellos: « Tudo quanto é dôres allivia, advogado das febres, de partos e apostemas, domina o elemento da terra

e seus animaes; o mar, rios, fontes e chuvas, os animaes das aguas, o fogo, o ar e seus animaes; domina sobre a cabeça, olhos, queixos, bocca, dentes, garganta, peitos, costas, entranhas, mãos e pés, sobre a saude em geral, sobre a vida, sobre as almas, sobre os bens da fortuna.» Accumula assim o autor tantos milagres, como se um só não bastasse para dar testemunho de sua beatificação(153)!

SYNOPSIS ANNALIUM SOCIETATIS JESU IN LUSITANIA AB ANNO 1540 USQUE AD ANNUM 1725: AUTHORE R. P. ANTONIO FRANCO (Imp. 1726).

Do volumoso in-folio escripto pelo padre Antonio Franco colhi apenas estes poucos dados para o proposito que tenho em mira.

O padre Simão e Francisco Xavier, chegando a Portugal em 1540, foram recebidos com estranha benevolencia por el-rei D. João III, que deu-lhes logo cartas para o rei de França, Francisco 1.°, para o imperador Carlos V, casado com sua irmã Isabel, afim de que todos unindo seus esforços instassem perante o papa pela confirmação da sociedade. Foram uteis estas recommendações, como se vê da bulla de confirmação, dada por Paulo III a 27 de Setembro do mesmo anno; mas para que fosse pleno o beneficio, o rei quiz concorrer com todos os gastos da expedição das bullas. Para esse fim recommenda-o o rei ao papa Julio III, em termos mui pomposos, tanto ao padre Simão pelos serviços prestados ao reino, como aos mais varões apostolicos das Indias pelo que haviam já obrado em favor dos indios.

(153) Veja-se sobre Anchieta o que ficou dito nas pags. 95, 96, 101, 197, 236, 269 e 271 do tomo XXXIV, 2ª parte da *Revista Trimensal*, onde vem publicada esta memoria.

A tão celebrada obediencia dos jesuitas não foi todavia sempre o que cá por fóra nos parece. O padre Simão Rodrigues tinha ido a Roma no anno de 1551, deixando a provincia entregue a Gonçalo Madeira.

Ouviu as *constituições* que Loyola ia publicar, e assentindo em tudo mais, oppôz-se fortemente á faculdade que ellas davam ao geral de poder transferir para os collegios necessitados os redditos d'outros. Ignacio explicou a sua mente, deixando a derogação para se o rei a quizesse, e aos outros parecesse bem.

No anno de 1552 publicavam-se as constituições em Portugal, mas entendeu Loyola que devia tirar o governo ao padre Simão para extirpar os costumes, por este introduzidos. Pediu venia ao rei, e com ella transferiu o governo da provincia a Diogo Mirão» recolhendo-se Simão á residencia de S. Felix (propié Minium).

Apenas nomeado Mirão, cria reitor do collegio de Coimbra a Manoel Godinho. Ambos confessores de caracter, porém menos estimados dos subditos: Rigidos e austeros ambos, queriam levar tudo á virga ferrea: nada se fazia sem que fossem ouvidos e consultados, fosse o que fosse e de que se tratasse, dizendo que tudo iria de mal em peior, se elles não attendessem a tudo.

O resultado foi qual se devia esperar d'estes rigores. A presença de Simão Rodrigues, que passava por Coimbra em caminho para o seu retiro, foi como oleo lançado no fogo. Os padres odiavam os novos governadores, como homens sobre modo importunos, e que pretendiam com violencia inclinar a todos, e a cada um ao seu genio. Levantaram-se que queriam a Simão para seu reitor. D'aqui nasceu a suspeita de que elle por algum facto, ou palavra, ou ainda mesmo involuntariamente fomentára a revolta. Lançado o fogo no desesperado de o poder apagar, o facto foi que Simão se

transferiu sem demora para a residencia de S. Felix, em quanto os novos superiores, incapazes de subjugarem aquella tormenta, escreveram para Roma, que era impossivel restabelecer-se a paz, em quanto Simão residisse na Lusitania.

Veiu pois a Portugal, com a pressa, que o negocio requeria, Miguel Turriano, a quem o padre Ignacio de Loyola commettêra as suas vezes, para reparação e emenda d'estas desordens. Turriano se appresenta ao rei, e louvando-o ao modo jesuitico, e rendendo-lhe infinitas graças pelos beneficios que derramára sobre a sociedade, supplica-lhe que pondo a corôa a tantos favores, permitisse na sahida do padre Simão do reino, que era o mais que podia fazer, para tranquillidade da sociedade. Annuiu a isso o rei. Logo Turiano, nas cartas, que trazia em branco e com assignatura de Loyola, dá ordem a Simão que parta em continente a governar a provincia de Aragão de novo instituida. Duvidoso da vontade do rei, Simão parte para Lisboa, porque em outros tempos Loyola o havia subordinado ao arbitrio real. Em Thomar porém, entregam-lhe as cartas reaes de 23 de Julho, em que lhe diziam que a pedido de Loyola, que allegava como bom e justo, lhe mandava aquella carta, para que se transportasse a Valença, e d'ahi á provincia d'Aragão. do que elle rei se daria por bem servido. Simão obedece e parte para Valença, tendo a Miguel Gomes por companheiro.

No emtanto, nem por isso melhoraram as cousas no collegio de Coimbra, *muitos o abandonavam*: podiam fazel-o, porque ainda os santos padres não tinham o diploma pontificio contra os *apostatas*; que só o obtiveram em 1565, no pontificado de Pio V. por intervenção de D. Sebastião.

Qui durioris erant servicis, in tirocinium missi ad residenciam S. Felicis, *multis* probati sunt *experimentis*, Pauci tamen illorum in Sosietate abiere.

No emtanto Miguel Gomes que partira para Valença com o padre simão, não esteve por muito tempo ausente de Portugal. Voltou por causa de saude. «Reversus Joannem regem Proceris eliminavit atrionibus multis in sanctissimum fundatorem, inquisivi me sparcis, adeo suspensos tenit ut multi crederent extinguendam in illis terris Societatem (154).»

Pouco depois, tendo o padre Simão regido por algum tempo a provincia d'Aragão, se tornou de novo a Portugal, ainda por causa de saude, e chegando a Lisboa, foi á casa de S. Antonio. O caso, no emtanto, estava prevenido: por ordem do superior, o porteiro não lhe permitte entrada, por não trazer carta patente, e saber-se que não tinha licença de voltar a Portugal. Era por sem duvida o pae da provincia ; mas cousas muito graves, obstavam o seu ingresso no reino !

D'olhos baixos, e animo tranquillo louvou ao porteiro a religiosa fidelidade para com os superiores, e resolvou buscar lugar no Hospital, pondo-se alli ao serviço da casa. D. João de Lancastre, duque d'Aveiro, seu grande amigo, não o soffreu, e o levou para casa. A 12 de julho 1553 chegou carta de S. Ignacio, que, com muitos affectos, o chamavam a Roma, pedindo-lhe fizesse a viagem por mar ou por terra como melhor lhe permittisse sua saude; mas que em todo o caso partisse dentro em oito dias depois de recebida a carta, o que ordenava-lh'o sob preceito de obediencia. A vista d'isto obedeceu elle, e partiu no fim do anno, levando por companheiro Melchior Carneiro, primeiro reitor do collegio d'Evora, e depois bispo.

Apenas chegado em Roma Affonso de Lencastre, embaixador de Portugal, entregou-lhe um diploma pontificio, isentando-o da jurisdicção de Loyola, e permittindo-lhe tornar-se a Portugal, e viver alli onde mais lhe aprouvesse.

(154) Vej. Orlandini. Livro 12.° n. 60

Ou por innocente, ou por confiar na antiga amizade, o certo é que Simão Rodrigues apresentou-se a Loyola, mostra-lhe o diploma, e este o rasga immediatamente, para assim provar-lhe, que o não provocára e que fôra obtido pelos amigos de Simão sem que o houvessem consultado para isso. Loyola louva-lhe muito o acto; mas a congregação, revendo a causa, julgou que o padre Simão Rodrigues era ou fôra a causa d'aquelles tumultos.

Portanto, para evitar occasião de novos disturbios, deliberou mandal-o fundar um collegio em Jerusalem. Partiu elle n'esse intuito para Veneza, e alli, impedido pelas suas enfermidades, se demorou até 1654.

N'este anno se passou á Hespanha, onde ficou até 1573, quando obteve licença para voltar a Portugal.

Não foi sem muito empenho que alcançaram os padres portuguezes esta mercê; porquanto, por occasião de se acharem em Roma para a eleição do geral, que foi Everardo Mercurial, e no cumprimento de seus mandatos,que lhes recommendavam positivamente a volta do padre Simão Rodrigues, não descançaram sem que lhe concedessem essa permissão.

Morte do padre Simão Rodrigues.—Voltou o velho e como que apenas teve tempo de se admirar dos progressos que a companhia havia feito em Portugal; porque tendo percorrido Evora, Coimbra, etc., veiu morrer em Lisboa no anno de 1577.

Observa o autor que com a sahida de Simão Rodrigues de Portugal, tomou o rei por confessor ao padre Luiz Gonçalves da Camara.

Atando depois o fio da narração e referindo-se o padre A. Franco ao anno de 1552, diz que se não pacificaram aquelles disturbios em Coimbra com a desejada promptidão. Os rumores espalhados pelos muitos que haviam de

sertado da companhia, offendiam os pios ouvidos. O padre Manoel Godinho, reitor do collegio, em uma demanda com os poderosos conegos de Santa Cruz, se tinha alienado as boas graças d'aquella respeitavel congregação. Querendo applacar aquella tormenta, e ver se ainda era possivel tirar partido das circumstancias, reune a 8 de Novembro o collegio na sua igreja, pede que encommende a Deus a sua intenção, e que continuem os socios em fervorosas orações até a sua volta. Depois, vestido de luto e com as espaduas núas, vai-se pelas ruas, açoitando-se cruelmente com umas disciplinas, e parando em todas as estações. Commovido com tal espectaculo, ajunta-se povo, segue-o até á igreja de Santa Cruz, onde elle continúa a açoitar-se, pedindo a misericordia do céo para esses homens honrados, e para si mesmo, por ter defendido tão acremente a *justiça* do seu collegio.

A velhacaria jesuitica produziu no povo os mesmos santos effeitos, e quer conegos, quer egressos, todos emmudeceram !

1553.—Veiu a Portugal o padre Jeronymo Natal com poderes de commissario para o fim de publicar as constituições, e foi alli recebido benignamente. O rei pede-lhe um exemplar, e dota o collegio com cincoenta mil réis—« *decorum regalium æquitanis, et quidem in perpetuum.* »

Veiu depois, no mesmo anno, S. Francisco de Borja. Está fóra de todo o encarecimento o modo com que foi acolhido na côrte. Era geral a loucura, e a tal ponto que o infante D. Luiz se quiz fazer jesuita. Não o foi; porque pareceu a Loyola que a sociedade de Jesus ganhava mais se o não tivesse por socio.

1555.—Referem os autores o seguinte facto passado n'este anno, posto que haja alguem que o impugne. Dizem que D. João, tão amante, como era, da companhia, tratando

de estabelecer a inquisição em Portugal, a offerecêra a ella, Diogo Mirão, segundo elles, a aceitára, sob condição de assentimento de Loyola, que este o déra, e que se não foi avante o negocio, foi porque quando chegaram as cartas de aceitação de Loyola, era morto o infante D. Luiz, o fervoroso admirador e o mais tenaz defensor da companhia, e estava enfermo o cardeal.

De facto D. Luiz morreu n'este anno e como não tinha podido fazer-se jesuita no exterior, vestindo a roupeta curta, mandou que fosse a ella admittido seu filho D. Antonio (prior de Crato); mas os fados o reservavam para maiores vicissitudes: tocou na corôa, e morreu no exilio!

1556.—Morre Loyola em 1556. Os padres professos de Portugal, que eram poucos, reunem-se em Almeirim, onde estava o rei. Luiz Gonçalves da Camara e Gonçalo Vaz de Mello foram eleitos para acompanharem o provincial Miguel de Torres (Turriano), indo tambem com elles o padre Manoel Godinho, como procurador da provincia de Portugal, e Jorge Serrão, das do Brasil e das Indias. O rei correu com os gastos da jornada.

1557.—Morre D. João III a 11 de Junho, com 55 annos de idade e 35 de reinado.

Não houve recanto do reino onde D. João III não fundasse igrejas com largas dotações! Creou e nomeou os primeiros bispos de Leiria, Porto-Alegre e Miranda, em Portugal, o primeiro arcebispo d'Evora, o primeiro bispo de Cabo-Verde, o patriarcha da Ethiopia, e para o que podesse acontecer os bispos da China (*cocinense*) e de Malaca, e mais o bispo da Bahia. Introduziu no reino os jesuitas, antes mesmo de serem approvodos pelo pontifice, os padres capuchinhos e os franciscanos. Além das casas da companhia, mandou construir ou augmentou grandemente as fundações dos monges de S. Jeronymo, de S. Agostinho,

dos religiosos da ordem de Christo, dos Carmelitas, o mosteiro de S. Gonçalo d'Amarante, etc.

Não satisfeito de enriquecer a curia romana, mandava esmolas á Galliza e á Hespanha. Então aos jesuitas, a estes favorecia elle em toda a parte; porque Loyola lhe mettêra em cabeça que era elle o segundo pai da ordem! A's casas de collegios de Hespanha, França, Italia e Allemanha mandava largas provisões de especiarias das Indias e do Brasil «*Jubebat dari ex aromatibus Indicis et Brasilicis condimentis ampla subsidia.*»

Deixou por fim recommendado que seu neto D. Sebastião fosse educado na doutrina dos honrados padres (na phrase do rei), e para isso foi chamado de Roma o padre Luiz Gonçalves da Camara. A rainha nomeou para confessor de seu neto e tutelado a Miguel de Torres (Turriano). O rei mesmo em vida recommendava a todos que tomassem confessores jesuitas, que era esse o caminho de seu agrado.

1559.—Cabe mencionar n'este anno a vinda do padre Luiz Gonçalves da Camara pela fatal influencia que exerceu no reino, e pelas desgraças que a elle advieram d'ahi.

Depois da morte do rei, tendo a rainha respirado os ares d'aquella atmosphera devota e hypocrita, e sendo de mais a mais hespanhola e filha de Filippe I, não se descuidou das recommendações do rei, antes se apressou a cumpril-as. Escreveu logo ao geral Laynes que lhe mandasse o padre Luiz Gonçalves, ao que elle lhe respondeu que era preciso consultar os provinciaes. Sabia elle com quem tratava, e por isso apparentava taes difficuldades para lhe aguçar mais a vontade; tanto assim que, entendendo a rainha ser esta resposta uma evasiva, mandou a Roma por seu embaixador a Lourenço Peres de Tavora, recommendando-lhe especialmente a vinda do padre Luiz Gonçalves da Camara. Já não houve então mais duvidas, e volta o padre Luiz Gonçalves

isento da jurisdicção de qualquer superior, excepto da do geral, mas com a condição de não habitar fóra de casas da sociedade. Chega e põe difficuldades. D. Catharina, mulher e rainha, teima e vence, se é que a victoria não foi do padre e de seus consocios, que negociavam para venderem-se mais caros e entrarem ainda mais no animo real.

Morre o padre Manoel Alvares, coadjutor, martyr, ou no Brasil, ou em viagem para alli (*in itinere brasilico*). Partiram tambem n'esse mesmo anno, com o bispo Leitão, sete jesuitas, sendo sacerdotes de missa os padres João de Mello e João Dicio (belga).

O ultimo, achando contrarios á sua saude os ares do Brasil, voltou a Portugal. Dos cinco noviços tres foram expulsos por não satisfazerem a vocação.

1561.—N'este anno volta o padre Dicio do Brasil. Foram mais dois para lá: o padre Francisco Viegas (portuguez) e um irmão de nome Scipião (italiano).

1562.—D. Catharina entrega o governo do reino.

1563.—Partiram para o Brasil quatro: o padre Quiricio Caxa, o irmão Balthazar Alvaro, ambos castelhanos, e os irmãos Sebastião de Pena e Luiz Carvalho (portuguezes). O cardeal lhes mandou dar passagem na capitánea, as despezas da jornada pelo thesouro, e presentes de muitas alfaias, paramentos e calices de prata.

1564.—O cardeal dota o collegio da Bahia em nome de D. Sebastião, que manifestára desejo de o fazer.

1565.—Morte de Laynes.

Congregação geral em que vai por prior da India e Brasil Ignacio de Azevedo. Resolve-se ahi que não usem essas dignidades o titulo de dom (Ignacio de Azevedo estava no caso de o ter), annullados os lugares de superintendentes, que tolhiam toda a acção ao reitor; assim tambem dos com-

missarios aos provinciaes. Todavia ficaram superintendentes nos collegios maiores.

O cardeal D. Henrique obtem, em nome de D. Sebastião, que fossem coagidos e punidos, como apostatas, os jesuitas que de seu moto sahissem da companhia e que não entrassem na Cartucha.

1566.—O novo geral cria visitadores para as differentes provincias. Coube a Portugal Miguel de Torres e ao Brasil Ignacio de Azevedo. Partiu este com Mauro Gonçalves, Antonio da Rocha e Balthazar Fernandes (sacerdotes), Pedro Dias e Estevão Fernandes (irmãos). Chegam á Bahia a 24 de Agosto, e quasi ao mesmo tempo os padres Miguel Rego e Antonio Aranda.

Estabelece-se em Coimbra a inquisição no collegio que havia sido dos jesuitas, e aonde depois haviam de encarcerar o padre Antonio Vieira.

Toma D. Sebastião n'esse anno as redeas do governo, tendo de idade 14 annos, e em fins de Outubro volta o padre Ignacio de Azevedo « contando d'elle tantas maravilhas, a ponto que levantou-se como um incendio em todos que lá queriam ir prégar a fé. »

Apezar de promulgado o diploma pontificio contra os apostatas parece que nem esses casos de deserção eram raros, nem as outras ordens podiam vêr com bons olhos que se considerasse apostasia a preferencia que lhes déssem os transfugas do instituto. O cardeal, porém, orgulhoso como quem era, e teimoso a mais não poder, vendo que não conseguia convencer os muitos doutores que eram contrarios á sua opinião, valeu-se da autoridade de legado *a latere* e de inquisidor-geral, e a 13 de Outubro condemnou como heretica e offensiva, etc., etc., a opinião que lhe era opposta. A isto não havia replica : os jesuitas ficaram jesuitas, e diz A. Franco : « Quamvis esset promulgatum pontificia di-

plomata de apostatis; non dierant litterati hominis externi, qui favebant societatem sponte sua deserentibus, vel ad ordines alias migrantibus. Noxios errores cardinalis Henricus exterminaturus, usus potestate. Legati de latere, et generalis inquisitoris, dedit litteras, ubi verbis gravissimis declaravit hujus modi opiniones esse errores non tolerandos et a sacra puniendos inquisitione, tanquam sapientes hæresim.

« Præcepit in virtute sanctæ obedientiæ sub pœna excomunicationis nequis temere aut tam pestiferam docere douctrinam auderit. Hujus modi diploma edictum 13 Octobris, frœnum imposuit talium errorem defensoribus *(Syn. Ann.*, § 11, pag. 82). »

1570.—A 15 de Julho d'este anno morre Ignacio de Azevedo e seus companheiros ás mãos de Soria, excepto Simão da Costa, a quem os hereges cortaram no dia segninte o pescoço, tendo igual sorte a 13 de Setembro de 1571 o padre Pedro Dias e mais treze companheiros(155).

1571.—Succede mais n'este anno vir S. Francisco de Borja a Portugal por causa das calumnias que mandaram espalhar na Europa contra os jesuitas aquelles que no Brasil e nas Indias julgavam seus interesses prejudicados pelos da companhia.

Diz o autor que os padres empenhavam-se em compôr as desavenças entre o rei-cardeal e a rainha, que se queria ir para Castella, mas que nem ella, nem os padres oppunham-se a que elle casasse.

1572.—Parte n'este anno para o Brasil Ignacio de Tolosa,

(155) Veja-se F. Sachino *Historiæ Societatis Jesu*, que não está de accordo quanto ao numero dos padres escapos das mãos de Jacques Soria.

nomeado provincial por S. Francisco de Borja pela morte do padre Ignacio de Azevedo.

Tolosa era hespanhol, natural de Medina-Cœli. Entrou para a sociedade em Portugal, e como era doutor em theologia ensinára esta sciencia em Coimbra.

« Recebidas as cartas patentes foi-se ao altar e as depôz ante um crucifixo, rogando á Virgem Maria tomasse a si aquelle encargo. Para prova de que aceitava a offerta, lançou de si o crucifixo tantos raios de luz tão viva, que todo o cubiculo ficou alumiado. »

Já se vê que houve d'isso testemunhas....

1573.—Partiu Tolosa a 28 de Janeiro em uma frota de trinta navios, levando comsigo doze companheiros, e chegou á Bahia em fins de Abril, vivendo alli santamente até Maio de 1661.

Apezar dos grandes favores que Pio V tinha feito á sociedade, voltára atraz nos ultimos annos do seu pontificado, querendo muitas reformações na instituição da companhia, sobretudo na parte relativa aos não professos, a quem recusava tomassem ordens sacras. Gregorio XIII aboliu todas estas restricções, e as cousas voltaram ao antigo.

Reune-se em Roma a congregação para eleger novo geral, e João Polamo, hespanhol e vigario-geral que tinha estado no segredo dos antecessores, era o candidato provavel para substituir o derradeiro.

Quando se apresentaram os da congregação ante o papa, rogando-lhe, como era de costume, a sua benção, informou-se o papa miudamente do modo da eleição e perguntou quantos geraes hespanhoes tinha havido, ao que lhe redarguiram que todos tres haviam sido d'aquella nação. D'ahi passou a indagar do numero de votos hespanhoes e do das demais nações; e vendo que havia desigualdade pon-

derou: Pois é justo que agora se escolha geral de outra nação!

Tornou-lhe Polamo modesta e commedidamente, que a sociedade se congregava em Roma para ter mais liberdade na eleição; que ninguem soffria exclusão, e que obrigavam-se todos por juramento a escolher o melhor. Retrucou a isto o papa que houvesse igualdade nos suffragios, que nas outras nações não faltavam sujeitos capazes d'aquelle cargo eminente e apontou o belga Everardo Imercurialis.

A causa d'esta novidade era o ciume das outras nações, que viam o cargo nas mãos dos hespanhoes; era tambem o aborrecimento ao sangue judeu: pois que Polamo ou era christão novo, ou protegêra aquella nação perseguida. O cardeal D. Henrique tinha descoberto horrores d'esta gente, e como amigo da sociedade, queixava-se de que os houvesse na companhia. Elle, portanto, D. Sebastião e Filippe I, de Hespanha, escreveram ao papa, instando para que não consentisse um geral infamado com esse labéo.

Reunidos os padres, apresenta-se um cardeal, recommendando-lhes que não elejam hespanhol. Irritam-se, mas obedecem com a tão preconisada flexibilidade do Instituto.

Sahe eleito Everardo Mercuriano (Mercurialis) a 23 de Abril d'esse anno (1574). Partiram cinco jesuitas para o Brasil, com differente successo. Luiz Dias e Manoel Mesquita, sacerdotes portuguezes, e João Salonio, catalão, chegam ao seu destino, e o ultimo vai d'ahi com outros padres da provincia do Brasil para Tucuman, na America hespanhola, onde funda o collegio. Os outros dois sacerdotes, Diogo Mendes e Francisco Lopes, que tambem partirem n'este anno para o Brasil, foram apresados pelos hereticos francezes, e são postos nús na praia, depois de soffrerem grandes affrontas e correrem risco de vida. Tanto que os piratas estiveram a ponto de vir ás mãos, porque um dos

navios os queria para os matar, e o capitão recusava entregar-lh'os.

1575.—Parte D. Sebastião para a Africa e leva comsigo seis jesuitas, voltando depois d'esta primeira e louca tentativa.

Partem para o Brasil seis jesuitas, José Morinelo e Leonardo Arminio, padres italianos, os padres Francisco Lopes e João Baptista e os noviços Manoel Tavora e Jeronymo Rodrigues.

1577.—Gregorio Serrão, que viera por procurador a Roma, volta com dezesete companheiros portuguezes e d'outras nacionalidades.

1578.—Jornada da Africa em que vão 15 jesuitas. E' depois acclamado rei o cardeal D. Henrique.

1579.—Chega a Portugal o padre Maffei para escrever a sua *Historia das Indias*. Morre Simão Rodrigues em Lisboa, a 15 de Julho d'esse anno, como fica atraz referido.

1580.—Morre n'este anno o cardeal-rei, e no seguinte (1581) o geral Everardo Mercuriano; sendo eleito para substituil-o Claudio Aquaviva, com 37 annos de idade.

Parte para o Brasil com poderes de visitador, o padre Christovão de Gouvêa, indo em sua companhia Simão Cardim e Rodrigo de Freitas, ambos sacerdotes e procuradores da provincia do Brasil, e o coadjutor Barnabé Telles, que fôra socio de Simão Rodrigues, e Martinho Vaz,noviço. O padre Christovão, na sua tornada ao reino, cahiu em poder dos piratas e foi lançado nas praias de *Cantabria* (?)

1585.—Não poucos partiram este anno de Lisboa (30 de Janeiro) com destino ao Brasil, e entre elles o padre Lourenço Cardim. Como o vento era fraco andam seis leguas e sahem ao encontro d'elles duas náos de piratas francezes, occultos pela serra de Cintra, dão-lhes caça, de noite, combatem longamente, morrendo Lourenço Cardim,

no conflicto, d'uma bala que lhe despedaçou o craneo, quando animava os combatentes: entram, roubam, maltratam os padres e os deixam no navio em que vinham e que foi ter á Galliza.

1586.—A' esforços e conselho do cardeal Alberto são os comediantes condemnados a degredo, como peste e corrupção dos bons costumes. Elles offerecem dotes a 5 donzellas orphãs e resgate para 5 captivos com tanto que os deixem. Os padres mofam (*risere*) d'esta liberalidade e foram aquelles pobres coitados expulsos de Lisboa! Não desesperaram no emtanto de tão mofina sorte, tanto que voltaram á carga em 1588, promettendo d'esta feita dar oitenta comedias e mil dinheiros reaes (cruzados?) á Santa Casa por cada um d'elles; mas os jesuitas não cedem e fazem com que refuzem o pedido.

1587.—Partiram n'este anno para o Brasil Marçal Beliarte, que ia por procurador da provincia, Francisco Soares, que o anno antes tinha sido tomado pelos piratas, Marcos da Costa e Henrique Gomes, todos professsos, o padre Manoel Ferreira, coadjutor espiritual, Domingos Coelho (*non dominietatus*) e que depois regeu por duas vezes a provincia. Os mais eram coadjutores:—Paulo Pinto, Diogo Gomes (portuguezes), Ascanio Bonajusto e Agostinho Lifarelo (italianos).

Voltou o padre Antonio Gomes, que d'alli viéra por procurador.

1591.—Foram quatro para o Brasil: Pedro Coelho e Gaspar Lobo, sacerdotes professos, Simão Pinheiro, Manoel Oliveira não ordenados. Pinheiro foi mais tarde provincial, e Oliveira reitor no collegio da Bahia, e voltando por procurador da provincia, morreu na Italia.

Houve n'este mesmo anno a *grande conspiração* de Luiz Carvalho. Entrára este para a sociedade, em Coimbra, no

anno de 1554. Era homem de engenho, letras e bons dotes; mas de virtudes não correspondentes, segundo o dizer dos padres. Alguns jesuitas tinham-se por aquelle tempo levantado em Castella contra a sociedade. Elle quiz emital-os em Portugal e escreveu *Observationes Constitutionibus Jesu in Portugale.* Gaspar Coelho as traduz. A este, representam os padres, como homem leve e inconstante e outros de nenhuma verdade nem virtude.

Transpira o negocio e o visitador, padre Pedro da Fonseca mette a Coelho no carcere; e por isso escreve Luiz Carvalho ao cardeal Alberto, que tinha casos d'importancia a communicar-lhe e o não podia fazer por carta. Decide este que o chamassem a Lisboa, como de facto se fez.

Apresenta-lhe o seu libello, cheio de calumnias e injurias (diz o autor): lastima o miserrimo estado da companhia, e que não havia valer-lhe com outro remedio senão commetter a um bispo de letras e virtudes a reformação da ordem. O que lhe disse Carvalho, calou no espirito do cardeal. O rei tinha obtido de Roma bullas para entender na reforma das ordens religiosas, e o bispo Jorge d'Athayde, que presidia na Hespanha ao conselho de Portugal, estava convencido d'essa necessidade, e ameaça *nomeadamente* aos jesuitas. O cardeal instituiu um inquerito secreto: chama os jesuitas, dá-lhes juramento de dizerem a verdade e guardarem segredo. «*Res erat plena periculi; nam leviores, quorum semper aliqui vivunt in tanto numero, arriperent occasionem turbandi Societatem, ejus que Sanctissimum Institutum et vivendi morem.*»

Escrevem para Roma ao pontifice e este ao rei de Hespanha, que a bulla da revisão e reforma das ordens no reino não se estendem aos jesuitas; e ao cardeal Alberto que não fizesse questões ácerca das instituições da companhia, e entregasse os autos e papeis a Carvalho.

Este pobre diabo é quem pagou as custas, soffrendo a vingança occulta e perseverante da ordem!

1595.—Partem seis para o Brasil.—Raphael Carneiro e João Fernandes, sacerdotes; Manoel Gomes e Tenreiro, estudantes; João Baptista e Francisco Gonçalves, coadjutores temporaes.

1598.—Foram quatro para o Brasil:—Antonio Mattos, Melchior Alvares e Jeronymo Peixoto. sacerdotes, e o irmão João Gomes.

1602.—Partiram n'este anno onze, todos portuguezes; 4 sacerdotes, um coadjutor e os mais leigos. Entre elles o padre Luiz Figueira, d'Almodovar, que depois morreu, diz Franco *in regressu ad Maranionem*: d'elle ha a grammatica da lingua geral e o vocabulario.

1604.—Vão sete jesuitas, sendo 6 padres e um coadjutor, e com elles um estudante. Era seu superior o padre Fernão Cardim, de volta da Inglaterra, onde os piratas o tinham deixado.

1607.—Partem n'este anno seis para o Brasil:—padre Manoel de Lima com poderes de visitador, seu socio o padre Jacome Monociros e Matheus Gonçalves, coadjutor, dois estudantes e mais outro coadjutor.

1609.—A 27 de Junho proclama-se a canonisação de Santo Ignacio de Loyola.

1610.—Ordem do rei expulsando da India todos os jesuitas italianos por não convirem alli ao seu serviço. Não foi sem difficuldade que conseguiram os padres atalhar este golpe; mas por fim o conseguem.

1619.—25 d'Outubro. Canonisação de S. Francisco Xavier.

Partiram n'este anno dez socios para o Brasil com o padre Henrique Gomes, que d'ahi viéra por procurador. Todos

eram portuguezes, excepto João Herman, hamburguez e pintor.

Foram tambem n'esse anno mais tres:—O padre Paulo Carvalho, doutor e professor de theologia em Evora, homem doutissimo, o padre Benedicto Amadeu, siciliano, que depois passou-se ao Maranhão, e o padre Fabio Moyo, napolitano, que depois foi mandado ao Paraguay.

1620.—Partiram n'este anno para o Brasil dois sicilianos, o padre Leonardo Mercurio (*Mercuriales*) e o padre José Costa.

1622.—Morre Filippe II, e foram para o Brasil quatro sacerdotes, todos sicilianos.—Antonio Bellario, morto em Pernambuco ás mãos dos hollandezes, quando ouvia de confissão a uns penitentes; Conrado Aricio, Antonio Forti e Francisco Oliveira (?).

1623.—*Expulsão dos jesuitas d'Angola.* Governava esta provincia João Corrêa de Sousa, que fazia guerra aos gentios, e ao que oppunham-se os padres por iniqua. Sousa tomado de colera e para cortar difficuldades, manda uns pretos ao collegio e estes agarram os padres Jeronymo Vogado, Antonio Amaral Matheus Navarro, mettem-n'os amarrados de pés e mãos em redes e assim os conduzem para bordo de um navio que os trouxe a Portugal. Isto succedeu no principio do anno; e porque ao mez d'Outubro esse governador abandonasse o seu posto e fugisse para as Indias de Castella, foi alli preso e mandado para Lisbôa, onde morreu no carcere.

Foi canonisado S. Francisco de Borja a 6 de Setembro d'este anno, sendo pontifice Urbano VIII.

1628,—Partem oito jesuitas para o Brasil, seis sacerdotes entre elles o futuro provincial Antonio de Mattos e dois coadjutores, dos quaes era um belga e pintor. Tomada a

a náo pelos hollandezes, viveu o padre Mattos quatro annos em poder d'elles.

1633,—O padre Francisco Gentino, que passára doze annos missionando em Angola, passou-se n'este anno ao Brasil, e d'aqui se foi ao Paraguay.

1635.—Apparecendo n'este anno o duque de Bragança em certa festa religiosa d'Evora, o padre José Gaspar Corrêa, que prégava, voltando-se para elle, concluia. «Adhuc, princeps, cernam in tuo capite coronam...» e fazendo uma pausa continuou «gloriœ, ad quam Deus nos perducat.» Lembram-se d'isto mais tarde nos conselhos de Hespanha, e Gaspar Corrêa foi um d'aquelles que nos tumultos de Evora, de 1637, foram chamados a Hespanha por se suppôr perigosa a sua presença em Portugal.

Por esse tempo corriam os jesuitas hespanhoes para a India e Africa, esquecendo-se do Brasil.

1640.—Com a acclamação de D. João IV as cousas mudam um pouco de figura. Elle lembrou-se talvez de que a um de seus antecessores tinha o rei de Hespanha offerecido a corôa do Brasil, para não encontrar maiores obstaculos em Portugal, e por isso voltou suas vistas para ahi.

1641.—Elevado ao solio, o rei se aproveita dos jesuitas para differentes missões, e o padre Francisco Vilhena veiu para o fazer acclamar no Brasil.

Não foi porém isto preciso, porque o marquez de Montalvão o havia feito na Bahia, mandando a Portugal seu filho mais velho como portador de tão boa nova. Em companhia d'este veiu o padre Antonio Vieira.

O grande prégador precisava bem d'uma côrte onde se fallasse portuguez e que fosse theatro para seus triumphos oratorios. Pouco depois veiu o proprio marquez de Montalvão, trazendo os que já tinham sido seus companheiros na

viagem do Brasil: o padre Ignacio Estafortio, inglez e professor de mathematica e o irmão Gonçalo Vaz.

1642.—A 12 de Fevereiro d'este anno morre o padre Ignacio Estafortio, e a 24 d'Abril do mesmo anno o padre Bartholomeu Guerreiro, em Lisboa.

Partiram para o Brasil o padre Francisco Corrêa, que depois foi provincial (em Portugal?) e os dois noviços, Antonio Carneiro e Antonio Vaz. O ultimo com o andar dos tempos passou-se a cultivar a vinha do Maranhão.

Foram com estes quatro estudantes, que entraram no Brasil para a sociedade.

1643.—Missão para o Maranhão.—O padre Luiz Figueira, que tinha passado ao Brasil, foi d'alli mandado ao Maranhão(156) para cultivar aquella vinha ; mas, reconhecendo-se insufficiente para tanta messe, tornou a Portugal, no intuito de convidar novos obreiros e de melhor proteger a liberdade dos indios. Consumidos alguns annos n'isto, partiu de Lisboa no ultimo de Abril d'este anno (1643) com quinze companheiros, tanto sacerdotes de ordens, como sem ellas. Chegaram ao Maranhão a 12 de Junho ; mas, vendo que a terra pertencia aos hollandezes, levantaram novamente ancora e foram para o Pará, onde entraram a 27 do mesmo mez. A náo encalhou e desfez-se, salvando-se tres, e sendo os outros devorados pelas ondas ou mortos pelos indios de uma ilha, onde tinham aportado nos destroços do navio. Os que escaparam foram Francisco Pires, Antonio Carvalho e Nicoláo Ferreira de Carvalho, que acabou seus dias pouco depois.

(156) Como é sabido dividiu-se o Brasil em dois Estados, o do Maranhão e o do Brasil, propriamente dito ; por isso conservo essa distincção, para ir de accordo com os chronistas.

Ia n'essa viagem por governador do Pará Pedro Teixeira, que tambem escapou.

1644.—O padre Antonio Vieira é nomeado prégador da capella real.

1648.—Salvador Corrêa de Sá e Benevides toma Loanda. Iam com elle n'esta expedição os padres Filippe Franco e Antonio Couto.

1649.—O padre André Fernandes é nomeado confessor do principe D. Theodosio e bispo do Japão. Por influencia e conselhos d'elle, segundo dizem, se creou o tribunal das missões ultramarinas, que tinha por fim promovêl-as. Foi provavelmente instituido em 1650, sendo seu presidente o mesmo André Fernandes emquanto viveu.

1652.—Partiu para o Maranhão o padre Antonio Vieira. Muitos motivos concorreram para isso, sendo um d'elles o ter-se mettido em muitas cousas que lhe tinham acarretado inimizades, taes como o litigio do collegio de Santo Antonio com a provincia do Brasil; que Vieira favorecia o Brasil, sustentando a separação da de Pernambuco. Era isto o que indignava sobretudo os franciscanos : « *ob id qui sentiembant ob qui pellendum e societate, tanquam ejus turbaret pacem.* »

1653.—Morreu o principe D. Theodosio em 1653.

Divide-se a provincia em *cis* e *transtagana* a 27 de Setembro de 1653, e durou esta divisão até 1655. O rei foi a principal causa d'ella, chegando até ao ponto de intimar ao provincial que suspendesse toda a communicação com seu geral, nem mandasse subsidios aos jesuitas de Portugal, que contra a ordem d'elle se demoravam em Roma. Ignorava elle que os jesuitas lhe não obedeceriam. Tavora, que era provincial, respondeu-lhe humildemente que tal não podia fazer, nem impedir a seus subditos que o fizessem sem incorrer em peccado mortal; que se dignasse, pois,

Sua Alteza, visto a sua grande benevolencia com aquella minima sociedade, não a lançar em taes angustias.

O geral, que considerou o negocio serio, mandou o visitador João Brisar, de nação francez e reitor do collegio de Paris, com poderes plenos para resolver o caso.

1655.—O padre Antonio Vieira volta a Portugal; mas o rei não se contenta com a visita: difficulta-lh'a e manda que o negocio se proponha na congregação da provincia transtagana, a que pertenciam as missões de Angola e Cabo-Verde; e pelo que d'aqui colligimos, tambem o Maranhão. Vieira apresenta-se e ora a favor da sua ida. O provincial Benedicto Siqueira põe a votos secretos, decidindo-se a maioria pela affirmativa.

Partiram n'este anno para o Brasil nove, um italiano e os mais portuguezes, levando como superior o padre João de Paiva, que missionava havia muitos annos em Congo, e veiu a morrer no Brasil com a opinião de não vulgar virtude.

1656.—Morreu D. João IV, e succede-lhe no governo a rainha D. Luiza na menoridade de el-rei D. Affonso.

1659.—Entende Filippe de Hespanha que, por governar em Portugal uma mulher, ser-lhe-ia facil recobrar o reino. Não obstante as guerras que sobrevieram, partiram n'este anno em auxilio ao padre Antonio Vieira, então no Maranhão, seis sacerdotes e dois irmãos que ainda não eram professos.

1660.—Morreu n'este anno o bispo do Japão D. André Fernandes, confessor tambem da rainha.

Partiram para o Maranhão os padres Pedro Luiz Gonçalves, italiano, Gaspar Urisch, João Filippe Bettendorf, belgas, com Balthazar de Campos, coadjutor e tambem belga.

1661.—O padre Antonio Vieira é expulso do Maranhão.

No começo de Maio d'este anno, possuido o povo de furor diabolico, segundo a opinião do autor da *Synopsis*, invade o collegio de S. Luiz, rompendo paredes, quebrando portas e roubando tudo, e afinal prendem sete padres, que põe incommunicaveis e os coage a embárcarem-se em uma náo que estava no porto.

Imitando-os a gente do Pará, tambem põe o collegio de Belém em assedio, vão pelo norte acima e prendem os que acham nas aldêas. Dentro do anno falta chuva, os rios seccam e ha peste, e préga por esse motivo o padre Vieira um notavel sermão.

1662.—A rainha entrega o governo.

1663.—Voltam ao Maranhão quatro padres e seis coadjutores, que d'alli tinham sido expulsos.

O padre Jacintho de Magistris, italiano, com o padre Luiz Nogueira, portuguez, seu socio, e outros nove de differentes nações, tanto padres como coadjutores e noviços, partiram para o Brasil.

O visitador não foi aceito, e deposto da autoridade, o mandaram de volta a Portugal. Foi depois reenviado como commissario para punir os criminosos.

1664.—Foram para o Brasil os padres Jacob Roland, belga, Matheus de Moura, portuguez; Moura, diz o padre A. Franco, é alli provincial no tempo em que isto escrevemos (1725, em que terminou o *Annaliam* ou em 1726, em que foram impressos).

1665.—Volta a Portugal a ter uma só provincia, e o padre Antonio Barradas é feito provincial de ambas, ou antes da unica, que ficou subsistindo.

Expulso do Brasil o padre Jacintho de Magistris. « Cum ræs essent turbata et severitati opus foret ad cohibendam deinceps pessimi exempli audaciam » foram por duas vezes mandados differentes n'este anno. Primeiramente no mez

de Março o padre Francisco Morato com Manoel Cortez e Balthazar Duarte, estudante. Em Dezembro o padre Dr. Antão Gonçalves, commissario com poderes de geral, e levava para socio Manoel Zuzarte. O padre Gaspar Alvares ia por provincial, tendo por socio o padre Antonio da Fonseca, depois confessor d'el-rei D. Affonso, quando deposto e preso em Cintra. Foram mais os estudantes Francisco de Sousa e Francisco João da Silva. « Quid in Brasilia fungentes suis muneribus, non est inerem nemo rare »

1666.—Morre a rainha viuva D. Luiza de Gusmão, em 1666.

1667.—Volta ao Brasil o padre Domingos Barbosa, que viéra por procurador a Roma. Vão dois estudantes Manoel Figueiredo e Manoel Rodrigues.

1668.—Partiram para Brasil tres estudantes que alli entraram para a sociedade—Antonio Rodrigues, Mendo Pacheco e Raphael Salgado.

1669.—O padre Manoel de Pina, que no anno antes tinha ficado em Portugal por motivos de saude, partiu este anno com o estudante Gaspar de Barros, que ia filiar-se á sociedade no Brasil.

1671.—A 8 de Dezembro morreu no Porto o padre Manoel Zuzarte, companheiro do commissario Antão Gonçalves que foi ao Brasil, e aqui morreu.

1674.—Partiram tres padres para o Maranhão, os padres Francisco Pereira, Manoel Pereira e Francisco Ribeiro, e mais Simão Luiz, que ainda não era de missa.

1675.—A 20 de Abril d'este anno morreu Balthazar Telles, autor da *Chronica da Companhia*, na casa professa de S. Roque.

1680.—No 1° de Agosto morreu em Roma o padre Antão Gonçalves.

1681.—Foi para o Maranhão o padre Manoel Nunes que

fôra d'antes expulso com os outros. Cahiu n'essa viagem em poder de piratas, onde soffreu muito, Conseguiu afinal escapar e morreu entre os neophytos.

1683. —Morreu D. Affonso VI, e tambem a rainha Maria Isabel de Saboia, de quem nascêra D. João V.

1687.—Casou D. Pedro II com D. Maria Sophia, filha do eleitor palatino.

1687.—No anno de 1684, os portuguezes do Maranhão, indignados contra os padres, ainda por causa da escravidão dos indios, os exterminam d'essa capitania. Manda o rei abafar o tumulto em 1687 ; voltam quatro padres Iodoco Peres, Antonio Carvalho, Antonio Fonseca e Manoel Borba, com o irmão Francisco, como coadjutor.

1688.—Passaram-se n'este anno ao Maranhão dezoito padres com o superier, que era, o padre João Filippe Bettendorf, belga, que do Maranhão tinha vindo a Portugal a buscar novos operarios, sendo dos dezoito, oito padres, tres coadjutores, e os mais estudantes.

1690.—Foram para o Maranhão quatro sacerdotes e um irmão, os padres Justo, João Luca, italiano, Manoel Amaral Manoel Galvão, Manoel Rebello, e o Dr. Domingos Cruz, portuguezes.

1691.—Partiram n'este anno para o Brasil sete estudantes e dois coadjutores; e para o Maranhão tres sacerdotes, Antonio Amaral, Manoel Galvão, e João Justo Luca, italiano, o que parece repetição, pois que o autor já os faz partidos para essa provincia no anno de 1690 !

1692.—Com poderes de visitador ou de provincial, partiu n'este anno para o Brasil o padre Manoel Corrêa de Estremoz, que era reitor do collegio do Porto. Levou comsigo para mestre de theologia o padre Francisco Botelho, que depois foi confessor de D. João V. O padre Manoel Corrêa morre no seu emprego, deixando preclaros exem-

plos de uma vida religiosissima. Foram tambem quatorze estudantes e o padre Luiz Severino, que voltando alguns annos depois por causa de saude, morreu em Evora.

1693.—Partiu para o Maranhão com poderes de visitador o padre Benedicto de Oliveira, seu socio Antonio Affonso, coadjutor.

Para o Brasil foi tambem n'este anno um—o padre Filippe Bourel, allemão.

1694.—Passou ao Brasil o padre João Guinsel, tambem allemão, com dezesete noviços, estes portuguezes.

1695.— « In Maranoniam misimus egregiam manum erant numero quatuordecin; omnes ardentissime id postulaverant.

« Eram cinco sacerdotes, os mais para o serem apenas esperavam a idade: todos portuguezes.

1696.—Para o Maranhão foram n'este anno dois sacerdotes com dois estudantes, os padres Fructuoso Corrêa e Miguel da Silva. O padre Fructuoso Corrêa tinha ensinado philosophia em Evora e ia ensinar theologia em Maranhão, com permissão de voltar, como de facto, voltou concluido o tempo do magisterio. Exerceu alguns cargos na sociedade e no anno de 1720 era reitor do collegio e da academia de Evora.

1697.—A 18 de Julho d'este anno morre na Bahia o padre Antonio Vieira com noventa e tres annos de idade. D. Francisco, conde da Ericeira, mandou-lhe celebrar na casa professa de Lisboa, no mez de Dezembro, exequias dignas d'um principe.

1698.—Partiram n'este anno para o Maranhão dois padres, Francisco de Andrade e João Valladão. Deixou este um venerando exemplo de santa obediencia. Por dez annos tinha missionado nas ilhas Terceiras, e apenas de volta deu-lhe o superior ordem de partir para o Maranhão,

ao que elle obedeceu. Perguntado porque se não dispensára ficar, allegando os tantos annos que tinha passado nas ilhas servindo á sociedade, respondeu que os superiores bem sabiam da sua vida, e que o poderiam ter escusado se o entendessem. Elle, porém, ignorava se a sua salvação não dependia d'aquella obediencia.

Voltando do Maranhão annos depois, morreu de naufragio na foz do Amazonas.

1702.—Para o Brasil partiu este anno o padre João Pereira, com poderes de visitador, tendo por socio o coadjutor Ascenço Fernandes, com mais alguns escolasticos. O visitador se demorou no Brasil até o anno de 1706.

1703.—Para o Maranhão foram doze; um estrangeiro, todos os mais portuguezes. Ia o padre Manoel Saraiva com poderes de visitador.

1705.—Partiram onze para o Brasil, que todos tinham pedido com grande ardor esta missão; todos noviços e entrados para a sociedade antes do novo decreto pontificio de não receberem mais noviços na sociedade. Foram para o Maranhão sete, e como superior d'elles o padre Miguel da Costa.

1706.—Morreu D. Pedro II de Portugal.

1707.—D. João V foi acclamado rei no principio do anno. Tinham os jesuitas com os ministros romanos uma celebre questão ácerca do pagamento dos quindenios. N'este anno, emfim, o duque de Cadaval, em nome do rei, e o cardeal nuncio concordaram em que qualquer que fosse a quantia devida pelos jesuitas por conta dos quindenios passados pagassem tres mil cruzados, e depozessem mais a quantia de quatro mil cruzados pelos quinze annos proximos futuros, em mão de pessoa de confiança do nuncio. Pagas e depositadas aquellas quantias, suspende-se a prohibição da admissão de noviços, e logo no meio do mez de

Janeiro começaram a ser admittidos. Isto, porém, não durou muito, porque o papa não aceitou a tal convenção.

Foram sete para o Maranhão, todos não sacerdotes, excepto o padre Manoel da Costa, que de lá tinha vindo.

1708.—A 20 de Janeiro morreu com outros o padre Antonio de Barros, natural de Arcos de Valdevez, de naufragio que fez a algumas poucas leguas d'esse lugar! Vinha o padre da China, e trazia embaixada do Imperador do celeste Imperio para Roma.

No Brasil, porém, a náo da India foi condemnada por inavegavel, e o padre com outros se passou para a náo *Alamoda.* Ao chegar a Portugal tomou-a grande temporal.

O piloto, que se punha muito ao mar, deu popa ao vento e veiu encalhar não longe de Vianna, onde morreram todos, excepto poucos marujos.

1709.—Renasceu este anno a controversia dos quindenios, porque o papa não quiz approvar o convenio feito pelo cardeal nuncio (5 de Janeiro de 1707), e, pedindo somma muito maior, ameaçava privar os collegios de Portugal das igrejas que lhe haviam sido annexadas por bullas de Paulo II e Xisto V. Ora, estas igrejas eram o principal dote dos collegios. A ameaça era tão séria, os seus resultados seriam tão amargos que o provincial padre Manoel Dias mandou sem demora pagar o que pediam os ministros da curia romana. O rei, julgando que isto se tinha feito em menoscabo da sua honra, irou-se contra o geral que instára pela solução do negocio, e contra o provincial que o tinha d'essa fórma resolvido. O provincial foi degradado, e, ausentando-se, nomeou vigario-geral o padre Francisco Tavares, a quem o rei *ordenou* que não recebesse nenhuma ordem do geral, nem permittisse que elle exercesse jurisdicção alguma sobre os padres portuguezes, seus subditos.

Tão pouco conhecia o rei as constituições da ordem que

tanto favorecêra, e o que mais é, no anno seguinte tão apertado se viu, que consentiu na correspondencia com o geral!

Partiram para o Maranhão o padre Thomaz Linchio, estrangeiro, e o coadjutor portuguez Manoel da Silva.

1711.—Voltou de novo a questão dos quindenios; o novo nuncio Bichio intima ao visitador se não recebessem noviços emquanto não estivessem pagas as quantias devidas. O rei intervem, declarando que essa questão não era da sociedade, mas sua; porque oppunha-se ao direito real de patronato que elle tinha sobre as igrejas. Era no mez de Abril. Emquanto o nuncio communica o occorrido ao papa, não deixam os jesuitas de receber noviços!

1712.—Partiram treze para o Maranhão, indo antes d'elles, no anno antecedente, tres padres, João Teixeira, João Sampaio e Miguel de Castro, estudantes da missão do Maranhão, para alli receberem ordens sacras. Combatidos aquelles treze pelas tormentas, foi tomado e retomado o navio em que iam pelos piratas, sendo os ultimos hollandezes, que os desprezaram em Lisboa. Chegaram a tanta penuria de alimentos que desejavam de serem tomados, ainda que fosse pelos mouros, afim de conservarem a vida. Entre os treze que n'este anno partiram iam os dois padres João Teixeira e Sampaio (que parece já se tinham ordenado). Este ultimo ficou com tanto horror ao mar, que para não ir se despediu da sociedade. Em seu lugar se embarcou o padre Filippe Luiz, que, soffrendo em Portugal horriveis nevralgias, nunca mais as teve no Brasil.

No mez de Maio foi despedido da sociedade, por ordem do papa, o padre João Ribeiro, professo de quatro votos, lente de prima de theologia, em Evora. N'aquellas longas controversias acerca da questão dos quindenios, em que allegava o rei, como o disse o seu direito de patronato na

India e China, foi consultado sobre este ponto o padre João Ribeiro, que dizia sem rebuço o que sentia, defendendo os direitos e prerogativas da corôa, no que se mostrava melhor cidadão do que jesuita. Denunciado por estas causas ao papa Clemente XI, este mandou sobre preceito ao geral que o expellisse da sociedade. Escreveu-se logo ao visitador o padre João Pereira, que sem demora désse execução á ordem pontificia. O padre Ribeiro, que já previa o raio, tinha ordem do rei, recommendando ao secretario d'Estado intimasse ao visitador, que nada se ousasse contra o padre João Ribeiro sem dar prévio conhecimento ao rei. O secretario não sei porque, se esqueceu d'isso! O visitador dá execução ao mandado do geral. De noite, já fechadas as portas do convento, vão-se á casa professa, lêm a ordem e expulsam o padre.

« Respondeu o padre que appellava para o pontifice melhor informado. » O visitador não lhe aceitou a appellação.

« Pois que assim se offende o mestre divino (retrucou o padre J. Ribeiro), appello para a corôa que tem por dever proteger e desforçar seus subditos. » Vendo que nada lhe aproveitava, e afim de evitar violencia de *que em ultimo recurso lançariam mão,* tomou vestes seculares, sahiu e recolheu-se á casa de um dos principaes ministros do rei, que habitava junto á casa professa.—E' incrivel o frémito que se espalhou contra a sociedade, e contra o visitador, principalmente quando se teve conhecimento do facto. O rei amava o padre Ribeiro e julgava-se offendido n'elle; a côrte, a exemplo d'elle, não cabia em si de indignação. Chamado o visitador João Pereira foi reprehendido, degradado para fóra do reino, e privado dos direitos de portuguez. O padre Ribeiro foi nomeado deputado da meza da consciencia, lugar que exerceu até 13 de Abril de 1718, em que falleceu. O visitador retirou-se ao collegio de Pon-

tevedra, na Gollegã, e á força de instancias conseguiu voltar em Dezembro do mesmo anno de 1712; porém mal visto da corte e maltratado, morreu em 1715 como que de desgosto! O nuncio intíma que despedissem os noviços recebidos depois de Abril de 1711 contra o theor da bulla, em cujas penas tinham incorrido. O provincial, padre Manoel de Andrade, os considera *estudantes* e d'esta fórma ficam.

1715.—Partiram para o Maranhão os padres Manoel dos Reis, José da Gama, Manoel Carvalho e Antonio Pimentel. Levaram 4 estudantes para alli se ordenarem, *pois o não podiam* em Portugal, e d'est'arte illudiam o decreto com aquella astucia e manha proprias de jesuitas!

1716.—No mez de Junho se concluiu por uma vez a tão cansada questão dos quindenios. A prohibição de se admittirem noviços, que datava de 1712, causava grande e talvez irreparavel prejüizo á provincia e ás missões.

Informado d'isso o rei, tratou de terminar o negocio, recommendando a conclusão d'elle ao seu embaixador em Roma, o marquez de *Fontes*, que depois o foi de Abrantes. Pactuou-se que os collegios pagassem á curia romana pelas igrejas contravertidas a somma de cinco mil cruzados cada cinco annos, e aceita que foi a proposta pelo papa, mandou elle expedir sem mais demora letras apostolicas para a admissão de noviços. E mais pelas igrejas do mosteiro de Pedrosa e de S. João dos Longos Valles *(a longis vallibus)*, acerca das quaes se não tinha estendido a controversia, pagasse o collegio de Coimbra o mesmo que antes do litigio.

Em Portugal era obvia a objecção, que se não havendo declarado no convenio quaes as igrejas, que tinham dado origem á questão, ficaram provisoriamente incluidas na mesma pena todas as que pertenciam ao padroado real.

« *Censuerunt viri juris peritissimi non admittendam eo modo compositionem. Declarandam prius has et illas ecclesias pertinentes ad regis patronatum non subisse oneri pecuniæ solvendo.* »

Mandou o rei o negocio ao conselho d'Estado, estes, «*pietati eorum mentes, gubernanti,* » foram de opinião que todos os inconvenientes, quaesquer que fossem, se deviam pospôr ao bem da sociedade que andava ligada ao bem publico. « *Curandum unice de fallendo obice, qui tendebat in societate extintionem: alias rationes contemmendas.* » Entre os que mais se distinguiram pelo furor com que defenderam este parecer, notaram-se o cardeal d'Acunha, inquisidor-mór, o velho marquez das Minas e o conde de Castello-Melhor.

A 10 de Junho communicou o rei que levantava a sua prohibição para pagamento dos quindenios, e que o fazia afim de que o nuncio levantasse tambem a prohibição da admissão dos noviços.

Para o Brasil foi mandado por visitador o padre José de Almeida, reitor do collegio do Porto. Conta-se que prevenindo o geral algumas objecções na aceitação d'este cargo, que o padre Almeida respondêra «que nada a elle, senão de Deus, lhe podia fazer molesta esta jornada no seu santo serviço, quando era o sacrificio para serviço do rei e maior lustre da sua casa»—Convem notar que o marquez d'Angeja, mais velho que elle, de volta do governo da India, não trepidava n'esta mesma occasião em aceitar o cargo de vice-rei do Brasil ; é verdade que não era jesuita e não sabia render serviço !...

1717.—N'este anno os jesuitas, que viu o Brasil, foram, além do padre Francisco Machado, doze que navegavam para a China e Gôa, os quaes contrastados pelos ventos, aportaram á Bahia á espera de monção para proseguirem na

viagem. Ia para Macáo o padre Balthazar Miller, italiano, com um estudante portuguez, e para Gôa o padre Bernardo Garcia com nove noviços, todos portuguezes. Haviam partido de Lisboa a 17 d'Abril.

Quanto ao padre Francisco Machado, que já tinha estado no Brasil, regressou para alli n'esse mesmo anno de 1717 com mais nove noviços, que recebeu do collegio do Porto de seu reitor d'elle, o padre *Antonio Giamo*.

Para o Maranhão foi mandado por visitador o padre Manoel de Seixas, que por espaço de cerca de vinte annos tinha missionado nas ilhas Terceiras e estava de volta de pouco tempo. Levava para socio um coadjutor e 8 noviços recebidos na sociedade para servirem n'aquella missão.

N'este anno começou o Maranhão a ter em Lisboa procurador especial, porque antes d'isso, o do Brasil accumulava essas funcções.

1718.—Partiram para o Maranhão quatro jesuitas, sendo tres sacerdotes italianos e um coadjutor portuguez.

Eram os padres Annibal Mazolani, Luiz Buchareli e Marco Antonio Arnolfini, e o portuguez Manoel Esteves.

1719.—Morte gloriosa do padre João de Villar. Entrou para a sociedade em 30 de Março de 1683 com 20 annos de idade. Estudava em Evora no anno de 1688, quando levado pela salvação das almas, pediu com instancia, e obteve partir para a missão do Maranhão, onde chegou a ser reitor ou superior (*Socios regit*), suando muito na conversão dos pagãos e na cultura dos neophytos. Entre as suas descidas fizéra a dos *Guanarés* para lugares menos asperos e mais commodos No meio d'estes trabalhos, levantou-se a peste das bexigas, fatal para esta gente, e logo após o rumôr de que os portuguezes os queriam captivar. Abandonam por isso o padre e fugiram.

Annos depois tentam os portuguezes invadir outra nação

do gentio, e querem e solicitam para isso o apoio dos *Guanarés*. A nação ameaçada faz pazes com aquella, armam-se entre si, e apanham por sorpresa os portuguezes, que tinham por inimigos communs. Mandam embaixada a Villar com fingimentos de que queriam receber o baptismo. Suspeitava-se a traição, mas o padre, desprezando todos os perigos, embarcou-se com elles, com quem trata da mudança da aldêa; mas protelam o arranjo definitivo a pretexto de se aconselharem com os velhos. N'isto sobrevêm outros armados, accommettem e matam os hospedes. Parece que alguns se poderam escapar, porque d'ahi a tres dias vieram os portuguezes *enterrar os seus mortos*. Acharam a Villar despido, debruços na praia, com o craneo esmigalhado.

1720.—Partiram n'este anno onze jesuitas para a Maranhão.

1722.—Vão dois para o Maranhão, dois para o Brasil, e d'estes viéra um por procurador.

1724.—Treze para o Maranhão n'este anno. Acaba o padre Franco a sua *Synopsis* no anno de 1725; mas a partir de 1720 ou pouco fazia a sociedade, ou já lhe iam a elle faltando os materiaes; porque as noticias são de mais em mais resumidas, e essas mesmas, como acima se vê, deficientes. O que ha de mais importante é o—Catalogo dos jesuitas que se passaram ao Brasil.

(Extrahido da Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitania ab anno 1540 *usque ad annum* 1725*).*

1549—6 padres

Padre Manoel da Nobrega.
Padre Manoel Pires.
Padre João Aspicuelta (Navarro).

Padre Leonardo Nunes.
Padre Vicente Rodrigues.
Padre Diogo Jacome.

1550—4

Padre Affonso Vaz.
Padre Salvador Rodrigues.
Padre Manoel Paiva.
Padre Francisco Peres.

1553—7

Padre Luiz da Gram.
Padre Braz Lourenço
Padre Ambrozio Peres.
Padre Gregorio Serrão.
José Anchieta (canarim).
João Gonçalves.
Antonio Blasques (castelhano).

1559—7

Padre João de Mello.
Padre João Dicio (belga).
Gregorio Rodrigues.
José. . . . . . .
Rodrigo Pereira.
Crasto (dá o autor este por portuguez sem o primeiro nome).
Vicente de Mattos.

1560—2

Padre Antonio Gonçalves.
Padre Luiz Rodrigues.

1561—2

Padre.......... Viegas.
E um italiano.

1563—4

Padre Quiricio Caxa (castelhano).
Balthazar Alvares (castelhano)
Sebastião de Pina.
Luiz de Carvalho.

1566—7

Padre Ignacio Azevedo (visitador). †
Padre Miguel do Rego.
Padre Antonio da Rocha.
Padre Balthazar Fernandes.
Antonio Andrade.
Pedro Dias.
Estevão Fernandes.

1569—3

Luiz Fonceca.
Francisco Leitão.
Francisco Gonçalves.

1570

Padre Ignacio d'Azevedo que voltava com quarenta companheiros, que foram mortos por Soria † No mesmo anno foram mais trez a saber:
Affonso Gonçalves.
João Martins.
E um certo noviço do reino de Valença.

1572—6

Padre Ignacio Tolosa (provincial e castelhano).
Padre Christovão Ferrão.

Padre Antonio Ferreira.
Padre Gonçalo Leitão.
Padre Melchior Cordeiro.
Padre Martinho da Rocha.

1574—3

Padre Luiz Mesquita.
Padre Manoel Dias.
Padre João Saloni (catalão).

1575—6

Padre José Morisselo (italiano).
Padre Francisco Lopes.
Padre João Baptista.
Padre Leonardo Armines.
Manoel de Tavora.
Jeronymo Rodrigues.

1576—4

Padre Agostinho Castilho (castelhano).
Padre Pedro de Tolledo (castelhano).
Padre Francisco Ortiega (castelhano).
Miguel Garcia (não diz a *Synopsis* a naturalidade).

1578—17

Padre Gregorio Serrão (viéra como procurador).
Padre Simão Travassos.
Padre Pedro Soares.
Padre Pedro André..
Vicente Gonçalves.
Manoel de Barros.
Francisco Teixeira.

Simão Gonçalves.
Gonçalo Viegas.
João Baptista (flamengo).
Thomaz Filde (italiano).
João Yat Vicente (?).
Ventedio (italiano).
Gedião Lobo (flamengo).
Adrião Joannes (italiano).
Francisco Alves.
Francisco Dias.

1582—5

Padre Christovão de Gouvêa (visitador).
Padre Fernão Cardim.
Padre Rodrigues de Freitas.
Barnabé Tello.
Martim Vaz.

1587—10

Padre Marçal Beliarte (provincial)
Padre Francisco Soares.
Padre Henrique Gomes.
Padre Marco da Costa.
Padre Manoel Fernandes.
Melchior Paulo.
Arcenio Bonajusto.
Diogo Martins.
Agostinho Lifarelo (napolitano).
Domingos Coelho.

1588—3

Padre Fernando Oliveira.
Padre Bartholomeu Abreu.
Pedro Corrêa.

1591—4

Padre Pedro Coelho.
Padre Gaspar Lobo.
Simão Pinheiro.
Manoel Oliveira.

1594—3

Padre Pedro Rodrigues (provincial).
Pedro Barreira.
Antonio Gonçalves.

1595—6

Padre Raphael Carneiro.
Padre João Fernandes.
Manoel Gomes.
Manoel Tenreiro.
José Baptista.
Francisco Gonçalves.

1598—4

Padre Antonio de Mattos.
Padre Melchior Alvares.
Padre Jeronymo Peixoto.
João Gomes.

1601

Padre João Madureira ; ia como visitador e foi tomado com outros pelos piratas.

1602—11

Padre Antonio d'Abreu.
Padre Luiz Figueira.

Padre Vicente Lopes.
Padre Antonio Dias
Pedro Fernandes.
Balthazar Fernandes.
Miguel Rodrigues
Domingos Rodrigues.
Francisco Leite.
Francisco Ferreira.
Melchior Peres.

1604—8

Padre Fernão Cardim, que viéra por procurador.
Padre Gaspar Alvares.
Padre Manoel Fernandes.
Padre Francisco Fernandes.
Padre Manoel de Sá.
Padre Manoel Vallada.
Benedicto Lopes.
Sebastião Cruz.

1607—6

Padre Manoel de Quina (visitador).
Padre Jacome Monteiro.
Matheus Gonçalves.
Manoel Sanches.
Antonio Lobo.
Antonio Simões.

1609—6

Padre Marcos da Costa, que viéra por procurador.
Benedicto Lopes.
Antonio Gomes.

Lopo de Couto.
Francisco Pires.
Bartholomeu Carvalho.

1609—11 (bis)

Padre Henrique Gomes ; viéra por procurador.
Padre Salvador Coelho.
Padre Gaspar da Silva.
Padre Nicoláo Botelho.
Padre Benedicto Gama.
José da Silva.
Rodrigo Gomes.
João Barreira.
Christovão Chaves.
João Hermes (hamburguez).
Raphael Cardoso.
No mesmo anno 3.
Padre Paulo de Carvalho.
Padre Benedicto Amadeu (siciliano).
Padre Fabio Moyo (napolitano).

1620—2

Padre Leonardo Mercurio (siciliano).
Padre José Costa (idem).

1622—4

Padre Antonio Bellavia (siciliano).
Padre Conrado Arici (siciliano).
Padre Francisco Oliveira (siciliano).
Padre Antonio Forti (siciliano).

1628—8

Padre Antonio Mattos (provincial).
Padre Domingos Coelho.
Padre Manoel Tenreiro (pela segunda vez))
Padre João Oliva.
Padre Agostinho Coelho.
Padre Agostinho Luiz.
Padre Manoel Martins.
Ignacio Layot (flamengo).

1633—1

Padre Francisco Geatino (siciliano).

1639—3

Padre Pedro Moura, visitador.
Padre Luiz Lopes, seu companheiro.
Miguel Gonçalves.

1642—7

Padre Francisco Carneiro.
Antonio Carneiro.
Antonio Vaz.
Antonio Sequeira.
Melchior Vieira.
Pedro de Figueiredo.
Lourenço Teixeira.

1652—8

Padre Francisco Gonçalves, viéra por procurador.
Simão Faria.
Manoel Coutinho.

Pedro Velho.
Matheus de Sousa.
Pedro Corrêa.
Francisco de Mattos.
Agostinho Carvalho.

1655—9

S. João de Paiva.
Padre Francisco Morato.
Padre Gaspar Martins.
João Baptista Berô (italiano).
Antonio Godinho.
Manoel Rebello.
Antonio Couto.
Jeronymo Mattos.
Roque Pereira.

1663—11

Jacintus de Magistris, (italiano), visitador.
Padre Luiz Nogueira, seu companheiro.
Padre Theodosio Hous (italiano).
Affonso Martins.
Paulo Camillo (italiano).
José Selenboi, (italiano).
Padre Valentino Estancel (allemão).
Padre Christovão Collasso.
Padre Lourenço Craveiro.
José Torres.

1664—2

Padre Jacob Roland (belga).
Padre Matheus de Moura.

1665—3

Padre Francisco Morato.
Manoel Cortêz.
Balthazar Duarte.
No mesmo anno em diversa occasião 7.
Padre Antão Gonçalves (commissario).
Padre Manoel Zuzarte (seu companheiro).
Padre Gaspar Alvares (provincial).
Padre Antonio Fonceca (seu companheiro).
Francisco Sousa.
Francisco Silva.
João Silva.

1667—3

Padre Domingos Barbosa (que viéra por procurador).
Manoel Figueiredo.
Manoel Rodrigues.

1668—3 irmãos.

Antonio Rodrigues.
Mendo Paulino.
Raphael Salgado.

1669—2

Padre Manoel de Pina.
Gaspar Barros.

1670—5

Padre Bernardo Antunes.
Domingos d'Araujo.
Manoel Pacheco.

Manoel Saraiva.
Pedro Antonio Natalini (italiano).

1691—9 irmãos.

André Gama.
Raphael Machado.
Francisco Costa.
João Pereira.
Francisco Carvalho.
Baptista Ribeiro.
José Antunes.
Benedicto Ribeiro.
Manoel Costa.

1692—17

Padre Manoel Corrêa (provincial).
Padre Luiz Severim.
Padre Francisco Botelho.
Affonso Pestana.
Francisco Machado.
Carlos Figueirôa.
Bartholomeu Martins.
Antonio Ferreira.
Benedicto Soares.
Pedro Taborda.
José d'Oliveira.
Antonio do Valle.
Manoel Ferreira.
José Neves.
Antonio Fonceca.
Manoel dos Santos.
Manoel Ramos.

1693—1

Padre Filippe Bourel (allemão).

1694—18

Padre João Ginzel (allemão).
Manoel da Cruz.
Sebastião Simões.
Manoel Sousa.
Manoel Nogueira.
Manoel Sanches.
Thomaz d'Aquino.
Thomaz Simões.
José Silveira.
Feliciano Vasconcellos.
Antonio Fonceca.
Francisco Xavier.
Antonio Sousa.
Simão de Barros.
Martinho Borges.
Domingos Andrade.
Luiz Botelho.
Antonio Pereira.

1702—2

Padre João Pereira (visitador).
Ascenço Fernandez (castelhano).

1705—12

Veiu o padre portuguez que já uma vez se tornára do Brasil.

João Dias.
Lourenço Costa.
Felix Capello.
José dos Reis.
José Lopes.
Felix Ribeiro.
Julião Xavier.
Manoel Garcia.
José Cardoso.
José Rodrigo
Manoel Luiz.

1716—2

Padre José d'Almeida (visitador)
Padre Pedro Guilhelm (castelhano de Flandres).

1717—10

Padre Francisco Machado, que voltava para o Brasil com mais **9** irmãos, a saber:
Antonio Pimentel.
Antonio Mousinho.
Manoel Rodrigues.
Manoel Moraes.
Manoel Alvares.
Domingos Araujo.
Antonio Pereira.
Marcos Tavora.
Domingos Villela.

1722—1

Padre Luiz Tavares.

Catalogo dos Socios que partiram de Portugal para o Maranhão

1643—15

Padre Luiz Figueira.
Padre Manoel Muniz.
Padre Barnabé Dias.
Padre Simão Florim.
Pedro Figueira.
João Leite.
Manoel Lima.
Francisco do Rego.
Nicoláo Teixeira.
Antonio Carvalho.
Domingos de Brito.
Manoel Rocha.
Manoel Vicente.
Pedro Pereira.
Gaspar Fernandes.
A maior parte d'elles morreram de naufragio ao entrar o Amazonas.

1652—13

Padre Antonio Vieira.
Padre Manoel Lima.
Padre Francisco Velloso.
Padre Matheus Delgado.
Padre Thomé Ribeiro.
Padre João Souto-Maior.
Padre Manoel Sousa.
Padre Gaspar Fragoso.
Padre João Soares.

Antonio Soares.
Agostinho Gomes.
Francisco Lopes.
Simão Luiz.

1655—3

O padre Antonio Vieira, que viéra do Maranhão, torna-se a elle com mais dois cujos nomes se ignoram.

1659—8

Padre Gonçalo Veras.
Padre Pedro Monteiro.
Padre João Maria (italiano)
Padre Pedro Luiz (pela segunda vez)
Padre Bernardo d'Almeida.
Domingos Costa.
Marcos Vieira.
Padre Ricardo Careu (irlandez).
Os dois ultimos reuniram-se aos outros em Pernambuco.

1660—4

Padre Pedro Luiz Gonçalves (italiano).
Padre Gaspar Wisch (flamengo).
Balthazar Campos (castelhano de Flandres).
Padre João Filippe Bettendorf (flamengo).

1663—10

Padre Francisco Velloso (pela segunda vez).
Padre Benedicto Alvares.
Padre Antonio Soares (d'esta vez como sacerdote).

Padre Pedro da Silva.
João Fernandes.
Sebastião Teixeira.
Domingos Costa.
Manoel Rodrigues.
João d'Almeida.
Antonio Ribeiro.

1674—3

Padre Antonio Pereira.
Padre Francisco Ribeiro.
Simão Luiz (este voltára do Maranhão com o padre visitador Manoel Zuzarte, e agora de novo foi para a provincia).

1681—1

Padre Manoel Nunes.

1687—5

Padre Iedoco Peres (italiano).
Padre Antonio Coelho.
Padre Manoel Borba.
Padre Antonio Fonceca.
Francisco Xavier.

1688—15

Padre João Filippe Bettendorf (procurador, flamengo).
Padre José Ferreira.
Padre Miguel Antunes.
Padre João Silva.
Padre João Villar. †
Padre Ignacio Ferreira.

Padre Balthazar Ribeiro.
Padre Francisco Pedroso.
Padre Manoel Costa.
João Valladão.
Marcos Vieira (pela segunda vez).
Ignacio Luiz.
Manoel Santos.
Pedro Oliveira.
Manoel Lopes.

1690—5

Padre Justo João Lucca (italiano)
Padre Manoel Amaral.
Padre Manoel Galvão.
Padre Manoel Rebello.
Domingos da Cruz.

1693—2

Padre Benedicto Ohor (visitador).
Antonio Affonso (castelhano).

1695—14

Padre José Ferreira.
Padre Manoel Galvão (pela segunda vez).
Padre Silvestre Mattos.
Padre Eduardo Galvão.
Padre Manoel Santos (pela segunda vez).
José Vidigal.
Antão de Brito.
João Muscot.
Antonio Baptista.

Francisco Ferreira.
Jacintho de Carvalho.
Manoel Brandão.
Lourenço Homem.
José Moura.

1696—2

Padre Antonio Corrêa.
Miguel Silva.

1698—2

Padre Francisco Andrade.
Padre João Valladão (pela segunda vez).

1699—1

Padre José Ferreira (Idem).

1703—12

Padre Manoel Saraiva.
Padre Francisco Xavier (bohemio).
Padre Manoel Brito.
Thomaz Pereira.
Francisco Gaya,
João Xavier (bohemio).
João Sampaio.
João Teixeira.
Antonio Lecio.
António Neves.
André Gonçalves.
Miguel Lopes.

1705—7

Padre Miguel Costa.
Padre Frederico Ingram.

João Gruber.
Francisco Xavier.
Filippe Santiago.
Manoel Vieira.
O coadjutor (não declara o nome).

1709—2

Padre Thomaz Linch.
Manoel Silva.

1712—12

Padre Filippe Luiz.
Padre Jeronymo Gama.
Padre José Sousa.
Padre Francisco Soares.
Padre José Lopes.
Padre Antonio Sampaio.
Padre Manoel Motta.
Padre João Sampaio.
Padre Miguel Lopes.
Alexandre Camello.
Domingos Corrêa.
Manoel Rodrigues.

1712—10

(Apparece de novo o anno de 1712, o que me leva a crer houve troca de datas, sendo a primeira referente ao anno de 1709).

Padre Manoel Seixas (visitador).
Manoel Bernardes.
Manoel Silva.
Antonio Simão.

Manoel Coelho.
José Lopes.
Francisco Thomaz.
Antonio Gonçalves.
Lourenço Duarte.
Caetano Ferreira.

1715—2

Padre Manoel Carvalho.
Padre Manoel Pimentel.

1718—4

Annibal Mazolani (italiano).
Luiz Borcarelli (italiano).
Marco Antonio Arnolfini (italiano).
Manoel Esteves.

1720—11

Padre Rodrigo Homem.
Sebastião Fusco (napolitano).
Benedicto Fonseca.
Manoel Ferreira.
Luiz Alvares.
Benedicto da Cruz.
Domingos Pinto.
Antonio Macedo.
Manoel Gonçalves.
Luiz Oliveira.
Francisco Freire.

1722—2

Padre Jacintho Carvalho.
Padre Simão Henriques.

1724—13

Padre José Cunha.
Manoel Bernardes.
Francisco Machado.
Antonio Fernandes.
João Costa.
Manoel Murato.
Manoel Gomes.
Antonio Roldão.
José Martins.
Francisco Silva.
Manoel Fernandes.
Lourenço Fernandes.
José Tavares.

N'estes catalogos o signal † indica martyrio; dispensando-me de trazer para aqui outros de nenhuma importancia e que difficultariam só a impressão. Omitti tambem declarar a nacionalidade dos portuguezes por escusada, visto como as dos outros o foram.

O padre Franco accrescenta em nota «que o catalogo era defeituoso, principalmenfe, a partir do anno de 1670; porquanto sabia de muitos que se tinham passado ao Brasil; mas que ignorava quantos foram e em que annos.»

Assim faltaram no seu catalogo os padres José de Seixas, que foi por visitador, João Antonio Andreoneo, Luiz Mariani, e outros.

E' mais de notar que o padre Franco só falla dos que partiram da provincia de Portugal para o Brasil, sendo por isso de suppôr que não tomasse rol dos que procederam de outros paizes, ainda que embarcassem em Lisboa (*Salvo meliore Juditio*).

Não me despeço d'este assumpto sem declarar que o autor dá no catalogo dos domicilios, como pertencentes á provincia de Portugal a residencia dos Ilheos e de Sergipe.

Porque e como foram estas capitanías desmembradas da provincia do Brasil, e a razão do silencio que guardaram os demais autores a este respeito? E isto leva-me a crer, que foi com taes concessões que se conseguiu da sociedade a separação das provincias.

Apezar de não ter intima connexão com este assumpto, acho curioso e dou aqui, como noticia, uma idéa da obra *Machinações do padre Antonio Vieira*; que nos seus dois tomos pouco ha que colher, não assim no appendice e notas, com que conclúo este trabalho.

O primeiro tomo das *Machinações* contém alguns documentos acerca da companhia do commercio, dos bens confiscados pela inquisição e das ordens pontificias annullando a concessão real. Esta questão, é de suppôr que fosse origem e causa da prisão e processo do padre Vieira no Santo-officio.

No segundo tomo commenta em viagem pelo rio das Amazonas as prophecias do Bandarra (de pag. 115 a 122 do 2.° tom.—1659).

Prophetisou elle tambem de sua parte mais circumstancias prodigiosas, taes como, que nas ditas terras presadas, ou conquistas, havia n'aquelle tempo dois vice-reis (o que nunca houve antes nem depois), e que um d'eltes, que era o marquez de Montalvão, era agudo, e o outro, que foi o

conde de Aveiros, era sizudo e cabelludo; e que o primeiro não havia de ser detido no governo, isto é, que havia de ser tirado d'elle; declarando mais que se daria a si o titulo de excellencia, sendo exonerado por suspeitas de infidelidade, cuja não havia de estar no seu escudo. N'essa obra affirma que foi Montalvão o instrumento da acclamação na Bahia e em todo o Estado do Brasil, onde mandou ordens com que foi D. João IV acclamado.

Todos os que governam as praças de Portugal nas conquistas foram detidos n'ellas, porque os conservou el rei nos mesmos postos: só ao marquez mandou Sua Magestade tirar por occasião da fugida dos filhos d'este e por motivo do animo da marqueza. (tom. 2.º, pag. 124).

« Os que conheceram o marquez, diz Vieira, sabem quão bem lhe cabe o nome de agudo, pela esperteza que tinha natural em todas as suas acções e execuções, e ainda nas suas feições e movimentos do corpo; mas mais que tudo no inventar traças nos negocios, e introduzír-se n'elles, « sendo o instrumento em maior parte da acclamação, a qual executou com grande prudencia e industria,por haver na Bahia dois terços de Castella e um de napolitanos, que poderiam sustentar as partes de Castella, e quando menos causar alvoroços.»

Tratando elle do cometa que appareceu na Bahia em 1618, descreve-o assim: « A figura era de uma perfeitissima palma, a côr accesa, a grandeza como a sexta parte de todo o hemispherio, o sitio no oriente, o curso sempre diante do sol, a duração por quasi duas horas.»

« *Quia scitur quod in America, sivites, singulis mensibus putentur, singulis quoque mensibus germinnent.*»

Tendo terminado aqui estes *Apontamentos*, darei por ultimo uma brevissima noticia de outros trabalhos sobre os jesuitas, embora se não refiram elles aos do Brasil. Depois

de Sachino, que deixou ainda muitos cadernos para a continuação da *Historia*, entrou no cargo Pedro Passini, que deixou rude e indigesta materia d'alguns annos.

O padre Vicente Quiricio cinge-se a esclarecimentos de um ou outro anno, e nada mais.

Daniel Bartolo, successor d'este, escreveu muito e em italiano.

Honorato Fabri, applicado aos seus commentarios *De rerum naturæ*, pouco fez na historia.

Joseph Rincio formou os annaes de seis ou sete annos, aproveitando-se dos cadernos manuscriptos de Sachino e dos de Passini; mas cahiu de cama e morreu, sem nada concluir.

Cordara vai até 1624 e José Juvencio, por mim atraz citado, publicou dois tomos que chegam até 1626.

APPENDICE

Descobri na bibliotheca nacional de Lisboa um volume manuscripto sob n. E—5—53 e com o titulo *Obras de varios autores*, e contendo as seguintes peças, que copio com sua orthographia:

Ante Vieira: Nas Esperanças do V.° Imperio Portuguez fundadas na primeyra, e segunda vida do Sr. Rey D. Joam IV. Accommodadas Pelo Padre Antonio V.ª a Gonç.° Annes Bandarra. Respondidas Por hum Anonymo Curiozo. Anno de 1661... pag. 1 a 87.

Papel offerecido pelos commissarios dos Estados Geraes: Pontos provisionalmente propostos para tirar, e pacifiquar as differenças Entre o Senhor Rey de Portugal, de huma parte e os Senhores Estados Geraes das Provincias Unidas, e Paizes Bayxos da outra—1648... pag. 89 a 110.

Resposta do D.or P.° Frz. Montr.° Procurador da Fazenda. A quem se mandou dar vista do Discurso sobre a Paz, que com Hollanda ajustava, Francisco de Souza Coutinho, Embayxador do Sr. Rey D. Joam IV. Aos mesmos Hollandezes. 1648. pag. 111 a 145.

Parecer da Meenza da Consciencia sobre os Accordos da Paz com Holanda. A vista das capitulaçoens que os Estados propunham. 1648, pag. 146 a 152.

Instrucçam Secreta Que o Senhor Rey Dom Joam IV Deu ao P.e Antonio Vieyra da Comp.ª de Jesus Mandando-a a Curia de Roma, Em Outubro de 1649. pag. 152 a 168.

Noticia dos Successos, e expulçam dos PP. da Compa-

nhia, do Estado do Maranham, Authora a Verdade, pag. 169 a 220.

Papel Politico sobre o Estado do Maranham. Apresentado em nome da Camara ao Senhor Rey Dom Pedro Segundo por Seu Procurador Manoel Guedes Aranha. anno de 1683, pag. 221 a 297.

Parecer sobre os successos do Maranham Feyto por Manoel da Vide Souto Mayor. Anno de 1658... pag. 298 a 307.

Parecer sobre o Governo do Maranham Dado no Concelho de Ultramar Pelo Procurador da quelle Estado Manoel da Vide Souto Mayor... pag. 308 a 318.

Parecer sobre se augmentar o Estado do Maranham. Fazendo-se assento para Negros de Cabo Verde. Feyto..... por Joam de Moura... pag. 319 a 326.

Problema: Em quem nos devemos fiar mais, naquelles que nos fizerão beneficios; ou naquelles a quem os fizemos... pag. 327 a 328.

Discurso, A favor da antiga Cappitação Mostrando os inconvenientes que resultam da Nova Ley de S. Magestade vinda para as minas e os perjuizos que della se hão seguir. Por Alexandre de Gusmão, etc. Em Lisboa em 18 de Dezembro de 1750... pag. 329 a 342.

Papel Feyto acerca do ouro se estabeleceu a capitação nas Minas Geraes, E em que se mostra, ser mais util o quentar-se o ouro, porque assim se apaga o que o deve seu Author o Dez.or Thomé Gomes Moreira, Secretario do Estado

da India e Conselheiro do Conselho Ultramarino. No anno 1749. Pag. 343 a 369.

Pergunta-se por Huma Freira, a qual de Dous Amantes se deve ademetir, se a hum Tolo quente Se a um Discreto Frío. Reposta De Fr. Pedro de Sá, a favor do Tolo quente. E outro de um Anonymo, a favor do Discreto Frio. Pag. 370 a 378.

Discurso Panegirico sobre o zelo, fervor, e devoção, com que depois de um incendio que arruinou o Oratorio da Senhora do Amparo, os seus devotos primorosamente o renovarão, e collocarão nelle segunda vez a m.ma senhora... Pag. 379 a 382,

(Varios papeis sem titulo). Pag. 383 a 388.

Da Noticia dos Successos e expulçam dos PP. da Companhia do Estado do Maranham, authora a *Verdade*, e que vai da pag. 169 a 220 do volume manuscripto ; resumirei o que segue :

Fica o Maranhão na terra que corre a costa do cabo de Santo Agostinho para o oeste, entre a capitania do Ceará e o cabo do Norte. Dista a capitania-mór do Grão-Pará da do Maranhão 150 leguas. Computa o autor a população portugueza da cidade de S. Luiz em setecentas almas. Dá razão d'esse limitado numero, dizendo que—povoam os moradores portuguezes suas lavras, distantes umas das outras, e poucos residem nas villas e cidades, e, portanto, afastados do trato.

« Sam os indios naturaes da terra gente bruta e por suas inclinaçõens remissos, faltos de Discurso, preguiçozos e tam inertes que nem por si, nem pelo seu procuram, nem

ainda no mayor aperto das necessidades humanas, de comer, ou dormir; timidos e obedientes: ainda contra o poder, forsas da mesma natureza; sam incõstantes e mentirosos, e tam pobres, que as suas mayores riquezas se cifram em hum arco, e frexa, huma rêde, e huma cuya, que lhes serve de pratto, e copo; e sam tam covardes, e de pouco animo, que se nam atrevem a negar, ou repugnar a qualquer Branco, para que lhes nam tome o que quizer d'esta sua pobreza, nem tem outras eleyçõens fóra daquellas para que os inclinam; sendo subditos pela regra do senhorio, que sobre si conhecem ou que sobre elles se tem, e suppostas estas qualidades naturaes do seu Alvedrio, sam suas operaçõens pendentes do bem, ou do mál a que os persuadem ou despersuadem; sendo mais ou menos ó interesse, e commodo, no descommodo proprio dos moradores Portuguezes, quanto he mayor ou menor a liberdade que têm para se aproveytarem do sangue e serviço d'esta gente. »

Passaram os padres da companhía a estas terras (do Maranhão) para tratarem da conversão e salvação d'estes indios; mas a despeito das providas, justas e convenientes leis ordenadas pelo rei em beneficio dos gentios, as autoridades e moradores, e o proprio governador, as contrariavam e punham mil estorvos aos padres no desempenho de sua missão.

Tinham chegado por esse tempo (1661) e em dez annos a trinta o numero dos sacerdotes que se estenderam desde as terras do Ceará até os sertões do Amazonas, possuindo n'essa immensa gentilidade cerca de quarenta igrejas, a que acudiam com grande trabalho.

O governador Pedro de Mello (1658), que, segundo o autor d'esta noticia, possuia navios, muito ambar e tantos escravos, e que por isso devia dar-se por satisfeito, insaciavel em suas cubiças, viu com máos olhos a interferencia que

davam as leis nas entradas e mais negocios relativos aos indios.

A's intrigas movidas pelos que governavam, vieram ajuntar-se a emulação e inveja dos mais religiosos, que o autor, que é jesuita, pinta como ignorantes e instigadores das desordens que iam tomando calor e corpo entre os moradores d'aquellas capitanias.

Clama depois contra o modo por que eram feitos os resgates dos indios, vindo a morrer a mór parte d'elles : « morrem, quando os que os vendem aos portuguezes os vam buscar á força de armas ás suas terras, e não consideram o estrago que occasiona o uso illicito e desordenado dos resgates, aos que escapam, aos que matam e aos que prendem; morrem ao desamparo quando os trazem por distancia de mais de quinhentas leguas, e não advertem que *todos aquelles districtos do caminho eram povoados, e estão desertos*, por causa dos mesmos resgates, que actualmente executam; morrem depois de chegados, pelo ruim trato que lhes dam, e contínuo trabalho a que os obrigam, e nam olham que a elles lhes está acontecendo o que succedeu aos passados, e que da mesma sorte ha de succeder a todos os mais que successivamente comprarem, captivarem e trouxerem taes indios, etc. » Esse íniquo trafico era sustentado, segundo o autor, pelos religiosos, que allegavam, e ensinavam aos portuguezes que os indios dos sertões « sam uns selvagens, alarves, que nam têm fé, nem sam capazes de a ter ; que sam bichos do mato e têm almas de cachorros, etc. » Servem taes desculpas para « corarem, segundo a *Noticia*, a sêde e ambição de mais escravos, com que ajuntem mais cabedal para virem ao reino *agenciar ou comprar prelasias*, sem attenderem aos principios de direito natural. »

Trago acinte este trecho por extenso, para que aquelles que suspiram pelos tempos passados, e os trazem constan-

temente para exemplo, conheçam que, a despeito dos progressos da humanidade, que tanto praguejam, sempre é melhor a geração presente do que as das éras passadas.

Conforme a politica dos padres, de fazer intervir Deus a favor d'elles, ainda nos menores acontecimentos, attribue o autor um acervo de calamidades que desencadeou-se sobre o Maranhão por occasião da expulsão dos jesuitas a castigo do céo. Affirma que a colera divina manifestou-se, não só na fome, na carencia de peixes, como na peste das bexigas, que assolou a capitania de um modo cruel. Para esses missionarios não é o Creador cheio de bondades e misericordia, mas sempre irado e disposto a arremessar seus raios contra os peccadores, indo assim de encontro ao que ensinam os Evangelhos. O Cordeiro immaculado é lobo sanguinario em todas as chronicas e demais escriptos dos padres da companhia.

Descreve pela segunda vez o governador D. Pedro de Mello como vaidoso de sua prosapia, refalsado, injusto e malversor, vendendo a justiça, os despachos, consentindo nos adulterios e *ladroices*, e a seus criados ; perseguindo a innocencia e amparando os inimigos da honra, da verdade e da consciencia. Por este resumo vê-se claro que D. Pedro de Mello é um monstro, no parecer do autor.

Tendo elle descripto as condições da gente da terra e as qualidades dos religiosos e a fórma do governo, adduz mais algumas considerações, tudo sob o aspecto mais vantajoso para os da companhia e em detrimento dos que lhe eram desaffectos, como é de praxe dos chronistas jesuitas. Entra a referir então o motim de 1661. Apenado o povo pelo bando de 17 de Maio d'este anno, encorporou-se na praça com o seu juiz e procuradores, que fizeram seus requerimentos aos officiaes da camara, para que dentro do prazo de

tres dias despejassem os padres da companhia a igreja ; por isso que tinham os moradores muitos aggravos d'elles.

Passaram depois a assaltar o collegio por todas as partes, tirando d'elle á força os padres, que, não sendo aceitos em Santo Antonio, levaram para uma casa. Continuando com o motim por meio de rebate no sino da camara e de violencias (diz o autor), aos que não eram concordes com os agitadores marcharam para a aldêa de S. José, de cuja igreja retiraram os padres, deixando-a sem parocho. Encorporando-se a elles os soldados que abandonaram a guarnição das fortalezas, dirigiram-se á casa do governador, depois de commetterem excessos na do ouvidor-geral, e alli puzeram os mosquetes aos peitos d'este e ao do procurador da fazenda, e exigiram os soldos. Os moradores da capitania de Santo Antonio de Alcantara, não querendo ficar a dever em excessos aos de S. Luiz, arrasaram por terra a vivenda dos padres.

Inclinados os do Pará a acompanharem os do Maranhão, apresentou-se entre elles o prelado a administrar os seus bons conselhos, offertas e concertos, apontando os meios accommodados para divertir-se e compôr a desordem. Aporta, porém, alli uma canôa dos amotinadores do Maranhão, e a faisca do incendio atêa fogo n'aquelles espiritos já abalados, e a 17 de julho, dois mezes depis do alevantamento da cidade de S. Luiz, alborotam-se os do Pará, imitando aquelles. Formaram corpos de guarda, com sentinellas, rondas, apoderando-se da terra e das embarcações, etc., e desrespeitando aquelles officiaes que se mostravam obedientes ao rei. No Gurupá prendem o prelado que concertava com o capitão d'esse presidio nos meios de resistencia, e o remetteram para o Maranhão. No entretanto ia na capitania do Pará em augmento o motim, esbulhando os padres de todas as suas casas e igrejas, e prendendo-os,

como a varios seculares, em casas particulares e separados uns dos outros.

Embarcados no Maranhão os religiosos da companhia do Estado, com o seu prelado, levantou-se contenda entre o governador e o ouvidor, opinando aquelle que fosse elle julgado e recluso por traidor, remettendo-se os autos ao reino. Resistia o ouvidor-geral por não achar causa, querendo que o governador fossse quem o executasse por determinação sua e de seu despacho. Dividiu esta controversia o povo, que tirou o prelado da caravella em que estava preso e o metteu na náo, que deu logo á vela com os mais religiosos, « e de cuja passagem cobrou o governador de frete trezentos e vinte mil réis, obrigado o padre superior d'esta casa do Maranhão, que antes de dar á vela lhe deixasse um papel, cuja minuta lhe fez a seu modo para que João Pereira Barros, que ficou procurador do que tocava aos padres da companhia, lhe pagasse logo o frete ou maior parte d'elle contra todo o uso e costume. »

« Temos, diz o autor, os religiosos da companhia de Jesus, que estavam no Maranhão, já não só embarcados, mas dados á vela para o reino ; os do Pará presos e tão opprimidos... tratando o povo efficazmente dos aprestos dos navios para os embarcar para o reino. »

«Encarece não só os vexames e violencias que padeceram os padres no Pará, como a resignação e humildade com que elles, a exemplo do prelado, as soffreram sem se lhes notar, accrescenta a *Noticia*, a minima colera ou irritação de vêr obrar entre portuguezes contra sacerdotes e religiosos catholicos, o que jámais em tempo algum se obrou em lugares de gente que confessasse a devida obediencia á igreja romana.

A capitania do Gurupá, de que era capitão Paulo Martins Garro, não molestára aliás os padres que alli residiam, e os

conservava. Vendo-se os padres do Pará em completo desamparo com a ausencia do ouvidor-geral que os protegia, valeram-se de Manoel da Vide Souto-Mayor, que só com os de sua casa os embarcou e levou ás occultas para a capitania do Gurapá, onde já se achava tambem o ouvidor-geral. Quero crêr que o ouvidor entrou no conluio e concerto d'esta fuga dos padres. Sabido dos moradores o facto, destruiram as fazendas de Manoel da Vide, já que de outro modo não se podiam vingar d'elle, e depois armaram vinte e seis canôas das maiores « que se costumam na terra, com noventa portuguezes e quatrocentos indios de guerra, munições e petrechos, e assim assaltaram a praça de Gurupá, matando uma sentinella, ferindo duas e aprisionando por ultimo os padres, que puzeram no convento do Carmo, fronteiro aquella fortaleza. Insistiram d'ahi em que soltassem os criminosos detidos na fortaleza ; mas, achando resistencia da parte do capitão em annuir a semelhante requisição, abandonaram a 28 de Março de 1662 este posto, levando comsigo os padres.

Tres dias depois aportava a S. Luiz do Maranhão Ruy Vaz de Siqueira, provido no cargo de governador-geral do Estado. Tratou o antecessor, que era seu primo, de espalhar que tinha ascendencia sobre elle, e que assim melhor lograria seus intentos. Ao principio vieram os actos de Siqueira confirmar de algum modo esses boatos.

Estava-se a 25 de Março, proximo á semana santa, occasião em que afflue á cidade grande concurso de povo, e aconteceu que prégava na matriz o vigario-geral quando em S. Marcos deu a fortaleza signal de embarcação do reino. « Tocou logo o sino de motim (o da camara); largando a igreja, desampararam todos a prégação, etc. »

Surgiu o novo governador no mencionado dia 25 de Março no porto de Araçagy para não causarem estranheza

na cidade os navios de sua conserva, que eram tres. Expediu d'alli um batel, em que vinham o padre commissario das Mercês, e os sargentos-móres do Estado do Maranhão e da capitania do Pará, e outras pessoas conhecidas e estimadas na capitania do Maranhão, para irem dispondo os animos dos moradores a favor na nova ordem de cousas. Deu-lhes cartas para a camara e para o governador destituido, participando-lhes que era chegado.

Anciosos os amotinados de sondar as disposições em que vinha o governador e se trazia padres, syndicante e soldados, dirigiram-se á capitánea uns frades, com o pretexto de irem buscar companheiros que esperavam do reino ; mas foram decorridos e nada poderam observar. Seguiram-se a esta exploração infructifera a visita do capitão da guarda do ex-governador, que levava recado d'este ao seu substituto e que nada pôde colhêr a bordo, e as do juiz do povo e procuradores, que foram dar as boas vindas ao governador, representar-lhe que o povo ficaria alterado se visse padres ou syndicante, e a pedir-lhe licença para fazerem certo requerimento. Socegou-os o governador, dizendo-lhes que não trazia padres nem syndicante, e que as ordens de Sua Magestade mandavam governal-os, ouvindo seus requerimentos e deferindo-lh'os conforme fosse de justiça, com o que os despedia satisfeitos.

Não logrou melhor resultado a visita que tambem fez a bordo o governador destituido, senão que o primo sacou d'elle todos as noticias que pôde, sem comtudo abrir-se sobre sua missão. Louva o autor, como jesuita que é, o modo ardiloso com que se houve Ruy Vaz de Siqueira, e faz a apologia da doutrina apregoada e seguida pela ordem, de que os fins justificam os meios. Levava tão adiante este artificio o novo governador, que no decurso da viagem, desde Lisboa, parecia desafecto aos padres, e guardava certo

disfarce, negando que recebesse ordens do rei sobre a materia. Acha o autor *portentoso* este procedimento, o que não é de estranhar em quem vestia a roupeta.

Chegou o sargento-mór no dia seguinte (26 de Março) pela manhã, a bordo da capitánea, com a resposta da camara, declarando que estava prompta a receber a todos e a toda a hora. A' vista d'isto levaram ferro as náos e com a enchente da tarde vieram lançar no porto da cidade do Maranhão. Metteu-se então o governador no batel, ao som da artilharia de bordo e das fortalezas, e saltou em terra acompanhado só de seus officiaes. Veiu recebêl-o a camara no portão, levando-o debaixo de palio á matriz e d'ahi á casa da camara, acompanhados sempre da caterva do povo junto. Logo que foi apresentada a patente do seu governo entregou-lhe o juiz do povo, seguido de muita gente, seu requerimento, que elle recebeu, dizendo que, com a camara, o responderia por escripto.

Com a retirada do juiz da sala entrou o povo a murmurar por não assistir seu juiz á audiencia. Chamou-o o governador para que aquietasse o povo emquanto elle, que era de novo chegado, examinava da validade da sua vara. Tornou o juiz para fóra e o rumor cresceu. Levantou-se então o governador e chegando á janella disse á multidão que socegasse, porque vinha fazer justiça. Acalmado com isto o povo, leu o governador o requerimento, e, dando entrada no tribunal ao juiz, simulcu que concordava com o que lhe requeriam ácerca dos padres. Deu-se o povo por satisfeito com tal declaração, e romperam as acclamações e os vivas. Lida a patente real, mostrou-se propenso a favonear os intentos populares, « que favorecendo, diz a *Noticia*, os afrouxou » para depois os contrariar.

Parecia ao novo governador facil a reducção d'aquelles povos, attenta a rivalidade que lavrava entre a nobreza e

plebeus, e cuidava já nos meios de executar seus planos, quando chegou-lhe do Pará a noticia das desordens em Gurupá. Ordenou logo o governador junta, que se fez em sua casa, fallando só n'ella D. Pedro de Mello (ex-governador) contra o que tinha assentado com o primo. Voltou o governador que Francisco de Seixas Pinto, que com elle viéra do reino provido no cargo de capitão-mór do Pará, se partisse sem demora a impedir aquellas desordens ou os damnos d'ellas, e levasse comsigo quarenta soldados para do Pará se passarem a Gurupá, e de lá trazerem os padres, o ouvidor, o capitão da praça e Manoel da Vide Souto-Mayor. Votaram uniformes os da camara, cidadãos e nobreza contra a vinda dos padres, ao que fingiu annuir o governador. Tal foi o segredo que guardou em todo este negocio, que nem do capitão-mór do Pará, que ia representai-o alli, confiou que trazia ordem do rei para restabelecer os padres no Estado do Maranhão. Apenas ordenou-lhe que convocasse junta e n'ella procedesse da mesma fórma que o vira já praticar. Antecedêra ao capitão-mór a canôa que fôra ao Maranhão com papeis dos de Gurupá, de fórma que o povo mostrou-se satisfeito com a vinda d'elle, « enganado pelos boatos, todos favoraveis á causa dos amotinados e que espalhára os mensageiros. Confiados, pois, em que o rei não mandava ordens contra os amotinados, » que o novo governador era um coração e vontade com o seu primo D. Pedro de Mello, e que os padres continuariam retidos em uma casa, ficou o povo seguro e altivo.

Cuidando os do Pará que não tinham impedimento no embarcarem os padres, trataram de aprestar os navios que os haviam de conduzir, quando o capitão-mór convocou junta com o fim de que fosse ordenado que os padres se recolhessem á suas igrejas ; mas os moradores do Pará não consentiram n'isso, por emulação que tinham aos da capitania do

Maranhão, sendo para aquelles ponto de honra, que estes se lhes avantajassem na expulsão dos padres da companhia. Observando o capitão-mór que não era ensejo azado para mais, despediu a junta, recommendando se abstivesse o povo do intento, e mal começado, até que chegassem as ordens reaes. Censura no entanto o autor que elle nem ao menos alliviasse uma parte dos padres que estavam reclusos em uma embarcação.

O ouvidor-geral e Manoel da Vide Souto-Mayor tinham aliás recebido aviso da chegada do governador e que o capitão-mór os mandava buscar, ficando assim livres os cercados. Os padres abandonaram logo Gurupá e desencontraram-se da tropa que o capitão-mór havia expedido para alli, e por isso avisaram estes de sua vinda um dia de jornada antes de chegarem á cidade. O capitão-mór, sabendo d'isso, mandou dois commissarios fieis que os guiou para um dos navios ancorados no porto, provido de uma esquadra de soldados. Alta noite os procuraram no navio os amotinados em duas canôas; mas, vendo-se frustrados, vingaram-se em um criado de Manoel da Vide, que se recolhia ao navio e a quem deixaram muito maltratado e ferido.

No dia seguinte levou o capitão-mór a Manoel da Vide para a fortaleza, onde o deixou com tão apertados guardas para assim o preservar do furor do povo, que este suppôz que era isto castigo pela protecção que dera aos padres. Voltando do navio, conduziu o ouvidor-geral para o convento das Mercês; mas o povo insistira tanto em criminal-o que o capitão-mór achou prudente submetter o negocio á decisão do governador.

Chegada a tropa do Gurupá e o capitão-mór d'aquella capitania, mandou o do Pará a este para o convento de Santo Antonio, e no dia seguinte embarcou a todos os que haviam chegado do Gurupá e os enviou para o governador-

geral, sem que houvesse recebido ordens d'elle para tanto.

Despendia o governador Ruy Vaz de Siqueira o tempo que lhe sobejava dos negocios em discretear com as pessoas que o procuravam, e a quem mostrava que dentro na lei e no regimento estavam as obrigações de seu encargo, e o modo pratico de resolver todas as duvidas e emergencias, sem que houvesse mister de ordens especiaes do rei. Desvelava-se não menos em explicar á tropa seus deveres e o que a disciplina exigia d'ella.

Procurava no emtanto D. Pedro de Mello semear a discordia entre o povo e o governador, alheando-lhe as sympathias dos moradores de S. Luiz por meio das mais torpes intrigas. Com o assento da mais confidencial verdade ia conseguindo seu fim depravado, levado o povo a acredital-o por seu parentesco e apparente amizade ao governador, e este pelas partes que tomára nos motins dos moradores.

Deu o governador na traça de D. Pedro de Mello, e querendo pôr ordem ás cousas e restituir aos padres suas igrejas antes da partida para o reino de seu antecessor, começou a chamar á boa razão a gente ajuizada e cordata, e ao mesmo tempo ordenou uma proposta pára apresentar em junta, e que era concebida em resumo nos seguintes termos: que a restituição e aceitação dos padres devia ser feita emquanto estava alli presente D. Pedro de Mello, em cujo tempo succedêra a expulsão dos religiosos da companhia, e pelo que estavam obrigados a duas dividas: a primeira ao seu rei, senhor natural, pois havendo aceitado os religiosos da companhia por seus missionarios n'aquella conquista, e requerendo depois ao monarcha contra elles, sem esperarem pelo remedio, os expulsaram; « a segunda divida em que estavam era ao sobredito D. Pedro de Mello, que presente tinham, pois governando-os todo aquelle tempo com a satis-

fação e igualdade que confessavam, não só lhe desobedeceram no tocante á dita expulsão, mas se amotinaram contra elle, como os mesmos religiosos faziam certo no reino por mais lhe aggravarem suas culpas, pelo que lhe parecia razão se desempenhassem com o mesmo D. Pedro na fórma que lhes fosse possivel, e que da grandeza de Sua Magestade e bondade de animo do dito D. Pedro fiava que sem a satisfação ser equivalente ao delicto, se daria por satisfeito, vendo que antes da sua partida d'esta cidade deixava n'ella restituidos os religiosos que elles tinham expulsado, e que para este effeito elle governador lhe fazia renuncia do lugar que lhe entregára, que logo alli presente lhe largava para parte os ajudar a melhor se desempenharem, sendo toda a gloria d'esta restituição da desordem passada para o dito D. Pedro de Mello; porquanto elle para si não queria mais que a de medianeiro n'este bom successo e de os vêr a todos livres da vida. »

Foi o governador na noite antecedente ao dia da junta á casa de seu primo D. Pedro de Mello, a quem faz leitura da manhosa proposta, convencendo-o das vantagens d'ella e instando com elle que tomasse o negocio sobre si, « porque a elle só tocava e convinha o vencimento d'elle, e que os moradores estavam muito dispostos para se poder esperar, e conseguir um bom e glorioso successo ; e feita esta diligencia se recolheu para sua casa. »

Na mesma noite, affirma o autor, mandou D. Pedro de Mello dar parte a todos os seus acostados do assumpto da proposta,que lhe fôra communicado em segredo pelo primo, e que seria apresentado no seguinte dia em junta. N'esta diligencia indigna occuparam-se toda aquella noite Fr. Francisco, religioso de Santo Antonio, e os criados do mesmo D. Pedro Mello, aconselhando ao povo que não consentisse nenhuma das propostas, que era tudo para sua ruina e per-

dição ; mas já conheciam geralmente o caracter de D. Pedro de Mello, e ia grangeando o novo governador o favor popular ; teve tambem quem logo o avisasse de semelhante aleivosia.

Tendo o governador descoberto o inimigo em quem devia ser-lhe o maior amigo, entendeu que era acertado adiar a proposta, sem comtudo dispensar a junta, em cuja sessão havia outros negocios a tratar, etc. Achou ao redor da casa da camara multidão de povo ; mas, sem se desconcertar ordenou em voz alta e clara, e que todos ouviram, a um capitão de infantaria que occupasse quanto antes as portas da camara com vinte arcabuzeiros, e que atirasse e matasse logo, sem esperar segunda ordem sua, a quem puzesse a mão na corda do sino ou levantasse a voz alta na praça. Bastou, pois, a attitude da tropa para que esta se desafrontasse brevissimamente e se desfizesse o tumulto. Reunidos os membros da junta declara-lhes o governador que podiam estar sem cuidados, porque mudára de parecer no tocante á restituição dos padres « em razão da variedade e pouca união com que se achavam na materia ; mas que para o mais estivessem advertidos que d'aquelle ponto os começaçava a governar. Passando depois a tratar de outros negocios succedeu fallar-se no juiz do povo, ao que perguntou o governador se havia ordem de Sua Magestade para o haver n'esta cidade, e como fosse a resposta negativa ordenou ao escrivão da camara citasse o nome do procurador do povo sómente, e não consentiu que o juiz do povo, que assistia na junta, desculpasse sua presença alli, dizendo-lhe que não lhe pedia conta, mas que breve o faria. Uma vez desmacaradas as intenções do governador não houve mais parar na encetada carreira, desbravada de mysterios e astucia. Se por uma parte cuidava em engrossar as tropas e disciplinal-as, por outra tomava medidas energicas para lograr o

seu proposito. No dia immediato ao da junta mandou lançar bando, ordenando a quem servisse os officios por provimentos do rei ou dos governadores, lhe apresentasse suas cartas para conhecer da validade d'ellas. Entre os mais obedeceu o juiz do povo, offerecendo o titulo de sua eleição, e pelo qual extinguiu o governador aquella judicatura.

Depois d'isto fez o governador lançar outro bando, que ninguem tivesse em seu serviço indios das aldêas, quer de antiga posse, quer de moderna, nem fossem ás aldêas resgatal-os sem licença sua.

Succedeu que um morador dos mais autorisados quebrou o bando de se não puxar pela espada, e o governador fez-lhe pagar da cadêa, e dentro de vinte e quatro horas, a multa de cem mil reis, que comprou em panno e repartiu-o pelos soldados na razão de quatro varas para cada um.

Esta attitude decidida do governador veiu incutir terror e desalento nos moradores, tornando-se muitos d'elles delatores de seus proprios feitos e dos de seus cumplices nos motins. Dava Ruy Vaz de Siqueira, não só ouvidos aos mexericos e denuncias, recebendo-os em casa, e indo a deshoras a lugares solitarios e remotos, que lhe aprazavam para ahi referirem-lhe o que bem queriam, como tambem exercia elle mesmo espionagem, « sahindo fóra da noite e disfarçado, quando era necessario espreitar as conversações dos corrilhos, consultas e ajuntamentos que se faziam em varias casas. Emfim, se dispunham as cousas que vieram os mesmos moradores a pedir, e a requerer ao seu governador que fizesse a junta que havia despedido. »

Foi designado o dia do Espirito-Santo para celebrar-se na igreja da Misericordia junta geral para a aceitação e restituição dos padres da companhia. Armou-se para este fim a igreja com todo o apparato possivel, e a que foi o governador assistir ante-manhã, adereçando--se e armando-se os

assentos em sua presença. Isto feito e dispostos guardas para conter o respeito e ordem foi-se á matriz, onde assistiu com os demais membros e povo de todas as condições á missa votiva do Espirito-Santo. Pejava o concurso de moradores o que havia de vacuo dentro e fóra do templo, á cuja porta mandou o governador lêr a alludida proposta, a que seguiu-se por parte de D. Pedro de Mello uma justificação sua propria em termos mais humildes, e na qual dava seu consentimento a tudo quanto propunha o governador, e aconselhava mais ao povo que obrasse n'aquella conformidade. D'ahi votaram todos uniformemente que os padres da companhia viessem para suas igrejas e collegio.

Quando o escrivão da fazenda começava a fazer o termo d'esta junta D. Pedro de Mello soltou palavras em sua defesa, culpando de tudo os moradores, e queixando-se que elles o desampararam, e não queriam e nem nunca quizeram padres da companhia. Levantaram-se alguns contestando taes allegações, affirmando que obraram os amotinados á instigações dos criados do ex-governador, e as vozes foram crescendo a tal ponto, que, para pôr termo ao tumulto e proteger D. Pedro de Mello, foi preciso que o governador Ruy Vaz de Siqueira se erguesse e mandasse tocar o repique dos sinos, e dar salvas a companhia de infantaria, trazendo e acompanhando para casa o primo D. Pedro de Mello, que não a julgando asylo seguro, passou-se na mesma tarde para o convento de Santo Antonio, onde assistiu até se embarcar.

Attribue o autor o tumulto e expulsão dos jesuitas, como a repugnancia que a principio mostraram os moradores ao restabelecimento d'esses religiosos, proposto pelo governador, á machinações e conselhos de D. Pedro de Mello. Fazendo a apologia do espirito obediente d'aquelles povos, repete, em conclusão, que « no mundo todo não tem principe

algum debaixo do seu imperio vassallos mais humildes á seus governadores do que os d'este Estado do Maranhão. »

Foi obrigado d'esta consideração que o governador Ruy Vaz de Siqueira passou-lhes perdão geral, promettendo alcançar do rei confirmação d'elle. Outorgou-lhes tambem entrada de tropas no rio das Amazonas para o fim de resgatarem indios e proverem-se de escravos.

Chegaram por este tempo á cidade de S. Luiz os quarenta soldados que enviára o Gurupá, acompanhados dos que haviam alli opposto aos amotinados e protegido os padres da companhia.

Conclue assim este manuscripto : « Não escrevemos comparação, exemplos ou historia, mais que as verdades puras do que experimentámos e vimos, fundadas em o menos do muito que ouvimos. »

Apesar de não ter relação com o assumpto, dou noticia de um outro achado, curioso para a nossa historia e só por isso digno de o mencionar:—é um volume tambem existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa e que traz no rosto :

CUNHA

Cartas para S. A. Real.

Francisco da Cunha e Menezes, governador e capitão-general da capitania.

Eis o que encerra esse precioso volume.

Officio n. 50 de 10 de Julho de 1802.

Que por falta de dinheiro no cofre não emprehende Manoel Ferreira da Camara, já então na Bahia, e encarregado por carta régia de 14 de Novembro de 1800 a descoberta das minas de ouro, prata e cobre.

N. 51.—Que se não tinham feito ainda os cemiterios ordenados pela carta régia de 14 de Janeiro de 1802, para *beneficio* da Bahia, em virtude de grave enfermidade do arcebispo metropolitano.

10 de Julho de 1802.—Que tratava de haver todas as especies e variedades de aves indigenas para os viveiros da real quinta de Belém, segundo officio do governo de 3 de Dezembro de 1800.

Officio do governo de 18 de Dezembro de 1800.

O governo quer que se comprem negros escravos, que aprendam officios mecanicos, para servirem nos estaleiros, por ser isso mais economico. O governo acha util o negocio. Era supra de 10 de Julho de 1802.

N. 56.—O arcebispo D. frei Antonio Corrêa morreu no dia 12 de Julho de 1802, de enfermidade que ha muito tempo padecia.

Ignacio Ferreira da Camara Bittencourt encarregado do Jardim Botanico, da Bahia, diz que o resultado das sementeiras de sandalo, *puna* e *téca*, e de *outra arvore*, de que *se não declarava o nome* foi que só nascêra um pé de *puna*, e suppõe que as mais sementes estavam damnificadas, (14 de Agosto de 1802).

Sobre a cultura de pimenta da India, diz que se não tem augmentado mais por falto de sementeiras, visto como o Jardim Botanico não estava ainda estabelecido.

30 de Agosto de 1802.—Recebeu ordem que não consentissem religioso algum embarcar para Portugal, sem licença do seu prelado superior, e que esta lhe seja concedida por motivos justificados.

23 de Novembro de 1802.—Que recebeu o caixote vindo com sementes de *téca*, que as distribuiu pelos lavradores com a respectiva instrucção,—que seria bom virem as melhores arvores da India, porém pequenas.

13 de Dezembro—remette aves para viveiro da quinta de Belém pelo correio mercantil *Gavião*.

14 de Dezembro de 1802.—Que devassára do ex-administrador da pesca das balêas, e fabrico do azeite, Domingos José de Carvalho e que não resultava prova contra elle.

Quanto á *pescaria franca* da balêa, que o governo recommenda que se anime, diz que *n'este primeiro anno* foram tantos os pescadores, que o numero das lanchas era mais do triplo do que no tempo do contrato.

14 de Dezembro de 1802.—Mandou plantar em 6 caixões pés de *Aza-pana* ou herva milagrosa, e que logo que tivessem pegado as remetteria para o reino.

26 de Fevereiro de 1803.—O brigadeiro João Baptista Godinho Vieira escreveu uma *Memoria sobre virtudes medicinaes e uso do extracto de Caninana.* Remette para Portugal o extracto com a memoria, plantas do capim do sertão e varias especies de larangeiras.

O governador da relação Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, escreve sobre gommas de tres arvores, uteis para tinturaria:—*arariba*, *amoreira* e *candim*.

18 de Março de 1803.—Respondendo ao officio do reino, do primeiro de Outubro de 1802, que recommenda a inoculação da bexiga, principalmente nos meninos negros e indios, e que do resultado daria parte.

30 de Abril de 1803.—O Dr. Balthasar da Silva Lisboa, conservador das matas de Cayrú.

N'aquelle tempo as remessas de madeira eram para o real palacio da Ajuda.

3 de Julho de 1803.—José de Sá Bittencourt Accioli encarregado da abertura da nova estrada para Montes Claros.

29 de Julho.—Trata este officio summariamente das amostras e minas de ouro no districto de Chique-chique,

limites da comarca de Jacobina, na serra do Itoleira, cabeceiras do Rio-Verde nas costas da serra do Assuriá (Bahia)-

14 de Setembro de 1803.—Difficuldades de terreno para o Jardim Botanico. O encarregado d'esta creação, Ignacio Ferreira da Camara, escolhe a roça do bacharel Caetano Mauricio Machado, perto do forte de S. Pedro. O proprietario pede 4:800$000; recebendo em dinheiro 1:200$000, ficando nos cofres reaes 2:800$000 para pagamento do que devia ao recolhimento de S. Raymundo Nonato. A avaliação foi de menos, o proprietario recusa, pede-ao recolhimento a desapropriação. Parece que a roça, chamada de *Tororó,* de João Francisco da Costa tambem se reputava propria para isso.

15 de Fevereiro de 1804.—Publicação da carta régia de 18 de Agosto de 1803—dando liberdade aos indios nas pessoas, commercio e locação d'elles, de modo que não houvesse mais o abusivo costume de serem obrigados a servir por 40 rs. diarios.

18 de Julho de 1803—do governo—que os navios da companhia da America (naturalmente do norte) estabelecida na Russia, ou de qualquer serviço russo, sejam recebidos como os das nações mais amigas.

12 de Maio de 1804.—Conclusão da estrada para Montes Claros por Accioli, e que custou 23:385$871 rs. Remetteu-se as informações reservadas dos ouvidores de Jacobina e Ilhéos.

20 de Novembro de 1804.—Que a vaccina da Europa não tinha produzido effeito, mas recommendava o negocio ao desembargador José da Silva Magalhães, ouvidor da Jacobina.

Constava porém que no sertão da Jacobina, principalmente nas margens do rio S. Francisco do norte, apparecia essa enfermidade (*cow poe*) no gado vaccum. Mandou-se-

lhe instrucções de como se conhecia o virus, e do modo de o recolher.

4 de Janeiro de 1805.—O navio *Bom Despacho*, chegou á Bahia (não se diz d'onde) com 7 negrinhos bexiguentos. Os negociantes da Bahia os remetteram para conduzirem a vaccina (a lembrança lhe foi louvada pelo rei. Officio de 10 de Novembro de 1804).

O governador faz vaccinar na sua presença com o *humor dos ultimos vaccinados* mais de cem pessoas de diversas idades. Era medico-cirurgião d'aquelle navio Manoel Moreira da Rosa, e vinha mais o medico José Avelino Barbosa, ao qual se encarregou a conservação do *virus* por meio de vaccinas successivas.

26 de Janeiro de 1805.—O Dr. José Avelino Barbosa escreveu ao Dr. Jenner, em Londres, communicando-lhe as suas observações sobre a vaccina no paiz.

15 de Março de 1805.—Falla-se de uma *Memoria* do capitão-mór João da Silva Santos, que foi pelo rio Belmonte acima até onde se divide com a capitania de Villa Rica. O tal descobridor chegou até á *aldêa* dos indios *Tocaioz*, de Lorena.—Determinou-se que este caminho ficasse vedado por ser das minas. Seria bom que se procurasse descobrir esta memoria, que talvez pare na camara municipal da Bahia.

16 de Março de 1805.—Pela opportunidade da partida, para o Rio, do paquete *Santa Margarida*, que transportava o tabaco da remessa da India, n'elle mandou-se 4 rapazes, que fossem sendo vaccinados successivamente de braço a braço, e para isso ia o ajudante do cirurgião do regimento de linha da Bahia José Francisco Machado. Havia já remettido o pús vaccinico em vidros para o vice-rei, governador de Angola e da capitania de S. Paulo de Loanda.

24 de Julho.—O governador da capitania do Espirito-Santo remette para a Bahia amostras de louro de uma

mina das margens do Rio-Doce, mas sem especifiar distancia, riqueza da mina e facilidade da exploração.

3 de Setembro de 1805.—José Gomes de Sá Lobo Maia, secretario nomeado do governo de Matto-Grosso, descobriu nas pedras de um ribeiro visinho á povoação de Nasareth, districto da villa de Jagoacipe, da comarca da Bahia, azougue purissimo. Mandou-se a esse exame Manoel Ferreira da Camara, intendente das minas.—Manda amostras de ferro de Maragogipe. Talvez exista na camara municipal algum roteiro ou noticia a este respeito.

20 de Setembro de 1805.—Remessa pelo navio *Trovoada*, de 26 arrobas e 7 arrateis da *quina* de Camamú, dois frascos de quina branca em pó, e em casca, e extracto em vinho. (Officios ns. 119 a 121).

Pará

(Carta de Martinho de Sousa e Albuquerque ao director da villa de Souzel, 12 de Agosto de 1787.)

« Hontem recebi a carta de vossa mercê de 29 do mez passado (Julho), n'ella vejo o triste successo acontecido no sitio do indio piloto Francisco Roberto, no dia 18 de Julho, e que vossa mercê em alcance dos aggressores ou gentio *Mundurucú* mandára uma escolta, cuja fizéra o damno ao dito gentio referido: é necessario procurar afugental-os, e se possivel fosse era melhor apanhal-os á mão, do que matar nenhum, por não horrorisar aquella gentilidade, que muitas vezes pelo horror que lhes faz o máo tratamento que lhes damos, é que *fogem de nós e nos perseguem*; e por esta reflexão, que tenho feito, é que tambem tenho dirigido á maior parte dos directores diversas ordens, em que lhes declaro o modo com que se devem haver n'estas occasiões, sendo o ultimo remedio, que se ha de applicar, o matar n'elles, o

que só se deve fazer para livrar as vidas da nossa gente, se este fim se não póde conseguir, com persuadil-os e acarinhal-os, para que busquem as nossas povoações ou sitios. »

(Carta do mesmo a João Pereira Caldas). Diz que Caldas a 14 de Agosto referia o grande perigo em que se tinham visto Manoel da Gama e mais officiaes, que se achavam no Rio-Branco, em uma alagação que tiveram da outra banda da cordilheira, que nos separa dos dominios hespanhoes do Orinocco, e que o dito Manoel da Gama, depois estivéra em outro maior perigo em uma cachoeira.

N'aquella mesma carta dizia o Caldas quanto desejava que lhe viesse sua patente e tudo mais corrente para tomar a sua posse e gozar do seu novo emprego, ao que se lhe respondeu que estava tudo prompto no reino, mas que até então nada tinha vindo.

« Pelo que respeita á diligencia do rio das *Trombetas*, nada por ora lhe posso dizer, pois Luiz da Rocha nada fez, que podesse servir, por não poder penetrar o dito rio senão até á primeira cachoeira por entrar a vasar com muita força e lhe principiar a adoecer toda a gente; e agora ha tanta falta d'ella, que ainda não pude dar principio a cousa alguma; mas o tempo descobrirá algum caminho, e eu estimarei ter possibilidade de effectuar esta diligencia, visto V. Ex. me dizer a sua importancia. »

Falla tambem n'essa carta, de uma copia da *Historia do Rio-Branco*, que parava em poder de Caldas.

Ao mesmo do mesmo Martinho de Sousa e Albuquerque (9 de Dezembro de 1787).

« E' bem desagradavel o ter (V. Ex.) passado toda a sua

mocidade, como V. Ex. pondéra, n'este paiz remoto, andando por fóra de sua casa já ha 34 annos, sem cuidar nos interesses d'ella, nem gozar do prazer da vida, separado de sua familia e parentes, mettido sempre em labyrintos do governo, o que eu considero que é um dos maiores trabalhos, que os homens podem ter, tendo ultimamente rezidido em Barcellos, capital do Rio-Negro (Amazonas) por espaço de 7 annos com tanta lida, e tantos diversos trabalhos e qualidades de negocios. »

10 de Dezembro.—Falla das ordens, d'onde consta as providencias dadas pelo coronel Manoel da Gama, para povoar de gado vaccum os ferteis campos das margens do Rio-Branco.

Em Alemquer havia pouco gado, já em 1784, quando lá foi: haverá talvez algum adiantamento agora, porque Luiz da Rocha, que a dirige, é alguma cousa efficaz. Isto diz o governador no officio acima citado.

1° de Julho de 1787.—Paz e reducção do gentio *Mura* (carta de Caldas).

A 17 de Outubro d'esse anno fazia justamente 7 annos que Caldas chegou a Barcellos.

14 de Dezembro de 1787. — Alexandre Rodrigues Ferreira, accusando que recebêra e ia remetter para Lisboa 31 volumes da 7ª remessa das collecções naturaes, e n'esta carta encarece os grandes serviços e trabalho do dito naturalista.

19 de Dezembro de 1787.—Para a camara de Macapá. Pediu um medico, mandou-se-lhe um cirurgião: parece que os pobres enfermos deram-se peior com elle do que com a molestia. O governador intima que ninguem póde vender, nem preparar remedios, que é contra a lei, que chamem o

cirurgião, mas não quando estão para morrer só para o arguirem de ignorante! Ordena que o chamem em caso de qualquer molestia.—E como recusam pagar, que sejam obrigados a isso, dando 80 rs. por visita, além dos preços do medicamento. O cirurgião era Joaquim Ferreira. A ordem supra foi expedida á sua reclamação d'elle.

FIM DO APPENDICE

NOTAS

Á pag. 63 do tomo XXXIV parte segunda da Revista Trimensal do Instituto Historico.

D'esta piedade e devoção dos marujos portuguezes, quando navegavam em companhia de missionarios em viagem de longo curso, ficou a todos aquelles e aos nossos uma conhecida indizivel quigila com os homens que vestem samarra ou batina. Frade ou padre a bordo são causas para aquelles de máo agouro. Lembra-me a proposito uma anedocta que referiu-me meu amigo e confrade Gonçalves Dias, do nosso primeiro bispo Leitão : *vox populi*, e eu aqui a repito. Escandalisado este devoto e excellente prelado, depois martyr, com o vocabulario *hespanhol* e arrepelado, que usavam a bordo, e capaz de pôr em debandada toda uma procissão de *Corpus* com S. Jorge, seus escudeiros e os respeitaveis vereadores da illustrissima municipal; entrou em praticas com o commandante da náo aconselhando-o a mudar de systema, e a trocar essas expressões pelos santos de sua invocação.

Como ! Pois o nome de Deus em occasião de perigo não valeria mais do que o do inimigo do genero humano? E aquelle famoso S. Telmo além de portuguez, não seria dado para refrigerio, amparo e salvação dos marujos ?! Que lhe custava muito pouco a experiencia, quando a termo d'isso ganhava a salvação da alma !.....

Para se ver livre de tantas importunações, prometteu o capitão de adscrever-se ás pias admoestações do bispo. D'ahi em diante, os hypocritas dos marujos, que tinham percebido volta no animo do commandante, nada mais fizeram com gôsto. Era tudo uma lentidão nas manobras, uma man-

driice na fachina, cabal por si de enfurecer um santo, quanto mais um homem rude do mar!

—Ala o braço do joanete, com a Virgem Santissima! Ordenava o commandante.

—Ala as escotas, &; repetia a companha, e elles escangalhavam-se com riso, e nunca se alavam os braços ao joanete! O capitão mordia-se, espumava. arrepellava a barba; mas calava-se. O bispo, esse vangloriava-se na sua humildade do effeito da prégação.

Um dia, porém, ao passar a linha, navegavam os nossos mareantes quasi em calmaria podre; todas as vellas frouxas e a baterem, e a náo á matroca ou pouco menos; mas eis senão quando lá no horizonte lobriga-se uma nuvemsinha de máo agouro. O commandante subiu ao convez onde se achava o reverendissimo embebido em extasis. Deu logo com os olhos na nuvem e no bispo. Franziu os sobr'olhos; porém lembrando-se da promessa, brada: Ferra o latino com todos os santos da côrte do céo.

—Ferra o latino, repetiu a maruja, levantando-se dos seus lugares com todo o vagar e esfregando os olhos. N'isto approxima-se a nuvem com incrivel rapidez. Um tufão apanha as vellas, e o navio adorna e mette a borda n'agua.—Amaina com mil d'...... grita o capitão furioso. Ferra a vela grande com mil bombas! Máo raio os parta, seus filhos d'uma..... á faina e tudo arrêm com milhão de milhões de diabos! Animados com taes exhortações, fazem os marinheiros depressa a manobra, o navio dá a pôpa ao vento, e navega em arvore secca e fóra de perigo.

—Filho, diz-lhe o bispo ainda esbaforido com o effeito do tufão, seja tudo pelo amôr de Deus!

—Não me venha V. Rev. com as alicantinas que já me deitaram a perder toda a gente. Façam agora d'elles padres ou frades, ou o que quizerem; porém marujos não hão de

ser em dias da sua vida. Máo raio o parta! Onde se viu padre marujo ou marujo feito santo?......

—Olhai, canalha, proseguiu o capitão fóra das estribeiras, quem tiver o desaforo de me dizer a bordo *amen* ou *Dominus vobiscum*, ou causa assim, vai direitinho para o cesto da gavêa por seis horas, para que fique mais perto do céo. O tal snr. S. Telmo se queria ser santo ás direitas, devia vir no principio e não no fim da trovoada, e avisar a gente para prevenir-se. Filho, replica-lhe o bispo, bem vejo que isto não podia ser um paraizo........ Isto é um inferno! Sr. bispo, fique V. Rev. n'isto, que esta ralé são uns excommungados a quem nem o demo pode soffrer; mas deixe-me V. Rv. com elles, que os mando a todos para as profundas do inferno, quando não me andarem assim direitos.

E o bispo chegou a S. Salvador da Bahia na companhia d'aquelle heretico porém optimo capitão!

Nota B.—pag.—63 do tom. XXXIV da revista Trimensal do Instituto Historico.

Na *Chronica da Companhia* de Balthazar Telles, livro III, cap. VII, n.º 4 lê-se o milagre da cabeça de peixe pela seguinte forma:

« Vendo o padre, que o não podia com palavras persuadir, a que deixasse aquella sua imaginada devoção, com uma certeza prophetica do que havia de succeder (semelhante em parte ao que succedeu a Christo, Senhor nosso, quando mandou a Pedro tirar o peixe, para pagar aos ministros, que arrecadavam o tributo) disse ao governador, que mandasse lançar uma linha no mar, e que conforme ao que tirassem, veria qual era a vontade divina n'aquelle particular: lançou-se a sedella, com grande alvoroço dos presentes,que estavam esperando o lanço d'esta pescaria; senão quando (cousa maravilhosa) vêm todos, que vinha presa no anzol uma ca-

beça de peixe, sem o mais corpo, que os anjos, sem duvida, alli tinham cortada e apparelhada, para o cumprimento da doutrina e verdade do padre.»

« Foi em todos o espanto igual á novidade, e o governador movido com tão evidente signal, e confirmado no que o padre Nobrega lhe tinha dito, não querendo perder occasião de quebrar o agouro, com tão milagrosa iguaria, mandou cozer a mesma cabeça, comeu-a alegremente e repartiu d'ella, por todos com grande gosto seu, e espanto dos presentes. Grande foi a opinião, que por esta causa e outras semelhantes cobrou o governador da santidade do padre Manoel de Nobrega.»

Nota C.—pag. 69.—(*Obra cit*).

—Reducções e reductores—cap. VI, vol. II dos Bandeirantes, romance por José da Silva Mendes Leal.

A situação e a influencia dos jesuitas na America foi por muito tempo assumpto de largas controversias, que o interesse e a paixão frequentemente inspiraram. Em grande parte se acham hoje obliteradas ou esquecidas as allegações contraditorias d'essa epocha. Util é entretanto não arredar inteiramente os olhos de taes memórias. Bem que as razões da contumaz porfia não de todo se apagassem, antes pareça que por vezes reverdessem, a historia imparcial póde com frieza e serenidade volver os olhos ao passado, de que mais de um seculo a separa.

Injustissimo fôra negar que as missões ou grandes aldêamentos dos jesuitas, em verdade constituiram, principalmente na sua origem, um dos mais assignalados serviços á colonisação e civilisação d'America do Sul. Nenhuma cousa se glorifica e engrandece, detrahindo e apoucando meritos reaes, e as mais justas são exactamente as que menos precisam e usam recorrer a expedientes, que o bom senso e a

moral igualmente condemnam. N'aquella vasta e difficilima colonisação, como em muitas outras cousas, a companhia, digamol-o com desassombro, foi instrumento de progresso. Um dos segredos da sua força era, e é adquirir e preparar homens eminentes em tudo e para tudo. As missões americanas contaram não poucos universalmente conhecidos e apreciados.

Não menos injustas porém são as apologias exclusivas, que attribuem todas as excellencias e todas as virtudes ao systema seguido pelos padres n'aquellas missões. E esse systema estava bem longe de realizar o ideal que nós agora desmedidamente encarecem, affeiçoando-o á moderna.

Para bem averiguar e analysar tal systema, seria pouco um livro. Procuremos apenas aqui resumir alguns traços principaes, quanto caiba n'um capitulo accidental, e quanto seja sufficiente para explicar a scena que na sequencia d'esta narrativa teremos d'apresentar aos leitores.

As sérias perturbações, muita vez resultantes das doutrinas e praticas da companhia, os effeitos a miudo terriveis, da sua antiga influencia nas côrtes e nos povos, andam já remotos, e a distancia tem induzido muitos escriptores, aliás de bôa fé, a uma benignidade, de que os sectarios, mais ou menos ostensivos, logo se prevalecem como de outros tantos insuspeitos testemunhos.

Basta porém approximar aos panegyristas os impugnadores, para ver como estes ultimos se apoiam mais geralmente em factos demonstrados e em documentos de perfeita authenticidade. Nem os fundamentos da defesa, commummente citados, podem ter o necessario caracter de rectidão, quando repetidos exemplos estão certificando como os precautos chronistas da sociedade, segundo já notaveis autoridades evidenciaram, não raro desfiguravam os successos contemporaneos, guardando estas relações para serem publicadas,

como foram, a tempo em que já não existissem os que as haviam presenciado ; propagando-se por este modo falsas noções autorisadas só por falsissimos annaes.

Mas alto do que tudo quanto se haja escripto, ou possa escrever, em desfavor da companhia, depôem as suas lutas contra todos que não conseguia avassalar. Assim a vimos alliada inevitavel de todos os poderes, ainda os mais infestos á humanidade, quando em casa se lhes insinuava e elles a serviam; sua inimiga declarada, suscitando-lhes por todas as maneiras inimizades, mal querenças, estorvos e perigos, quando não os achava doceis ás imperiosas e insaciaveis exigencias. D'aqui a astuta flexibilidade com que sabia introduzir-se, encolhendo-se para se fazer pequena e humilde, e a arrogante e soberba com que se erguia ameaçadora, tanto que segurava o pé. D'aqui as suas odiosas diffamações e violentas disputas com as congregações, com os antigos parlamentos, com as academias, com as universidades, com as ordens monasticas, com os prelados, com os soberanos, com os proprios pontifices. D'aqui as insidias multiformes, as ardilezas continuadas, os principios contraditorios, o casuismo subtil, a dobrez constante, a acção dissolvente, as maximas perniciosas !

A mais concludente e mais irrefragavel sentença de sua condemnação está justamente n'essas maximas, perpetuadas nos livros dos seus primeiros doutores, em Bellarmino, em Furriano,em Gregorio de Vallencia, em Soares, em Mollina, em Ribadaneira, em Keler, Vasques Cresvel, Lecio, Gretzero, Azor e tantos mais; no famoso *Amphitheatro da honra*, no *Manuale sodalitatis*, nos *Axiomas* de João de Sallas, nas obras de Sanches, n'um catalogo interminavel de escriptos, onde se encontra estimulo ou desculpa para toda a rebeldia, para todo o relaxamento, para todas as fraquezas, para todos os attentados.

Este sim, que será sempre libello inconfutado e decisivo, não imputavel a prevenção ou antagonismo !

A organisação da companhia, mais politica do que religiosa, a educação com que predispunha os seus membros, absorvendo de todo o individuo na corporação, dava-lhe aos cabeças irresistivel persistencia de acção, infinita diversidade de recursos, e fôrça incomparavel. Foi-lhe a generalidade da rudeza e ignorancia maravilhoso auxilio. Os seus propositos eram immutaveis como a divisa que adoptára: *sit ut sitand non sit.* Rodeavam-n'a interesses comparativamente ephemeros e com frequencia inconciliaveis. O d'ella, permanente e indivizivel, olhando ao longe, e superior ás ordinarias restricções da vida humana ou mutuamente as contrapunha, ou absolutamente as regeitava. A' execução de um pensamento uniforme e dominante subordinava, com prodigioso tacto de apparente inconstancia, os instrumentos mais disparatados. Isso tem por vezes illudido observadores superficiaes. Era o seu segredo: unidade no conceber, variedade no conseguir, E' ella o preceito, subversivo de toda a moral, e desgraçadamente invocado ainda por muitos ambiciosos sem alma : « que os fins justificam os meios » !

Em taes circumstancias, e com taes elementos, fez-se-lhe em breve a ousadia infrene e illimitada a ambição.

Acordaram tarde os ciumes das corôas. Assoberbava-as, fazia-as já tremer a mysteriosa potencia medrada á sua sombra. Para abalar e desarreigar o colosso foi preciso uma conjuração de reis !

Se as tendencias sempre invasoras da sociedade de Jesus, como ella mesma se chamava, tão audazmente chegou a manifestar-se no Europa ante os olhos dos poderes supremos, claro é que mais desafogadas e soltas se desenvolveriam em colonias apartadas, fóra d'esta poderosa e já desconfiada vigilancia, tendo apenas por fiscal uma autoridade dele-

gada e incompleta, que diversas influencias facilmente podiam submetter-se ou abrogar.

Assim effectivamente succedeu. Podemos severamente julgar a politica nefasta da companhia sem recusar o merecido tributo de admiração ao espirito, ao valor, á perseverança e abnegação de não poucos dos seus missionarios. Se a cobiça desmarcada se tornou o movel d'aquella, ou desprendimento de todo o pessoalismo, era a virtude ordinaria d'este e a consequencia da sua disciplina.

Foram pois as missões dos jesuitas util catechese, esforço heroico, desbravamento fecundo: com o tempo degeneraram muitas d'ellas em meros centros commerciaes, de que a sociedade auferia o melhor nos lucros, e sobre os quaes exercia pleno dominio e soberania, a bem dizer independente, com enorme damno das outras populações, e usurpação notoria dos direitos nacionaes.

Entre as missões jesuiticas da America, as de Hespanha e Portugal tinham caracteres differentes. Conheciam bem os padres a indole diversa dos dois povos, e segundo o seu costume por esta se moldavam.

Nas provincias brasilicas davam-se por defensores da liberdade dos indios, como incansaveis apostolos de benevolencia e misericordia; e tanto de si o repetiram e apregoaram, que homens doutos e sinceros, com excesssiva ingenuidade, o vieram depois a reproduzir.

A ostentosa mansidão, que tem contra si provas irrespondiveis, occultava uma especulação rendosa.

Os tumultos do Pará, do Maranhão, e d'outras provincias contra os padres exprimiam o descontentamento dos concurrentes á exploração colonial, por elles essencialmente lesados.

Lesados eram com effeito os colonos e povoadores, porque, apropriando-se os padres dos indios, eram os fazen-

deiros obrigados com muito maior dispendio a importar braços d'Africa para cultivarem as terras, o que naturalmente lhes encarecia os productos, de modo, que não havia poderem competir com os dos estabelecimentos dos jesuitas. Certo é que a avidez brutal de muitos d'estes fazendeiros, tão deshumanos como inhabeis, secundára poderosamente as usuaes cavillações dos padres, autorisando-lhes a especiosa indignação, e facilitando-lhes o obterem para si todos os beneficios das bullas alcançadas em Roma, e de um regime legislativo que, a bem dizer, lhes entregava a população nativa, ficando para os pobres gentios esse regime, que suppunha protegel-os, ordinariamente letra morta. Certo é que deploraveis erros e vicios tornaram plausiveis os clamores. Mas nem por isso se ha de conhecer, que a tarda brandura da companhia só despertou, quando n'isso lhe ia um immenso interesse inteiramente mundano.

Nos principios da colonisação o padre Nobrega escrevia ao governador Thomé de Sousa: « *em mentes o gentio, não fôr senhoreado por guerra e sujeito como fazem os castelhanos nas terras que conquistam,nada se faz* «com elles » O padre Ruy Pereira notava pelo mesmo tempo: « *ajudou grandemente a esta conversão* (dos indios) *cahir o governador na conta, e assentar que sem temor não se póde fazer fructo.* » Pouco depois memorava o padre Anchieta: « *sobre estes indios já temos sabido que por temor se hão de converter mais* que por amor. » O padre Vieira comparava-os, na sua opulenta phrase, ás estatuas de murta « que nos jardins facilmente se talham á tesoura, mas como as deixem algum tempo á vontade, logo volvem ao natural tortuoso e agreste. » Tal conceito provinha exactamente dos mais activos e meritorios missionarios. Concordavam então na necessidade do rigor, e a elle incitavam os primeiros chefes e capitães europêos.

As exhortações e apparatos em favor dos indios começaram só quando os aldêamentos interiores entravam a frutificar, e os padres, cerceando as rendas ao Estado, como os governadores ulteriormente representaram, se fizeram administradores d'engenhos e monopolios. Nas provincias do sul, onde era mais rara, ou mais difficilmente chegava a escravatura africana, o odio á companhia crescia naturalmente em violencia. Os resolutos paulistas, costumados a decidirem por si suas contendas, varias vezes forçaram as casas dos jesuitas a condescendencias e pactos, que bem claro manifestavam o antagonismo de interesses entre elles e os povos. N'estas extremidades os padres, tirando partido ainda dos seus privilegios, consentiam n'uma como sublocação dos indios, e quando, apezar de tudo, a actividade dos seculares os affrontava, induziam esses gentios a faltarem aos contratos effectuados, promptos a acudir por elles em nome da humanidade, sempre que os locatarios irritados tentavam compellir os fraudadores a satisfazer as clausulas pactuadas. D'estes repetidos subterfugios nasciam mil complicações, que todas redundavam em maior vexame dos pobres indigenas com toda a sorte de cruezas e crimes.

Os fazendeiros ponderavam: — para que hemos de procurar braços caros ou sujeitarmos aos inconvenientes dos contratos que taes, como são muitas vezes, se não conseguem sem luta, quando á mão podemos haver esses braços comparativamente de graça? Esta é a origem do barbaro uso dos descimentos e amarrações, que não eram senão numerosas expedições ou bandeiras feitas em commum, para ir caçar e escravisar indios bravos aos sertões, aonde não chegava a jurisdicção das missões ou dos collegios.

As rixas, as invejas, as ruins paixões que muitas vezes tornavam impossivel o exercicio da autoridade, e por toda a parte campeavam sem freio e sem tino, tinham sido tam-

bem em grande parte semente lançada á terra pelos padres, com a sua frequente e ousada intervenção no tocante ao poder temporal, e com os enredos e motins que armavam para expugnar qualquer autoridade, que lhes quizesse pôr cobro aos desregramentos. Muitas e muitas informações officiaes plenamente o attestam (*). Tentára o governo esclarecido e firme do marquez de Pombal sanar estes inveterados males, restaurando o imperio a respeito da lei, assim antes como depois da expulsão dos jesuitas. Desgraçadamente a infecção vinha de longe e havia-se entranhado profundamente. Se uma salutar severidade logrou parcial e temporariamente, como em Goyaz, restabelecer a boa ordem e conter os discolos, este grande beneficio nem foi geral nem persistente. Não coube no tempo extirpar a gangrena que em muitos chegára ao coração. A apregoada liberdade dos indios nos aldêamentos dos jesuitas, pareceria irrisão a homens cujo espirito sinceramente se houvesse illuminado. Por isso não convinha á tradicional precaução dos padres esclarecer os conversos. Que a mais zelosa catechese exercida sobre homens tomados no estado selvagem não conseguisse d'elles senão amansal-os, podia ter explicação e desculpa. Mas que os filhos, os netos e descendentes dos primeiros neophitos, nascidos, creados e educados sob as tutellas dos padres, e com elles os proprios mestiços, que muita vez participavam de sangue europêo, conservassem tanto de boçaes, e nunca passassem d'aquella meia barbaria essencialmente favoravel á sujeição passiva, singularidade é que bem demonstra um plano e premeditação. Sobre este facto, de si tão concludente passa de leve o minucioso Southey com haver-se obstinadamente empenhado

(*) Entre infinidade de outras a carta de Diogo de Menezes, governador da Bahia, ao rei Filippe de Castella.

em defender os jesuitas, preoccupado provavelmente com a idéa de que se o contrario fizesse, o dariam de suspeito por ser protestante, não advertindo que o dever do historiador é não se mover de nenhum cuidado de si, mas unicamente escutar o que lhe dicta a consciencia ante o que os documentos lhe authenticam.

Esta porém é com effeito uma das mais graves provas contra o preconisado systema. Das artes mecanicas ensinavam os padres aos indios, aos seus indios, como elles com muita propriedade lhes chamavam, tudo o que aos estabelecimentos da companhia era necessario, e não só das artes mecanicas, senão tambem de mais altos misteres. Conseguiram assim fazer d'elles tecelões, pedreiros, canteiros, marceneiros, capinteiros, oleiros, alfaiates e até esculptores e pintores. Não faltava portanto a esses cathecumenos intelligencia susceptivel de todos os desenvolvimentos. Porque seria pois que em tudo o que n'outras espheras lhes podia allumiar a razão os deixavam como em perpetua infancia? Ainda mais: porque lhes não generalisavam a lingua portugueza ou hespanhola, segundo o paiz a que nominalmente pertenciam, antes preferiam apprender elles os dialectos barbaros, não já para as primeiras conversões, o que seria indispensavel, mas para uso permanente e commum, o que menos se explica? E não era tambem incapacidade dos indios para fallarem idioma diverso do seu, pois que além do *Tupy*, ou lingua geral, vulgar por todo o sertão, as diversas tribus e nações facilmente se familiarisavam com os termos que ouviam ou precisavam empregar, quando se achavam em contacto com gente civilisada.

N'aquella constante pratica, transluzia evidentemente o proposito de segregar os seus tutellados de quaesquer relações, que podessem communicar-lhes idéas diversas das que exclusivamente lhes incutiam. Escravidão em verdade

era esta, e a maior de todas, e a mais profunda e completa, porque em trevas encarcerava o entendimento, e até os impulsos da vontade supprimia.

Teve sempre a companhia o segredo e o methodo de quebrantar o espirito e o animo aos seus educandos, por modo que todos na mão lhe ficassem. Que melhor o não lograria com gente rude e simples como era aquella. A escravidão imposta pelos moradores tinha contra si a franqueza da violencia; a que os poderes exerciam, fortemente cimentada no obscurantismo, offerecia á vista menos asperezas. Sendo estes, como eram, muito superiores áquelles em saber, instrucção e engenho, cuidavam do que nem aos outros occorria; isto é, de burnir decentemente as apparencias. Esta é a exacta differença.

Dois modos empregava a companhia para segurar os seus captivos, bem melhor do que se os trouxesse acorrentados: o terror das superstições, e uma calculada indulgencia com os vicios das hordas selvaticas em tão ardente clima!

Larga existencia tinham tido as missões sem nunca produzirem verdadeiros christãos. Phenomeno era com effeito? Nos primeiros seculos da igreja a doutrinação dos seus ministros havia rapidamente modificado as tribus dos vandalos e dos frankos, não menos barbaros que os guaranys ou boeres. D'onde procedia a resistencia d'estes? Com assombro se reconheceu, que a prolongada catechese apenas implatára algumas praticas estremes de todo o culto, não sem mesclada anterior idolatria, facilmente tolerada.

Em vez da moral evangelhica, tão comprehensivel por singela e natural, uma serie de lendas complicadas, em que só figuravam santos da companhia, milagres da companhia e ostentosas demonstrações da omnipotencia da companhia, tudo destramente affeiçoado ás grosseiras crendices e rudimental imaginação de taes povos. Quaesquer bemaven-

turados, que não tivessem tido a fortuna de ser membros da sociedade, embora canonisados pelos pontifices, eram sem cerimonia expropriados do seu lugar no Paraiso, em razão das rivalidades com os missionarios carmelitas e as outras ordens.

Pelo lado propriamente religioso os padres pouco mais tinham feito do que substituir-se aos feiticeiros das tribus, e a sua influencia era tanto maior quanto para isso os avantajavam singularmente os recursos da intelligencia e da cultura. Quando o poder secular conseguiu emfim entrar nas missões, foi lá encontrar os multiplicados mecanismos do armazem de visualidades melhor provido. As imagens dos santos, com olhos, linguas, e braços movediços, sem contar outros artificios, eram articuladas e preparadas para todos os effeitos das phantasmagorias scenicas.

A chimica e a physica, sciencias cultivadas sempre com singular esmero pela companhia, cooperavam tambem para arreigar no espirito credulo da pobre gente, não as verdades amoraveis e consoladoras do Christianismo, senão a crença no poder sobrenatural dos seus directores. Dupla e sacrilega fraude, que fazia servir as mais nobres conquistas da razão á perpetuidade e dos mais venerandos symbolos da fè ao sophisma d'ella!

Aos olhos dos rudes neophitos os padres tomavam o logar dos seus payás ou pagés, ou feiticeiros e advinhos de quem tremiam como de outros tantos delegados favorecidos de uma divindade tremenda! O charlatanismo vulgar d'aquelles impostores boçaes ficava a perder de vista ao pé das artes de homens cultos. Isso facilitava as conversões, mais determinadas pelo receio, do que nascidas da persuasão. Em realidade não se fazia senão mudar de superstições, ou antes do objecto da superstição. Nos proprios vocabularios da lingua brasilica se conservam significativos indicios d'esta

assimilação, feita no espirito dos naturaes entre os padres da companhia e os nigromantes indigenas. Aquelles padres eram designados com o nome de *payabunas*. A famosa *Relacion historial*, do padre Juan Patricio Hernandez, é um dos monumentos mais curiosos da extravagancia de invenções com que n'aquellas paragens procurava a companhia seduzir a credulidade. A sua origem não póde ser confutada. Forjaram, escreveram, imprimiram, publicaram, e autorisaram este grosseiro tecido de fabulas, que os proprios jesuitas foram obrigados a confessar por fabulas, taes eram e a tanto haviam chegado! O padre Charlevoix, traduzindo a obra trinta annos depois d'impressa e divulgada, omittiu e dissimulou todas as circumstancias que lhe pareceram mais difficeis de digerir na Europa culta. E estava-se ainda em meios do seculo XVIII!

Que demonstração haverá mais clara e expressiva do que este pio subterfugio?! Poderia aquelle ser efficaz ardil para alienar as difficuldades, manter a influencia e segurar o dominio; mas verdadeira conquista religiosa, desenvolvimento civilisador, seguramente não era. Não era, pois que as gerações successivas, como aliás fôra natural, senão iam gradualmente distinguindo e ennobrecendo pela proporcional instrucção e mais clara intelligencia das maximas salutares da igreja.

D'ahi proveiu que, ao fim de tantos annos d'absoluta e exclusiva sujeição á companhia, os seus aldêamentos só appresentavam uma população que trocára a fereza selvatica pelo embrutecimento da incommunicabilidade, e a energia natural pelos pavores pueris; população sem faculdades de iniciativa, sem sentimentos de fraternidade, sem idéa de patria, vendada pelo erro, derrancada pela ignorancia, comprimida pelo artificio, enfastiada pela uniformidade e por isso mais saudosa de licença, incapaz em

summa de viver por si e por isso inhabil para dar futuros cidadãos.

Por este methodo, obtêm-se com effeito instrumentos, mas não se fazem christãos nem homens!

Os indios da companhia serviam para ella, e para mais ninguem,porque mais ninguem podia empregar semelhantes meios de os submetter. Dês que lhes abrissem a estufa em que os creava e recatava esta ciosa vigilancia, ou se dispersavam ás primeiras auras bravias, ou succumbiam á inopinada mudança de regimen. Não podia deixar de ser. Bem o previam seguramente os atilados padres, e duplicado era o beneficio que d'ahi lhes provinha: não deixavam forças vivas que outros utilisassem, e preparavam poderoso argumento em seu favor em a infallivel e inevitavel ruina das missões que tinham feito florescer.

O systema da companhia seria excellente para os seus interesses, para os da religião e das nações a quem dizia servir, afoutamente se póde asseverar que não. Pesada escravidão era tambem, e escravidão que só aos seus augmentos aproveitava. Condemnava-a a humanidade, sem que alguma commum utilidade, a desculpasse. E era uma absorpção egoista, que sophismas não podem absolver, pois que a especiosa allegação de desenvolverem assim os padres o commercio, proporcionando a todos vantagens que sem elles não gozariam, é insustentavel perante a mais perfunctoria analyse. Em vez de desenvolverem o commercio, oppunham-lhe monopolios que o suffocavam; e a sombra d'exorbitantes privilegios prejudicavam o Estado, privando-o a um tempo de rendas copiosas e dos mais necessarios elementos de actividade.

E nem o rigor physico faltava para reprimir nos indios das missões o que a pressão moral acaso lhes deixára por mandar. Em todas ellas, tanto que o influxo firmava o senhorio, levantava-se o inevitavel *tronco*, onde qualquer

symptoma de indocilidade, a titulo de penitencia recebia prompta e severa correcção.

D'esta maneira se fez com o correr dos tempos pernicioso abuso, o que fôra no introito auxiliar fecundo.

O Brasil herdou dos jesuitas muitos e formosos edificios, ainda hoje os melhores e os principaes do Imperio, na construcção dos quaes empregou a companhia grande parte dos enormes cabedaes por tal forma adquiridos e accumulados. Verdade é esta que tambem se não deve esquecer, e por esse lado util, se ha de considerar a acção da potentissima sociedade. Semelhante compensação porém, com ser importante, nem remotamente equivale aos lucros cessantes,nem aos damnos emergentes d'essa mesma acção essencialmente usurpadora e parasita.

Um homem de genio, Sebastião José de Carvalho e Mello, advinhou em toda a sua extensão os males que alli estava fazendo e ia adiantando a companhia, e travou-se em temerosa luta com ella. Era de alma excepcionalmente temperada o concebel-o e ousal-o!

O regulamento de 3 de Maio de 1757, conhecido com o nome de directorio dos indios, verdadeiro codigo de emancipação, foi um dos actos mais importantes, e dos feitos mais graves n'esta porfiada contenda.Por elle se retirava aos padres a absoluta disposição dos indigenas, e se faziam estes verdadeiramente membros da communidade nacional.

Muitos commettimentos do grande ministro têm sido excessivamente louvados, emquanto este apenas se menciona. Pois nenhum merecia maior apreço e admiração. Transluz em todo elle uma largueza de intuitos, e um espirito de humanidade, e um sentimento de justiça, e uma benevola philosophia, que muito e muito se adiantam ao seu seculo, e tanto honram o homem que assim o concebeu como o paiz em que foi promulgado.

Quando em Portugal senão qualificar de superfluo tudo o que interessa deveras a sua honra e bom nome; quando as paixões miserrimas, que tantas cousas confundem e desfiguram-nos, não empoeirarem o horizonte; quando a *politiquice* dos *politiqueiros* permittir que tratemos seriamente do que é serio; quando, emfim, com os documentos na mão, pensarmos melhor em reivindicar perante os concilios illustrados da Europa, o lugar de que a alheia vaidade e a nossa propria incuria injustamente nos trazem esbulhados; será este codigo um dos muitos titulos, e um dos mais valiosos, com que poderemos e deveremos apresentar-nos a instruir e evidenciar o nosso direito de primazia em assumpto, que outros hoje sem razão se desvanecem de ter iniciado.

Desgraçadamente as suas justas e beneficas provisões foram a bem dizer annulladas, em parte pela dissolução dos costumes; em parte pelo estado da apathia em que os habitantes dos aldêamentos foram encontrados; em parte porque os encarregados da sua execução mal podiam entendel-o e medir-lhe o alcance; em parte finalmente pela resistencia dos padres.

Esta resistencia, então dissimulada, annos antes havia se abertamente manifestado em sublevação armada contra as ordens e as tropas das duas côrtes de Madrid e de Lisboa; e começando a abrir os olhos aos governos peninsulares, viéra de certo a influir gravemente na resolução de expulsar a companhia dos dominios de ambas as corôas.

O tratado de limites de 1750 levára em 1752 aos territorios das missões hespanholas os commissarios das duas nações, encarregados de traçar a linha divisoria da fronteira americana. Os commissarios não poderam então passar das nascentes do Rio-Negro, porque se lhes oppozeram os indios, instigados pelos jesuitas em nome de um phan-

tasma de rei indigena, por nome Nicoláo, que subitamente se apresentou declarando-se senhor do paiz. Entidade era esta perfeitamente desconhecida até alli, em tudo destoante dos costumes gentios, pura creação dos padres para soar ao longe, a quem ignorasse os usos d'aquellas terras, e testa de ferro inventada para servir de pretexto e disfarce á ousada rebellião, proporcionando-lhe evasivas em caso de mallogro.

Não iam os commissarios prevenidos, e tiveram de retroceder. Os dois governos indignados enviaram instrucções terminantes, e marcharam forças militares para debellar de vez os insurgentes. Em principios de 1756, depois de vencidas largas fadigas e infinitas difficuldades, reuniram-se uns tres mil homens portuguezes e hespanhoes nas cabeceiras do Rio-Negro, os primeiros ás ordens de Gomes Freire de Andrade, depois conde da Bobadella, varão em tudo insigne, heroe do poema *Uraguay*, os segundos sob o commando de D. José de *Andonaegui*, governador de Buenos-Ayres. Das cabeceiras do Rio-Negro marchou o pequeno exercito combinado ao rumo do noroeste, por sertões mal trilhados, contra os povos desobedientes. No terreno que medeia entre os ribeirões *Vacahy-guassú* e *Caciquey* sahiram os indios reunidos das missões visinhas a tomar o passo a estas forças, em som de guerra e em numero quatro vezes superior. Os padres tinham-se feito capitães e generaes, espingardeiros e artilheiros, manobristas, estrategicos e tacticos, disciplinando, dirigindo, instruindo os neophitos no uso das armas, municiando as peças, provendo emfim como se o breviario se lhes tornára em compendio bellico; tanto a companhia costumava precaver-se com homens para tudo, ou tanto o interesse da corporação incitava esses homens.

Feriram-se diversos recontros, até serem afinal derrotados os indios, conservando-se ainda o padrão do memo-

ravel desbarate. Nada menos foi preciso para n'aquelle ponto se chegarem a cumprir as clausulas do tratado! Perdêra a companhia o pleito; mas nem por isso esmoreceu. A fixação dos limites, determinando o direito e posse das duas potencias sobre os territorios que ella de facto dominava, annullava-lhe legalmente a soberania pratica, e suscitava os mais graves estorvos á execução dos seus evidentes planos. Convinha-lhe sobretudo o ignoto e o vago nos vastos terrenos onde ia reunindo uma população educada por ella, o que só via pelos seus olhos. Com este centro já poderoso, e em breve talvez inexpugnavel, com a rêde habilmente emmalhada pela America, bem podia vir perto o dia em que os seus padres, mais deveras senhores que os senhores nominaes, arrojassem fóra a mascara por escusada, e expoliando quem tão cegamente os patrocinára, podessem impunemente desafiar as iras tardias dos incautos desapossados. Para corroborar e justificar o feito não lhes faltariam argumentos.

Fôra ainda prematuro o ensaio das armas, e a companhia com a sua usual e consummada pericia torceu o caminho e o ataque. Transferiu para as proprias côrtes o principal campo da luta, emquanto por todos os modos continuava a promover as difficuldades locaes, approveitando as muitas que já offerecia a natureza e o solo.

Pozeram-se em campo os seus adeptos e secretos agentes, e começaram a estimular os ciumes e desconfiança das duas nações contra o tratado. Em Hespanha pintaram-n'o inteiramente favoravel a Portugal; em Portugal descreviam-n'o exclusivamente proficuo á Hespanha. E' decrepito e vulgar o estratagema, de ordinario porém bem succedido, como tudo o que mais falla á paixão que ao bom senso. Picou-se o amor proprio e a rivalidade dos que podiam dar informação competente, entráram a discretear, segundo o

costume, os que absolutamente ignoravam a materia; intervieram os sinceramente transviados por capciosas insinuações; exaltaram-se os patriotismos interesseiros e postiços, como geralmente succede n'estas occasiões. Tudo isto iam utilisando para soprar mais e mais a discordia uns zelos officiosos, cuja procedencia bem se póde inferir.

A poucos passos ninguem se entendia. Era o que os jesuitas queriam.

Conseguiam entretanto elles em Madrid, com differentes pretextos, na apparencia estranhos ao assumpto, fazer substituir, nas provincias que mais lhes importavam, as autoridades que os haviam combatido por outras da sua parcialidade. Na laboriosa prosecução dos respectivos trabalhos os commissarios achavam as aldêas das missões constantemente desamparadas, em virtude da mais clara premeditação.

Originaram-se d'estes factos novas complicações, allegações, demoras e impossibilidades, que serviram para desacreditar o pacto effectuado e augmentar as mutuas indisposições. Tal se tornou por fim a confusão, tantos foram os enredos, contradicções e clamores, multiplicarem-se de arte os obstaculos á demarcação, que as duas corôas, apesar da sua boa fé e empenho em cumprir o estipulado, cansadas, enfadadas, vieram a perder toda a esperança de accordo que podesse conciliar os descontentes. D'ahi procedeu a ulterior e funesta resolução de cancellar o tratado, repondo tudo no estado anterior.

Assim triumphavam na peninsula os jesuitas, vencidos no Uruguay, e estes assignalados exitos da sua politica, em lance tão arriscado e tão renhido certame com os poderes supremos, naturalmente os alentára em novas se bem que mais cautelosas desobediencias, facções e repulsas.

Não era porém o futuro Marquez de Pombal homem que se acobardasse ou desistisse do que emprehendia. A revolta

das missões, e o turbulento litigio que se lhe seguira, tinham lhe feito conhecer o poder immenso dos jesuitas na america, e dado occasião a estudar os segredos e importancia da sua vasta influencia na Europa. Aquellas vigorosas tentativas do ministro em favor do Estado, sendo em detrimento d'elles, tinham-n'os movido a declararem-se-lhe em opposição formal e desesperada, costumados como estavam a derribar todos os poderes adversos, conhecedores da propria força e certos de vencer, na fórma ordinaria, com os muitos recursos e variados meios de que dispunham. Na successão d'esta pessoal contenda viu-se ainda de mais perto o trama e o precipicio; e o proprio soberano chegou a conhecer, que duello de morte era aquelle em que ou um ou outro dos adversarios forçosamente havia de succumbir. Ou a jactancia da companhia, animada por longos sorrisos da fortuna, lhe fez presumir, que faltaria a Sebastião José de Carvalho o animo e a possibilidade de descarregar qualquer golpe decisivo, ou contava desfazer-se do antagonista ainda a tempo. Se previsse que tão cedo lhe faltaria a arena e a victoria, de certo se houvéra composto, sujeitando-se, até vêr desfeita a procella.

Posto que o curato de almas, exclusivamente exercido pelos jesuitas nos seus aldêamentos, fosse contrário á regra expressa do seu proprio instituto: *interdicimur etiam suscipere Curas Parochiales animarum*, os padres da companhia, com damno e descredito do clero regular, bem como das demais ordens, a quem sempre hostilisaram, relutaram quanto poderam em entregar as parochias a outros ecclesiasticos ; e, quando já não tiveram mais recurso, empenharam os muitos meios, que para isso ainda lhes sobravam, em semear a desunião e a cizania entre aquelles mal domesticados rebanhos e os seus novos pastores.

A cobiça e desregramento dos fazendeiros, especialmente

em algumas provincias, concorreram tambem com estas causas, deve-se dizer, para exacerbar as turbações e a ruina d'aquelles estabelecimentos.

Nos designios da companhia, direcção espiritual e jurisdicção temporal haviam-se feito synonimos; por isso não admira que empregasse iguaes esforços em favor de uma e outra, e a miude as confudisse. A luta n'este ultimo ponto era antiga, e datava da *Provisão de 12 de Septembro de 1663*, que muito positivamente retirára aos seus padres essa jurisdicção, apezar das diligencias e prestigio de Vieira. Tendo sempre conseguido illudir, frustrar ou fazer revogar todas as determinações régias passadas n'este sentido, cuidavam estes do mesmo modo baldar os novos e successivos actos do governo da metropole.

Uma das manifestações em que mais significativamente se patenteou o espirito e intuitos da companhia de Jesus, foi a guerra que do pulpito moveu contra as companhias commerciaes, que o ministro por este tempo fundava e protegia, a fim de desenvolver a natural riqueza do paiz. Um jesuita, o padre Ballestre, para afastar os povos de concorrerem a estas uteis associações e emprezas, vociferava, que todos os que entrassem n'essas companhias não estariam com a de Christo!»

Grave imprudencia era esta, sobretudo addicionada á que a sociedade tinha commettido, como vimos, em querer ostentar com a força a jurisdicção disputada, e em mostrar os resultados praticos do seu dominio. A revolta das missões revelára um começo d'exercito, e um começo de marinha em via de organisação, nas provincias que bem se podiam já chamar jesuiticas. Sebastião José de Carvalho, além d'isso, tinha em seu irmão, o official da armada Francisco Xavier de Mendonça, commissario principal da demarcação de limites, e governador do Grão-Pará e Maranhão antigos

centros de repetidas agitações,um zeloso informador e firme auxiliar, que bem sabia aquilatar o que tudo isto valia, e não deixava aos agentes da companhia occasião e lazer de apertarem a urdidura. As continuadas inquietações, que por todos os modos, e de todos os lados e a cada passo renasciam e se multiplicavam, decidiram emfim o audaz ministro; e, removidos os ultimos escrupulos e hesitações de el-rei, surgiu inopinadamente o famoso *alvará de 3 de Setembro de* 1759, que expulsava os membros da sociedade de Jesus de todo o reino e senhorios de Portugal, exemplo que seguiram consecutivamente a França, a Hespanha, e a Russia, até ser decretada em Roma a suppressão da ordem.

A execução d'este alvará no Brasil, ainda descontando as exagerações dos interessados, póde ser reprehendida de excessivamente violenta, posto que os odios com mão larga semeados pelos padres da companhia, tivessem grande parte na dureza e rigor com que effectivamente os trataram, e a experiencia do passado aconselhasse precauções energicas. As consequencias porém d'essa expulsão, foram eminentemente favoraveis e proveitosas aos povos. Bastava a desamortisação dos immensos terrenos que elles exclusivamente usufruiam e immobilisavam.

Em 27 de março de 1767 partira de Madrid a ordem para expulsar tambem os jesuitas das possessões da corôa catholica, e esta ordem fôra executada com estreita severidade e apparato militar, igual consequencia das resistencias anteriores. Os defensores da companhia censuram asperamente aquelle apparato, extasiando-se ao mesmo tempo ante a evangelica mansidão com que os padres se sujeitaram á sua sorte, quando se lhes acautelaram os meios de proceder de outro modo. Tão ingenuo enthusiasmo commenta sufficientemente a justiça e imparcialidade das lastimas e estranhezas. O exemplo, não muito distante, da sublevação

das missões do Uruguay estava claramente indicando, que seria esta submissão sem aquelle malquistado apparato, antes justa e opportuna previdencia.

Não é novo, como se vê, o ardil de ridicularizar o desenvolvimento da força, quando esse desenvolvimento previne e estorva as sedições!

Sentiam duplicadamente os jesuitas este segundo desastre. Sentiram-n'o porque lhes levava a ultima esperança de restaurar o seu poder na America, e porque lhes vinha d'onde menos o esperavam. Sabido é como os membros da companhia não têm nação. Pertencem á ordem *perinde ac cadaver*. Como se não tiveram vida, muito mais como se não tiveram berço. Mas da Hespanha lhes viéra sempre a maior protecção, e as mesmas concessões e privilegios, que nas provincias portuguezas do Brasil lhes tinham dado tão grande preeminencia, influencia e riqueza, das mãos dos Filippes os haviam obtido. Isto naturalmente os inclinava a Castella, quanto podiam sem se desviarem do proprio interesse, não contando que nos territorios d'esta potencia, tinham os seus mais consideraveis e poderosos estabelecimentos, tão poderosos e consideraveis, que de parte d'elles se constituiu a que hoje se chama republica paraguaya. Natural era pois, que sobre tudo lhes doesse esta, para seu futuro, verdadeira catastrophe, e não podessem d'alli desviar os olhos. Eram aquelles os seus fortissimos reductos. D'esses recintos poderiam novamente ameaçar e reconquistar os antigos dominios por todo o continente americano. Imagine-se portanto com que pezar os veriam sahir-lhes das mãos!

As missões hespanholas, vulgarmente designadas com o nome bem caracteristico e apropriado de *Reducções*, estavam então sendo regidas por administradores especiaes no tocante ao temporal, e no espiritual por frades das ordens

mendicantes, ou clerigos seculares na falta d'estes. Em geral entendiam-se todos mal uns com os outros. Para os indios era um mundo novo e estranho, que as exclusivas idéas em que tinham sido educados lhes fazia parecer monstruoso e sacrilego.

A companhia, proscripta mas não extincta, nada d'isto ignorava nem o perdia de vista. Um grande numero dos jesuitas expulsos da America refugiára-se em Faenza e Ravena. Os mysteriosos cabeças da instituição procuravam pacientemente, clandestinamente, pouco a pouco, e passo a passo, recompôr as malhas violentamente rotas. Mudára a ordem supprimida o nome e as apparencias; a sua constituição porém continuava inalteravel, sem esmorecerem os obreiros no lavor obstinado. Immensas tinham sido os perdas materiaes, mas a influencia não succumbira de todo. Fizéra-se unicamente mais cautelosa e dissimulada. Não podia apparecer á luz; minava o solo. Não podia mostrar a roupeta, variava o trajo!

Dispersára a tempestade os membros ostensivos e conhecidos da companhia, mas os filiados, os adeptos leigos, os dependentes que sabia ter seguros por mil fios inviziveis, esses ficaram onde estavam instrumentos doceis, por necessidade obedientes á potencia occulta.

A alma da companhia sobrevivêra ao corpo mutilado!

D'aquelles secretos instrumentos se servia ella, apesar da suspicaz e prevenida vigilancia dos governos, para trazer vigiados os estabelecimentos que não deixára de considerar seus.

FIM DO APPENDICE E DAS NOTAS.

ERRATA

AOS

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DOS JESUITAS NO BRASIL (DE PAG. 47 A PAG. 101) DO III TRIMESTRE DO TOMO XXXIV PARTE SEGUNDA DA *Revista Trimensal*).

PAG.	LINHA.	ERRO	EMENDA
50	11	não deparasse	e não deparasse
»	25	consolidar o seu	consolidar seu
52	30	saber-se	a saber-se
63	19	de do	de muito maior importancia da
64	8	extranhas	estranhos
»	31	céo	léo
69	*nota*-penult. lin.	obsequiosidade	amabilidade
81	*ultima*	*Brazis*	*Brazis* (20) (é n'esta a nota da pag. seg.)
83	16	d'esses traços	d'essas traças
90	27	fruitices	fruitos
96	18	em geral	ou geral
98	17	muito	muitos

(Ao IV trimestre da *Revista*, continuação da mesma memoria de pag. 195 a pag. 275.

PAG.	LINHA.	ERRO	EMENDA
197	ultima	administrado	administrador
208	28	Cardoso de Barros	Cardoso de Barros, tambem eram com elles.
209	31	mais no fim do tempo,	mas no fim do tempo
211	30	pequeno	pequeno torrão
215	7	de salteador	do salteador
»	8	perdão	perdão:
216	10	com elles	com ellas
217	1	as cousas porém	as cousas ;
»	8	Espera	Espera-o
221	5	jantasse	jantassem
»	25	ajuda	ajudam
222	8	orphãos	orphãs

PAG.	LINHA	ERRO	EMENDA
225	27	um	uns
228	20	ordenou-se-lhe	ordenou-se-lhes
251	27	*Podrigues*	*Rodrigues*
235	13	embarcaram o padre	Embarcaram com o padre
»	27	a creação	na creação
238	2	etc.	etc, encanta
246	17	convenceu	convencem
251	5	matam	mataram
254	ultima	ado	mado
260	25	degolem, ferem	degola, fere
263	18	adulterio	adultera
»	25	com elles	com elle
268	17	hospedado por *Coaquira*	hospedado por *Coaquira,*
»	25	amicissimo	inimicissimo
270	18	viam-se	via-se
271	7	Itanhão	Itanhaē
»	16	obrava	obravam
272	16	d'elle	d'ella
273	28	modo	a modo
275	6	congressão	congregação

OS TIROS NO THEATRO

MOTIM POPULAR NO RIO DE JANEIRO

PELO

DR. MOREIRA DE AZEVEDO

Socio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Effectuára-se a revolução de 7 de Abril de 1831; um soberano descêra sabia e prudentemente do throno, e o povo, jubiloso, enthusiasmado, saudou a iniciação do reinado de um principe brasileiro, que, ainda nas faxas da infancia, recebeu acclamações, ouviu os vivas dos seus compatriotas, e foi reconhecido como o sustentaculo da monarchia, o herdeiro de um imperio, o representante legitimo de uma nação, que pugnava pelas suas garantias, pela ordem, pela paz e pela liberdade.

Esse acontecimento pareceu congraçar todos os brasileiros, dispertar o amor patrio em todos os peitos, porque acreditou-se que uma época feliz, regeneradora, ia começar; que o paiz, alando as azas, ia avoejar em horizontes mais extensos: morrêra um periodo e alvorecêra outro em que a energia, os grandes commettimentos, a actividade, o trabalho, iam operar em campo mais largo; pareceu o paiz dar um passo agigantado na ordem social; o espirito nacional expandiu-se, e o povo, tendo conhecimento da sua força, considerou a revolução, como um movimento reformador.

Mas aquelles que haviam cooperado para a revolução julgaram que podiam ir para diante, caminhar progressivamente, e, em vez de se compenetrarem de um espirito prudente e reflectido, em vez de prégarem a concordia, a conciliação e a tolerancia, exaltados pelas idéas do tempo, em

briagados pelo triumpho, não depuzeram as armas da victoria: ergueram-se, e de golpe quizeram reformar o paiz, destruir todos os embaraços, modificar as idéas sociaes, e dar uma marcha nova aos sentimentos, á politica, ás leis, á ordem social.

Mas não pensou assim o partido que sustentava o poder; julgou conveniente parar no ponto que se chegára; que avançar mais um passo era approximar o paiz do abysmo, e assim tratou de oppôr-se ás idéas, aos planos, ás reformas dos mais exaltados, e d'essa opposição nasceram o desasocego, a conflagração, os tumultos, a luta, a guerra civil.

E' essa a historia da humanidade; depois da morte de Carlos I veiu a tyrannia de Cromwel; depois do supplicio de Luiz XVI veiu o governo do terror, porque a marcha dos acontecimentos constitue uma cadêa, cujos elos, rompidos rapidamente, lançam estilhaços, que derramam a luta, a confusão, o sangue na sociedade.

Oppondo-se aos excessos do partido contrario mostrou-se o partido dominante moderado e conciliador; procurou ligar todos no empenho da felicidade e salvação da patria; prégou a concordia e a paz, e apresentou resistencia, para conter a ordem social, aos exaltamentos do partido adverso, que, considerando essa opposição, esse antagonismo, como um ostracismo politico, mais se exasperou, mais reagiu, e mais exagerado e vehemente se mostrou: d'ahi nasceram as desavenças, os perigos e lutas civis que a nação experimentou.

Entregue a imprensa a declamações vagas e turbulentas, como era moda, excitava os animos e concorria para a effervescencia das idéas, para o fogo das paixões e lutas dos cidadãos.

Havia tambem a força militar indisciplinada, arrogante,

exigente, altiva, que manejava a espada de Brenno, e acreditava que na marcha dos negocios publicos devia a balança pender sempre para seu lado.

Tudo isso pareceu tornar deficiente, contraditoria e anarchica a revolução de 7 de Abril, porque paralysára-se o commercio, finára-se a industria, escaceára o trabalho, os jornaleiros reclamavam pão, desapparecêra a segurança, a tranquillidade, as esperanças se haviam transformado em receios, o regosijo em consternação, a paz em desasocego; e assim pensou-se na restauração do antigo governo, na volta do ex-Imperador, por julgar-se que só d'esse modo se restabeleceriam a ordem, a paz, a concordia, a acção regrada e energica das leis.

Mas não nos devemos admirar hoje das lutas em que ardeu o paiz, dos sentimentos diversos que então preoccuparam os nossos maiores; estava a nação em uma época de transição, de formação social: a liberdade apalpava os passos no caminho que seguia; a nação se levantára, e na energia do despertar experimentava essas convulsões, esses estremecimentos e abalos, que eram o prenuncio da vida, o movimento dos primeiros passos de um paiz, que sentia necessidade de expandir-se e engrandecer-se.

Assim o anno de 1831 é aquelle em que os acontecimentos se succedem com mais rapidez; é um periodo de luta e de patriotismo, de movimento e interesse social, em que se vêm o triumpho da nacionalidade e a consolidação da monarchia.

Antes, porém, de firmados estes principios houve obstaculos a vencer-se, lutas a profligar-se, e se não chegou ao porto da salvação senão depois de presenciarem-se scenas violentas, em que a patria viu o sangue correr do peito dos seus filhos.

Tendo os olhos nos documentos da época, vamos narrar

um dos acontecimentos desastrosos do anno de 1831, o qual dispertou-nos essas reflexões incompletas, apoucadas e talvez mal cabidas, que abriram este discurso.

Representava-se em 28 de Setembro de 1831 no theatro de S. Pedro, que n'esse anno foi denominado Theatro Constitucional Fluminense, o drama *O Estatuario*, em beneficio do actor Manoel Baptista Lisboa.

Desde o começo do espectaculo notou-se grande inquietação e motim nos espectadores, o que não era de estranhar n'essa época de agitação, em que toldados andavam os animos politicos, e facilmente estrugiam gritos, originavam-se disturbios em qualquer reunião de cidadãos.

« Desde alguns mezes que um punhado de facciosos, diz Evaristo da Veiga, occupava quasi constantemente o theatro, e d'ahi bania o cidadão honesto, o homem tranquillo que procurava innocente recreação ; era mister verdadeira coragem para que alguns d'estes ousassem ir expôr-se aos ultrages mais violentos, e esperar os effeitos de clamores sediciosos em que as autoridades e as leis eram a cada momento menoscabadas. »

Concorrêra para azedar os animos, n'esses dias de Setembro, a soltura de alguns individuos, presos em virtude da devassa feita sobre os acontecimentos do mez de Julho.

Reinavam no theatro muita vozeria e inquietação, e ás 10 horas vieram chamar o juiz de paz da freguezia do Sacramento, Saturnino de Sousa e Oliveira, que presidia o espectaculo, para aquietar uma desordem que havia no largo, junto aos arcos do theatro, entre o tenente Antonio Caetano e um official do estado-maior, chamado Paiva, queixando-se este de que aquelle o investira com mais seis companheiros, tirára-lhe a espada e despedaçára-lhe as corrêas do talabarte. Dizia Antonio Caetano que Paiva acommettêra-o com a referida espada, entregando-a depois a um camarada seu.

Deu o juiz ordem de prisão a ambos, e ordenou a uma patrulha de rondas municipaes de cavallaria os conduzisse á guarda principal; mas vociferou Antonio Caetano, declarando que iria preso, porém não pela patrulha, visto como era official. Attendeu o juiz a essa reclamação, e pediu ao commandante da guarda do theatro que levasse o preso; submetteu-se o tenente Caetano.

Immediatamente echoou entre a multidão um grito unisono contra a prisão de Antonio Caetano, apezar de declarar elle que se achava preso e cumpria-lhe obedecer á disciplina militar; no meio do tumulto desappareceu o official Paiva, constando mais tarde ter-se ido entregar á prisão na guarda principal; mas a fuga d'esse militar atiçou mais a colera dos turbulentos, e ouviram-se vozes repetidas clamando que se prendêra o brasileiro Antonio Caetano e se facilitára a evasão do portuguez Paiva. Este official era brasileiro adoptivo.

Em vão protestou a autoridade que prendêra a ambos, e providenciaria officiando ao commandante das armas para ser recolhido ao xadrez o official Paiva; porém o povo, arrastado pelo phrenesi do momento, se não aquieta facilmente, nem ouve a voz a mais autorisada, que lhe brada moderação e ordem: é como o rio, que, encontrando embaraços em sua corrente, embravece e se despenha furioso sobre as fragas da rocha que por momentos o detiveram.

Arrebatado pela onda popular foi Antonio Caetano levado para o recinto do theatro, e repercutiu na rotunda do edificio um grito estridente.

—Estamos trahidos, bradaram todos; cresceu o alarido, ferveu a confusão, e ferinos insultos, pesadas injurias e imprudentes ameaças atiraram-se á autoridade, repetindo-se que por causa de um estrangeiro achava-se preso um nacional.

Ordenou o juiz ao commandante da guarda do theatro que effectuasse a prisão de Antonio Caetano, que era o causador do tumulto; porém protestaram diversos cidadãos contra a ordem da autoridade, e responderam que não podia ser preso esse official, porque oppunha-se o povo, que era soberano e absoluto.

Afastou-se Saturnino de Sousa e Oliveira do saguão do theatro, e determinou que as rondas municipaes, attrahidas ao lugar pela vozeria e tumulto do povo, se conservassem na distancia de tres braças da arcaria do edificio.

Contavam essas rondas mais de duzentos homens, e eram commandadas por Antonio Luiz Pereira Araujo, que, depois de haver prestado assignalados serviços n'esses dias calamitosos, tendo feito parte em 1817 da expedição enviada a Pernambuco, viu-se tolhido do rheumatismo, e morreu pobre e esquecido em 3 de Dezembro de 1869.

Das arcadas e vestibulo do theatro proromperam os amotinadores em insultos ás rondas municipaes, afrontando-as com os mais grosseiros epithetos e provocadoras ameaças.

Se tentava o juiz prender os mais violentos occultavam-se estes no interior do theatro; e no emtanto se não descuidava a autoridade em conter os guardas municipaes que raivosos ouviam os apodos que atiravam-lhes os facciosos.

Mandou o juiz de paz fechar o theatro, do qual já se haviam ausentado quasi todos os espectadores, e comparecendo o ex-commandante-geral Sebastião do Rego Barros opinou que se prendessem áquelles que vilipendiavam a força publica, pelo que enviou Saturnino quatro guardas ao saguão do edificio, afim de aprisionarem os primeiros que os provocassem, e logo após destacou outros; mas um individuo, approximando-se de um d'esses guardas, que fôra sargento de brigada, arrebatou-lhe a arma e com ella fez fogo para fóra.

Uma descarga de trinta espingardas foi a resposta dada áquelle tiro.

Irritadas como se achavam as rondas municipaes, e crendo-se investidas pelos amotinadores, dispararam as armas sem ninguem lhes ordenar.

Os tiros afugentaram os facciosos, mataram a tres individuos, e feriram a diversos turbulentos e á alguns guardas municipaes.

Dos fallecidos um era natural da provincia de Pernambuco, outro da do Maranhão e o ultimo um portuguez que, tendo vindo ao theatro pela primeira vez, saltára no tablado na occasião do motim, entrára na scena por um dos lados do panno que já estava descido, e demorando-se em examinar a pintura do scenario, foi alcançado pela bala que atravessou o panno e cravou-se-lhe na cabeça. Abriram-se sepulturas na igreja da Lampadosa para esses tres cadaveres.

Dispersára-se todo o povo, mas continuaram as rondas municipaes a affluir para a praça da Constituição, marcharam contingentes de diversas freguezias, de sorte que á meia-noite havia na praça mais de mil e quatrocentos guardas municipaes, e em toda cidade mais de tres mil em armas.

Espalhando-se o boato que marchava do quartel de Barbonos o batalhão de granadeiros para atacar as guardas municipaes, collocaram-se vedetas na rua do Piolho, hoje da Carioca; porém já estavam serenados os animos, e nada mais occorreu, debandando-se a força municipal ás quatro horas da manhã.

Receiando o juiz de paz Saturnino ser victima de alguma traição pediu a Antonio Luiz Pereira Araujo, commandante de esquadra, cargo semelhante ao de inspector de quarteirão, que viesse com alguns guardas municipaes pernoitar em sua residencia.

Procedeu o juiz de paz ao corpo de delicto nos mortos e feridos, e officiou ao ministro da justiça o padre Diogo Antonio Feijó, relatando-lhe os acontecimentos da noite de 28 de Setembro, e referindo-lhe que oppuzeram-se o major Miguel de Frias, assim como outros officiaes, á prisão de Antonio Caetano.

Em uma allocução que endereçou aos guardas municipaes da freguezia do Sacramento louvou o juiz de paz a conducta e a prudencia d'esses seus camaradas, e profligou a força de primeira linha que fizéra guarda no theatro, « a qual, accrescenta Saturnino, não só não me tinha coadjuvado para sustentar a ordem, e mostrava-se indifferente espectadora dos ultrajes que se nos faziam, mas até se nos mostrára hostil, calando bayonetas ao primeiro reforço que chegou á entrada do saguão; era portanto de receiar um violento ataque de bayoneta no pequeno espaço do saguão, aonde muitas vidas se perderiam, e eu empreguei sempre todos os meios de não comprometter a vida de um só guarda municipal. »

O tenente do 1° batalhão de caçadores Candido Monteiro que commandára a guarda de primeira linha postada no theatro, na noite do motim, publicou uma correspondencia refutando as censuras que lhe fizéra o juiz de paz da freguezia do Sacramento; mas este officiou ao commandante interino das armas o coronel Francisco Carlos de Moraes para que fosse responsabilisada a força de primeira linha que fizéra a guarda do theatro na noite de 28 de Setembro.

Dirigiu o governo, no dia seguinte, um aviso ao commandante interino das armas ordenando que fossem recolhidos presos á fortaleza de Santa Cruz os alferes Francisco Joaquim Bacellar e José Alexandre, á da Lage o major Miguel de Frias e Vasconcellos, á de Villegaignon os tenentes Honorio José Ferreira e Antonio Joaquim Bacellar, e á de

S. João o tenente Leopoldo Frederico Thompson e o alferes João do Rego Marques para serem julgados legalmente, segundo o resultado da devassa que se procedesse, « pois era notorio pela parte official do juiz de paz da freguezia do Sacramento, resa o aviso, o facto da assuada, motim e resistencia á justiça occorrido no theatro nacional, na noite de 28 de Setembro, no qual tiveram grande e não duvidosa parte esses officiaes. »

Determinou o ministro da justiça, em aviso de 30 de Setembro, que se procedesse á devassa dos factos occorridos em 28 e 29 do mesmo mez, « convindo, diz o aviso, que os perturbadores da ordem publica e os principaes autores de taes desordens sejam processados pelos meios legaes, para que de sua impunidade se não siga a renovação de tão tristes acontecimentos que tanto concorrem para o desasocego d'esta capital. »

Os periodicos do partido exaltado, excitados pelas paixões politicas, exageraram a narração dos factos occorridos no theatro; inventaram incidentes, ennegreceram as circumstancias, e para impressionar vivamente o publico tornaram feía e horrorosa a descripção de taes acontecimentos.

Publicou a *Nova Luz* que quando o povo e familias quizeram sahir acharam o theatro circulado por guardas municipaes, as portas todas tomadas, prohibindo-se a sahida a quem estava dentro; procurou insinuar que eram portuguezes os cidadãos guardas municipaes que estavam em frente do theatro na occasião do motim; que no numero dos mortos contava-se uma senhora, e accrescentou :

— Os vandalos de fardeta e boné fizeram fogo pelas portas da frente e oculos lateraes do theatro.

Outro periodico elevou o numero dos mortos á mais de vinte, e o chamado *Jurujuba* escreveu o seguinte :

« O sangue brasileiro foi derramado por mãos de assassinos que fazem alarde de seu crime. O monstro Saturnino etc. »

Não demorou-se a sociedade defensora da liberdade e independencia nacional em remetter uma carta em 4 de Outubro ao juiz de paz Saturnino de Sousa e Oliveira, louvando o seu civismo e circumspecção na occasião do motim.

De feito mostrou-se esse cidadão prudente e firme n'essa noite de confusão e desordem, soube sustentar a dignidade de seu cargo, sem abusar da força que estava sob seu commando; não foi além dos seus deveres, conservou-se nos limites da lei, e conseguiu restabelecer a ordem e o socego.

O theatro Constitucional Fluminense que se fechára por ordem do governo desde o dia do motim, reabriu suas portas com o drama o *Aldeão Magistrado* em 2 de Dezembro, dia de regosijo publico, de festejo nacional, anniversario natalicio do imperador, que contou n'esse dia um lustro e um anno de existencia.

ENSAIO DE ANTHROPOLOGIA

REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS

PELO DR. JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHAES

socio do Instituto Historico.

I

O GRANDE SERTÃO INTERIOR

A região dos selvagens. Diversos roteiros para ir da foz do Rio da Prata á do Amazonas pelo interior. A região do Prata. A região do divisor das aguas. A região do Amazonas.

As sciencias positivas exigem antes de tudo um laboratorio.

A anthropologia está n'esse caso.

Mas o laboratorio e museu em que temos por ora de estudar as raças selvagens da nossa terra são os nossos sertões, isto é: um laboratorio ou museu que abrange uma área de muitas mil leguas quadradas.

Seja-me licito pois, antes de entrar na parte especial d'esta memoria em que estudo o homem selvagem do Brasil, dar ao leitor uma idéa succinta dos meios que temos de penetrar na parte mais escusa e invia d'esse grande museu de historia natural chamado o interior do Brasil, assim como dizer brevemente o que é essa região.

A grande região occupada hoje pelos selvagens é o *plateau* ou *araxá* central do Brasil, e especialmente a parte comprehendida entre as terras altas que dividem as bacias do Prata da do Amazonas, ao sul, o Araguaya a leste, o Amazonas ao norte, e o Madeira ao poente.

N'essa região, por assim dizer virgem, existe uma população indigena que alguns avaliam em dois milhões de habitantes, que outros pretendem que não excede a quatrocentos mil, mas que em todo caso é consideravel. Essa região, que só por si daria um reino maior do que a França, é quasi inteiramente desconhecida dos brasileiros, e dos homens civilisados. A busina do selvagem ou seus cantos de amor e gritos de guerra são quasi os unicos sons que por ora tem repercutido os echos d'esse vasto paiz.

Se o leitor tiver paciencia para acompanhar-me, ficará tendo um juizo de como se transpõe esse reino dos selvagens, que eu tenho viajado mais d'uma vez, ora correndo grandes perigos, devendo a vida a meu rewolver ou a meus braços, mas onde tantas vezes senti o inneffavel goso de me ver a sós com Deus e com a natureza.

Uma das mais curiosas viagens geographicas que se póde fazer pelo interior do Brasil, ou melhor diremos, pelo interior da America do Sul, será aquella em que, penetrando pelo golfão do Prata, se vá sahir na foz do Amazonas, ou vice-versa.

Uma viagem d'essas, aqui ha alguns annos atrás, seria reputada temeraria, alguma cousa de semelhante ás viagens de LIVINGSTONE para descobrir as fontes do Nilo.

Hoje, porém, si é ainda trabalhosa e arriscada deixou de ser temeraria, ao menos em certas direcções.

Eu a tenho feito diversas vezes: na primeira, segui ao norte de Minas até a Diamantina, atravessei os valles dos rios Jequitinhonha, das Velhas, Paraopeba, S. Francisco, Paranahyba, Corumbá, dobrei o divisor das aguas no lugar denominado Bom Jardim, atravessei as cabeceiras do Tocantins, e descendo pelos rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, cheguei ao Pará em 1864.

Outra vez subi do Pará pelo Araguaya e Tocantins, segui

pelo divisor das aguas em rumo de L. a O. até Cuyabá, descí por esse rio, pelos S. Lourenço, Paraguay, Paraná, Rio da Prata até Montevidéo. Tenho feito outras viagens entrando por S. Paulo e Minas, e representam ellas, entre idas e vindas, a somma de 4,500 leguas viajadas pelo interior, e todas tocando na região de que acima fallei. N'essas viagens tenho adquirido alguns conhecimentos geographicos e topographicos que me não parecem totalmente destituidos de interesse, sobretudo pelo que respeita á região do divisor das aguas, cuja estrada, sendo de recente data, ainda não deu passagem a nenhum geographo que descrevesse esse immenso paiz, que na latitude sul de 15° a 16°, divide as duas maiores bacias fluviaes do mundo.

DIVERSOS ROTEIROS.

Comecemos por dar uma noticia dos diversos roteiros que seguiram nossos maiores para penetrar d'uma bacia na outra, tomando em consideração sómente aquelles que podem servir a navegação á vapor. Subindo de Montevidéo pelos rios da Prata, Paraná e Paraguay, quem quizer ir ao Amazonas tem cinco grandes roteiros a seguir, cada qual mais curioso.

1.°—Seguir pelo Rio da Prata, Paraná e Paraguay acima até a foz do Jaurú, subir este até o antigo registro, ponto onde termina a sua navegação, tomar a estrada de terra que com 20 leguas traspassa o divisor das aguas, embarcar de novo no Guaporé, abaixo da ponte na estrada que vai da Villa-Boa de Matto-Grosso para Casalvasco e departamento boliviano de S. Cruz de la Sierra, e descer o Guaporé até sua juncção com o Amazonas.

Hoje esse caminho fluvial é obstruido por 70 leguas de rapidos e cachoeiras que medeiam entre a ultima de

cima, denominada Guajará-mirim, e a ultima debaixo, conhecida sob o nome de Santo Antonio.

Dentro em pouco, porém, a locomotiva, seguindo pela corda do arco descripto pelo Madeira, transporá a região das cachoeiras, fazendo-se á vapor o caminho terrestre, que fica reduzido a 50 leguas, ligando perpetuamente os interesses d'aquella republica aos nossos, e garantindo-se a paz que nossos vizinhos não quererão mais perturbar.

N'esses sertões encontram-se dois grandes vestigios da actividade de nossos maiores : um é a fortaleza de Coimbra na fronteira da costa do rio Paraguay com a Bolivia pouco acima da Bahia Negra ; a artilharia d'esse forte, que não podia subir pelo Rio da Prata porque o governo hespanhol não consentiria, veiu pelo Madeira, foi varada por terra do Guaporé para o Jaurú, e d'ahi desceu até o forte. Conheci ainda, já muito avançado em annos, um piloto que serviu nos barcos que a transportaram, sendo então de 15 annos de idade ; esse homem, chamado João Antonio, residente no meio do sertão de Cuyabá, no lugar denominado Sangrador Grande, narrou-me mais d'uma vez as peripecias d'essas viagens em que gastavam um anno, lutando com os indios, com as cachoeiras, com a terrivel peste denominada maculo, e quasi sempre com a fome. O outro vestigio da actividade de nossos maiores n'esses sertões é o gigantesco forte do Principe da Beira, situado na margem direita do Madeira defronte á missão jesuita hespanhola de Moxos.

Calcúlo que as distancias a percorrer segundo este roteiro sejam de 1,450 leguas, a saber : 730 de Montevidéo ao registro do Jaurú ; 20 por terra, do registro a ponte do Guaporé, dobrando ahi o divisor das aguas ; 700 da ponte do Guaporé á foz do Madeira.

As viagens que de Matto-Grosso se faziam para o Amazonas estão hoje totalmente abandonadas, devido a maior facili-

dade que se encontra em outras communicações, supprindo-se os habitantes de Villa Bella dos generos de que necessitam em Cuyabá.

2.º— O segundo roteiro seria deixar o Paraguay á esquerda, subir S. Lourenço e Cuyabá, até a cidade d'este nome, seguir 30 leguas por terra até a villa do Diamantino, ponto esse em que se dobra o divisor das aguas, com 8 leguas ir ao porto do Rio Negro que serve a essa villa, e por elle abaixo, Jururema e Tapajós, ir á cidade de Santarém no Amazonas, junto á foz do mesmo Tapajós n'aquelle rio. Durante a guerra do Paraguay esta navegação tomou algum incremento, e ainda hoje se a faz especialmente para supprir-se a população de Cuyabá com guaraná, genero de que fazem um grande commercio na provincia, e que só o podem haver dos indios *Mauez* que o fabricam no Pará. Estimo a distancia a percorrer por este roteiro em 1,128 leguas, a saber: 700 de Montevidéo a Cuyabá; 30 de Cuyabá ao Diamantino, 8 do Diamantino ao porto do Rio Negro, e 400 por elle, Juruema e Tapajós até Santarém. Como é sabido, o Arinos, como o Madeira e em geral todos os grandes confluentes do Amazonas que descem do *plateau* de Matto-Grosso e Goyaz, venceu uma zona encachoeirada de cerca de 70 leguas. A mais famosa das cachoeiras do Arinos é o Salto Augusto, para transpôr o qual é necessario varar as canôas por terra. Do porto do Rio Negro a Itaytubá os viajantes de Cuyabá gastam de 18 a 20 dias na descida, e 3 a 5 mezes na subida, sendo auxiliados nas cachoeiras pelos indios *Apiacás*, tribu pertencente á familia *tupí*, de excellente indole, e amiga do trabalho, que fornece aos viajantes boa parte de mantimento que usam na viagem ajustando-se como pescadores e caçadores.

3.º— O terceiro roteiro, que foi apenas explorado pelos antigos, e que se não póde bem comprehender olhando para

nossos mappas, porque o curso do rio que serve de intermediario entre as duas bacias (rio Manso) está errado, visto que o fazem confluente do Cuyabá, quando elle pertence ao opposto systema do Amazonas, facto este que eu verifiquei por mim mesmo como direi adiante; o terceiro roteiro dizemos, consistiria em tomar por ponto de partida o mesmo Cuyabá, seguir 20 leguas a éste até o rio Manso, que não é outra cousa senão o mesmo que entra no Araguaya com o nome de Rio das Mortes, descer por elle abaixo até o Araguaya, e por este e pelo Tocantins ir ao Pará; a distancia de Montevidéo ao Amazonas por este roteiro eu a calculo em 1,270 leguas, a saber: 700 a Cuyabá, 20 por terra ao Rio Manso, dobrando ahi o divisor das aguas, 200 do rio Manso ou das Mortes, que é a mesma cousa, e 350 do Araguaya e Tocantins até o Pará.

Affirmando eu que os mappas estão errados quando dão o rio Manso como confluente do Cuyabá, e que elle pertence ao opposto systema do Amazonas, e que não é outro senão o Rio das Mortes, é de razão que dê os motivos de minha affirmação. Não se trata d'um rio secundario senão d'um que póde figurar entre os grandes do mundo, pelo crescido volume de suas aguas e extensão de seu curso que excede de 900 milhas. Accresce a isto que este é dos confluentes do Amazonas o que vem mais ao sul por que suas fontes, que confundem-se com os do Cuyabá Mirim, ficam com differença de minutos na mesma latitude que o Cuyabá, onde já as aguas do Prata são navegaveis, e navegadas á vapor.

Quando eu explorei a nova estrada do Cuyabá para o Araguaya, a que vem pelo alto do divisor, entrei, a 30 leguas de Cuyabá, pelo sertão a dentro em rumo de Norte, e a 5 leguas de distancia encontrei o rio Manso, correndo já no rumo de O. a L. Mandei exploral-o do Sangrador Grande, 50 leguas a O. de Cuyabá, e o sargento que dirigiu

a expedição encontrou o rio já profundo e volumoso tanto ou mais que o Cuyabá, a cerca de 7 leguas ao Norte do destacamento, correndo o precitado rumo de O. a L. Em Cuyabá communiquei estas observações ao Sr. Barão de Melgaço, a quem tanto deve a geographia d'aquellas regiões, e elle me disse que havia deparado na secretaria do governo com um officio do mestre de campo José Paes Falcão das Neves, em que dava conta aos membros do governo da successão, em Cuyabá, d'um exploração mandada fazer no rio Manso em fins do seculo passado ou principios d'este, pelo capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, afim de reconhecer-se si este era o mesmo rio que no Arraial dos Araés, corria com o nome de Rio das Mortes. Esse officio vem acompanhado d'um mappa, e por elle se vê o que acabo de affirmar. Eu tomei copia d'elle, não só para prova d'esta asserção, como porque contém uma descripção detalhada da navegação d'esse rio, hoje completamente deshabitado e quasi esquecido. E' nas margens d'elle que estava collocada a povoação dos Araés, alli fundada por motivo da narração feita pelo capitão Bartholomeu Bueno Anhanguera, de que os indios d'alli, os *Colomys* e *Cunhatains*, como elle diz, meninos e meninas, traziam ao pescoço folhetas de ouro como ornato. E' tradição que os povoadores do lugar, depois de haverem trabalhado com pequeno resultado durante annos, descobriram afinal as minas, dando em um caldeirão de ouro, que desenvolveu-lhes de tal geito a ambição que mataram-se uns aos outros, fugindo o resto e fazendo-se aos sertões por medo do castigo que os perseguiria. Esta tradição tem levado a aquelles ermos alguns exploradores audazes, e ainda o anno passado por lá andou um que, como os outros, não foi bem succedido, não tendo podido trabalhar por falta de mantimentos e recursos. Junto a copia d'um officio que dá

noticia da mineração de ouro nos Araés antes da descoberta das minas de que acima fallei, extrahido tambem da secretaria de Mato-Grosso.

4.º — O quarto roteiro que se póde seguir da bacia do Prata para a do Amazonas estava perdido, e rodeado de maiores obscuridades ainda do que o terceiro, por que o rio que serve de intermediario entre as duas bacias, é totalmente desconhecido, nem mesmo vem figurado nos mappas, e pelo contrario, na carta geral do Imperio, vem desenhada uma serra justamente na região que elle percorre, na qual aliás não existe serra alguma. Eu já dei ao Sr. Dr. Ernesto Vallée, encarregado da nova carta geral do Imperio, tanto quanto eu o podia fazer, os dados necessarios para traçal-o, e a nova carta trará já essa importante correcção.

Eis aqui como me nasceram conjecturas relativas a este roteiro. Na provincia do Pará eu encontrei entre diversos pilotos velhos do Tocantins a tradição de que os padres jesuitas d'alli communicavam-se com os do Paraguay por um caminho fluvial interrompido apenas por 15 leguas de travessia de terra ; esta tradição que eu encontrei em Baião, de que me fallaram tambem em Juquirapua, nos Patos, etc., era constante, uniforme ; a passagem dos jesuitas no Tocantins e Araguaya é sabida por diversos documentos antigos, entre outros pelas cartas do Padre Antonio Vieira, e por nomes de lugares que provavelmente seriam postos por elles, entre outros : um dos temerosos canaes da cachoeira das Guaribas é conhecido até hoje com o nome de canal *Vitam eternam*, isto é, caminho para o outro mundo ; Canal do Inferno, o em que naufraguei em 1866, e que tem esse nome por que até então os que alli tinham entrado, de lá não sahiram. Em reiteradas viagens pelo divisor das aguas nunca pude comprehender qual ou quaes seriam os rios que seguiram aquelles energicos padres subindo

o Tocantins e Araguaya para passarem-se, só com 15 leguas de travessia de terra, á bacia do Rio da Prata; que as aguas d'uma e outra bacia se entrelaçam e as vezes se confundem, era facto averiguado; que porém as navegações d'uma e outra bacia se avizinhem tanto n'essa altura, eis o que se não podia comprehender, por que os unicos rios traçados nas cartas, o Cahiapó Grande e o Barreiro não chegam navegaveis á distancia inferior de 40 leguas dos seus correspondentes Taquary, e Pequiry, na bacia do Rio da Prata; entendi portanto que a tradição era exagerada, e n'essa crença fiquei até o dia 5 de Junho do anno de 1871. N'esse dia, vindo eu de viagem pelo divisor das aguas do Araguaya para Cuyabá, no meio de campos cerrados que existem entre o ribeirão da Ponte Grande e o córrego dos Dois Irmãos, nossos cães de caça levantaram uma onça, em cujo encalço seguimos, e que só pudemos matar depois de consideravel marcha e já sobre tarde; além de grande fadiga, por que fizemos a pé a travessia d'uma mata, eramos torturados pela necessidade de agua, o que nos obrigou a seguir pelo leito d'um corrego secco. Assim, chegamos inesperadamente á margem d'um grandioso rio, quando esperavamos apenas encontrar um regato. Dois dias depois encontrei-me com um sertanejo audaz, que tem explorado parte d'esses sertões, o capitão Antonio Gomes Pinheiro, em companhia do qual fiz diversas explorações até a latitude e a longitude da montanha denominada Paredão que corresponde, na bacia do Prata, á altura do leito do Ytiquira. Rasgou-se-me então a venda dos olhos e eu comprehendi tão claramente o roteiro dos jesuitas, como se houvéra sido companheiro de viagem d'esses audazes exploradores. A' vista d'estes factos o roteiro dos jesuitas do Paraguay, para communicarem-se com os do Pará, era o seguinte:

Subiam o Paraguay acima até a foz do S. Lourenço ; por este acima até a foz do Itiquira, por este á serra : sahiam por terra e, com marcha de 15 leguas, ganhavam as aguas do Amazonas por intermedio do rio de que ha pouco fallei, ao qual, seguindo a tradição antiga, eu conservo o nome de rio das Garças, e por elle abaixo até o Araguaya, e por este e Tocantins ao Pará.

Estimo as distancias a percorrer por este roteiro dos jesuitas entre Montevidéo e Pará em 1,225 leguas, a saber : 640 até a foz do Cuyabá no S. Lourenço ; 60 pelo S. Lourenço, Pequiry, Itiquira até a serra ou o divisor ; 15 de viajem por terra, dobrando o divisor entre o Ytiquira e rio das Garças ; 50 ao Araguaya, e 460 ao Pará pelo Araguaya e Tocantins.

5.°— O 5.° roteiro seria subir como no terceiro os rios da Prata, Paraná, Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá, até a cidade d'este nome ; seguir por terra a L. por cima do divisor das aguas até o Araguaya, e por este e Tocantins chegar ao Pará. Dos roteiros que ficam descriptos é este o que está hoje mais seguido, por causa da navegação á vapor do Araguaya, unica que possuimos na America do Sul em cima do grande *plateau* central d'onde defluem as aguas do Prata para o Sul, e as do Amazonas para o Norte. Estimo as distancias a percorrer por este traçado, que eu mesmo tenho andado mais de uma vez, em 1,237 leguas entre Montevidéo e o Pará.

Resumindo o que fica escripto temos :

1.° ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO A FOZ DO MADEIRA, (CAJARY ERA O SEU NOME). A SABER :

De Montevidéo ao Registro do Jaurú............	730
Por terra, do Jaurú a ponte do Guaporé........	20
Da ponte do Guaporé á foz do Madeira	700
Total, inclusive 26 leguas por terra............	1,450

2.° ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO A SANTARÉM :

De Montevidéo a Cuyabá, (por agua)............	700
De Cuyabá ao Diamantino, (por terra)...........	30
Do Diamantino ao Rio Negro, (por terra)........	8
Pelos rios Negro, Tapajós e Juruema a Santarém..	400
Total, inclusive 38 leguas por terra............	1,138

3.° ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO AO PARÁ :

De Montevidéo a Cuyabá.......................	700
De Cuyabá ao rio Manso.......................	20
Do rio Manso, á sua foz no Araguaya e Tocantins ao Pará..................................	350
Total inclusive 20 leguas por terra.............	1,270

4.° ROTEIRO : — DOS JESUITAS, ENTRE MONTEVIDÉO E O PARÁ.

De Montevidéo á foz do Cuyabá no S. Lourenço...	640
D'este pelo Pequiry, Ytiquira até a serra.........	60

Do Ytiquira por terra ao rio das Garças.........	15
Do rio das Garças ao Araguaya................	50
D'ahi pelo Araguaya e Tocantins ao Pará........	460
Total, inclusive 15 leguas por terra...........	1,225

5.° ROTEIRO :—QUE EU TENHO SEGUIDO ENTRE MONTEVIDÉO E PARÁ.

De Montevidéo a Cuyabá......................	700
De Cuyabá por cima do divisor ao Araguaya......	100
Do Araguaya (Itacaiú) ao Pará.................	430
	1,230

Para completar este trabalho passamos a dar uma descripção da região do Prata, do divisor das aguas, e da do Amazonas.

ASPECTO DA BACIA DO RIO DA PRATA. RECORDAÇÕES DE VIAGEM

Os rios da bacia do Prata, ou pelo menos os que compõe a sub-bacia do Paraguay são antes grandes, immensas campinas alagadas, cobertas de plantas aquaticas, pelo meio das quaes passa um canal d'agua corrente ao qual se dá propriamente o nome de rio.

N'essas campinas observam-se de espaço a espaço grandes bacias d'agua serena e quasi sem corrente, a que chamam bahias ; outras vezes são cobertas de plantas aquaticas, por leguas e leguas, apresentando o aspecto verdejante e risonho de campos planos, por vezes cortados por linhas de bosques densos em que predomina, desde a foz do Vermejo até

Albuquerque, a palmeira denominada Carandá ; d'ahi ate os alagados proximos a Cuyabá predomina uma linda arvore que se cobre durante certas estações de flores amarellas. D'estes factos resulta que, aquillo que se chama rio, divide-se em tres generos de regiões distinctas pelo seu aspecto, se bem que confundidas em uma só cousa por que são todas cobertas d'agua ; essas tres regiões são : *o leito do rio, as bahias e os pantanaes*. O rio é de aguas clarissimas, mas que unida n'aquella massa enorme, parece negra ; nos dias em que o céo está coberto de nuvens, os barcos a vapor que sulcam essas aguas serenas, parecem navegar em um lago de tinta preta, com a qual contrasta a alvura de prata das aguas espargidas pelas rodas do vapor ; na estação das aguas não se vêm barrancos, e não se distingue o rio dos pantanaes, senão porque as aguas d'estes ultimos são litteralmente cobertas de plantas aquaticas e tão completamente que, a quem não tem experiencia affigura-se que toda aquella verdura brota d'um solo firme, e fica muito longe de pensar que aquelle tapete de hervas tem por baixo de si ás vezes 100 palmos d'agua ! As bahias não são senão grandes lagos que se destinguem dos pantanaes porque suas aguas, como as do rio, não são cobertas de vegetaes. Estas bahias estendem-se ás vezes por muitas leguas, e como as margens são baixas, quem viaja por ellas sente a illusão de estar viajando pelo mar, por que só avista céo e agua. Outras vezes dá se um curioso phenomeno de illusão optica ; as cupulas das palmeiras de carandá parecem voltadas para cima, elevam-se no horizonte como uma nuvem verdejante, e por baixo avista-se o céo confundindo-se com as aguas no extremo do horizonte de modo que as palmeiras parecem suspensas no ar. Os pantanaes não são mais do que as partes em que a agua está coberta pelas plantas aquaticas de que acima fallei, em um tecido tão basto e compacto que um

homem deitado em cima sustenta-se; e tanto é isto assim que, quando nas primeiras enchentes o rio destaca algum pedaço d'este immenso tapete para arrastal-o em sua serena e vagarosa corrente, os tigres costumam a embarcar-se em cima e assim viajam dias; a planta que fórma este tecido é uma especie de lyrio aquatico de flores brancas em cachos, com o calice da corolla ás vezes roixo, ás vezes côr de rosa; é conhecida com o nome guaraní de *aguapé*. Do forte Olympo (Paraguay) até Albuquerque a arvore que predomina estes desertos dos pantanaes é a palmeira *carandá* que assemelha-se ao burity *(mbyryty* em tupi) que é conhecido de todos nós; de Albuquerque para cima os pantanaes são communmente acompanhados e cortados de zonas estreitas mas extensas de bosque muito denso, e as vezes muito elevado, conhecidos com a designação de *capões* (do guaraní *cahapão)*; ás vezes, ao pé d'esses capões onde a agua é mais baixa, crescem zonas que vão a perder de vista de arrosaes silvestres.

O indio *Guató* para colhel-o não tem outro trabalho além do de metter por elle a dentro a sua canôa, e de bater indolentemente com o longo remo sobre as espigas vergadas para dentro do barco, que dentro em pouco tempo fica cheio com aquelle grão de que elle e nós nos servimos como do arroz asiatico. As viagens que se fazem em canôa pelo rio não são isentas de accidentes; ha tres inimigos contra os quaes o viajante deve estar prevenido e são: a piranha, o sycurijú, e o tigre. A piranha é peixe de escamas côr de perola, que raras vezes excede a um palmo, mas d'uma voracidade que ultrapassa a quanto se póde imaginar; é dotado de dentes que cortam como navalha. Por ocasião da abordagem do vapor *Jaurú*, quando o distincto capitão de fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, no combate do Alegre, o retomou do inimigo, cahiram a agua alguns paraguayos feridos; attrahidas

pelo sangue as piranhas os devoraram quasi vivos, deixando em poucos minutos os esqueletos limpos.

Os tigres não são menos para temer-se, porque, ilhados nos pequenos altos que ficam acima d'agua, nem sempre têm os meios de alimentar-se, e, famintos, tornam-se ousados como leões; o leitor o avaliará pelo seguinte, que é tambem uma recordação da expedição de Corumbá: estavam na occasião de retirada dois mil homens acampados em um morrinho, defronte a villa, cuja explanada seria menos da ametade do morro do Castello; quer dizer que estava quasi todo o espaço occupado pela força; um tigre saltou sobre um primeiro sargento do primeiro de voluntarios, sacudiu-o sobre o hombro, e fugiu com tal precipitação que, perseguido e morto em menos de meia hora, tinha tido tempo para decepar a cabeça do infeliz sargento, sugar-lhe todo sangue, e devorar parte do peito. Quanto aos sycurijús não tivemos durante a expedição accidente algum causado por elles; em compensação, o cabo do meu piquete, que accumulava as funcções de piloto da minha canôa, e que se chamava Figueira, era interminavel em referir casos de ataques d'essas gigantescas serpentes, casos cujo numero me parece que elle exagerava de proposito a fim de, pelo terror, obrigar as sentinellas da canôa a velarem durante á noite.

Entre duzias de historias referia elle que: uma noite indo em uma parada a Coimbra com officios ao Sr. Leverger (Barão de Melgaço), pousou na foz do Rio Negro no S. Lourenço; á meia noite, acordando aos gritos d'um seu camarada que se debatia n'agua seguro ainda por um braço a borda da canôa, elle cabo viu um enorme sycurijú que segurava o soldado por uma das espaduas; o cabo deu-lhe tão certeiro golpe de machado, que conseguiu decepar a cabeça da serpente, salvando o seu camarada que,

recolhido á canôa, veiu ainda com a cabeça da cobra presa á espadua. Já que toquei no cabo Figueira seja-me licito dizer,que esse infeliz foi morto, depois de vigorosa resistencia, pelos indios *Coroados* 4 leguas a leste do Paredão no sertão de Cuyabá, voltando de Ytacaiú com um destacamento ao mando do tenente Sabino, do 19 de infantaria; eu levantei uma cruz n'aquelle campo deserto,e ella recorda n'aquella solidão a sepultura d'um bravo....

Dizem-me muitos sertanejos que os sycurijús attingem por vezes o comprimento de 60 palmos.

Ainda não vi maiores de 35, e já houve tempo em que tomei gosto em caçal-os; é de notar-se que os cães seguem a pista d'estas serpentes quando ellas andam em terra; e ellas, desde que se sentem acossadas pelos cães, enroscam a cauda ao primeiro tronco de arvore que encontram, e, contrahindo o resto do corpo em fórma de caracol, silvam e dão botes sobre os cães; se algum foi alcançado pelo dente, é enroscado e triturado com rapidez que impossibilita qualquer soccorro. Dizem que engolem um boi depois de esmagal-o nas poderosas roscas; não o vi, mas julgo o facto possivel, porque já matei um que tinha uma *suassuapàra* (veado do tamanho d'uma novilha) dentro da barriga, e esta, destendida pelos gazes do animal em putrefação dentro do estomago, apresentava a enorme circumferencia de sete palmos. A cabeça não era entretanto maior do que a minha mão, e eu, para melhor comprehender o como por um orgão apparentemente tão pequeno tinha podido passar tão grande animal, abria-a, e eis-aqui o que notei: o craneo não é senão a prolongação da espinha dorsal com tres pequenos tuberculos que encerram a massa encephalica, cujo diametro é pouco maior do que o da medulla espinhal; nem o maxillar superior nem os inferiores são ligados ao craneo; digo maxillares por que os inferiores são

divididos em dois ossos desarticulados de modo que póde aquella boca destender-se livremente sem o embaraço d'esses ossos.

Defronte a Assumpção do Paraguay o indio *Pajaguá* domina na região dos pantanaes, ou Chaco como lhe chamam os hespanhóes. Acima da fronteira do Apa, para o norte, domina com diversos nomes a nação *Guaicurú*, ou indios *Cavalleiros*; um dos chefes —da subdivisão conhecida com o nome de *Cadiuéus*— o capitão Lapagate, foi-nos sempre de não pequeno auxilio na guerra, e de grande damno ás guarnições da fronteira paraguaya do Apa. O paiz dos *Guaicurús* é do Apa até pouco abaixo da foz do Emboteteú, ou rio de Miranda. De Corumbá para cima é o paiz dos *Guatós*, tribu de navegantes eternos que, consubstanciados com suas canôas, quasi como o caramujo com a sua concha, erra e vive por aquellas alegres e fartas regiões dos pantanaes do alto Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá. Para o indio essa é a região onde a vida é facil : a caça e o peixe são ahi não só em grande abundancia, mas tão facilmente colhidos que, para viver e gozar de abundancia, não é necessario trabalhar. Desde que se entra em terra firme o rei do sertão é o indio *Coroado*. Existem na bacia muitas outras tribus; não entra em meu plano mencionar se não as caracteristicas.

Quem viaja essa linda e curiosa região dos pantanaes não em vapor, porque este indo pelo meio do rio não permitte a observação de detalhe, mas quem a viaja em canôa, a par de alguns riscos que corre, tem tanto que ver e observar, que os dias escoam-se com prodigiosa rapidez. Ao contemplar essa região comprehende-se a acção pacifica das aguas no processo de elaboração e deposito dos sedimentos. Essa immensa bacia revela-nos o processo que a natureza empregou para formar a região dos pampas, e dia virá em

que ella emergindo das aguas ha de ter o mesmo aspecto dos pampas do sul ou das savanas do norte.

A REGIÃO DO DIVISOR DAS AGUAS.

A bacia do Rio da Prata tem sido largamente descripta; desde Azara até o norte americano capitão Page tem-se publicado grande quantidade de obras. Do Araguaya e Tocantins possuimos os roteiros de Corte Real, as relações dos capitães-generaes aos reis de Portugal; o roteiro do Dr. Rufino Theotonio Segurado, impressos estes ultimos na *Revista do Instituto Historico*. Em lingua que não a vernacula só conheço a viagem do Conde de Castelneau, que começa na barra do Rio do Peixe no Araguaya e termina no Pará.

A parte, pois, mais desconhecida é o divisor das aguas, que eu passo a descrever ligeiramente na extensão das 100 leguas que medeiam entre Cuyabá e o rio Araguaya.

Cuyabá tem uma população de 25 mil habitantes mais ou menos, e está edificada á margem do rio d'esse nome, tendo do porto ao largo do palacio 1,050 braças. Edificada sobre um solo regular de depositos quaternarios apresenta a irregularidade de nossas cidades do interior. A principal industria da provincia é a creação do gado vaccum, que se me não falha a memoria, attinge ao numero de 200,000 cabeças, cifra elevada para a população da provincia que provavelmente não excede a 40,000 habitantes. A raça branca alli está profundamente modificada pelo sangue negro e indigena.

Dos povos do Brasil o cuyabano é o que mais se assemelha por seus caracteres physicos ao povo paraguayo. Grandes cantores e amigos de dansa como todos os povos proximamente unidos aos indigenas, elles não têm a indo-

lencia de nossas populações mestiças; activos, laboriosos, emprehendedores, são dignos herdeiros dos paulistas que lhes descobriu o sólo. A alimentação da população campesina compõe-se quasi exclusivamente de carne e peixe. O guaraná que substitue ao chá e café é bebida tão apreciada pelo povo, que mesmo os pobres não se privam d'ella, apesar de custar commummente o excessivo preço de 200$000 por arroba.

Quem segue da bacia do Rio da Prata para a do Amazonas pelo caminho em que eu tenho andado, toma ao sahir de Cuyabá o rumo de N. E. e, a 12 leguas de distancia depois de atravessar os ribeirões do Coxipó, a uma legua, Arica a 4 e meia da capital, sobe a grande serra que n'esse unico lugar divide a bacia do Rio da Prata da bacia do Amazonas, no periodo comprehendido entre os rios Tapajós e Araguaya. Ha diversas estradas para galgar a serra, sendo a do Caguassú a mais geralmente trilhada.

Esta serra que vem figurada em alguns mappas com o nome de serra de S. Jeronymo, é uma immensa muralha de rochas silicosas que attinge a altura de 1,400 metros sombreada de densa mata em que predomina a gigantesca palmeira conhecida alli com o nome de caguassú. Costa arriba pela serra fóra, o viajante sobe os primeiros contrafortes compostos de terras, detritos das rochas que a formam, e todas ellas representando diversas rochas trapeanas com base de silica e magnesia; do meio até quasi ao cimo passa o caminho sobre rochas talcosas, e no cimo sobre diversas grés permeadas de quartzo.

Chegando ao cimo da serra as matas desapparecem, e abrem-se as eternas campinas que se estendem a Leste e a Norte por centenares de leguas quadradas; as campinas não são interrompidas senão pelos raros bosques que, de longe em longe, acompanham ambas as margens das torrentes

que, ora correndo para o Norte, ora para o Sul, vão formar os dois gigantes d'agua doce, que como grandes encanamentos recebem as aguas d'esse immenso telhado.

Subindo a algum dos mais elevados picos do cerro, se fôra pcssivel dar á vista humana o poder de abranger um raio de 1,200 leguas, eis aqui mais ou menos o que enxergaria o viajante : elle estaria na extremidade Sul do grande *plateau* central, que formaria como uma sotéa no meio d'um telhado immenso, *plateau* que tendo 200 leguas em rumo de L. a O. (do Madeira ao Araguaya) e 200 em rumo de S. a N. até a inclinação que determina os rapidos e cachoeiras dos affluentes do Amazonas, apresentaria a grande área de vista de 40,000 leguas quadradas ! Ao Sul elle teria a bacia do Rio da Prata plana como um salão, coberta de eternos palustres, morada de milhares de jacarés, sicurys, capivaras, antas, tigres, e de innumeraveis familias, aquaticas ; charcos, lagôas, esteros, ora apresentando o aspecto de campinas risonhas e cobertas de arrosaes nativos, juncos, nenufares, lyrios e plantas aquaticas, ora sombreadas por aquella melancolica e caracteristica palmeira a que o indio legou o nome de carandá.

Ao Norte do *plateau* avistaria como que dois degráos antes de chegar ás planuras do Amazonas, degráos que correm de L. a O. formando as cachoeiras do Madeira, Tapajós, Xingú, Araguaya e Tocantins. Até ahi são campinas ; d'ahi em diante, rolando tudo isto pela parte do N., avistaria as soberbas florestas do Amazonas, que, como um manto de velludo de felpas colossaes, envolve o rei dos rios.

Esta seria a vista ideal do todo da região de que tratamos.

Passando, porém, do ideal ao real, e descendo dos pincaros da serra para tomar a sella do cavallo de viagem, eis o que encontra o viajante que segue a actual estrada nova,

que sobre o divisor das aguas vai de Cuyabá ao Araguaya.

Nos mappas vem figurada uma serra fazendo a divisão das duas bacias. Ha n'isso inexactidão ; o divisor das aguas, á excepção das montanhas de que fallei atraz, e que não abrangem grande extensão, é em geral de campinas levemente accidentadas com pendores suaves, cujos declives não excedem pelo commum a cinco por cento.

De Cuyabá até o rio Sangrador-Grande, que lhe fica cincoenta leguas para rumo de L., vai-se sempre sobre o divisor das aguas atravessando torrentes, que ora vertem para o Rio da Prata, ora para o Amazonas, e que se entrelaçam umas com as outras como as raizes de arvores plantadas em terreno apertado. Não é raro mesmo vadearem-se grandes lagôas que a um tempo fornecem aguas para os dois rumos oppostos; entre estas nasce a lagôa do Dr. Couto, que distingue-se pelo volume de suas aguas e aspecto risonho que apresenta, coberta como é de lyrios, victoria-régias, juncos, pelo meio dos quaes erram numerosos bandos de marrecas, patos e passaros aquaticos, e em cujo fundo negrejam ás vezes os lentos e enormes caracoes da bôa-constrictor. Do Sangrador-Grande em diante o divisor das aguas, que ia em rumo de O. a L., pende para S. E. para depois, entre o Piquiry e Bahús, tomar o rumo de N. E., em que segue até aos montes Pyrinêos na provincia de Goyaz, montes que dão as ultimas aguas orientaes que vão ao Amazonas.

Do Sangrador ao Araguaya medêa a distancia de cincoenta leguas. A' sete leguas a L. do Sangrador ha no meio das planicies montes elevados de campos abruptos, de pequeno diametro e muita elevação, e que semelham torres ou castellos gigantescos: o mais notavel d'estes é o Paredão. Estes montes sem vegetação aos lados, são vermelhos-escuros, arenaceos, e cobertos de crostas estractificadas de di-

versos saes de ferro ou de conglomeratos da mesma base.

Desde minhas primeiras viagens que o aspecto massiço e a côr vermelha d'essas montanhas e rochas chamou minha attenção, porque esse genero de formação não é commum ao Brasil. Meus conhecimentos geologicos eram então quasi nullos. Foi só na ultima viagem que, vindo eu de Montevidéo para aqui com o naturalista inglez James Armstrong,que vinha de volta de uma expedição ao estreito de Magalhães, este deu-me alguns fósseis (madeiras petrificadas pela silica), e eu, com sorpreza, vi então que havia passado mais de uma vez por um banco importante d'esses preciosos fragmentos da historia das revoluções da terra, banco tanto mais curioso, quanto elle indica, pelo que supponho, uma bacia de terrenos carboniferos.

A montanha denominada Paredão eleva-se, como um castello collossal, no meio d'aquellas campinas. Seus lados são talhados a prumo, altissimos e inaccessiveis, excepto pelo lado do nascente. A côr vermelha d'aquelle collosso destaca-o grandiosamente das verdissimas e humidas campinas que lhe velam os topes e contrafortes. No meio da esplanada superior, que é chata e coberta de musgos e de graminaceos mui pequenos ou de pequenos arbustos entortilhados, eleva-se um cabeço, que como atalaia completa a illusão, figurando-o a um castello em ruinas. O viajante que ousa subir ao pincaro d'essa esplanada (o que já fiz e que qualquer póde fazer, como disse, galgando-o pela parte do oriente) acha-se collocado talvez no mais alto ponto do divisor das aguas do Amazonas e do Prata. Ao sul, poente e nascente, avistam-se planicies, nas quaes se destacam, como torres, algumas montanhas do mesmo grés vermelho que constitue o Paredão. Ao N. e N. O. as planuras estendem-se quasi a perder de vista, e bem na extrema do horizonte, a dezeseis

leguas de distancia, avista-se uma serra, que, correndo no rumo de S. O. para N. E., parece que divide as aguas do Xingú (cujas cabeceiras são ainda inteiramente desconhecidas) das aguas do Rio das Mortes. Quando o tempo está sereno, avistam-se subindo ao ar, d'aquellas campinas, grandes columnas de fumaça que indicam as aldêas dos indios, inteiramente selvagens e ferozes, que habitam essa região, compostos pelo que supponho de *Cahiapós*, *Coroados*, *Gorotirés* e algumas outras tribus de que nós temos perdido os vestigios, ou de quem nem tenhamos talvez a mais leve noticia.

Do Paredão ao Araguaya medêa a distancia de cincoenta leguas, e a estrada, deixando á direita o divisor das aguas, toma os altos de uma bacia secundaria—os que dividem as aguas do rio das Garças das do Rio das Mortes. Tudo são campos. A quatorze leguas do Paredão atravessa-se o Barreirinho sobre uma ponte, cujos esteios estão apoiados em lagedos de grés vermelho; seu aspecto através das aguas limpidas do rio é summamente agradavel; a vinte e duas leguas atravessa-se o Barreiro-Grande: a ponte está lançada sobre dois paredões de grés metamorphico, altissimos, que ahi estreitam e encanam o rio, de modo que o viajante passa por assim dizer dependurado sobre o abysmo, no fundo do qual corre serena e quasi imperceptivelmente aquella massa opulentissima de aguas. Eu sondei n'esse lugar o rio com uma linha de pescar de vinte braças e não encontrei o fundo. O Barreiro tem fóra do canal cerca de tresentos palmos de largo, com a profundidade de dez a quatorze no *talweg*. Duas e meia leguas adiante do Barreiro ha uma curiosa fonte de aguas thermaes, uma das mais lindas cousas que tenho visto n'estes sertões. O ribeirão d'agua quente desce dependurado por uma lombada de terreno suave, e vem por mais de uma legua em continua-

das cascatas; o viajante quando alli chega, depois de uma marcha fatigante por um campo onde falta sombra, extenuado de sol e cansaço, sente ineffavel delicia com o vêr aquellas aguas levemente azuladas, tão transparentes como o diamante, precipitando-se sobre urnas de pedras esverdeadas, povoadas de numerosos cardumes de peixes alvos, que libram-se nos rapidos, parecendo gozar 'n'aquellas aguas puras o prazer de viver alegremente.

O ribeirão no lugar em que a estrada o transpõe, é apenas morno, não tendo temperatura superior á do corpo humano, pois que a thermal já vem misturada com um outro regato de agua commum que lhe nasce proximo. Tendo eu mandado exploral-o, disseram-me que elle nasce a uma legua de distancia da passagem, e que, brotando de uma rocha, é muito mais quente no lugar de seu nascedouro, antes de confundir suas aguas com duas outras fontes que lhe nascem proximas.

A região comprehendida entre o Barreiro e o lugar denominado Taquaral do Fogaça é de terrenos lindissimos, regada de innumeras fontes de agua, e em geral mais vestida de matas do que a anterior, offerecendo, portanto, maiores e melhores proporções para ser habitada. Os povoadores, porém, não se animam a buscar aquellas paragens, que teriam pelo rio das Garças e Araguaya escoadouro para suas producções, porque receiam-se das incursões dos indios. Diversos presidentes de Mato-Grosso, e entre elles o Sr. visconde de S. Vicente e barão de Melgaço, propuzeram a medida de crear-se um corpo de pedestres, que, guarnecendo destacamentos collocados de vinte em vinte leguas, garantissem a segurança aos moradores d'esses lugares. Seria esse o unico meio de ligar-se a população de Mato-Grosso á do resto do Imperio, população que está hoje separada por uma solução de continuidade de cerca de cem leguas.

Do Taquaral do Fogaça em diante até o Araguaya, oito leguas, começam os baixios do Araguaya. O grande rio é precedido por uma zona chata de seis a dezeseis leguas de largura, que o acompanha em ambas as margens e durante as duzentas leguas que elle corre sobre o *plateau*. Essa região coberta quasi toda de campos, e varzeas de arroz silvestre e mimoso, é talvez a parte do Brasil mais propria para a creação de gado, e ha annos que já se o começa a criar em pequena escala. Hoje é povoada de quantidade innumeravel de indios, de animaes silvestres, varas de porcos, manadas de veados, bandos de avestruzes, maltas de lobos, onças, antas, macacos e toda sorte de aves aquaticas, desde o gentil e pequeno marinheiro até a garça real e o grande tuyuyú branco.

ASPECTO DA BACIA DO AMAZONAS. RECORDAÇÕES DE VIAGEM

A bacia do Amazonas, de Monte-Alegre para baixo, é, como a bacia do Prata, subdividida em tres regiões cobertas de agua: a dos rios, a dos lagos, que correspondem ás bahias do Rio da Prata, e a dos pantanaes, que, á excepção dos da ilha de Marajó, são cobertos de florestas, ora baixas e rachiticas, ora gigantescas, escuras e grandiosas. A bacia do Amazonas é muito rica, mas em compensação é mais tristonha e mais doentia.

Nada direi do aspecto dos rios senão que têm as margens mais elevadas do que as do Prata, cobertas de lama e as aguas barrentas. Os lagos são de grande belleza, sobretudo na parte da bacia que fica em cima do grande *plateau* ou *araxá* central. Suas margens são ordinariamente cobertas de bosques espessos na proximidade dos rios em que desembocam; ás vezes são de campinas abertas ou de cerrados, nome com que os homens do interior designam os

campos sombreados de algum arvoredo rarefeito e entortilhado, em que predomina a arvore de lixa, o piqui e o murici. Estes lagos são formados pelos ribeirões que defluem nos rios. Mais de uma vez eu inqueri a mim mesmo como é que esses pequenos ribeirões cavavam essas grandes bacias, e eis-aqui a explicação, pelo que me parece, d'esse phenomeno : sendo, como é, chato e quasi sem declive esse terreno, o rio represa os ribeirões, porque sua massa de aguas é maior e mais corrente ; elle representa, portanto, para com os ribeirões, o papel de dique ; represada a agua do ribeirão, sendo sua correnteza pelo commum muito inferior á do rio, e sendo a pressão da agua do rio muito maior no fundo do que na superficie, a corrente da massa de agua accumulada pelo ribeirão se subdivide em duas : uma, a do fundo, que indo de encontro á massa do fundo do rio, toma um curso de retrocesso e remonta o ribeirão ; a outra, superior, que, elevando-se um pouco acima do nivel do rio, escoa-se por elle fóra, graças ao excesso de pressão atmospherica que ganha com a elevação do nivel ; esta explicação me parece que podia dar a fórmula para o calculo em cavallos mechanicos do trabalho desempenhado pela agua do ribeirão para cavar e conservar limpas aquellas bacias providenciaes, reservatorios de agua para manter as do rio na estação sêcca, na qual, sem esses providenciaes reservatorios, o mesmo rio ficaria *torrado*, na expressão figurada, mas energica do sertanejo.

A região equivalente aos pantanaes do Prata é no Amazonas a dos seringaes ou florestas alagadas, em que predomina a arvore da gomma elastica ; essas florestas emergem tambem de um solo alagadiço, mas a massa de agua que lhes cobre as raizes é muito menos espessa do que a que cobre os pantanaes do Chaco. Navega-se em canôas na estação das cheias por baixo d'essas florestas pela mesma

fórma por que se navega nos pantanaes do Paraguay, com a differença de: os *curixos* são substituidos pelos *igarapés* (significa caminho de canôa), nome com que na bacia do Amazonas designam os ribeirões que estão sujeitos ao fluxo e refluxo da maré. A região do Prata parece de formação muito mais recente do que a do Amazonas.

Quanto á sua fauna: os passaros predominam na do Prata; na do Amazonas os quadrupedes e os grandes reptis amphibios. Em 1865 eu fiz uma viagem, atravessando a grande ilha de Marajó da costa do oceano (Chaves), até a parte que fica fronteira a Belem, isto é, a foz do Arary. No lago d'esse nome e nos *igarapés* que n'elle defluem, os quaes estavam reduzidos a grandes poços, vi tal quantidade de jacarés, que creio não exagerar calculando-os por milhões. Os rios do Amazonas são tambem mais abundantes de grandes peixes, avultando entre estes o pirarucú e o peixe-boi, que merecem especial menção, porque são de grande soccorro aos selvagens e aos viajantes das canôas. Os selvagens (os *Carajás* do Araguaya) pescam o pirarucú com rêdes que fazem de sipós. O pirarucú tem grande força proporcional a seu corpo, que pesa, pelo commum, de tres a cinco arrobas.

Os *Tupís* do Pará pescam-n'o com a *sararaca*, flexa cujo dardo é unido á haste por uma linha comprida de tucum enrolada á mesma haste e disposta de tal fórma que, quando crava-se no peixe, a haste solta-se, e, como é de canna, ella fluctua sobre a agua, indicando assim as direcções que o peixe ferido leva no fundo; o pirarucú, que tem necessidade de respirar ar atmospherico, quando vem á superficie do lago é novamente flexado, e assim o vão perseguindo até exhaurir-lhe as forças, conseguido o que, os indios, tomando a haste da flexa, que está segura ao dardo cravado no peixe pela linha de tucum de que fallámos, pro-

curam leval-o a algum baixio, saltam á agua, e, com uma pancada de massa sobre a cabeça, o matam. O pirarucú é um peixe das dimensões do mero, de cinco a oito palmos de comprimento, de seis a oito de circumferencia, roliço, de largas escamas, as quaes tem o diametro de uma pollegada á pollegada e meia, de um bello verde-escuro ; as escamas da barriga e da parte posterior do corpo são orladas por um semi-circulo de côr vermelha vivissima, e é d'ahi que lhe vem o nome, porque *pirá rucú* quer dizer *peixe urucú*, isto é, com pintas côr de urucú.

Um trabalho interessante para esclarecer a questão da origem das especies, que tanto tem preoccupado os naturalistas depois da celebre obra de Darwin, que tem esse titulo, seria colligir na bacia do Prata as especies de peixes correspondentes ás da bacia do Amazonas ; o celebre professor Agassiz me havia encarregado d'esse trabalho, que infelizmente eu não pude concluir antes da morte d'aquelle digno successor de Cuvier. No entretanto aqui vão os exemplos resultantes de observações. As especies mais notaveis do Amazonas, que não encontram correspondentes nas aguas do Prata, são : o pirarucú, o peixe-boi, o boto, o puraquê ou peixe electrico ; entre os amphibios, a tartaruga. Nem existem estes animães na bacia do Prata, nem typo algum que pareça derivado de tronco identico. Em compensação existem numerosas especies na bacia do Prata correspondentes a especies da bacia do Amazonas, formando especies e mesmo generos distinctos, mas que são evidentemente derivadas do mesmo typo, e modificadas pela acção lenta dos meios ; citarei as seguintes : a matrinchan-grande do Amazonas tem como correspondente no Prata a piracanjuba ; a voadeira corresponde á piraputanga ; o peixe cachorro corresponde ao dourado ; a pirahyba corresponde ao pintado ; o matupiri ao lambary, etc. Estes exemplos são uni-

camente o de peixes, que, profundamente modificados pela accão dos meios ou por qualquer outra causa, conservam comtudo testemunhos irrefragaveis de haverem derivado do mesmo typo; cito-os apenas para assignalar o facto, sem poder entrar em outros detalhes, que seriam improprios de um trabalho de generalidades como este.

Disse eu acima que a região do Amazonas é de florestas, emquanto a do Prata è de campos; fazem excepção a estas florestas a ilha de Marajó e algumas da foz do Amazonas, assim como a região que fica ao norte de Macapá, que são cobertas de alegres e ferteis campos, onde innumeraveis familias de passaros aquaticos, com a variedade de suas côres, e com seus pios e cantos, alegram os olhos e ouvidos do viajante, destruindo o silencio, monotonia e tristeza das regiões de florestas. O solo dos rios do Prata é argilloso; o dos do Amazonas é arenoso. Isto indica o seguinte facto geologico: eram graniticas as rochas que deram sedimentos para aquella região; eram grés arenoso as que deram os sedimentos para a do Amazonas. Não quer isto dizer que se não encontrem regiões arenosas no Prata ou argillosas no Amazonas; eu fallo apenas do que é geral e predominante.

A montanha do Paredão, que deixei descripta, ficou ahi isolada no meio do *plateau* central para com seus grés vermelhos nos indicar a historia da formação dos valles do norte, assim como as inscripções runicas foram providencialmente conservadas para nos transmittir a memoria das primeiras emigrações da familia humana no começo dos tempos historicos.

Ao tempo da descoberta do Amazonas era a raça *Tupí* que predominava n'essas regiões, com o nome de *Tupinambá*. Por vestigios archeologicos de louça e outros artefactos, por vestigios de linguas, eis-aqui o meu modo de pensar respeito ás raças que povoam essa região.

Encontram-se os vestigios de uma raça antiga, que ninguem sabe de onde e nem como veiu parar ahi ; encontram-se vestigios de uma emigração posterior,que não deve datar de mais de oitocentos annos, de tribus que desceram dos Andes; encontram-se vestigios da emigração para ahi dos *Tupinambás*, emigração que é quasi contemporanea da descoberta da America: como muitas vezes acontece nos tempos historicos, os ultimos emigrantes constituiram-se raça preponderante. Eu não tenho dados sufficientes para deixar fóra de duvida a historia d'estas emigrações, e não dou a minha opinião a este respeito como cousa certa, e sim como provavel.

NAVEGAÇÃO A VAPOR

Não será fóra de proposito dar ao leitor uma idéa geral da actualidade das communicações entre estas regiões.

As linhas de navegação a vapor do Araguaya, que partem de Leopoldina, uma para o sul até a pequena povoação de Mato-Grosso, denominada Ytacaiú, outra para o norte até o presídio de Santa Maria, cortam o *plateau* central no rumo de N. a S. em uma extensão de 230 leguas. Ahi o vapor, passando por entre as numerosas aldêas de indios que ainda andam nús, apresenta em contraste os dois extremos da cadêa humana: a raça mais civilisada que usa d'esse primeiro agente do progresso, e o homem nú, imagem viva da primeira rudeza e barbaridade selvagem de nossos maiores.

Quando eu comecei minha vida publica, n'este grande caminho do Amazonas ao Prata tinhamos apenas sessenta leguas navegadas por vapores brasileiros. Muitas vezes, nas noites que eu era obrigado a velar com o *rewolver* na mão para defender-me dos indios, perguntei a mim mesmo quando a

civilisação chegaria a essas solidões. Hoje temos mil e trinta leguas navegadas a vapor, e não sessenta que então haviam. Mil e trinta leguas pelo interior, e ha brasileiros que desesperam de nosso progresso!

Conceda-nos Deus paz interior, como nos tem concedido até hoje, e talvez em futuro não mui remoto tenhamos de vêr a estrada de ferro ligando essas regiões ao Rio de Janeiro, tomando a fórma de um T collossal, cuja cabeça ligue o valle do Rio da Prata pelo Pequiry ou S. Lourenço, o outro o do Araguaya, e, portanto o do Amazonas, garantido assim a esse collosso sua integridade territorial, que sem ella difficilmente conservará.

Conceda-nos Deus paz, e isto, que parecerá agora utopia, será dentro em alguns annos fertil realidade.

Tal é a grande região em que erram hoje as populações aborigenes mais densas do Imperio.

Descripto, como ficou esse museu, passemos agora a estudar diversas questões relativas á raça que primeiro o povoou ; saiamos dos dominios da geographia para percorrer o reino não menos curioso, se bem que muito mais obscuro, da moderna sciencia que tem por objecto o estudo da origem, variedades e transformações d'esse animal, a que os gregos denominaram « *anthropos*, » os *Tupís* « *abá* » e nós—HOMEM.

II

O HOMEM AMERICANO

Apparecimento do homem na terra. Periodo em que apparece na America o tronco vermelho. Cruzamentos pre-historicos com os brancos. Avaliação de qual era o estado das industrias selvagens pelos usos que faziam do fogo.

Tenho observado muito nas viagens feitas por mim nos ultimos dez annos, as quaes representam mais de quatro mil leguas percorridas, ora á cavallo, ora em canôas, nas regiões e rios mais centraes das provincias de Goyaz, Pará e Matto-Grosso, onde residem hoje as nossas grandes populações indigenas; o leitor terá feito provavelmente uma idéa clara d'essas viagens pelo que deixei escripto no capitulo antecedente.

Mas, se tenho podido colligir um grande numero de factos, tem-me faltado o tempo para estudal-os e comparal-os. Essas regiões eu as percorri, como já disse, durante os annos em que successivamente occupei o lugar de presidente das tres provincias, sendo que, das duas ultimas, eu o fui durante o trabalhoso periodo da guerra do Paraguay. As ultimas viagens, feitas de então para cá, tinham por objecto o estabelecimento da navegação á vapor mais central de toda a America. D'estes factos resulta que, com a attenção sempre solicitada por cuidados de uma vida pouco calma, não

é possivel que esta parte da memoria deixe de estar cheia de imperfeições. Peço que a considerem como um ensaio.

....

Aquelles que estudam as diversas revoluções por que tem passado a terra desde o periodo em que fazia parte da grande nebulosa, que se decompôz no systema solar até nossos dias, ficarão convencidos de que os phenomenos que nós denominamos vitaes estão intimamente ligados a taes revoluções.

O homem só podia apparecer nos fins da época ternaria.

As hypotheses sobre a creação do homem que me parecem mais conformes com a geologia são:

Como o tronco negro é que melhor supporta o calor; como a marcha do planeta que habitamos tem sido do calor para o frio, e como todos os phenomenos vitaes se ligam a marcha da temperatura, o tronco negro foi o primeiro creado, e devia sêl-o n'aquella parte do globo onde, primeiro do que em outras, a temperatura desceu ao gráo que era compativel com o organismo do homem.

Pela mesma serie de comparações creio que o tronco amarello veiu depois do preto, o vermelho depois do amarello, e finalmente o branco, que deve ser contemporaneo dos primeiros gelos, foi o ultimo. Julgo tambem que, na ordem do desapparecimento, a natureza ha de proceder pela mesma fórma—o tronco preto ha de desapparecer antes do amarello, e assim successivamente até o branco. Este ha de talvez por sua vez desapparecer tambem no fim do periodo geologico de que somos contemporaneos para, quem sabe, dar lugar ao apparecimento d'uma outra humanidade, tanto mais perfeita e tão distante da actual quanto esta o é dos grandes quadrumanos anthropomorphos que chegaram até nossos dias.

A sciencia por em quanto não póde aceitar estas cousas

senão como conjecturas; dia virá em que ellas serão esclarecidas e provadas.

Eu supponho pois a actual familia humana dividida em 4 troncos—O terceiro em idade é o vermelho ou americano a que pertencem os selvagens de nossa America.

APPARECIMENTO DO TRONCO VERMELHO.

Por uma serie de considerações geologicas que eu não posso agora desenvolver por que excedem aos limites do quadro que tracei, parece que o homem americano appareceu primeiro nos altos *plateaux* formados pelas grandes cordilheiras dos Andes, d'onde emigrou para as planicies.

Em que época teve lugar o apparecimento do homem americano?

O estudo comparativo das alturas acima do nivel do mar, entre os *plateaux* da America e da Asia, dá os primeiros indicios, que por emquanto ainda não estão confirmados por vestigios fosseis que se hajam descoberto em regiões similares.

O Sr. Liais, em sua recente obra: *Climas, Geologia Fauna*, etc., *do Brasil*, cita a pag. 240, n. 107, tres factos de vestigios da industria humana em depositos antiquissimos; a elles eu posso accrescentar uma mó de argilla roxa metamorphica durissima, e uma mão de pilão de petrosilex, ambos polidos, que offereci ao Museu Nacional, e que foram encontrados em *cascalhos* que supponho serem quaternarios d'um dos affluentes do Araguaya.

Sendo o periodo da pedra polida posterior a outros, e encontrando-se instrumentos de pedra polida nos mais antigos sedimentos da época quaternaria, segue-se que o tronco vermelho é anterior a essa época, visto encontrarem-se no começo d'ella provas de que esses homens já

tinham vivido anteriormente o tempo necessario para attingirem aquelle periodo.

No entretanto esta alta antiguidade do tronco americano que o iguala aos mais velhos do mundo não está ainda aceita geralmente pela sciencia, e é subjeita á objecções como direi adiante.

Segundo o testemunho de Lyell,os vestigios humanos mais antigos que se hão encontrado na America indicam a presença do homem no principio da época quaternaria. Esses vestigios não são por certo os mais antigos; estes devem ser encontrados nas regiões mais altas, as quaes até hoje estão inexploradas.

Ainda assim, a antiguidade do homem americano é grande, porque precede ás primeiras emigrações dos Aryas na Europa, e remonta até a data do periodo paleolithico da parte oriental d'aquella região (1).

A consequencia que resulta d'estes factos é,que o homem tinha apparecido na America muitos mil annos antes do descobrimento do continente pelos européos.

ANTIGOS CRUZAMENTOS.

Tudo nos induz a crer que ao tempo da descoberta haviam aqui na America duas raças, uma— que é tronco:

(1) Lyell's *Princ. of Geology* — tom. 2.º, pag. 479. London 1872. . . . . « porém o estabelecimento da humanidade na America, apesar de ser um facto comparativamente recente, póde remontar até o periodo paleolithico da Europa Oriental. Algumas das ultimas transformações do valle do Mississipi e seus tributarios puderam ter lugar quando já era possivel sepultar restos humanos e os de algumas das especies de animaes extinctos, e,atravez do periodo d'essas mudanças geographicas, a cadêa dos Andes podia estar ainda prolongada desde o Canadá até a Patagonia, facilitando assim o desenvolvimento d'uma só raça d'uma extremidade a outra do continente. »

a vermelha — cuja existencia remonta como disse a muitos mil annos; outras cruzadas com raças brancas.

Um dos cruzamentos com o tronco branco deixou de si documento mais authentico do que os em que se assenta a historia, e esse documento são milhares de raizes sanscritas que se encontram no Quichua, segundo a comparação feita pelo Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, em sua recente obra — *Raças Aryanas no Perú*; identicos vestigios se encontram em outras linguas, como o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg em sua *Grammatica da lingua Quiché, e seus dialectos.*

Existindo nas raças indigenas do Brasil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobre tudo entre os que fallam a lingua tupí, e não existindo n'esta lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no Quichua, segue-se que a raça branca aryana, que com os Yncas cruzou o tronco vermelho do Perú e America Central, não foi a que cruzou com nossos selvagens.

Encontrando-se vestigios de typos cruzados aqui no Brasil, e devendo os selvagens do Brasil ter emigrado para aqui dos *plateaux* do Andes, em periodo muito anterior á vinda dos Yncas, segue-se que o cruzamento que se nota aqui é de data muito mais antiga. O cruzamento pelos Yncas é um facto comparativamente recente.

Com effeito, os historiadores são accordes em dizer, que a historia dos reis do Perú abrangia um periodo de 400 annos antes da descoberta da America. Laet (2) um dos mais graves e antigos, diz nos que Manco Capac, o fundador da dynastia dos Yncas, veiu 400 annos antes da descoberta

(2) Laet, *Ind. Occid.* L. II, cap. 12, pag. 396—ediç. de 1640.

da America (3). Havendo cerca de 400 annos que a America foi descoberta, segue-se que a historia escripta d'essa familia americana não abrange mais de 800 annos.

Mostrarei adiante o como a lingua, o estado relativo de civilisação, as idéas moraes e religiosas, concorrem para demonstrar estas cousas.

Este cruzamento nos veiu das costas occidentaes da America.—O outro veiu provavelmente pela costa Oriental.

O que fica escripto habilita-nos a tirar as duas conclusões seguintes.

1.º O tronco vermelho ou americano é contemporaneo pelo menos do periodo paleolithico.

(3) Muitas pessoas estranharam que se pudesse ter conservado uma chronica completa dos reis do Perú por espaço de tão largo periodo, e por isso pozeram em duvida a exactidão d'estas datas. No entretanto é facto hoje verificado que os Quichuas, nome da nação sobre que reinavam os Yncas, podiam formar e effectivamente formaram verdadeiros livros, por um methodo de escripta chamada QUIPO, e inventado pelos Tahuantinouyanos, o qual consistia na combinação de fios de diversas côres com os quaes perpetuavam o pensamento.

O fanatismo mahometano destruiu a bibliotheca de Alexandria. O fanatismo christão veiu tambem destruir a bibliotheca dos Yncas — Aqui vai o texto do notavel documento, que prova esse facto, descoberto o anno atrazado em Lima, e citado pelo sabio peruano Dr. J. F. Nodal em sua *Grammatica da lingua Quichua*, Cuzco, 1872, pág. 95.

Antiqui veró ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur, nulla tamen ratione pueris proelegendi erunt. Et quoniam apud Indos litterarum ignaros pro libris signa quedam ex variis fumiculis erant, quos ipsi QUIPOS *vocant, atque ex eis non parva superstitionis antiquæ monumenta extant, quibus rituum suorum et ceremoniarum et legum iniquarum memoriam conservant,* CURENT EPISCOPI HOEC OMNIA PERNICIOSA INSTRUMENTA PENITUS ABOLERI. *Primeiro concilio provincial de Lima, celebrado em Setembro de* 1653, cap. 37.

2.º As antigas raças mestiças, datam de tempos immemoriaes, havendo talvez muitos mil annos que o sangue do branco cruzou-se com o da primeira india.

A que perido de civilisação haviam attingido esses homens?

Para mim é fóra de duvida que o selvagem do Brasil estava na idade de pedra, e differindo essencialmente n'este ponto dos do Perú, não conhecia a arte de fundir os metaes e nem mesmo os distinguia das pedras, como adiante o mostrarei.

Que vistas foram as da providencía conservando essa pobre raça em tão grande atraso e no primeiro degrão por assim dizer da civilisação, em quanto as outras executavam essas arrojadas conquistas da sciencia que fazem o patrimonio de nosso seculo?

Não o sabemos; mas esse facto em nada autorisa uma conclusão em desvantagem d'esta porção da humanidade, porque todos os anthropologistas e, entre elles, o maior dos mestres modernos, o Sr. de Quatrefages, são accordes em que existem raças brancas em estado mais rudimental e barbaro do que os nossos selvagens, e outras que, por vicios de toda sorte, se degradaram para muito abaixo d'elles.

Essa idade de pedra, pela qual passaram as raças mais

secção 3.ª. A traducção é a seguinte: «posto que sejam permittidos, pela elegancia e pureza da dicção, os livros que nos foram legados pelos gentios, comtudo se não consentirá que elles sejam lidos pelos meninos. E por quanto entre os indios, que ignoraram as nossas letras os livros sejam substituidos por signaes a que os mesmos denominam Quipos, *dos quaes ressaltam os monumentos da superstição antiga, nos em que está conservada a memoria de seus ritos, ceremonias, e leis iniquas*, POR ISSO, OS BISPOS DEVEM CUIDAR DE QUE TODOS ESSES INSTRUMENTOS PERNICIOSOS SEJAM EXTERMINADOS.

E assim apagou-se para sempre uma das mais curiosas paginas da historia da humanidade!...

adiantadas da humanidade, tem seus periodos que dividiremos assim:

1.° Desde a creação do homem com seus instrumentos e armas de páo quebrados dos troncos, e de pedra lascada, até os instrumentos de pedra polida.

2.° Desde essa idade até a da fundição dos primeiros cylicatos, que deram em resultado a industria ceramica, a qual tão profundas modificações deveu trazer na vida economica da humanidade, permittindo o uso do fogo para cozinhar seus alimentos, industria que foi mais importante para a humanidade n'aquelle tempo, do que a descoberta do vapor ou da electricidade o foi para nós.

3.° O que vai da data da fabricação dos primeiros vasos de argilla até a descoberta da arte de fundir o ferro, que deveu ser empregado muito depois do ouro e do cobre attenta a sua maior difficuldade em ser fundido.

A qual d'estes periodos attingiu a civilisação de nossos selvagens? O que era ella em relação as diversas fórmas de manifestação da actividade humana?

E' o que passamos a investigar, detendo-nos de principio nas diversas applicações que os selvagens faziam do fogo, o que, além de auxiliar-nos no estudo, por que o uso do fogo é o ponto de partida de todos os periodos de civilisação, será curioso para o leitor remontar commigo a essa vida rude de nossos selvagens, que eu aprendi a conhecer em longas e demoradas viagens no interior.

E' fóra de duvida que todas as tribus do Brasil conheciam e conhecem o uso do fogo.

E' fóra de duvida que todas ellas desconhecem os meios de fundir os metaes; exceptuado isto, applicavam o fogo a variadissimos misteres.

Algumas conhecem a industria ceramica, e outras não. Ha uma grande differença nos habitos e costumes dos que

conhecem esta industria em comparação dos que as não conhecem.

O FOGO COMO AUXILIAR DO SELVAGEM

Todas as tribus que eu conheço de vista propria, e aquellas de que tenho noticia por meio da relação e tradição d'essas com as quaes tenho estado, empregam o fogo em diversos misteres e como auxiliar á vida :

1.º Para assar alimentos ; este uso é commum a todos.

2.º Para cozinhar alimentos ; este costume é peculiar ás tribus que usam de alimentos cozidos, que são unicamente aquellas que, conhecendo a arte ceramica, possuem vasos onde é possivel realisar-se esta operação.

3.º Para preparar conservas alimentares pelo processo da moqueação (permittam-me a expressão tupi por que nós não temos na lingua portugueza um verbo que substitua o *moquear)*. Este methodo de preparar conservas de carne, peixe e fructas, que elles conseguem moqueando estas substancias, isto é, submettendo-as a um calor muito lento, porque não se moquea bem uma carne sem o espaço de 3 dias, é para elles um recurso preciosissimo por que, não conhecendo o uso do sal, não teriam meio algum de preservar e fazer conservas de substancias azotadas. D'estas conservas ha uma, o *piracuhy* ou farinha de peixe, que goza de grande e merecida reputação ; remettida para uma das exposições de Londres, mereceu as honras de ser classificada como a mais perfeita das conservas de peixe. Uma outra conserva, não menos notavel, é a que fazem da carne do peixe boi por meio do fogo e graxa do mesmo animal, e que é conhecida no Pará sob o nome de *mixira ;* entre conservas de fructos, por meio do fogo, ha a que constitue a deliciosa bebida conhecida em toda a America do Sul, e

hoje muito vulgarisada na Europa, — debaixo do nome Mauez de — *guaraná*.

4.° Empregam o fogo para coagular gommas, — como a da borracha, que constitue hoje um ramo de commercio que vale de 6 a 7 mil contos annuaes; — para fundir e condensar resinas — citarei entre outras: a do breu indigena, que é hoje o que eu emprego exclusivamente nos barcos do Araguaya; produzido por uma fuzão de cera de abelha e resinas de diversas arvores, é mais duravel do que aquelle que nos vem da Europa. Com o fogo condensam tambem a resina da massaranduba. que hoje já se exporta com o titulo de *gutta percha*. Condensam tambem algumas substancias estimulantes, e destinadas a substituir o sal, como seja: o caldo da mandioca de que preparam uma conserva que vende-se no Pará, e de que fazem alli um grande uso, intitulada *tucupy*. Preparam tambem por sublimação um veneno acre com que hervam as pontas das flechas, para conseguir com promptidão a morte dos animaes que atacam. Extrahem tambem, com um processo combinado de fogo e maceração, productos alimentares de certas amendoas, sendo celebres entre estes as famosas bebidas *uassahi* e *bacaba*, celebres não só por serem alimentos de primeira qualidade para pessoas debilitadas por doenças ou idade, como tambem pelo peregrino do sabor e perfume, tão delicado que mereceu d'um viajante americano o exclamar que: d'essas bebidas, cuja tradição, segundo elle, foi levada pelos phenicios ao velho mundo, nasceu a idéa do nectar e da ambrozia dos gregos. Uma outra gomma que preparam com o auxilio do fogo, e que constitue um tão poderoso recurso para o regimem alimentar dos enfermos nos extensos valles do Amazonas e seus affluentes, é o amidon da mandioca, com o qual fazem a deliciosa *tapio-cuhy* ou farinha de tapioca.

5.º—O quinto grande emprego do fogo consiste em utilisal-o para auxiliar a industria de trabalhar a madeira; debaixo d'este ponto de vista, empregam-no para derribar as grandes arvores de que necessitam para suas embarcações, accendendo junto a seus troncos uma fogueira que em pouco tempo abate os mais altivos; com o fogo abrem-lhe bojo; é assim que fazem as suas canôas ou *ubás* como as denominam. Com o fogo vergam e espalmam os mesmos troncos de modo a fazer uma canôa muito mais larga do que era o primitivo madeiro—são as que os tupís denominam *ygara*.

6.º — Usam do fogo como meio de fundir, ou melhor, de cozinhar a argilla para preparar vasos de agua *(ygaçaba)* urnas funerarias, panellas, estatuas, brinquedos para criança, assovios para arremedar passaros, etc.

7.º — Usam do fogo empregando-o como auxiliar da caça, meio de signal para se darem uns aos outros advertencia ao longe, e para a agricultura. Como auxiliar da caça, por que fazem pequenas queimadas no meio dos campos; os veados *(suassú)*, attrahidos pelo cheiro da queimada, procuram-na para lamber a cinza; o indio, que está em um palanque construido em cima d'uma arvore, palanque a que elles denominam *mutâ*, flecha o veado a seu salvo, e sem cançar-se. Outro auxilio que tiram do fogo para a caçada é o de: — quando os *caetetus* (especie de porcos) e pacas se *entocam*, os indios, que não possuem enchadas para desemboscal-os, empregam o meio muito simples de accender fogo na porta e, com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça, de modo que, os animaes quasi asphyxiados dentro, vêm-se forçados a sahir para fóra onde são apanhados.

Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichú*, *mandaguahy*, *arapua*, *sanha-*

rão e outras, de que nem um europêo ousaria approximar-se.

Como exemplo do auxilio que lhes presta o fogo servindo-lhes de telegrapho ou meio de fazer signaes, direi : é impossivel chegar ás aldêas dos *Carajás* no Araguaya, mesmo a vapor e de aguas abaixo, e ellas se estendem em uma zona de quasi 30 leguas, sem que as ultimas aldêas debaixo tenham aviso prévio da chegada do *eotéddo*, como elles denominam os vapores ; o meio de que se servem é accender fogueiras, esperando hora em que não haja vento, porque a fumaça sobe em columna para o ar. Quando andam em caçadas, servem-se tambem d'esse meio para indicarem o lugar em que está o chefe, porque o costume é o de espalharem-se de dia, e reunirem-se a noite para dormir. Não duvido asseverar que elles usam d'estes signaes com certa perfeição, de modo a designarem não só a presença d'um chefe, porém qual dos chefes está presente, e affirmo isto porque já se tem dado comigo esse facto mais d'uma vez.

Um outro emprego do fogo como auxiliar da pesca é o seguinte : á noite os peixes de escama procuram os baixios, para não serem devorados pelos enormes peixes de couro, da familia dos syllurus, que n'essa hora procuram de preferencia suas presas. Os indios fazem com madeira rachada de ipé um facho ; levam brasas na conôa, e chegando ao baixio, accendem o facho ; é de ver-se o como os peixes começam a saltar e a cahir dentro da canôa, ás vezes em tal abundancia que dentro em pouco tempo a enchem. Para concluirmos com os diversos partidos que os indios tiram do fogo como auxiliar da caça e da pesca, eu referirei uma singular caçada á que assisti junto a um lago das margens do Araguaya : Tendo-me encontrado com uma partida de *Chambioás* que andavam caçando, segui com elles para um lago que diziam ficava a não muita

distancia da margem. Effectivamente lá chegamos com legua e meia de marcha, e elles, depois de verificarem d'onde vinha o vento, prenderam fogo ao campo em semi-circulo, de modo a cercar com o incendio aquella parte do lago em que nos achavamos, para o fim, diziam elles, de caçarmos *mussuans*, especie de tartarugas de terra firme, pequenas mas de sabor delicadissimo, que existem em todo valle do Amazonas. Com effeito esse methodo de caçar com o fogo é excellente, por quanto, apenas o incendio começou a a ganhar uma certa extensão, os *mussuans* começaram a procurar o lago, onde nós os apanhavamos em abundancia e com grande facilidade; dentro em pouco porém, de envolta com *mussuans*, começaram a vir cobras que, como elles, vinham procurar no lago um asylo contra o fogo—e as cobras, filhos de jacarés e outros reptis, eram tantos que nós os christãos, (*tory* nos chamam) subimos sobre arvores, deixando aos *Chambioás* o resto da caçada; e nem elles, familiarisados naturalmente com aquillo, desistiram d'ella senão quando o fogo chegou tão proximo que o calor tornou-se insupportavel; circumstancia em que nos mettemos pela agua á dentro, e atravessamos o lago, conduzindo enormes collares das taes tartarugas presas pelos pés á cipós.

E' com estes e outros engenhosos e faceis meios de obter caça que se explicam as enormes viagens do capitão-mór Bartholomeu Bueno Anhanguera com 200 e mais pessoas por esses sertões, sem conduzir provisões. E' o que explica tambem a facilidade com que eu mesmo tenho feito tão longas viagens pelo sertão, conduzindo muita gente e raras vezes sem conduzir outros viveres além de sal, farinha, café, e assucar, porque os indios, que sempre levo n'essas expedições, supprem-nos com rara abundancia de peixe, caça, mel, e quantidade de batatas—a rude mas sadia mesa do viajante do sertão.

Uma cousa que não deixa de ser curiosa é que os indios como todos sabem, tiram fogo da madeira, e n'isto parece que elles são inventores originaes d'esse processo, porque pelo que supponho os outros povos rudes servem-se para este mister, da pedra. Este processo de tirar fogo da madeira qualquer não o póde empregar sem saber o como se faz, e é assim: — toma-se um cerne de madeira dura que esteja perfeito no centro, mas que tenha uma camada de alguns oitavos de pollegada já poida; faz-se com a unha uma covazinha na madeira já poida, e n'ella colloca-se a extremidade d'uma vareta de madeira de cerne bem duro e, tomando esta ultima entre as palmas das mãos, imprime-se-lhe um movimento rotatorio rapido; ao cabo de alguns minutos o fogo prende-se ao pó da madeira poida, communica-se a ella e assim se o accende.

8.°— Servem-se do fogo como meio de elevar a temperatura nas noites frias, ou quando estão molhados para enxugarem-se. As nossas tribus sul-americanas, pelo menos as que estão comprehendidas entre o valle do Rio da Prata e do Amazonas, não usam de especie alguma de vestido senão como enfeite; é o fogo quem restabelece o equilibrio indispensavel a saude nas mudanças de temperatura, que tão sensiveis devem ser a corpos que não estão protegidos por nenhuma especie de vestimenta. Nas noites de neblina e frio, e as ha bem frias n'esses chapadões de campinas desabrigadas que dividem a bacia do Rio da Prata da do Amazonas, elles accendem grandes fogueiras junto as quaes se assentam os velhos, contando aos guerreiros as historias das guerras e emigrações da tribu, emquanto os mancebos dançam e cantam em torno d'ellas. Quando dormem em suas redes nas noites frias, accendem por baixo um fogo, que fica mais ou menos correspondendo a altura do peito. Empregam tambem o fogo como agente therapeutico nos

casos de serem mordidos por animaes peçonhentos, como cobras e arraias; não queimam as chagas como nós fazemos — chegam o membro ferido junto ao fogo, emquanto podem supportar o calor, retiram-no para depois approximal-o de novo até que a dôr seja succedida por uma especie de torpor ou dormencia; eu já fui curado assim por elles.

Com o que levamos narrado vê-se que os indios sul-americanos com estes variadissimos usos que fazem do fogo, sabem tirar d'elle pelo menos tanto partido quanto tira o nosso homem do povo, e mais ainda, porque o applicam em misteres, ou desconhecidos do nosso povo, ou que este tem aprendido d'elles.

IGNORANCIA DO FOGO.

Agora tocarei no seguinte ponto: será exacto, como referem alguns escriptores, entre outros o padre Jaboatão em sua obra o *Orbe Serafico*, que algumas tribus americanas desconheciam o uso do fogo e comiam carnes crúas?

Não é exacto, e tenho para asseveral-o dois fundamentos: — pelo que fica exposto vê-se que os indigenas sul-americanos não só conheciam o uso do fogo como alguns d'elles estavam já no segundo sub-periodo de civilisação primitiva, isto é: n'aquelle em que se emprega o fogo para queimar vasos de argilla.

Ora, não é verosimilhante que, se muitos annos antes da descoberta da America algumas tribus já estavam no segundo sub-periodo da idade de pedra, houvessem algumas ainda no primeiro periodo, isto é, n'aquelle em que o homem não conhece o uso do fogo. D'esses objectos de argilla, que pela posição onde os encontrei, no fundo d'um aterro, denotam uma grande antiguidade, trouxe aqui dois a saber: um é a cabeça d'uma estatuazinha de

homem ; o outro é um assovio para imitar artificialmente o canto do inanbú, especie de perdiz de excellente carne, que até hoje elles matam, escondendo-se e imitando-lhe o canto, ao qual ella acóde no presupposto de ser o d'um companheiro.

Sabemos que a familia indigena que mais se estendeu na America do Sul foi a *guaraní* ou *tupí,* nomes estes que para mim indicam quasi a mesma cousa. Ora, todas ellas têm a palavra *tatá*, fogo— *tata-itá*, pedra de fogo ou com que se tira o fogo—*tatá qui ce*, para exprimir a palavra fuzil. Ora, não é rasoavel suppôr a ignorancia da existencia d'um elemento cujo nome serve de componente d'outros que exprimem objectos proprios para a cada momento reproduzil-o ; por tanto tenho para mim que a opinião do padre Jaboatão, Simão de Vasconcellos e outros, é a este respeito sem fundamento.

FUNDIÇÃO DE METAES.

Examinemos agora uma outra questão para terminar este segundo capitulo : Os indios sul-americanos conheciam algum metal ?

Não conheciam. Os antigos historiadores referem-nos que quando Solis penetrou no Rio da Prata encontrou os indios de suas margens com objectos d'esse metal.

Encontrei em Matto-Grosso um roteiro d'um filho do capitão-mór João Leite Ortiz, companheiro do Anhanguera, o qual refere que os indios *Arâes* traziam ao pescoço pequenas chapas de ouro.

O primeiro facto explica-se pelo contacto em que os indios do Chaco deviam estar com os *Quichuas* e mais nações debaixo do governo dos Yncas que, como é fóra de duvida, conheciam não só o arte de fundir como de moldar e trabalhar o ouro, o cobre e a prata.

O 2.º facto explica-se assim : o que os indios traziam ao pescoço eram folhetas d'ouro taes quaes se ellas encontram na natureza, quando muito batidas. D'este ornato usam até hoje os sertanejos do norte de Goyaz.

Não creio que nossos indios conhecessem a arte de trabalhar nem um metal, pelas seguintes razões :

Porque, todos os outros elementes indicam que elles estavam ainda em um periodo de civilisação mais atrazado do que aquelle que suppõe a arte de fundir os metaes ;

Porque, tendo eu estado em contacto com tribus das mesmas regiões nunca encontrei entre ellas o menor vestigio de metaes ;

Porque, tendo eu feito, e mandado fazer escavações em antigos cemiterios indigenas, e encontrando quasi todos os objectos de pedra ou argilla de que elles se serviam, nunca encontrei nem soube que ninguem encontrasse objecto algum de metal como seria tão natural, e como succede nos tumulos dos *Quichuas*, dos *Asteques* e d'outras tribus que attingiram a um gráo de civilisação mais elevado.

Porque, finalmente,a lingua tupí, de todas a mais adiantada entre as sul-americanas, confunde a idéa de metal com a de pedra ; é assim que os metaes que viram em nosso poder, ou objectos de metal, elles o traduziram para sua lingua por palavras cuja radical era pedra : ouro, elles traduziram por *ita jubá* (ou pedra amarella) ; ferro, *Ita-una* ou pedra preta ; prata, *ita-tinga* (ou pedra branca), cobre, *ita jubá rana* ou pedra de amarello falso ; os objectos que são entre nós necessariamente de metal, tem a mesma radical *ita* em sua traducção ; por exemplo : faca, *ita quice* ; sino, espada *ita nhaen*, *ita tacape*.

Ora, é muito natural que em linguas de tão faceis transmutações de vocabulos, como são estas e em geral todas as que como ella estão ainda no periodo de aglutinação, é

muito natural que, se os indios tivessem dos metaes uma idéa distincta da pedra, tivessem para expressal-a um vocabulo que não fosse aquelle pelo qual se exprime essa idéa.

A vista de quanto fica exposto eu concluo :

A grande familia sul-americana, excepto a familia mestiça que esteve debaixo da influencia dos Yncas havia attingido o periodo da civilisação denominado : IDADE DA PEDRA POLIDA.

Encontram-se no Brasil vestigios d'um periodo de civilisação anterior a este ? Ha instrumentos que denotem que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação intitulado IDADE DA PEDRA LASCADA ? Nossos selvagens, que já eram agricultores, não tinham sido pastores ; como explicar estes factos ?

Estudamos essas questões no capitulo seguinte.

III

O HOMEM NO BRASIL

Periodo em que se deu a primeira emigração para o Brasil, avaliado pela falta de instrumentos de pedra lascada. — Periodo pastoril. — Ausencia de monumentos. — Periodo geologico em que se encontram vestigios humanos no Brasil.

Concluimos o capitulo precedente assignalando o facto de que todos os selvagens do Brasil haviam chegado a idade da pedra polida.

Passamos agora a assignalar dois factos que nos parecem de importancia, e que ou não hão sido notados pelos escriptores que se tem ocupado da ethnographia do Brasil, ou não tem ligado a elles a importancia que nós lhe attribuimos. Queremos fallar : primeiro, da ausencia de instrumentos ou vestigios demonstrativos de que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação que importa o uso de instrumentos de pedra lascada ; segundo,que elles hajam chegado a ser agricultores sem haverem sido pastores. Estes factos vão quanto a mim lançar não pequena luz respeito ao periodo em que o Brasil recebeu seus primeiros povoadores. Analysemos os factos.

FALTA DE INSTRUMENTOS DE PEDRA LASCADA.

A anthropologia demonstra que o homem physico passou sempre d'um periodo mais atrazado para um mais adiantado; a historia demonstra a mesma cousa a respeito do homem moral. Toda raça que é encontrada no periodo em que usa de metaes teve sua idade de pedra. Toda que é encontrada com instrumentos de pedra polida teve seu periodo de instrumentos de pedra lascada.

Nem na collecção do Museu Nacional, nem na do Instituto Historico, nem nas obras dos viajantes, nem entre mãos de particulares que em S. Paulo, Minas e Pará conservam instrumentos indigenas, nem em minhas viagens, nem em leitos de rios, nem em desmoronamentos de aterros antigos dos selvagens em que tenho recolhido alguns objectos de grande antiguidade, nunca encontrei um só instrumento de pedra lascada, nem mesmo a menção de taes objectos.

Certamente que a raça ou raças selvagens do Brasil passaram por esse periodo; qual a razão pois porque não se encontra um só vestigio d'essa idade, tendo-se aliaz encontrado

d'outras em lugares que deviam preservar perfeitamente tudo, como é o fundo dos grandes e antiquissimos aterros, que existem nas provincias do Pará e Matto-Grosso?

Se bem que instrumentos d'esses, se existissem, não teriam escapado a observação de homens da força de Humboldt, Martius, Saint'Hilaire, Castelnau, Hartt, Liais e outros, comtudo, como eu não havia ainda visitado museu algum onde existissem collecções de instrumentos d'esse periodo, julguei que a pedra lascada pelo homem para seus usos grosseiros, devendo differir muito pouco da que o fosse casualmente, não podia despertar a attenção dos brasileiros do interior, que são ordinariamente os que colligem os instrumentos antigos dos indios de cujas mãos os recebem os viajantes.

Tive porém occasião o anno passado de ver uma collecção de instrumentos de pedra lascada dos selvagens da França, pertencente a S. M. o Imperador.

A vista d'esses objectos encheu a principio o meu espirito de duvidas, fazendo-me claramente comprehender que era falsa a razão que até então me havia parecido verdadeira para explicar a não existencia de taes objectos nas collecções que se hão feito de instrumentos de nossos selvagens. Com effeito, se bem que taes instrumentos indiquem a mais rudimental infancia da arte, com tudo é impossivel examinal-os sem reconhecer que foram lascados, não pelo acaso, e sim por um ser intelligente; é assim por exemplo, que as partes destinadas a cortar abrem-se e espalmam-se, á proporção que se contrahem e ao mesmo tempo se engrossam aquellas que são destinadas a ser empunhadas; em muitas o córte descreve um arco de circulo, e revela-se já no grosseiro instrumento a forma dos córtes dos machados de aço fundido que a raça branca inventou muito depois de conhecer o uso do ferro. Estas e outras particularidades indicam por parte do fabricante do instrumento a intuição

de leis mechanicas que é partilha exclusiva da humanidade, e impediriam ao observador de confundir os instrumentos de pedra lascada, com as pedras que casualmente o fossem, ou por effeito de phenomenos naturaes, ou pela acção não intencional do homem.

Por tanto, se não appareciam, é por que não existiam. Como explicar a não existencia de taes instrumentos?

Não se póde suppôr que o nosso selvagem fosse uma excepção de regra, que até o presente a não tem encontrado na familia humana.

A unica explicação que ha para esse facto é que o Brasil só possuiu os seus selvagens por via de emigração, e que esta deveu ter tido lugar depois que esses homens haviam transposto em outra região o primeiro periodo da civilisação ou barbaria humana.

Esta prova é robustecida por uma outra deduzida tambem de instrumentos de pedra, e é a seguinte:

Na provincia de Matto-Grosso existem á margem do Cuyabá e do Paraguay grandes aterros feitos pelos antigos indigenas com o fim de, elevando o solo acima do nivel das maiores enchentes, tornarem habitavel uma região de sua natureza baixa, e que por tanto se cobre d'agua durante a estação pluvial. Entre os aterros do rio Cuyabá citarei o que deu o nome ao furo do Bananal, e que é especialmente notavel por seu tamanho, e pelo trabalho que devia ter custado a homens que nem conheciam o uso do ferro para preparar objectos onde pudessem carregar a terra, e nem eram auxiliados por nenhum animal de transporte como o eram os peruanos com o *guanaco* a *lhama* e talvez a *vicunha*, e a *alpaca*.

Em a bacia do Amazonas conhecem-se numerosos d'esses aterros, e alguns d'elles, talvez os mais notaveis, na ilha de Marajó onde entre outros ha um que é uma ilha artificial

dentro do lago Arary. Esses aterros, mais ou menos extenços, affectam por vezes formas de animaes ; ha um no centro de Marajó sobre o qual já eu passei, que affecta a fórma d'um jacaré colossal sobre cujo dorso deveu viver outr'ora uma tribu inteira, e que serve ainda hoje para lugar de construcção de casas dos fazendeiros de gado e seus vaqueiros, que habitam aquella região que se cobre d'agua durante as cheias do Amazonas.

Considerando-se que as regiões onde elles existem são alagadiças em muitas dezenas de leguas ; que, se as tribus eram errantes e nomades, as guerras em que andavam continuamente umas com outras, as deviam impedir de alargarem-se por muitas leguas d'essas regiões, vê-se que elles, desde que occuparam taes regiões começaram esses aterros, sem os quaes seria impossivel explicar sua existencia durante a estação pluvial em lugares que se convertem em verdadeiros mares mediterraneos.

Portanto, o principio de taes aterros é mais ou menos contemporaneo da occupação d'essas regiões pelos selvagens.

Pois bem, no fundo d'esses aterros encontram-se as mais antigas urnas funerarias, sem comparação mais grosseiras, tanto pelo preparo da argilla como pela estructura e lavores, do que aquellas que se encontram nas camadas medias e superiores.

Se os principios de taes aterros são contemporaneos mais ou menos da povoação d'essas regiões, o estado de civilisação que elles indicarem será o estado de civilisação dos selvagens quando para ahi emigraram. Dentro d'essas urnas encontram-se não só instrumentos como ornatos de pedra polida, a que no Pará chamam *itan*, além de que a propria urna funeraria, de argilla cozida, indica só por si um periodo de civilisação mais adiantado do que o da pedra lascada.

Por tanto, quando esses selvagens emigraram para essas regiões, já haviam transposto aquelle periodo de civilisação.

Não é só n'este genero de industria que os vestigios de nossos selvagens indicam uma solução de continuidade entre o periodo de civilisação em que os encontramos, e os periodos de civilisação que deviam ter percorrido antes de chegar a esse.

Vamos mostrar a ausencia no selvagem do Brasil d'um periodo não menos importante do que aquelle cuja falta vimos de assignalar isto é: a do

PERIODO PASTORIL.

A philosophia e a historia ensinam, que o homem em relação a industria alimentar foi primeiramente caçador e pescador, depois pastor, e só depois de haver percorrido esses dois periodos é que foi agricultor.

A agricultura suppõe habitos de vida sedentaria, e usos que excluem grande parte da primitiva barbaria do homem.

E' facto fóra de duvida, que nossos selvagens eram já agricultores muitos annos antes da descoberta da America.

Fallei acima dos grandes aterros na bacia do Paraguay e do Amazonas. Esses aterros conservam ainda vivos os testemunhos de sua agricultura porque são povoados de bananeiras *(pacovay* ou *pacova-ybira* ou *pacova-ytyba)*, de que os paraenses e os habitantes da provincia do Amazonas formaram o vocabulo portuguez, vulgar n'essas provincias, de *pacoval*.

Em uma fazenda de Marajó que pertenceu ao Sr. senadar Leitão da Cunha e que é hoje propriedade do meu amigo o Dr. J. J. de Assis, existe uma grande plantação de cajueiros seculares que deu o nome á fazenda, o qual cajual foi plantado, muitos annos antes da descoberta da America,

pelos *Aruans*, tribu que habitou outr'ora a face da ilha de Marajó que fica contra o oceano.

Os viajantes antigos e modernos attestam todos a existencia da arte da agricultura mais ou menos desenvolvida entre os selvagens.

Eu tenho estado em aldêas que nenhum contacto tem tido com a raça conquistadora nos sertões do Araguaya; tenho conversado com chefes indigenas, entre outros o dos *Cahiapós* de nome *Manahó*, que me dão noticias dos indios do *plateau* do Xingú, inteiramente desconhecidos de nós; quer pela vista, quer pelas relações ouvidas, todos esses indios cultivam entre outras as seguintes plantas: a mandioca, cujo conhecimento attribuem a revelação sobrenatural, assim como os *Aryas* attribuem a um Deus o conhecimento do trigo; cultivam a bananeira, o cará, e diversas especies de batatas e tuberculos farinaceos que são poderosos auxiliares de seu regimen alimentar.

D'elles aprendemos nós a cultura d'essas plantas, assim como do cacáo, tão importante hoje como artigo de exportação. Ainda é cultivado exclusivamente por elles aquella planta mais rica em theima do que o chá e o café com cuja baga preparam os pães de guaraná, tornando-se a tribu dos *Mauez*, que habita o valle do Arinos, famosa entre as outras pela excellencia d'este producto, que começa hoje a ser notado nos mercados europêos.

Não só conheciam os rudimentos da agricultura; as primeiras intuições de chimica já lhes tinham apparecido; foi d'elles que aprendemos esse processo de adubar o solo por meio de queimadas, processo destruidor e barbaro, não duvido, mas com o qual temos enriquecido, sem o qual seria talvez impossivel a agricultura em nossas mattas, e que ainda é o mais geral em todo o Brasil. Sabiam tambem extrahir alguns principios simplices das plantas, entre os quaes

a *tapioca.* Conheciam processos de fermentação pelos quaes preparavam excellentes conservas alimentares e proprias para estomagos enfraquecidos pela acção de miasmas paludosos, entre outras citarei os bolos de *carimã*, com os quaes quasi todos nós fomos alimentados durante o periodo de nossa infancia.

Por tanto, tinham não só attingido ao periodo de agricultura, mas já não estavam muito na infancia, e prova-o o termos nós adoptado muitos dos seus processos, que, se não são os mais conformes com a chimica agricola, são os mais faceis, e por tanto os mais praticos para nós, dadas as circumstancias em que nos achamos.

No entretanto não ha o menor vestigio de que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado uma só especie zoologica brasileira, para ser sua companheira na vida sedentaria que deviam levar aquellas tribus que se tinham mais detidamente entregue a agricultura.

Quando eu li esta parte da memoria no Instituto Historico foi suscitada a seguinte objecção, cuja difficuldade eu não dissimulo :

Os selvagens do Brasil não foram pastores porque as especies zoologicas da região que habitavam se não prestavam a isso.

Se o argumento da falta do periodo pastoril fosse isolado no intuito de demonstrar a povoação do Brasil posterior a esse periodo, eu cederia d'elle porque não posso desconhecer que a justeza d'essa observação lhe tira em grande parte a força; mas não é isolado; já mostrei atrás que esta irregularidade apparente na marcha da civilisação indigena manifesta-se tambem pela ausencia do periodo da pedra lascada; por esse motivo me parece que a ausencia

do periodo pastoril merece, não obstante a escassez de familias domesticaveis, ser tomada em consideração.

Certamente que não temos no Brasil uma só familia que possa ser equiparada ao boi, ao carneiro e ao cavallo, preciosos companheiros das raças do velho mundo. Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, a gallinha. O *queichada*, o *baracdjá*, o *guará* ou lobo, o *mutum* e o *jacú* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis se alguma causa,cuja existencia suspeitamos, mas que por ora não podemos determinar qual seja, o não houvesse obstado.

Isto me parece tanto mais verdadeiro, quando é certo que os indios do Perú domesticaram a *lhama*, o *guanaco*, a *vicunha*, o *gato* e alguns outros animaes de habitos não menos selvagens no estado de natureza do que os de que eu fallei acima.

Uma outra consideração que concorre para robustecer esta interpretação do facto, é o gosto singular que têm nossos selvagens pela presença de animaes em suas aldêas.

Quem visita uma aldêa selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, papagaios de todos os tamanhos e côres, macacos de diversas especies, porcos, quatys, mutuns, veados, avestruzes, seriemas e até sycurijús, giboyas e jacarés, eu já tenho visto n'essas aldêas alimentados pelos selvagens com acurada paciencia. O *cherimbabo* do indio (o animal que elle cria) é quasi uma pessoa de sua familia. Tudo isto concorre para indicar que se a familia selvagem do Brasil não havia domesticado uma só especie, não era por uma aversão a arte de domesticar, e sim por outra causa.

AUSENCIA DE MONUMENTOS.

Assim como não encontramos o periodo da pedra lascada, e o periodo pastoril, factos que nos levam, sobre tudo o

primeiro, a concluir que a povoação do Brasil foi posterior a elles, assim tambem não encontramos monumentos.

Dir-se-ha que nossos selvagens não haviam attingido ao estado de civilisação necessario para taes creações. Não é assim; os povos mais barbaros os tem erguido.

Nas outras nações da America, e nomeadamente no Perú, elevam-se ainda hoje soberbas ruinas: se os selvagens do Brasil não attingiram a civilisação dos do Perú, não estavam comtudo tão afastados que não podessem ter attestado a sua presença por monumentos, embora mais grosseiros do que os dos peruanos, mas em todo caso consideraveis.

Não os ha em parte alguma do Brasil a excepção dos aterros das bacias do Paraguay e do Amazonas; nota-se n'elles escassez de restos animaes que deviam existir em grande quantidade, por que, como é sabido, esses homens, que se nutriam especialmente de animaes vertebrados, deviam ter deixado depositos immensos.

Nem um viajante que eu saiba mencionou até o presente uma só construcção indigena antiga. Eu creio que sou o primeiro que dou noticia d'uma, e é uma especie de forte circular de terra, que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros propriedade do Dr. Joaquim José de Assis. Esse monumento porém é evidentemente contemporaneo ou posterior aos aterros da mesma ilha.

PERIODO GEOLOGICO A QUE CORRESPONDEM OS MAIS ANTIGOS VESTIGIOS HUMANOS NO BRASIL

Em sua recente e importante obra: — CLIMAS, GEOLOGIA E FAUNA DO ARASIL, — O Sr. Liais pretende que se encontram provas da presença do homem no Brasil durante os primeiros tempos da época quaterneria.

A este respeito diz elle a pag. 240 n. 107.

« O deposito quaternario de seixos rollados ou cascalho do Brasil, que comprehende, como acabamos de vel-o, os depositos auriferos e diamantinos do Brasil, não é desprovido de traços da industria humana primitiva. N'elles se encontram machados de pedra em tudo semelhantes aos de silex dos depositos quaternarios da França, com a differença unica de que são feitos d'um diorito grenitoide, e de serem imperfeitamente polidos. No sitio Lavra, fazenda de Casa Branca, proxima ao Rio das Velhas encontraram-se machados e pilões de pedra, e um vaso de argilla muito grosseiro, de paredes excessivamente espessas, jazendo no meio de depositos de cascalho aurifero. M. Helmreichen assignalou em depositos diamantinos, ao pé da Diamantina, dardos ou ponta de flecha, dois de quartzo, e um de petrosilex. Nas notas deixadas por Mr. Clausen respeito a um animal de especie extincta, enviado por este viajante do Brasil para o museu de Paris, le-se : Apenas uma vez encontrei entre os ossos d'um animal de especie extincta, Platyonix Cuvierii, fragmentos de louça, cobertas d'uma crosta delgada de stalagnite. O terreno não parecia ter sido revolvido. Resulta evidentemente d'este facto a contemporaneidade do homem e d'este animal que só se encontra nos depositos antigos da época quaternaria. Craneos humanos foram descobertos pelo Dr. Lund nas cavernas do Brasil ; mas tendo sido taes depositos revolvidos pela agua, elle não ousava affirmar a contemporaneidade do homem no Brasil com os animaes de especies extinctas no meio dos quaes elle encontrou os craneos. »

Não ha negar que estes factos seriam provas irrespondiveis se a idade dos terrenos em que foram encontrados fosse determinada pelos autores que os citam por propria inspecção visual e immediata dos—*cascalhos*.

A este respeito eu me animo a oppôr duvida, porque

o dito d'um mineiro,que affirma ter encontrado taes objectos em um cascalho diamantino ou aurifero, não importa que esse objecto tenha sido encontrado em deposito quaternario.

Eu sou filho d'um districto diamantino ; conheço os depositos de cascalho da Diamantina na bacia do Jequitinhonha, do Abaeté na do S. Francisco, da Bagagem na provincia de Minas, do Verissimo, Pilões, Rio Claro, e Cayapósinho na de Goyaz ; do Passa-Vinte, Barreiro, Rio das Garças, Caxoeirinha, em Matto-Grosso. Em todos estes lugares os mesmos trabalhadores de diamantes distinguem esses depositos em tres camadas, que indicam idades diversas, e para servirmos-nos dos nomes que elles empregam, os chamaremos : *cascalho virgem*, o mais antigo ; *pururuca* o mais recente e de formação contemporanea, e *corrido*, o deposto intermediario entre a pururuca e o virgem. D'estes depositos só o primeiro parece ser antigo, e é a elle sem duvida que o illustre naturalista assigna a velha origem contemporanea das primeiras revoluções da época quaternaria ; sendo todos estes depositos designados pelos mineradores com o nome generico de cascalho: o elles dizerem que um machado de pedra ou resto de louça foi encontrado entre cascalho, não importa de forma alguma o ter o objecto sido encontrado em um deposito quaternario, se a especie de cascalho não fôr examinada pelo naturalista de modo a poder assignar-lhe a idade.

Faço esta reflexão por que já se deu comigo o seguinte facto. Em 1871 remetteram-me á Leopoldina uma mó d'argilla petrificada roixa, e uma mão de pilão de *petrosilex*, objectos que se acham hoje no Museu Nacional remettidos com outros pelo Sr. C. José Agostinho, que me havia pedido que lhe enviasse com aquelle destino quanto eu encontrasse em minhas viagens que pudesse interessar as sciencias na-

turaes. Dizia-me o Sr. capitão Gomes Pinheiro que esses objectos foram encontrados em cascalho diamantino do rio Cahiapó. Verifiquei depois que o cascalho em questão não era virgem, e fiquei na impossibilidade de julgar da idade do deposito.

Quanto aos cacos de louça encontrados no terreno sobre o qual encontrou-se tambem o *Platyonix Cuvierii*, remettido ao Museu de Paris pelo Sr. Clausen, sem duvida nenhuma que demonstra a contemporaneidade do homem com esse animal da época quaternaria, se o terreno não foi revolvido e o animal ou os fragmentos de louça conduzidos para ahi por uma corrente ou qualquer outra causa, visto como o envolucro de stalagmite que os cobre, podendo ser con temporaneo, não é garantia sufficiente de que esses objectos tenham sido encontrados juntos pelo facto de serem contemporaneos.

Me parece, que não se póde por agora admittir uma tão remota e antiga presença do homem no Brasil sem muita reserva, sobre tudo quando, pelos factos precedentes, mostramos que essa mesma raça já tinha vivido em outra região o tempo necessario para transpor os primeiros periodos de barbaria.

A sciencia ainda não descobriu meio preciso de converter em calculo de tempo os periodos geologicos. John Philips diz-nos que, tomando por base do calculo o tempo que um rio dos periodos modernos gastaria para accumular sedimentos, os do carvão de pedra de South Wales na Inglaterra teriam exigido o enorme espaço de quinhentos mil annos (4).

Se assim é para um periodo comparativamente curto,

(4) On the whole, then, I have concluded that half a million of years may probably have elapsed during the grouth of the precious deposits of the coal formation.

John Phillips, *A Guide to geology*— London—1854.

qual não será o largo espaço de milhares de annos que já decorre da data do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, suppondo que elle aqui appareceu no principio da época quaternaria ?

Embora seja por em quanto impossivel conhecer com precisão o espaço de tempo que decorreu do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, comtudo parece fóra de duvida que ha mais de cem mil annos que elle aqui existe, tendo-se em consideração que os sedimentos da época quaternaria deviam ter consumido muito mais tempo do que isso para serem depositados.

Contando-se o tempo pela vida dos patriarchas tal qual ella foi escripta por Moisés, Adão e Eva não existiram a mais de cinco mil annos. Os textos do Velho Testamento hebraico devem ser revistos porque, pela fórma por que estão traduzidos, elles envolvem um erro que destroe pelos fundamentos toda a theoria da revelação immediata, do peccado original, e da redempção ; por que, assentando-se todas ellas no facto da creação d'aquella familia á cinco mil annos, fica a revelação destruida com a existencia de gerações humanas por muitos milhares de annos antes de Adão e Eva, povoando já todos os valles da terra, inclusive os da America (5).

(5) « Cuvier tinha declarado muitas vezes que o homem fossil não existia e nem podia existir ; na época presente sabemos que elle é encontrado em toda parte onde se o procura.

Tem-se descoberto traços do homem até nas épocas terciarias modernas e talvez nas eocenes. Elle vivia não só com o urso das cavernas, e com o mammouth, mas foi contemporaneo do Mastodonte, do Dinotherium, e do Halitherium ; quanto mais antigos são os vestigios humanos que encontramos tanto mais indicam n'elle sociabilidade e intelligencia rudimentares» (Clemence Royer, *preface de la troisième édition de Darwin, Origine des especes*, Paris 1870.,

IV

LINGUAS

Classificação das tribus pelas linguas. Classificação morphologica das linguas americanas no grupo das turanas. Classificação segundo a estructura interna das linguas em dois grupos. Grupo das Aryanas. Grupo das linguas Tupís e sua extensão. Indole das linguas d'este grupo. Bibliographia do Tupí, e do Quichua.

Leibnitz, em uma carta ao padre Verjus, dizia : *julgo que nada serve tanto para se poder bem julgar da afinidade dos povos como as linguas.* O grande philosopho tinha razão.

Como veremos no capitulo seguinte as raças aborigenes do Brasil apresentam dois typos:um primitivo, e outros cruzados com raças brancas que deverão ter aportado á America muitos centos de annos antes da descoberta d'ella por Christovão Colombo.

Além de caracteres physicos que demonstram este cruzamento, ha um outro vestigio irrecusavel : é a presença de numerosas raizes sanscritas em certas linguas da America.

Como para a classificação das raças os vestigios deixados pelas linguas sejam documentos de incontestavel valor,antes de entrar n'aquella classificação,vamos estudar a das linguas

As pessoas que se quizerem inteirar da antiguidade do homem sobre a terra podem ler com grande proveito, entre outras, as duas seguintes monographias : de Nadillac, *Ancienneté de l'Homme,* e o celebre Lyell, *Antiquity of Man.*

americanas, assim como os factos que se prendem a taes linguas, e que elucidam mais de um ponto obscuro de ethnographia.

Classificação morphologica.

Sendo a linguistica uma sciencia muito recente, seja-me licito entrar rapidamente em algumas generalidades que concorrer para tornaráõ mais claro este assumpto de classificação.

O notavel professor inglez o Snr. Max Müller, seguindo as immortaes pegadas da *Grammatica comparada* de Bopp, classificou todas as linguas humanas em tres grandes secções: linguas *monosyllabicas*, linguas de *aglutinação*, e linguas de *flexão*.

São monosyllabicas aquellas em que cada syllaba tem um significado.

São de aglutinação aquellas em que as raizes primitivas, as monosyllabicas, tem em grande parte perdido o seu significado quando isoladas, mas que adquirem um desde que entram em composição com outra raiz. É n'este tronco que devem ser classificadas as nossas linguas americanas, e o seu typo é a lingua turana.

São linguas de flexão aquellas em que as raizes já totalmente se perderam, de modo que o pensamento nunca póde ser expresso senão por meio de nomes de maior ou menor numero de syllabas, mas que não são uma raiz. O sanscrito e o hebraico são typos n'esta familia, à que pertencem tambem o portuguez e as linguas européas.

Esta classificação, denominada morphologica porque limita-se a fórma externa, a apparencia da lingua, se nos é licito expressarmos-nos assim, significa apenas maior ou

menor gráo de adiantamento de uma lingua; não indica de modo algum qualquer gráo de parentesco entre ellas.

Quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguistica, sua filha primogenita, ha de fixar regras de uma classificação mais profunda das linguas, e muito provavelmente esta classificação, partindo de caracteres mais intimos do que a sua fórma externa, ha de auxiliar a classificação das familias humanas e vice-versa, esta ha de por sua vez auxiliar a das linguas.

A anthropologia já tem progredido hoje bastante para poder affirmar que no mundo intellectual não existem factos isolados, assim como não os ha no mundo physico.

Assim como hoje se sabe que o crystal de qualquer mineral não podia ser formado na mesma epocha em que se geraram os vegetaes ou animaes nossos contemporaneos, assim tambem se ha de saber que as linguas n'este ou n'aquelle estado, as idéas religiosas e moraes em maior ou menor gráo de perfeição, pertencem a periodos de desenvolvimento intellectual onde tudo se encadêa, se harmonisa e é relativo, como o são os objectos e phenomenos physicos nos grandes periodos geologicos.

Se a classificação das linguas pela sua fórma externa não indica gráo algum de parentesco com a familia em que ella é classificada, e indica pura e simplesmente o periodo de desenvolvimento em que se acha, o facto de classificar-se o tupí ou guarani no grupo de linguas turanas, não quer dizer que elle tenha o menor gráo de parentesco com linguas asiaticas; indica apenas seu estado de desenvolvimento no periodo em que nós a encontramos.

Dois grandes grupos nas linguas sul americanas

Supposto que as linguas americanas tenham todas chegado ao 2.° periodo de desenvolvimento—o de aglutinação,

resta saber qual o grão de parentesco que ellas têm entre si.

Os estudos comparados respeito as linguas americanas estão apenas começando agora, e muitos annos decorrerão antes de esclarecer-se completamente este assumpto.

Empregando o methodo naturalista, que não deixa de fazer as grandes divisões pelo facto de não ter dados para fazer as pequenas, propomos que se adopte a seguinte classificação :

1.° grupo: *linguas aryanas*, ou aquellas que contendo centenares ou milhares de vocabulos sanscritos, indicam um cruzamento entre os indios da America e aquella grande familia branca: o *quichua*, que era a lingua fallada pelos Yncas, seja o typo predominante d'esta grande divisão, na qual se virá agrupar mais tarde uma outra grande lingua, a saber: o *quiché* com seus dialectos o *chaque-chiquel* e o *zutuil* que, segundo o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg, são parentas proximas de linguas europeas aryanas.

2.° grupo : *linguas geraes não aryanas*. N'este grupo se comprehende o tupí e o guarani entre os quaes não ha maior differença do que a que existe entre o portuguez e o hespanhol; assim como comprehendem-se numerosos dialectos d'essas linguas, entre os quaes o dos indios *Kiriris* no qual possuimos um curioso cathecismo escripto em 1698, impresso em Lisboa, de que trato na noticia que dou no fim d'este capitulo, onde escrevo a bibliographia dos dois grupos de linguas americanas : supponho que o segundo dos dois comprehende tambem todas as linguas do Brasil.

Linguas aryanas da America

Parece hoje fóra de duvida que o sanscrito forneceu cerca de duas mil raizes ao quichua.

Relações entre linguas americanas e està grande lingua asiatica, de onde se originaram sete das grandes linguas actuaes da Europa, haviam sido presentidas de muito.

Os estudos serios de philologia comparada datam da publicação da grammatica de Bopp.

Homens estudiosos não recuaram diante da aridez d'este estudo, e, com indizivel paciencia, escavaram essas minas pejadas de thesouros da antiguidade, e tem feito tantos progressos que talvez não esteja longe o dia em que, com o estudo de uma só grammatica e de um só systema de raizes, se consiga a chave para entender todas as linguas e dialectos de um grupo, fallados pela humanidade.

Com referencia a America, eis o que dizia em 1862 o padre Brasseur de Bourbourg :

« *Plus d'un lecteur, en lisant le titre du vocabulaire, s'étonnera du travail comparatif qu'il renferme. En effet, qui se serait douté, il a quelques années, qui s'imaginerait même encore en ce moment, si ce livre n'en apportait les preuves les plus irréfragables, que les langues si longtemps ignorés de l'Amérique centrale offrissent des affinités si nombreuses e si remarquables avec les langues dites indo-germaniques, mais surtout avec celles d'origine teutonique(6) ?*

Ao passo que esse vigoroso estudo era concluido a respeito das linguas da America central, um outro, não menos profundo, era proseguido com incansavel ardor pelo notavel argentino o Snr. Fidel Lopes.

Auxiliado pelo general Urquiza que collegiu documentos quichuas a peso de ouro, o Snr. Fidel Lopes começou seus

(6) *Grammaire de la langue quiché mise em pararélle avec ces deux dialectes chaque chiquel el zutuil, comprenant les sources principales du quiché comparées aux langues germaniques. Par.* 1862.

estudos comparativos entre a lingua dos Yncas e a em que estão escriptos os Vedas, talvez o mais antigo monumento da sabedoria humana. Auxiliado depois por um distincto egyptologo, que propositalmente foi a Buenos-Ayres, elle publicou o anno atrazado em francez,a sua obra: *Raças aryanas no Perú*, onde apresenta centenares de raizes *quichuas* identicas a raizes sanscritas.

O quichua é das linguas americanas a que mais tem sido estudada, como o mostraremos pelo catalogo das obras que sobre ella se hão escripto na America e na Europa.

A conclusão do Snr. Fidel Lopes é a mesma do padre Brasseur de Bourbourg.

Quasi ao mesmo tempo um philologo peruano, o Doutor em leis José Fernandes Nodal,publicava em Cuzco (1872) os *Elementos de gramatica quichua ou idioma de los Yncas*, um volume em 4.°, com 440 paginas, facilitando assim a comparação d'essa curiosa lingua americana com o sanscrito.

Eu não conheço o sanscrito; o que tenho estudado do quichua me não habilita a julgar com tal segurança de sua grammatica de modo a podel-a comparar com a de qualquer das linguas aryanas que fallo. Mas, para ver identidade de raizes, basta saber ler, e depois de ter lido os trabalhos dos Snrs. Fidel Lopes, Brasseur de Bourbourg e Nodal convenci-me de que as linguas de que tratam soffreram profundas modificações em seus vocabularios por vocabulos sanscritos. Uma raça aryana portanto esteve largamente em cruzamento com os indios americanos,e os Yncas ou seus progenitores eram filhos dos *plateaux* ou *araxás* da Asia central.

Ignoro se existe no Brasil alguma lingua que possa com justa razão ser classificada como tendo affinidade com o sanscrito; se ha, o guaicurú deve ser uma d'ellas.Nossos conhecimentos estão porém muito atrazados para affirmal-o ou negal-o por emquanto.

LINGUAS GERAES, NÃO ARYANAS.

A lingua mais geral na America meridional é o *tupí* ou *guarani.* Consinta o leitor que por emquanto confundamos estes vocabulos, visto que dentro em pouco diremos em que consiste a differença.

A respeito da extensão d'esta lingua o benemerito jesuita hespanhol padre Antonio Roiz de Montoya nos diz no prefacio do seu *Tesoro de la lengua guarani, Madrid,* 1639: *lengua tã universal que domina ambos mares; el del sur por todo el Brasil, y ciñendo todo el Perú.*

Na bibliotheca do Instituto Historico conserva-se um precioso manuscripto em inglez, 2 volumes em 4.°, contendo grammatica e diccionario da lingua tupí, onde seu autor, o Snr. John, Luccock, diz que ella foi tambem fallada ao longo das costas orientaes da America do norte; aqui vão suas palavras: *the language apears to have been spocken along the Western cost of North America* (7).

Que o tupí ou guarani foi, é e será ainda por muitos annos a lingua mais geral da America do Sul, é questão que não pode ser seriamente contestada, desde que se admitta a quasi identidade das duas. Que ellas são quasi identicas não ha a menor duvida para os que a tem ouvido fallar pelos naturaes.

Se assim é, como explicar o facto de ser o vocabulario da lingua brasiliana tão diverso do vocabulario de Montoya? Por exemplo : Quem lê os exemplos citados pelo padre Luiz Figueira e os entende, não entende senão com difficuldade os da arte da lingua guarani do padre Montoya. A quem estudar as linguas por monumentos escriptos isto succederá

(7) Este precioso manuscripto foi doado ao Instituto pelo benemerito consocio o finado Sr. Gonçalves Dias.

sempre, emquanto se não adoptar um alphabeto phonetico que expresse com propriedade sons que nós não possuimos em nossa lingua, e que força foi á aquelles grandes homens representar com as letras do nosso pobre alphabeto. Como as opiniões acerca da grande variedade de linguas americanas sejam exageradas, pela mesma razão porque se exageraram as differenças entre o tupi e o guarani, isto é, por causa da falta de um alphabeto, consintam-me que me detenha um pouco sobre isto, porque assim ficará esta questão esclarecida. O gammo das notas das linguas americanas é sem comparação alguma mais rico do que o das linguas aryanas, que são mais vulgares entre nós.

Os grammaticos jesuitas chegavam diante de um som que não tinha representante nas linguas que elles fallavam ; era muito natural que o expressassem por uma letra de convenção; como não haviam então os meios de communicação que temos hoje, porque o Brasil de 1873 está para o Brasil de 1600 fóra de toda comparação, era natural dissemos que essa convenção não passasse além de um circulo limitado.

A palavra agua por exemplo é *y* gutural, em tupi e guarani.

Não ha som algum que possa representar no portuguez, latim ou hespanhol, linguas que eram as conhecidas por aquelles padres, uma vogal gutural, porque essas linguas não possuem uma só. O que era natural que fizessem? Uns escreveram simplesmente um *I* italico com um trema; outros escreveram o mesmo *I* com um ponto em cima outro em baixo; outros escreveram um *y* com um accento particular; outros escreveram *yg*. Portanto, da falta de uma letra que expressasse exactamente o som em questão, resultou que escreveram a mesma palavra por quatro fórmas distinctas, de modo que quem lê, é levado a pensar que haviam quatro expressões para designar a palavra agua, quando

os dialectos antigos e modernos não têm mais que um só vocabulo.

Esta confusão cresce quando a vogal gutural é seguida de vogal nasal aspirada; por exemplo: *sem agua*, que se diz: *y eym*; ora, qual o meio de expressar isto com as letras do nosso alphabeto? Não ha : portanto uns escreveram *iin*, *iji*, outros *igeima*, de modo que nós, que lemos as letras com os sons que ellas representam, em vez do vocabulo tupí temos escripto diversos, dos quaes nem um dá no som verdadeiro.

Um outro exemplo e com elle concluo.

Não temos sons nasaes no principio dos nomes, e por isso não temos meio algum de represental-os sem as convenções supracitadas. A palavra, cousa, se diz em tupí *m'bae* que se pronuncia quasi como *umbaé*. Para expressar o som tupy com as letras de nosso alphabeto escreveriamos ou *umbae*, ou *mbaé*, ou *imbae*, ou *embae*, isto são 4 nomes distinctos, dos quaes um só não é o tupí.

A'vista d'isto comprehende-se como, para quem lê a lingua antes de haver educado o ouvido pela falla, cada novo autor que lhe caia nas mãos figura uma nova lingua, ou pelo menos um dialecto diverso, sem haver tal diversidade senão na pobreza e falta do nosso alphabeto, que certamente não podia representar sons que não existem nas linguas para que elle foi feito.

Accrescente-se a isto, que os missionarios hespanhóes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes; e comprehende-se com toda facilidade como o guarani, que não é senão o tupí do sul reduzido a lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupí, o julgava no entretanto

distincto do guarani, como se lê a pag. 100 do seu *Glossaria linguarum brasiliensium.* Elle não conhecia o guarani senão por leitura, e leitura do padre Montoya, de todos o unico que escreveu com signaes especiaes, e que portanto escrevia muito diversamente de Martius que, tendo aprendido o tupí pelo padre Figueira, adoptou muito naturalmente o modo de escrever d'este grande e profundo grammatico.

Outro argumento da differença apparente das linguas tupí e guarani, e estou quasi tentado a dizer de outras linguas americanas, resulta de circumtancias geographicas que serão bem comprehendidas á vista do seguinte exemplo :

No Paraguay se diz, gallinha: *uryguassú;* no Pará dizem os tupís: *çapucaia.* Ora, é absolutamente impossivel encontrar identidade de raizes entre estas duas palavras: *ury guassú,* e *çapucaia*; quem não conhecer a lingua pensará mesmo que os vocabulos pertencem a dois idiomas distinctos; mas, desde que conhecer a significação das palavras, verá que *ury guassú* quer dizer, *perdiz grande*; em verdade a gallinha se assemelha á perdiz; mas, não havendo perdizes no Pará por que não ha campos, o nome de uru era dado a outros individuos da familia que em nada se assemelham a gallinha, e portanto não era natural que elles se servissem do mesmo qualificativo; tomaram o canto do gallo para significar a nova fórma, e assim empregaram a expressão : *çapucaia* que quer dizer: *o que grita,* tanto em tupí como em guaraní.

Estes argumentos são clarissimos, mas só podem ser bem avaliados pelas pessoas que entenderem a lingua, e isto infelizmente não é vulgar entre nós, o que é de lamentar-se porque, além de ser quasi a lingua vernacula, é ella o grande vehiculo para levar civilisação e religião a, pelo menos, 500:000 de nossos compatriotas que erram ainda

selvagens pelo meio de nossos sertões, á espera de que lhes vamos levar a civilisação e o trabalho.

Por esse motivo a este s argumentos eu accrescentarei um de natureza historica, e é o testemunho do Dr. D. Lourenço Furtado de Mendonça, prelado da diocese do Rio de Janeiro o qual, na approvação que deu a *Arte* do padre Montoya, diz em 7 de Março de 1630 o seguinte: *y oxalá los prelados que allà en el Brasil tenemos nuestras Diocesis tan vezinas al dicho Paraguay, y Rio de la Plata, vieramos en ellas este espiritu, este zelo, e estos frutos, pues confiesso que andãdo yo visitãdo, me ayudé de uno destos indios traìdos del dicho Paraguay para que en el Ingenio adonde estava quedasse con cargo de doctrinar à los otros del dicho Ingenio.* Mas os indios do Rio de Janeiro e S. Paulo fallavam o tupí, logo o tupí é nem mais nem menos o mesmo guarani, com algumas differenças (8).

(8) Entre as differenças uma ha curiosa, e é a tendencia que manifesta o guarani em abandonar as raizes primitivas dos vocabulos aglutinados, e isto demonstra que o guarani é filho do tupí; exemplo: *sicurijú*, é o nome da nossa grande serpente amphibia, em tupí; os guaranis dizem: *curyjú*; *Cahapora*, é o nome de um genio de sua mythologia de que fallaremos adiante, em tupí; os guaranis dizem: *Pora*. *Curupira*, é o nome de outra divindade, em tupí; os guaranis dizem: *Curupim*. *Matim taperé* ou *Saci Cereré* é o nome de outro genio em tupí; os guaranis dizem: *Cêrêrê*; onça, *jaguara* em tupí; os guaranis dizem *jaguá*. Estes exemplos, que eu poderia alongar a um grande numero de vocabulos, indicam que é a mesma lingua em dois periodos: o tupí em um periodo mais primitivo, quasi monosyllabico, conservando com escrupulo as raizes com que formou a aglutinação; o guarani em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocabulo aglutinado. Portanto o tupí, é a fonte, e por isso denominamos o grupo com o nome de *tupí*.

Indole das linguas no grupo tupi

Um facto que não deixa de ser singular e caracteristico n'este grupo de linguas, é que as suas fórmas grammaticaes são quasi todas ao inverso das nossas.

Passo a exemplificar isto, porque póde esta observação levar a comparações de não pequeno interesse.

Todas as linguas conhecidas, e que têm sido objecto de estudos, têm uma unica forma para exprimir as pessoas do verbo, e essa forma é a das terminações; nas indolatinas é assim: *laud-o*, *taud-as*, *laud-at*, *laud-amus*, *laud-atis*, *laud-ant*; expressa as pessoas pelo mesmo mechanismo porque o portuguez o faz: *louv-o*, *louv-as*, *louv-a*, *louv-amos*, *louv-aes*, *louv-am*. Entre o portuguez e o latim a raiz mudou, mas o mechanismo é o mesmo.

O nosso tupí veiu fazer brecha n'essa regra dos philologos, apresentando-lhes um mechanismo tão ou mais simples, porém inverso, e por tanto distincto.

A regra, a que eu alludi acima, e que tenho verificado já em duas outras linguas do Brasil, é a seguinte: todo mechanismo que serve para conjugar os verbos, quando é posposto á raiz nas linguas aryanas, é anteposto no tupí; e o que é anteposto nas linguas aryanas, é posposto no tupí.

Logo: em quanto as linguas classificadas significam as pessoas dos verbos por uma posposição, conservando a raiz em 1.° lugar, o tupí põe a raiz para o fim, e começa por aquillo que entre nós é terminação. A vista d'esta regra, em vez de uma conjugação difficil e obstrosa, o mechanismo dos verbos fica tão claro como em portuguez; aquillo que os antigos grammaticos chamaram artigo, não é senão a mesma

terminação, com a só differença de, em vez de ser posposta é anteposta, exemplo:

Portuguez.		*Tupí.*
	Verbo matar, *ajucá.*	
Raiz. Terminação.		Terminação. Raiz.
mat — o		a — juca
mat — as		re — juca
mat — a		o — juca.

Quando queremos passivar um verbo, em os tempos em que o podemos fazer sem auxiliares, o conseguimos pelo mesmo systema de posposição; elles o conseguem por uma anteposição, e com um mechanismo muito mais simples; qualquer verbo fica passivo desde que é precedido de *nhe* ou *je*, exemplo: *monhanga*, fazer; *nhe monhanga*, ser feito; ao passo que nós conjugamos o nosso auxiliar, e o verbo auxiliado passivado, elles limitam-se a ajuntar a particula citada,e assim, em quanto nas nossas linguas aryanas necessitamos de decorar avultada porção de formulas, elles com duas unicas dizem tudo,com a mesma precisão e com maior clareza. Quando nós passivamos o verbo, usando do auxiliar, collocamos este em 1.º lugar; elles o pospõe, ex: eu tenho de ser morto: *che ajucá pyrama*; pyrama, auxiliar só para este tempo, é posposto. Quando queremos negar a acção do verbo, a negação precede; elles cortam a negação no meio e collocam o verbo entre as duas syllabas,exemplo: eu não mato; *ind-ajucá-y*. Quando nós necessitamos de indicar por uma particula que a acção do verbo recahe sobre um objecto, sempre precedemos o objecto de tal particula; elles a collocam depois;já os padres Figueira e Montoya haviam notado este particular dizendo: *n'esta lingua as preposições vão para o fim*, exemplo: Vamos ao Instituto Historico, *Ja-ha* I. H. *pé*; a preposição *pe,no*, é posposta ao caso regido,Instituto.

A indole do tupí é tão inflexivel n'este particular que, as mesmas preposições copulativas,são arremessadas para o fim da oração e pospostas aos proprios nomes que copulam! Permitam-me mais um exemplo para tornar patenle esta singular e caracteristica lei : «eu vim com um bom cão», se diz em guaraní: *che aju petein jagua catuété dive*, o que, ao pé da letra, diz: *eu vim um cão bom com*. Não ha em uma só lingua classificada transposição d'esta ordem, e isto indica uma elaboração linguistica inteiramente nova, e que caracterisará dentro em pouco um genero tambem novo.

Para formarmos os casos, nossas particulas, quando necessarias, precedem o nome; entre elles é posposta; assim declinamos: Deus, de Deus, para Deus, em Deus, com Deus; elles: *Tupan, Tupan mbae, Tupan upe, Tupan pe, Tupan gui, Tupan rece*, etc.

Não é realmente curiosa esta inversão systematica e methodica das fórmas e regras das linguas aryanas, que faz da familia americana typo completamente novo?

Que lei é essa do entendimento humano que presidiu a aglutinação dos monosyllabos na familia tupí, justamente ao inverso da que presidiu a mesma aglutinação na familia até hoje reputada typo?

Entrego esse facto ao estudo e reflexão dos linguistas, persuadido de que ha ahi a primeira revelação de uma grande lei philologica, que muito ha de esclarecer o problema, até hoje tão obscuro, da diversidade das linguas.

Esta lei serve no entretanto para excluir da classificação do grupo das linguas aryanas todas aquellas cujo mechanismo é inverso dos mechanismos aryanos, e justifica a divisão que eu fiz; só por si ella indica a existencia de uma lingua primitiva na America,distincta da que deu nascimento ás especies asiaticas e européas.

E' para lamentar que, no grande movimento de estu-

dos fortes que nos ultimos annos se hão emprehendido na Europa e America sobre as linguas do novo mundo, o Brasil não tenha concorrido com um só livro; se alguns estudam nada publicam, e assim figuramos entre os indolentes, incapazes, ou indifferentes ao progresso da grande questão da lingua universal.

TRABALHOS SOBRE A LINGUA TUPI' OU GUARANI

Parece-me que a palavra *Tupí* quer dizer: pequeno raio. ou filho do raio, de *Tupá*—raio, e—*i*—diminutivo. A palavra *Guarani* parece corruptella da palavra *guarini* que significa guerra.

Os padres jesuitas hespanhóes e portuguezes foram os unicos que na antiguidade estudaram as linguas selvagens. As linguas selvagens hoje são o mais valioso documento para resolverem-se dois problemas importantes da sciencia, a saber: os gráos de parentesco da grande familia americana, e as leis a que o entendimento humano está sujeito no desenvolvimento da poderosa faculdade de compôr linguas. Descoberta essa lei, será possivel uma grammatica que sirva de chave para entenderem-se todas as linguas de uma mesma familia, o que será cousa mais importante para o progresso da humanidade do que a descoberta do vapor ou das leis da electricidade.

Se o tupi é uma lingua primitiva, como tudo induz a crer, sua antiguidade em relação ao sanscrito e ao hebraico, é tal que, avista d'ella, essas linguas ficam sendo quasi contemporaneas.

E' um dos mais importantes legados que o homem prehistorico deixou ás gerações actuaes. Os homens estudiosos têm n'ella mina riquissima de investigações uteis e proveitosas, que não devem abandonar ás gerações futuras,

por que essas virão em tempo em que talvez já tenham desapparecido os elementos indispensaveis para o seu estudo.

Com estas reflexões não quero por fórma alguma incul-car que tenho conhecimentos extensos da lingua ; eu a fallo tanto quanto é necessario para me fazer entender pelos indigenas ; mas ainda não conclui meus estudos que aliás eu tenho dirigido no sentido pratico.

Pena é que sejam hoje tão raros os livros sobre as linguas indigenas, e tão raros que eu senti difficuldade até para organisar um catalogo d'elles ; e como isso será justamente a primeira difficuldade com que terá de arcar aquelle que se empenhar n'esta ardua, mas gloriosa senda, eu concluirei este capitulo com a relação d'esses escriptos, alguns que conheço só por noticia, outros que possuo ou que tenho visto.

O mais antigo e, a todos os respeitos, precioso monumento que possuimos em portuguez, é a *Grammatica do jesuita padre José de Anchieta*, o mais notavel dos antigos catechistas. D'esta obra, que esteve quasi perdida para as letras, os mais minuciosos catalogos só mencionam a existencia de dois exemplares, um existente na bibliotheca do Vaticano, e um pertencente ao Sr. conselheiro Macedo, ex-bibliothecario da Torre do Tombo. Na America só existe um exemplar, e esse pertence a S. M. o Imperador. Este exemplar, que é um primor d'arte de calligraphia, consta-me que S. M. o houve na Allemanha, e é copia fac-simile do da bibliotheca do Vaticano. Eu o vi em uma das sessões do Instituto, o anno passado. Pelo que pude julgar com exame rapido que fiz d'essa obra, pareceu-me um trabalho grammatical do mais subido valor. Desde que S. M. possue um exemplar, a bibliotheca do Instituto não ficará sem uma copia.

Em seguida a esta obra, as mais preciosas são incontestavelmente as do padre Antonio Rodrigues de Montoya,

jesuita hespanhol, filho de Lima, e que floreceu no primeiro meado do seculo XVII. Escreveu elle :

Arte e vocabulario de la lengua guarani, Madrid, 1640. Esta obra é hoje rarissima ; existe na Europa que me conste um unico exemplar na bibliotheca publica de Londres. Na America sei da existencia d'um pertencente a S. Magestade, um que foi do Dr. Martius, pertencente á bibliotheca do Instituto, doado por S. M. ; um que me pertence e que foi tomado em uma carreta em Cerro Corá por um official do nosso exercito. Este livro é precioso pela multidão de textos que encerra com o modesto titulo de vocabulario.

O 2.° é o *Tesoro de la lengua guarani* do mesmo autor ; é a obra mais completa, e o mais profundo estudo sobre a lingua ; é um monumento que ha de passar ás mais remotas éras, se não perder-se agora ; só com seu auxilio seria possivel restaurar a lingua, se ella se perdesse. Existe um exemplar na bibliotheca de Londres, um na de Santa Genoveva em Paris.

Na America sei da existencia de quatro ; um pertencente a S. M. o Imperador, um ao Dr. Baptista Caetano, que com tanto esmero se ha dedicado ao estudo da lingua ; um pertencente ao general D. Bartholomeu Mitre,um que pertenceu ao general Urquiza, e que penso pertencer hoje ao Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres. D'esta obra só tenho noticia d'uma edição ; da *Arte e vocabulario* tenho noticia de duas: a que citei acima, e uma outra feita em Santa Maria Maior, impressa ao que parece com typos de madeira ; esta segunda edição traz acrescentamentos debaixo do titulo de escolios, escriptos pelo padre Paulo Restivo, da companhia de Jesus, 1724. Não creio que exista um só exemplar na Europa, por que alguns bibliographos até põe em duvida que ella tenha sido impressa, e todos a citam com referencia. Existem na America que eu saiba dois exemplares, um

pertencente a S. M. o Imperador, e outro que pertencia á familia do marechal Lopes, e que me foi dado.

A outra obra do padre Montoya é o: *Catecismo de la doutrina Christã*. Ha duas edições, uma de Madrid que deve ser do mesmo anno de 1640, e uma de Santa Maria Maior, augmentada pelo mesmo jesuita, o padre Paulo Restivo, já citado. Só tenho noticia d'um exemplar existente d'essa obra e esse pertence a S. Magestade o Imperador; ainda o não vi.

A 4.ª obra do padre Montoya é: *Sermones de las dominicas del año e fiestas de los indios*. Ignoro se esta obra foi impressa, e menos ainda se subsiste hoje algum exemplar d'esse precioso livro. Os bibliographos o notam apenas pela referencia que d'elles faz o citado padre no proemio do seu *Tesoro*.

A's obras d'este, seguem-se as dos outros missionarios portuguezes.

Não sei que exista um só exemplar das grammaticas de Manoel da Veiga, e Manoel de Moraes, que só conheço pelas referencias que d'ellas faz o Sr. França em sua *Chrestomathia da lingua brasilica*, citando João de Laet, notas á dissertação de Hugo Grotio, intitulada: *De origine gentium americanarum*.

A bibliotheca fluminense e creio que a do Rio de Janeiro possue um exemplar do cathecismo grande dos jesuitas, pelo qual elles ensinavam a doutrina christã a nossos selvagens. Essa obra tem por titulo: *Catecismo Brasilico da Doutrina Christã; com o ceremonial dos Sacramentos e mais actos parochiaes. Composto por padres doutos da companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado á luz pelo padre Antonio de Araujo, da mesma companhia, emendado n'esta segunda impressão pelo padre Bartholameu de Leam, da mesma companhia*. Lisboa, 1686. Off. de Miguel Deslandes. »

Grammatica da lingua geral dos indios do Brasil, com-

posta pelo padre Luiz Figueira, reimpressa na Bahia em 1851, aos esforços do Sr. João Joaquim da Silva Guimarães. No meu pensar, o padre Figueira não conheceu tão profundamente a lingua quanto o padre Montoya ; comtudo, na grammatica propriamente dita, isto é na philosophia da lingua, me parece que elle é superior ao dito padre Montoya. A edição de Lisboa, que já não é vulgar, foi seguida d'um vocabulario com o titulo de : *Diccionario Brasiliano*, que é o mesmo que se vê reproduzido na *chrestomathia* do Dr. França, de que adiante fallaremos. (9)

Outras obras ha antigas,que ou não tiveram a celebridade e reputação d'estas, ou nunca foram impressas, e conservavam-se nas bibliothecas de França, Inglaterra e Allemanha, até que, ha pouco tempo,a curiosidade dos sabios singularmente despertada por esta lingua que lhes vai ministrar talvez um ponto de comparação que lhes faltava para fixarem regras importantissimas de philologia, as está desenterrando do pó de quasi dois seculos para trazel-as á luz da publicidade.

Além d'estes trabalhos, que se referem ao tupi ou guarani, existe um mui curioso e importante sobre um grande dialecto da lingua, que era fallada antigamente em grande extensão do Brasil : referimo-nos á lingua kiriri ; tem por titulo : *Catecismo da doutrina Christã na lingua brasilica da nação Kiriri, composto pelo padre Luiz Vincencio Mamiani da companhia de Jesus, missionario da provincia do Brasil.* Lisboa, 1698, na officina de Miguel Deslandes

(9) Este padre Luis Figueira é um d'esses vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos jesuitas, em nossa terra ; já velho e cançado, não cessava de viajar pelos sertões do Brasil para catechisar e doutrinar os *pobres brazis*, como com sincera ternura os denominava no prologo da sua grammatica. Gozou da gloria do martyrio ; foi morto e devorado pelos indigenas da ilha de Marajó, no Pará.

Vide : *A. Henriques Leal, Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil.*

— Os bibliographos dão esta obra como perdida. Felizmente para nós existe aqui no Rio de Janeiro um exemplar pertencente ao Sr. F. A. Martins, digno conservador da bibliotheca d'este Instituto.

Possue mais a bibliotheca d'este Instituto uma verdadeira preciosidade em guaraní, de que não ha menção em catalogo algum, mas que está infelizmente tão estragada pelas traças que ficará perdida se não cuidarmos de sua reimpressão, ou pelo menos de tirar uma cópia ; tem por titulo : *Sermones e exemplos em lingua guarani*, por Nicolas Japuguay—En el pueblo de S. Francisco en 1727. Como o nome indica, este missionario devia ser algum mestiço que,com o leite materno, bebeu os primeircs rudimentos da grande lingua sul-americana ; esta obra foi doada ao Instituto pelo socio o Sr. conego Gay.

Possue tambem o Instituto um grande manuscripto em dois volumes, contendo: Grammatica e Diccionario da lingua tupí, escriptos uma e outra cousa em inglez ; foi obtido em Vienna d'Austria e remettido a esta associação pelo benemerito poeta e litterato o nosso finado consocio o Sr. Antonio Gonçalves Dias. O manuscripto tem por titulo: *A Diccionary of the Tupy language as spocken by the aborigines, collected by John Luccock*, Rio de Janeiro, 1818.

Não tive ainda sufficiente tempo para poder julgar se é uma obra original ou uma simples traducção de alguma outra, o que aliás não é cousa facil, porque, como o leitor terá visto por esta noticia, é difficilima a acquisição d'estes livros, e por tanto difficil a comparação, que não póde ser feita sem possuir um texto diante do outro.

Possue mais o Instituto : *Compendio da doutrina christã na lingua portugueza e brasilica* composto pelo padre João Filippe Betendorf, reimpresso em 1800 por frei José Mariano da Conceição Velloso.

Entre obras contemporaneas possuimos : *Diccionario da lingua tupy*, por A. G. Dias, Leipzig—F. A. Brockhaus, 1858.

Crestomathia da lingua brasilica, pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Leipzig— F. A. Brockhaus, 1859.

Glossaria Linguarum brasiliensium, do Dr. Carlos Frederico Philippe de Martius—Erlangen, Junge und Sohn, 1863.

Vocabulario da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará, pelo padre M. J. S. Pará, 1853.

Grammatica da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará, pelo coronel Faria, professor que foi d'essa cadeira. Maranhão, 1870.

TRABALHOS SOBRE A LINGUA QUICHUA.

O tupi é uma lingua que não soffreu mescla com o sanscrito. Para se ter um ponto de comparação com linguas que foram alteradas por aquelle grande idioma asiatico, é necessario ter livros quichuas, que é das linguas americanas a que foi mais alterada pelo sanscrito, e tambem a que tem sido objecto de mais conscienciosos estudos.

N'ella porém, como no tupi, a grande parte dos homens de letras ignora até o nome dos livros que se hão escripto a seu respeito, livros hoje raros, mas que se encontram nas grandes bibliothecas da França, Inglaterra e Allemanha.

Em nossas bibliothecas encontra-se a *Arte e vocabulario* do Dr. Tschudi, que aliás dá bom elemento de estudo para conhecimento da lingua.

Ultimamente (1872) publicou o Dr. José Fernandes Nodal, em Cuzco, no Perú, *Grammatica quichua, ó idioma de los Yncas*, e está imprimindo na mesma cidade o seu— *Gran Diccionario Castellano Quichua — y vice-versa*. O Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, publicou em Pariz, o anno atrazado, a obra que citei atrás : *Races Aryennes du Perú*, que é uma curiosa e profunda comparação entre o quichua

e o sanscrito. Infelizmente no Brasil nada havemos feito recentemente sobre as nossas linguas.

Com as obras acima citadas, o homem estudioso tem os elementos necessarios para conhecer esta importante lingua.

No entretanto, como é summamente raro um catalogo dos escriptos antigos sobre o quichua, aqui vai a relação dos mais notaveis, que extracto da obra do Dr. Carlos Nodal.

Grammatica da lingua geral dos indios do Perú, pelo dominicano frei Domingos S. Thomaz. *Lexicon da mesma lingua*, (em hespanhol). Valladolid, 1560.

Arte Quichua, pelo jesuita padre Diego Torres Rubio, com cathecismo christão, seguida d'um vocabulario da lingua Chinchaisuyo, pelo jesuita Juan de Figueredo, (em hespanhol). Lima, 1700. Esta mesma obra, melhorada, foi reimpressa em Lima em 1754.

Vocabulario da lingua geral do Perú, pelo padre frei Juan Martinez. Lima, 1609.

Grammatica da lingua geral do Perú, pelo padre frei Diego Gonsalez de Holguin. Cidade de Los Reys, 1608. Este jesuita escreveu tambem um vocabulario que foi reimpresso em 1842.

Arte da lingua Quichua, pelo Dr. Alonzo de Huerta. Cidade de los Reys, 1616.

Grammatica da lingua indica, por Diego de Olmos. Lima, 1644.

Arte da lingua dos Yncas, pelo bacharel D. Estevam dos Santos Melgar. Lima, 1691.

Arte da lingua geral dos indios do Perú, por Juan Roxa Maxia y Ocon. Lima, 1648.

Arte e vocabulario da lingua Quichua, manuscripto na bibliotheca de Berlin, pelo barão de Humboldt.

Elementos para uma Grammatica e Diccionario Quichua, por R. Clemente Markham. Londres, 1864.

V

RAÇAS SELVAGENS

Raça primitiva. Raças mestiças antigas. Cruzamentos recentes. Raças mestiças, (Gaucho, Caepira, Caburé, Tapuio) como elemento de trabalho. Plano de catechese. Resultados provaveis dos cruzamentos actuaes na futura população do Brasil.

As raças encontradas no Brasil, e que estão ainda extremes de qualquer cruzamento recente, são provenientes de um só tronco?

Aqui vão os factos que eu tenho observado:

Entre caracteres que approximam os selvagens do Brasil uns dos outros, ha no entretanto differenças constantes e singulares, mediante as quaes me parece que se podem distinguir tres raças diversas, a saber:

1.° O indio escuro, grande.

2.° O indio mais claro, de estatura mediana.

3.° O indio mais claro, de estatura pequena, peculiar á bacia propriamente do Amazonas.

Como direi adiante, me parece que o primeiro é um tronco primitivo; os dois ultimos são raças mestiças filhas do cruzamento d'aquelle tronco com o branco. Não me refiro a cruzamentos recentes, e sim aos que deverão ter lugar muitos centos de annos antes da descoberta da America por Christovão Colombo.

Vimos no capitulo antecedente o como nas linguas encontravam-se vestigios irrefragaveis d'esse cruzamento.

Agora vamos acompanhar esses vestigios em documentos não menos incontestaveis do que aquelles, que são a côr e a estructura physica de nossos aborigenes.

Nas informações que passo a dar a este respeito eu não reproduso nada do que tenho lido, e sim o que tenho observado; tenho mesmo evitado ler a este respeito, não porque desconheça o valor das opiniões de pessoas muito mais competentes do que eu ; mas porque, tendo tido aberto diante de mim o grande livro da natureza, não desejei percorrer-lhe as paginas com opiniões preconcebidas e formadas no gabinete. Eis o que tem me parecido digno de nota.

O indio da raça primitiva, de que para mim são typos o *Guaicurú* em Matto-Grosso, o *Chavante* em Goyaz, o *Mundurucú* no Pará, é côr de cobre tirando para o escuro (côr de chocolate), estatura ordinariamente acima da mediana até verdadeira corpulencia, cabellos sempre duros, o molar e a orbita salientes, quasi recto o angulo do maxillar inferior, o diametro transversal entre os dois angulos posteriores do maxillar inferior é igual ao diametro transversal do craneo de um a outro parietal, o calcaneo grosso, o tarso largo, dando em resultado um pé solido, se bem que algumas vezes de uma pureza admiravel de desenho. Estes caracteres physicos, que ressaltam logo aos olhos do observador, os distinguem dos outros, cuja côr amarella tirando para a da canella, estatura mediana, e ás vezes abaixo d'isso, cabellos muitas vezes finos e até annellados, menos pronunciadas as saliencias das orbitas e do molar, face menos quadrada, o dedo grande do pé muito separado do index, pés e mãos de uma delicadeza que faria o desespero dos mais elegantes de raça branca ; as mulheres de fórmas delicadas, regulares, e ás vezes de grande belleza, quando as outras são verdadeiros collossos, grosseiros e tão solidamente mus-

culadas como um homem robusto, são outras tantas differenças que não deixam confundir uma raça com outra.

Na raça primitiva e escura, ha uma variedade que se distingue tanto pelo exagerado desenvolvimento do pennis, que os mesmos selvagens a caracterisam por esse signal.

Nas raças mestiças, a do Pará, distingue-se por caracter opposto.

Quanto aos caracteres intellectuaes tenho duas observações a fazer;

Pela experiencia de tres annos que tenho no collegio Izabel, vejo que os da segunda raça aprendem com maior facilidade a nossa lingua,e a ler e escrever;entre os da primeira, alguns ha de uma difficuldade de comprehensão verdadeiramente desanimadora, para tudo que não são officios mechanicos, nos quaes todos elles mostram rara aptidão. Entre os segundos alguns ha de intelligencia não vulgar.

O adiantamento comparativo nas idéas religiosas é ainda um caracter distinctivo entre os dois typos. Os jesuitas antigos, que aliás n'este ponto não eram observadores sagazes, porque para elles todo culto era tributado ao espirito maligno, e que não olhavam para estas cousas com a isenção de espirito necessaria para bem comprehendel-as ; os jesuitas já haviam dito: entre os *Brazis* alguns ha que têm idéas de Deus, outros não. Isto não é exacto; todos elles têm uma religião; a differença é: uns tinham uma verdadeira theogonia, ao passo que outros só tinham um ou outro espirito superior, a quem attribuiam certas qualidades sobrenaturaes.

Mas a distincção nem por isso é menos exacta, n'este sentido: ha uma grande differença entre as duas raças debaixo do ponto de vista do desenvolvimento do instincto religioso.

A primeira das duas, a que eu darei o nome de *abauna*

(indio escuro) para servir-me de uma designação tupi, me parece uma raça pura, porque seus caracteres são constantes.

Se algum dia se vier a confirmar a opinião da origem do homem pelas diversas regiões geographico-geologicas do globo, é essa a familia autochthone do nosso Brasil.

A outra familia, mais poderosa e intelligente, a que eu chamarei *abaju*, me parece mestiça: eu não me refiro a um mestiçamento recente depois da descoberta da America, e sim ao que se deu em tempos prehistoricos, como já notei. Penso que ella é mestiça: 1.° porque se approxima mais da raça branca do que a abauna; segundo porque, ao passo que a côr da primeira é constante e invariavel, esta apresenta nuanças mais ou menos carregadas, o que seria inexplicavel a não ser a primitiva fusão dos sangues, a qual, como se sabe, produz commummente o phenomeno de reproduzir depois do intervallo de muitas gerações, os typos dos progenitores, pela conhecida lei do atavismo. D'estas differenças de côr nós encontramos vestigios até na denominação das tribus, o que indica que o phenomeno foi notorio aos proprios selvagens: sirvam-me de exemplo estas expressões: *tupiuna* e *tupitinga*, isto é: *tupís pretos* e *tupís brancos*, nomes que disignavam tribus do valle do Amazonas.

O phenomeno de differença de côr, que não póde encontrar explicação na acção dos meios, por que esta foi a mesma para todos elles, é documento de incontestavel autenticidade para provar a mescla do sangue.

Os viajantes mais respeitaveis referem-nos que, no meio dos aborigenes americanos, encontram-se alguns quasi brancos.

Entre os tupís conheço typos muito approximados do branco; ha no collegio Izabel um menino guajajara, de nome Vicente, que, a não ser uma leve obliquidade nas

arcadas superciliares, seria tomado como um branco puro. A tribu appareceu no Araguaya em meu tempo vinda dos sertões onde era improvavel um cruzamento recente; eu conheci os pais, indios legitimos, e bastante escuros, se bem que tupís. Portanto, é esse um facto de atavismo bem caracterisado e que pude e póde ainda ser observado em todos as suas circumstancias. Este facto é aliás commum entre os tupís.

Na raça *abauna*, não só não se encontra isso, como mesmo não se notam nuanças no seu amarello escuro, tirando para a côr do chocolate. Em compensação encontram-se numerosos individuos reproduzindo o cabello ruivo, que se suppõe ser um traço caracteristico do homem primitivo; entre outros citarei o capitão da Aldêa do Meio nas Intaipavas do Araguaya, da tribu dos *Chambioás*, e de nome Dereque.

D'estes factos resulta: se o atavismo reproduz os typos de onde veiu o cruzamento, segue-se que a raça *abaju* é mestiça e portanto um ramo, e a raça *abauna* é primitiva.

Approxima-se esta da mongolica pela côr amarella, estructura pyramidal da cabeça, obliquidade das arcadas superciliares, saliencia das orbitas e do molar, pela depressão da abobada frontal, identidade na côr dos cabellos e olhos, e na pouca densidade das villosidades.

Distingue-se: pela côr que é mais fechada, pela horizontalidade dos olhos que não acompanha a obliquidade das sobrancelhas como no mongol, e que n'este ultimo constitue um traço caracteristico; pelo angulo do maxillar inferior quazi recto, pela estructura ampla e desenvolvida da caixa toraxica, tão fragil e deprimida no mongol; pela grossura do calcaneo e largueza do tarso, que no mongol são ainda mais finos do que no branco; pela estatura elevada e solidamente musculada, a qual contrasta com as fórmas pequenas e fanadas do mongol, sobretudo na musculação do torço, e na estructura ampla e desenvolvida do tronco até á cabeça.

Eu tenho aqui uma cabeça de uma estatueta de argilla, encontrada pelo Dr. Tocantins dentro de uma *ygaçaba* dos antigos aterros de Marajó, onde o primitivo estatuario, fazendo uma obra tosca e grosseira, reproduziu comtudo com admiravel fidelidade os caracteres da raça que venho de descrever; com effeito, na grosseira e rude obra vê-se o plano pyramidal da estructura da cabeça, a obliquidade das sobrancelhas, a horisontalidade dos olhos, o recto do angulo do maxillar inferior, e até a bracocephalia. Esta rude obra é mais um documento que nos indica, que os caracteres que eu assignalei eram de tal fórma communs que foram notorios aos proprios selvagens.

Cruzamentos recentes.

Os cruzamentos modernos tomaram diversas denominações segundo os troncos progenitores. O indio e branco produziram uma raça mestiça, excellente pela sua energia, coragem, sobriedade, espirito de iniciativa, constancia e resignação em soffrer trabalhos e privações; é o *mameluco*, tão justamente celebre na historia colonial da capitania de S. Vicente. Infelizmente estas boas qualidades moraes são compensadas por um defeito quasi constante: o da imprevidencia ou indifferença pelo futuro. O *mameluco* , como o indio seu progenitor, não capitalisa, nada poupa. Para elle o mez seguinte é como se não existisse. Será falta de educação, ou será a falta de uma faculdade? E' falta de educação, porque, para esses pobres, a patria tem sido madrasta.

O cruzamento do indio com o negro deu em resultado uma linda raça mestiça, côr de azeitona, cabellos corridos, intelligente e com quasi todas as qualidades e defeitos da precedente, e que é conhecida no norte com o nome de *cafuz*, e no sul com o nome de *caburé*.

Os traços physicos caracteristicos, ao menos para mim, que subsistem da raça indigena n'estes dois mestiçamentos, são : a cabeça, a qual conserva a depressão da testa e a estructura approximando-se da do indio; a villosidade da fronte, estendendo-se em angulos salientes, nas fontes, com os vertices oppostos; as orbitas e o molar salientes, o diametro transversal dos angulos posteriores do maxillar inferior quasi igual ao diametro parietal do craneo; o cabello corrido e extremamente negro; barba e villosidades do rosto e pescoço extremamente raras. No corpo, a solida e vasta estructura do tronco, a largura das espaduas em contraste com o pouco desenvolvimento da bacia, a energia da musculação e a finura e delicadeza das extremidades, são traços que resaltam logo aos olhos do observador.

O cruzamento d'estas raças, ao passo que misturou os sangues, cruzou tambem (se nos é licito servirmos-nos d'essa expressão) a lingua portugueza, sobretudo a linguagem popular. E' assim que, na linguagem do povo das provincias do Pará, Goyaz, e especialmente de Matto-Grosso, ha não só quantidade de vocabulos tupís e guaranis accommodados á lingua portugueza e n'ella transformados, como ha phrases, figuras, idiotismos, e construcções peculiares ao tupí. Este facto mostra que o cruzamento physico de duas raças deixa vestigios moraes, não menos importantes do que os do sangue. O notavel professor norte-americano C. F. Hartt nota que são rarissimos os verbos portuguezes que tem raizes tupís, e cita como um d'esses raros exemplos, talvez unico, o verbo *moquear*. Se o illustre professor houvesse viajado outras provincias, veria que esse exemplo não é isolado, e que não temos um, mas muitos verbos vindos do tupi, e alguns d'elles tão expressivos e energicos que não encontramos equivalentes em portuguez; citarei entre outros os seguintes : *espocar* (Pará) por : arrebentar abrindo; *petequear*

(Minas, S. Paulo) por: jogar peteca; *entocar* (geralmente em todo o Brasil) por: metter-se em buraco, ou figuradamente, por: encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapuiar* (Pará, Maranhão) por apanhar peixe ; *cutucar* (geral) por : tocar com a ponta ; *espiar* (geral) por : observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por : abrir arrebentando ; *pererecar* (geral) por : cahir e revirar ; *entejucar* por : embarrear ; *encangar* por : metter os bois no jugo ; *apinchar* por : lançar, arremessar ; *capinar*, por limpar o mato ; *embiocar*, por : entrar no buraco; *bobuiar*, por : fluctuar ; *catingar*, por : exhalar máo cheiro; *tocaiar* por : esperar, etc. são outros tantos verbos com que o tupí enriqueceu a lingua popular dos habitantes do interior do Brasil, lingua ás vezes rude não o contestamos, mas ás vezes tambem de uma energia e elegancia de que só póde fazer idéa, aquelle que tem estado em uma roda de gaúchos folgazões a ouvil-os contar a historia de seus amores, suas façanhas de valentia, ou as lendas, as vezes tão tocantes e poeticas de suas superstições, metade christãs, metade indigenas.

Assim como muitos seculos depois de haverem passado os povos que fallaram o sanscrito e o quichua, se encontra n'esta ultima lingua os vestigios d'aquella familia;assim tambem d'aqui a mil annos, quando já não houver no sangue dos habitantes do Brasil a mais leve apparencia d'esta pobre raça, que ainda hoje domina talvez uma quinta parte do solo da nossa terra, ahi estarão na lingua por elles modificada os imperecedores vestigios de sua coexistencia e communhão comnosco.

Se dos verbos passassemos aos substantivos, nomes de animaes, lugares, plantas, ver-se-ia que nada menos de mil vocabulos, quasi uma lingua inteira, passou e veiu fundir-se na nossa, assim como com o cruzamento tem passado e

ha de continuar a passar o sangue indigena a assimilar-se e confundir-se com o nosso.

Aquelles que estudam estectica dizem que nas linguas dos povos barbaros, muito mais laconica e muito menos analytica dos que as dos povos cultos, as imagens succedem-se, supprindo ás vezes um longo raciocinio. A poesia de nossos selvagens é assim; o mais notavel é, que o nosso povo servindo-se aliás do portuguez, modificou a sua poesia tradicional pela dos indios. Aquelles que tem ouvido no interior de nossas provincias essas dansas cantadas, que com os nomes de cateretê, cururú, dansa de minuanos e outros, vieram dos tupís incorporar-se tão intimamente nos habitos nacionaes, notarão que de ordinario parece não haver nexo algum entre os diversos membros de uma quadra. Lendo eu uma analyse de cantos dos arabes, tive occasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquella e a poesia do nosso povo; o critico que as citava, dizia: «para nós que estamos acostumados a seguir o pensamento em seus detalhes, é quasi impossivel perceber o nexo das idéas entre imagens apparentemente destacadas e desconnexas; para os povos selvagens, porém, esse nexo revela-se na pobreza de suas linguas, pela energia das impressões d'aquellas almas virgens, para quem a palavra fallada é mais um meio de auxiliar a memoria, do que um meio de traduzir impressões». Appliquei esse prencipio de critica á nossa poesia popular, sobretudo aos cantos d'aquellas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens gravaram-se mais profundamente, e vi que effectivamente, supprindo-se por palavras o nexo que falta ás imagens expressadas por elles em fórmas laconicas, revela-se um pensamento energico, ás vezes de uma poesia profunda e de inimitavel belleza, apezar do tosco laconismo da phrase. Consintam-me que eu analyse debaixo d'este ponto de vista tres quadrinhas, uma do Pará,

uma de S. Paulo e uma de Matto Grosso, todas ellas ouvidas entre milhares de outras, quando, nas longas viagens nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya, ou nos pantanaes do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes das minhas canôas mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas d'aquellas vastas e remotas solidões.

Comecemos pelo Pará, onde ouvi a seguinte:

Quanta laranja miuda,
Quanta florinha no chão!
Quanto sangue derramado
Por causa d'essa paixão.

Estas imagens desconnexas, desde que se lhes applique a regra critica de que acima fallei, traduzem um pensamento profundamente poetico e expressado com grande energia, pensamento que, se tivessemos de traduzir em nossa linguagem analytica, ficaria assim: « Essa paixão passou por mim e fez derramar tanto sangue como a tempestade, que derrama pelo chão as flôres ainda pequenas e os fructos não sazonados».

Agora uma de S. Paulo:

Pinheiro, dá-me uma pinha;
Roseira, dá-me um botão;
Morena, dá-me um abraço,
Que eu te dou meu coração.

Fazendo a mesma traducção que acima, as imagens, á primeira vista tão sem laço umas com as outras, agrupam-se

para traduzir energicamente o pensamento do bardo semi-selvagem, que para nós seria redigido assim : « Um abraço teu, morena, é tão precioso como a pinha o é para o pinheiro, como o botão de rosa o é para a roseira ; dá-me-o, que em troca dar-te-hei o que tenho tambem de mais precioso que é o meu amor».

Agora uma de Cuyabá, para mostrar que de uma extremidade a outra do Imperio o systema da poesia popular foi vazado no laconico, rude, mas energico molde do lyrismo selvagem :

O bicho pediu sertão;
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riqueza;
A mulher a formosura.

Isto é: « a formusura é tão indispensavel á mulher, e a riqueza ao homem, como para o peixe é indispensavel a fundura das aguas, e para o animal selvagem a vestidão das terras interiores, a que chamamos sertão».

Ha sem duvida alguma, muita rudeza n'estas fórmas, mas em compensação, quanta novidade e energia de comparações !

Não cito estes exemplos como especimens de litteratura popular; n'esse campo eu tenho em meus apontamentos de viagem elementos para escrever um livro; trouxe-os para mostrar o como, a par do cruzamento physico, a lingua e a poesia popular soffreram a energica acção do contacto d'essa raça; se me fora dado entrar na analyse das superstições populares do Brasil, o leitor veria que essa acção do cruzamento revela-se em factos moraes muito mais extensamente, do que a principio parece a nós, que raramente nos dedicamos a observar estas cousas, porque, como diz um escrip-

tor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de observarem-se. Tenho porém necessidade de proseguir, estudando um assumpto mais impoı tante.

Nós temos sido ingratos e avaros para com esses mestiços, que já concorrem em alta escala com o seu trabalho para nossa riqueza. Eu que tenho experimentado a rara dedicação d'elles, por qúe devo duas vezes a vida a individuos d'essa raça, peço licença para examinar,mais detidamente, a sua influencia como elemento de trabalho e de riqueza para nossa terra. Ha ahi uma rica mina a explorar-se, tanto mais quando é hoje sabido,que a mistura do sangue indigena é uma condição muito importante para aclimatação da raça branca em climas intertropicaes como o nosso.

Talvez que com os factos que passo a expender comprehendamos que, ao passo que gastamos quasi esterilmente milhões com colonisação europea,é triste que figure em nossos orçamentos apenas 200 contos para utilisar pelo menos meio milhão de homens já aclimatados e mais proprios, mesmo pelos seus defeitos e atrazos, a arcarem com os miasmas de um clima intertropical como o nosso, e com a salvageria de um paiz quasi ainda virgem,onde a raça branca não póde penetrar sem ser precedida por uma outra, que arroste e destrua por assim dizer a primeira braveza de nossos sertões. E note-se que esses duzentos contos além de serem recentes, são nominaes; com selvagens não se despende a quinta parte,por quanto,é com a verba de catechese que se fazem conventos nos povoados das capitaes, e pagam-se congruas a missionarios que preferem as cidades e povoações christãs ás aldêas do selvagem.

Raças mestiças como elemento de trabalho

A experiencia, tanto aqui no Brasil, como nas republicas

sul-americanas, demonstra que o nosso indio não se presta a genero nenhum de trabalho sedentario. No entretanto uma das maiores e das mais esperançosas industrias, que é a pastoril, vive na America do sul quasi que exclusivamente á custa do trabalho do indio, ou da raça mestiça, sua descendente, que conserva quasi os mesmos costumes, e as mesmas necessidades.

No sul do Imperio as provincias onde as industrias pastorís hão attingido a um grande desenvolvimento, são as de S. Pedro, Paraná, Mato-Grosso, Goyaz e S. Paulo. Se attendermos á circumstancia muito importante de que quasi todo o interior do Brasil é coberto de campos ; que os matos são raros, que o velho mundo necessita mais de carne do que de café ou de assucar, e que as industrias pastorís são as que exigem menor numero de braços, menor emprego de capitaes, e maior extensão de terras, em comparação com outras industrias;se considerarmos ainda,que só ellas quasi que não necessitam de estradas para serem seus productos transportados á grandes distancias, ver-se-ha a immensa importancia que podem vir a ter os terrenos do interior do Brasil, desde que se fomente com methodo este genero de industria.

Quem viaja o interior do Imperio com algum espirito pratico de observação, nota o seguinte : A lavoura só é sustentada em uma certa escala pela raça branca, com o braço do escravo negro ou do mestiço do branco e do negro; que a industria pastoril, propriedade aliás da raça branca, é mantida com o braço indigena, ou com o mestiço do branco e do indigena.

Quem assiste pela primeira vez ás curiosas feiras de Sorocaba, ao passo que vir chegarem as grandes tropas de S. Paulo, do Paraná, do Rio Grande, do estado Oriental e das outras republicas do Rio da Prata, ficará sorpreso da extra-

nha conformidade que ha de notar no typo do vaqueiro. Aquelles homens de longos cabellos pretos, tez bronzeada, cara quasi sem barba, grande caixa thoraxica, cabeça, pés e mãos pequenos, parecem todos irmãos, e antes membros da mesma familia, do que povos de regiões e ás vezes até de lingua diversa. O *caepira* de S. Paulo ou Pará, o *caburé* de Mato-Grosso ou de Goyaz, o *gaúcho* de S. Pedro ou das republicas do Prata, tem approximativamente os mesmos traços, e estes tão caracteristicos que é impossivel aos olhos menos exercitados fixal-os com alguma attenção sem reconhecer n'elles a mesma raça.

O descendente do indio ou o mestiço do indio e do branco são o vaqueiro por excellencia em toda America do Sul, ou pelo menos nas partes que eu citei; porque outra cousa não é o *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Mato-Grosso e Goyaz, ou o *gaúcho* do sul. E nem ha n'este facto cousa alguma de estranhavel. Hoje que a anthropologia tem estudado o homem natural, debaixo do duplo aspecto physico e moral, sabe-se que as diversas raças humanas só são productoras quando applicadas aquelle genero de trabalho, que está conforme com o periodo de civilisação em que ella se acha, periodo que não póde ser transposto, ou invertido, sem destruir-se e quasi anniquilar-se a raça que se pretende passar por esta transformação; o estado actual do Brasil é fazer uma confirmação pratica d'este postulado da sciencia.

A sciencia assignalaria duas poderosas razões, pelas quaes o typo do vaqueiro na America do Sul é o indio ou seu descendente, e não é, e nem póde ser, o branco. A cultura dos rebanhos de ovelhas, manadas de gado, ou lotes de animaes muares e cavallares, expõe o homem que se entrega a ella á uma acção mais directa dos agentes atmosphericos, do que aquelle que se entrega a agricultura pro-

priamente dita, e muito mais, sem comparação alguma, do que aquelle que se dedica á industrias manufactureiras.

Supportará tanto mais facilmente a acção dos agentes atmosphericos, ou exhalações teluricas aquella raça que mais aclimada estiver á ellas.

Ao passo que as raças aborigenes, expondo-se a acção d'esses agentes, não fazem mais do que seguir o curso natural d'aquelles velhos costumes, que pela acção do tempo as tornaram immunes para soffrer com o seu contacto; a raça branca, que não goza da mesma immunidade, porisso mesmo que é raça peregrina, expondo-se a ellas, entrega-se voluntariamente ou á uma causa de destruição, ou quando menos de degradação. Atire-se uma semente de qualquer planta peregrina no mais fertil de nossos campos e deixemol-a entregue a si mesma. Ella germinará mas não dará fructo, suffocada dentro em pouco pela vegetação indigena. A planta, o animal, o homem, obedecem todos á mesma lei de aclimatação.

Uma outra razão pela qual o trabalho do branco não póde rivalisar com o do indio, ou do mestiço seu descendente, nas industrias que suppõe a vida nomade, é o gráo mais adiantado de civilisação em que se acha aquelle em comparação com este.

Se a civilisação torna o homem mais forte pela união com os seus semelhantes, e pela divisão do trabalho, torna-o muito mais fraco, muito mais cheio de necessidades desde que se isole da sociedade.

Qualquer de nós não poderia vivêr sem o trabalho de mais de cem de nossos semelhantes; as roupas, as casas, a comida, os objectos mais indispensaveis da vida, na nossa organisação social, dependem do concurso de tantos, que esta expressão: um homem que baste a si mesmo, é uma idéa que apenas póde ser concebida pela imaginação, mas que não tem realidade.

Não acontece isto com o selvagem nem com o seu descendente. Quanto mais se isola tanto mais prepondéra a sua superioridade.

O *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato-Grosso, o *gaúcho* do Rio Grande, Uruguay e republica argentina, são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são os descendentes d'aquella raça que está habituada a vida nomade.

Esse viver errante, passado em cima do cavallo, a correr campos, a estar sempre em contacto com a natureza, sentindo-lhe as impressões; as privações mesmo d'essa existencia que seriam insupportaveis para o branco; a necessidade de muitas vezes dormir ao relento; a de alimentar-se exclusivamente de caça, mel e palmito, o que para quem não está habituado equivaleria a um regimen de privações, são para o *caepira*, o *caburé* e o *gaúcho* outras tantas fontes de prazer, elementos de felicidade e alegria, que tornam para elle farta e regalada uma existencia que seria insupportavel para o branco.

Quem, viajando as provincias pastorís de Corrientes e Entre-Rios, tiver occasião de observar os preparativos com que um *gaúcho* se dispõe a fazer uma viagem de muitos dias, comprehenderá a grande razão economica que faz d'elle o typo insubstituivel do vaqueiro americano. Os mais cuidadosos levam um surrãozinho de mate, uma garrucha, que é arma de defeza e de caça, um laço enrolado nas argolas da *silla*, um pouco de fumo no bolso do cheripá; e a isto se limita a bagagem com que transpõe centenares de leguas.

E' essa sobriedade que explica a existencia de exercitos como os de Lopez Jordan, e de outros caudilhos.

As industrias extractivas do norte estão no mesmo caso, e só vivem e medram porque existe o *tapuio*, e já represen-

tam nas provincias do Pará e Amazonas uma exportação de doze mil contos annuaes.

Quem visita uma canôa de *tapuios*, que saia do Pará para a safra da borracha, ficará tão sorprehendido da sobriedade dos preparativos d'essa expedição, que pelo commum dura seis mezes, quanto aquelle que tem occasião de observar os preparos que faz o *gaúcho* oriental para suas viagens, e de que a pouco fallei.

Na canôa destinada a servir-lhes de morada durante seis mezes, vêm-se alguns paneiros de farinha, que de ordinario não aturarão mais de oito dias, um pacote com algumas arrobas de pirarucú secco, sal, anzóes, armas de fogo, mais provisão de polvora do que de farinha, alguns molhos de fumo, violas e um adufo. Os preparos para uma viagem d'estas, em uma canôa que transporta toda a familia, de 10 a 15 pessoas, fazem-se com 30 a 40 mil réis; em quanto que o operario branco, com as necessidades filhas da civilisação, não a realisaria sem despender centos de mil réis, e ainda assim sujeitando-se á privações a que raras vezes sua saúde resistiria.

Quem visita os seringaes da foz do Amazonas conhece logo á primeira vista,que é o *tapuio* e não o branco que foi creado para aquella vida. A barraca do regatão (é o nome do negociante branco) está provida de tudo; roupas, mantimentos, vinhos, licores; elle colleccionou o que poude para trocar pela borracha do *tapuio* ; elle gosa de todos esses commodos, emquanto que a barraca do *tapuio* ou é a sua propria canôa ou é uma vasta choça levantada sobre seis ou doze forquilhas, aberta de todos os lados, e mal coberta com palmas de bossú ou inajá. Um veado, uma anta ou qualquer outro animal dependurado por uma perna de um dos caibros de casa, algumas mantas de peixes salgados, os utensilios para fabricar a borracha, que são um machadinho e

panellinhas de argilla, algumas redes fumarentas atadas nos esteios da casa, as armas de fogo dependuradas dos mesmos esteios; raras vezes um pote d'agua, ou um peito de jacaré, para servir de cadeira, alguns arcos e flexas para apanhar peixe; eis o interior da casa do seringueiro, que na extracção da borracha, consegue um salario medio de 10$000 por dia.

O branco no meio das florestas, com os commodos de sua civilisação, é tão miseravel como o *tapuio* em nossas cidades com seu arco e flecha.

Se visitaes a barraca do branco, tereis occasião de avistar-vos com um ente pallido, quasi sempre inchado, doentio e triste, no meio d'aquella abundancia que elle reuniu alli para negociar com o mameluco. Se visitaes a barraca do *tapuio* á tarde e depois do serviço, comprehendereis pelas cantigas ao som da viola, os contos alegres e historias animadas como elle vive feliz e na abundancia no meio d'aquella pobreza, que para vós seria o cumulo das privações, e que para elle é a mais alta expressão da riqueza e da abundancia.

D'esta serie de factos resulta, o estado de atrazo de civilisação de nossas selvagens; suas poucas necessidades não são defeitos senão para empregal-os em industrias sedentarias, para as quaes são completamente improprios. Desde porém que, seguindo o methodo razoavel e unico productivo de empregar o homem n'aquillo que está conforme com seus habitos, se tratar de applicar o selvagem ás industrias pastorís e extractivas, industrias estas a que está reservado um grande futuro, elle se ha de prestar a ellas melhor do que qualquer das raças que habitam a America, como se está prestando.

O *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato-Grosso, o *gaúcho* do sul e republicas platinas, e o *tapuio* do

norte, que não são senão o indio americano, ou o mestiço seu descendente, representarão na producção da America do sul um papel tão importante como o branco, desde que se attribua a elles os productos das industrias pastorís e extractivas, nas quaes elles são o braço que trabalha, e portanto o instrumento principal de taes industrias.

A' vista d'estes factos, cujo exame está ao alcance de todos, e que já teriam sido observados, se nós não tivessemos um gosto decidido para examinar as cousas da França, Inglaterra e Estados-Unidos, com preterição do estudo de nosso paiz e de nossas cousas; á vista d'estes factos, as pessoas que se occupam de resolver o difficil e importantissimo problema de braços para utilisar as riquezas quasi infinitas d'este solo onde tudo é grande, excepto o homem: á vista d'estes factos estou autorisado a concluir: o braço indigena é um elemento que não deve ser desprezado na confecção e preparo da riqueza publica.

Tem-se-me observado muitas vezes, que os norte-americanos, muito mais adiantados do que nós, não encontram outro meio de catechisar os seus selvagens senão o exterminio. Certamente que os Estados-Unidos são um grande paiz, e que tem muitas, muitissimas cousas em que nos são superiores. Mas d'isto não se segue, que, tudo que elles não poderam fazer, nós tambem o não possamos, e nem tão pouco que nos sejam superiores em tudo, porque, certamente que não o são. Poderam elles por ventura libertar os seus escravos sem derramar rios e rios de sangue? Não. Pois nós vamos libertando os nossos no seio da mais profunda paz e sem ver parar e nem ao menos entorpecer as fontes da nossa riqueza. Como notei acima, e esta nota é de importancia capital, o braço indio não é productivo em industrias sedentarias; ou examine-se esta these perante a sciencia, ou empiricamente á luz dos factos e da experiencia, a con-

clusão é uma só. Onde quer que foi possivel empregar o selvagem como caçador ou pastor, elle excedeu muito á raça branca, excedeu porque, como reflexionei atraz, seu proprio atrazo, suas poucas necessidades que constituem obstaculos invenciveis a que se elle adapte á industrias sedentarias, constituem tambem virtudes e qualidades de subido valor para todas aquellas que suppõe um viver nomade errante e independente d'isto, que para nós são commodos indispensaveis, mas que para elles são peias e incommodos, tanto quanto para nós seria o adoptarmos seu genero de vida errante e selvagem.

Nós temos para utilisar o braço selvagem duas fontes de riqueza, em que elles hão feito suas provas, e nas quaes temos tirado resultados conhecidos: nossos vastos campos apropriadissimos como os de nenhum outro paiz do mundo as industrias pastorís; e nossas vastas florestas do Amazonas, Goyaz e Mato Grosso, abundantemente providas de materiaes para utilisar milhões de braços nas industrias extractivas da borracha, cacáo, salsaparilha, ipecacuanha, cravo, oleo de copahyba, e multidão de outras que já representam em nossa riqueza publica, uma somma de cerca de 15 mil contos de valor annual de exportação. Os norte-americanos estavam por ventura nas mesmas condições? Não por certo; elles não podiam applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão de Deus, e a que o branco esteve, e está sujeito tambem, elle não póde ser agricultor sem ter sido pastor e caçador.

O argumento pois dos Estados Unidos nada prova. Os norte-americanos extinguiram seus selvagens; nós os sul-americanos havemos de aproveitar os nossos, como já os estamos aproveitando em escala muito maior do que parece a quem não tem viajado o interior, ou não presta a attenção

devida á qualidade da raça que ministra os mais abundantes braços de trabalho para certas industrias. Se me fôra licito entrar aqui em um calculo da exportação que é na America do Sul devida ao braço selvagem ou ás raças mestiças, derivadas d'elle, ficar-se-ha sorprendido do elevado de sua cifra; talvez não represente nada menos de cem mil contos annuaes!

Deixemos pois de parte a experiencia dos Estados-Unidos e das possessões inglezas da America do norte; n'este ponto elles têm que aprender comnosco, e muito mais o terão desde que nos deliberemos a emprehender n'este sentido um trabalho systematico e methodico, cujo plano peço licença a esta associação para resumidamente esboçar; e nem se me estranhe isto, porque é no seio das associações scientificas que na Inglaterra, na França e na Allemanha se hão elaborado as resoluções dos mais ingentes problemas praticos d'essas grandes nações.

Em escriptos anteriores, e nomeadamente em uma memoria que ha dois annos li n'esta associação, mostrei que o primeiro elemento para collocar uma raça em contacto com outra é a communidade da lingua. Este é o primeiro passo de uma catechese regular.

Mas como conseguir que os brasileiros se dediquem a estudar linguas selvagens? Isto é impossivel; quando houvesse a boa vontade faltariam os elementos para esse estudo; a pequena collecção que eu possuo em uma unica lingua custou-me muito dinheiro, e muito tempo.

Mas se não é possivel fazer os brasileiros estudarem as linguas selvagens, é possivel, é facil educar meninos selvagens que, continuando com o conhecimento da lingua materna, sejam nossos interpretes, o laço entre a civilisação aryana, de que nós somos os representantes, e essa civilisação

aborigene que ainda não transpôz os limites da idade de pedra, e de que elles são os representantes.

Em 1871 creou-se n'este plano, e sob a protecção da serenissima princeza imperial,o collegio Isabel; estão ahi representadas hoje todas as tribus do Araguaya, nos 52 alumnos que conta. Figure-se mais 10 annos; representemos pela imaginação que em cada uma d'essas tribus, algumas das quaes são inteiramente barbaras, figuremos, digo, que o viajante que as tiver de visitar encontra 10 ou 12 pessoas que fallem a nossa e a lingua aborigene, que saibam ler e escrever, que sejam indigenas pela lingua e sangue,mas que sejam brasileiros e christãos pelas idéas, sentimentos e educação; não é muito provavel,pergunto, que essa tribu,seguindo as leis naturaes da perfectibilidade humana, se transforme senão em tudo, pelo menos tanto quanto baste para começar a ser util? Parece que sim. A historia da humanidade dá testemunho de que as transformações dos povos só se hão effectuado aos impulsos de um homem de sua mesma raça.

Ou eu me illudo muito, ou os numerosos indios d'essa vasta região estarão utilisados em menos de 15 annos.

No meu modo de pensar a idéa do collegio Isabel deve ser proseguida da seguinte fórma : Devemos crear instituições identicas no Pará, no Amazonas, em Mato-Grosso, e todas ellas sujeitas a um collegio central, que será tambem o collegio de interpretes que se deve fundar n'esta côrte.

O collegio central de interpretes na côrte deve ser uma especie de instituição como o collegio de Pedro II, ou qualquer de nossas instituições de beneficencia, em que a politica não se venha metter, porque crestal-a-ha com seu contacto; digo que a politica seria um elemento de destruição, não porque ella seja em si uma cousa má; creada

para governo do Estado, ella é util para esse fim: mas desde que ultrapassa esse limitte, como entre nós tem ultrapassado para intrometter-se em assumptos de educação, ou em quaesquer outros que lhe sejam alheios, ella os estraga convertendo-os em meios de governo, quando elles devem ser meios para aquillo a que se destinam.

Cada um dos collegios filiaes de Goyaz, Pará, Amazonas e Mato Grosso, deveria enviar ao collegio central os mais intelligentes de seus alumnos, e representantes das 4 ou 5 grandes linguas sul americanas.

Os meninos, recebidos no collegio central, aprenderiam não só os officios de carpinteiro e ferreiro, como receberiam uma educação intellectual pratica, de modo a serem regulares administradores, começando por fazel-os parcialmente administrar serviços no collegio, a exemplo do que fizeram os jesuitas no Paraguay. Esses meninos, assim educados, seriam depois empregados pelo mesmo collegio, mediante um ordenado, a irem ter residencia em suas respectivas tribus para governal-as, não com caracter de imposição, mas sendo as influencias naturaes, haviam de adquerir grande ascendente entre os seus, tornando-se o canal pelo qual lhes dessemos a pouca ferramenta de que necessitam para as industrias extractivas, ou os primeiros elementos para crearem entre si a industria pastoril.

Como nenhum plano pratico existe, em quanto se não calculam as despezas que elle traz, eu, pela experiencia que tenho do collegio Isabel, as calculo assim:

Tres collegios filiaes a 20:000$000.......	60:000$000
Collegio central 30 contos...............	30:000$000
Somma.............	90:000$000

Se attentar-mos a importancia que o braço indigena póde

representar em nossas industrias, e que este meio, se bem que lento, é de resultados seguros desde que a politica não venha desnaturar a instituição, concordar-se-ha comnosco que o sacrificio é nullo, e que o dinheiro assim dispendido será capital posto a muito bom juro nas arcas do futuro.

Avaliei as vantagens positivas, as que tocam a nossa riqueza como nação, e a importantissima questão de duas series de industrias que vão crescendo a olhos vistos,e cuja importancia foi tão sabia e proficientemente demonstrada pelo barão de Liebig, cuja perda a sciencia pratica da Europa tem tão amargamente chorado.

Se considerarmos porém, que as grandes linguas americanas são uma pagina importantissíma da historia da humanidade, porque hoje sabe-se que tudo se encadêa n'ella; e que, linguas, religião, idéas moraes, nada é isolado na familia humana ; se considerarmos que esta curiosa familia humana não tem ainda escripto a historia do homem do periodo de pedra ; e que o nosso aborigene é um homem d'esse periodo, o que equivale a possuirmos n'elle um livro de historia mais antigo talvez do que o Genesis ou os Vedas ; se considerarmos o immenso interesse que resultará para a anthropologia, a sciencia das religiões e a linguistica de conhecimentos aprofundados d'esta velha familia americana, cuja civilisação como que parou ainda antes do periodo em que a raça aryana fez as suas primeiras irrupções para fóra dos grandes *plateaux* da Asia central ; se considerarmos estas cousas, veremos, que uma instituição d'esta ordem, além de ser a solução d'um problema pratico, que o nosso interesse de brasileiros nos chama a resolver, será tambem uma importante resurreição d'um velho passado, no qual os grandes sacerdotes, os Calcas da humanidade, virão buscar a prophecia de mais d'um problema do futuro.

CONSEQUENCIAS FUTURAS DO CRUZAMENTO

A quantidade de sangue indigena que se tem misturado e confundido na nossa população do Brasil é maior do que commummente se pensa. Mesmo em algumas provincias do sul (S. Paulo, Minas, Paraná, Rio-Grande) essa população mestiça é consideravel, e muito maior do que qualquer das provenientes puramente dos troncos branco e preto.

Ao passo que se remonta para o norte o sangue indigena predomina os mestiçamentos até que, no Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Amazonas, elle corre mais ou menos misturado nas veias de cerca de dois terços da população.

Para bem avaliarmos a extensão dos cruzamentos no Brasil, podemos tomar sem receio de exageração o algarismo de cinco milhões de brancos, pretos ou mulatos, cruzados com aborigenes. Se ha erro n'este algarismo é para menos e não para mais.

O Sr. Quatrefages, diante d'este extenso cruzamento, pergunta: « Qual será o resultado em relação á especie humana d'esta fusão de sangue, operada em tão alta escala no immenso cadinho da America? »

Depois de estudar a opinião dos diversos escriptores que se hão especialmente occupado d'essas questões (dos quaes alguns sustentam que a especie humana perderá com o cruzamento, porque a raça branca, incontestavelmente a melhor que existe, ficará degenerada), conclue, que o resultado final será benefico para a humanidade; nós accrescentaremos que será benefico tambem para o Brasil.

Sem poder entrar agora em um longo desenvolvimento do assumpto, porque só esta parte exigiria uma memoria tão extensa como a que escrevemos, não me dispen-

sarei, comtudo, de citar alguns factos e leis naturaes que confirmam, para nosso paiz, a consoladora previsão que a sciencia deduz d'estes cruzamentos.

Em primeiro lugar: Deus organisou a vida com leis tão sabias e inflexiveis que, não é possivel suppôr-se que taes cruzamentos fossem fecundos, se a Providencia Divina não tivesse em vista um melhoramento e um progresso na especie. E' sabido que, desde que os organismos dos sêres vivos têm entre si differenças especificas, ainda que seja fecunda a união dos dois, os filhos são estereis. Para não recordar senão um facto, que é muito vulgar entre nós, eu citarei o exemplo do cruzamento entre o cavallo e o jumento, cruzamento perfeitamente fecundo, ao passo que os hybridos resultantes d'esta união tornam-se infecundos e são incapazes de reproducção entre si. Ora, tanto o mulato, como o mameluco e o cafuz, não só gozam da faculdade da reproducção, como parecem possuil-a em maior extensão e desenvolvimento do que as raças puras de onde provêm. E d'este facto resulta que a differença entre os troncos humanos é accidental, sem o que os filhos se não reproduziriam; e que, se essa differença torna-se importante quanto aos phenomenos intellectuaes, não deve ser lançada á conta das raças e sim á falta de educação, pobreza, clima e todas essas que os naturalistas capitulam com o nome de *acção dos meios*. Hoje está averiguado que existem raças perfeitamente brancas, que ainda estão no periodo da idade de pedra, e, portanto, iguaes em civilisação a nossos selvagens, e inferiores aos negros do Haity e S. Domingos.

Os troncos humanos não morrem; transformam-se. A unica transformação que vinga e predomina é aquella que fica mais em harmonia com as circumstancias locaes em que se têm de exercitar as diversas e variadissimas funcções da vida. E' isto o que se dá com os homens e com os

animaes em toda parte, e é isto o que terá lugar com o Brasil. Não só o bom senso indica *a priori* esta opinião; ella resulta igualmente dos factos que já podemos observar em nossa curta historia do Brasil; digo curta porque: *natura non facit saltum*, e suas transformações são lentas e não se completam senão no decurso de muitos seculos.

Mas, não seria melhor que o Brasil fosse povoado só por brancos? Para responder sensatamente a esta pergunta é necessario ter em consideração diversos factos, e leis physicas.

E cousa averiguada que a aptidão para a acclimatação em um paiz quasi todo intertropical não é igual para todos os troncos. O negro resiste melhor ao calor do que o branco; o indigena se deve considerar como um termo medio entre esses dois extremos. Em 1857, viajando eu de S. Paulo para Minas, succedeu que pousassem comigo no mesmo rancho uma familia de colonos allemães recentemente chegados, e um comboi de escravos pretos idos do Rio de Janeiro. Emquanto os pretos se reuniam ao pé do fogo para aquecerem-se ao seu calor — os allemães suavam e pereciam suffocados de calor dentro do rancho. Este contraste de sensações oppostas, produzidas pelo mesmo gráo de temperatura, indica bem claramente a aptidão de cada tronco para habitar paizes quentes ou frios.

Um facto, que terá sido observado por todos, é a prompta degradação da raça branca no Brasil, sobretudo nas cidades do littoral, ou nos lugares onde abundam miasmas paludosos. Na provincia de Goyaz existe uma grande região conhecida com o nome de *vão do Paraná* onde só o negro, o mulato e o mameluco podem viver; o branco, que alli fôr residir, morre cedo ou tarde de febres paludosas; a cidade de Mato-Grosso, na provincia do mesmo nome, está tambem n'esse caso; a acção deleteria do clima tem alli extinguido

a raça branca. Nos vastos seringaes da provincia do Pará, ao passo que o negociante branco (o regatão), não vive alli alguns mezes sem voltar inchado, pallido e anemico, o *tapuio* medra, cresce e multiplica-se.

Mens sana in corpore sano, é a regra geral, se não o principio da superioridade intellectual. A raça branca pura, na terceira ou quarta geração, sobretudo nas cidades do litoral, dá apenas descendentes magros e nervosos, ou gordos,de carnes e musculação flacidas, e de temperamento lymphatico ; se, sem robustez physica a intelligencia não é sã— a raça branca não póde conservar sua superioridade sem estes cruzamentos providenciaes que, no decurso do tempo, lhe hão de communicar esse gráo de força de que elle necessita para resistir a acção deleteria do clima de nossa terra.

Os estudos a este respeito tem descido já a grandes minuciosidades, e sabe-se hoje, que o melhor mestiço é aquelle que resultar do tronco branco, no qual se haja infiltrado um quinto de sangue indigena.

Não devemos conservar pois apprehensões e receios a respeito dos futuros habitantes do Brasil. Cumpre apenas não turbar, partindo de prejuizos de raças, o processo lento, porém sabio, da natureza. Nosso grande reservatorio de população é a Europa ; não continuamos a importar africanos ; os indigenas, por uma lei de selecção natural, hão de cedo ou tarde desapparecer; mas, se formos previdentes e humanos, elles não desapparecerão antes de haver confundido parte do seu sangue com o nosso, communicando-nos as immunidades para resistir a acção deleteria do clima intertropical que predomina no Brasil.

S. Agostinho dizia : *Deus é tão grande nos arcanos de sua providencia, que não permitte o mal senão porque d'elle sabe derivar o bem ;* quer isto dizer : nós julgamos

muita vez que uma ordem de factos é um mal, porque a fraqueza de nossa intelligencia não póde alcançar as consequencias finaes, que são ordinariamente o bem ; certamente que os systemas e prejuizos humanos perturbam e demoram muitas vezes a acção benefica da natureza ; mas ella vence a final, e a lei natural, que é lei de Deus, a despeito das convenções humanas, marcha e tem sempre uma realização completa e plena.

Aqui no Brasil as raças mestiças não apresentam inferioridade alguma intellectual ; talvez a proposição contraria seja a verdadeira, se levarmos em conta que os mestiços são pobres, não recebem educação, e encontram nos prejuizos sociaes uma barreira forte contra a qual tem de lutar antes de fazer-se a si uma posição. De mais, nosso exercito e armada, com a lei arbitraria do recrutamento (pagina escura da nossa historia, que cumpre eliminar quanto antes, porque é uma causa de desmoralisação, que abala a sociedade pelo mais poderoso de seus laços de união, que é o respeito a liberdade individual), perturba profundamente a paz das familias, e pesa quasi que exclusivamente sobre o mestiço. E nem se diga, que a quantidade da contribuição de sangue é tão diminuta, que rasoavelmente não se deve augurar que essa causa de perturbação possa influir para retardar o desenvolvimento da população crioula. Cumpre não julgar estas cousas por alto, e pensar nos factos positivos e nos algarismos antes de pronunciar taes juizos, que não podem ter valor senão tanto quanto são o resultado consciencioso da observação e dos factos. Quem examinar isso, verá as grandes e poderosas razões que levaram o governo a chamar a attenção do parlamento para essa lei, cuja reforma elle compendiou entre as mais urgentes. E com effeito, se considerarmos o Brasil com uma população de 10 milhões de habitantes, e se virmos que não

estão de facto sujeitos ao recrutamento 2 milhões de escravos, 3 milhões de estrangeiros, 3 milhões e quinhentos mil brancos ou mestiços ricos nacionaes, resta uma população de 2 milhões, dos quaes, se deduzirmos a metade para o sexo feminino, um terço para homens inferiores a 18 annos, ou maiores de 40, um $^{7}/_{0}$ para incapazes do serviço por molestia ou defeitos physicos, um $^{7}/_{0}$ para os que se empregam em profissões que os isentam do imposto de sangue, resta apenas uma população de 421 mil habitantes, que é annualmente perturbada e esmagada por essa lei cuja acção seria insensivel, se fôra repartida por toda massa dos habitantes do Brasil.

Tendo em conta estas causas que impedem a educação pela pobreza, que obstam a riqueza pela perturbação profunda do trabalho á aquelles que, para adqueril-a, não têm senão seus braços, póde-se por ventura affirmar, que as raças mestiças no Brasil apresentam inferioridade de caracteres intellectuaes e moraes aos da raça branca? Creio que não. A Bahia é das provincias do imperio aquella em que a raça branca mais intimamente se cruzou com a negra; o desenvolvimento intellectual n'essa provincia é um dos mais intensos do Imperio.

S. Paulo e Maranhão são as provincias em que a raça branca se cruzou mais profundamente com a indigena; S. Paulo está na vanguarda dos melhoramentos materiaes, e seria injusto aquelle que desconhecesse, que a provincia do Maranhão, attenta a sua população e recursos, é a que representa o mais energico movimento litterario do Imperio.

Nosso futuro por este lado é cheio de esperanças; não o perturbemos com guerras. A geologia nos ensina que no mundo physico a acção do fogo foi sempre perturbadora; produziu essas grandes serras de granito que encantam a vista, mas que são tão estereis como as glorias das armas

o são no mundo moral; os campos ferteis, as regiões previlegiadas, foram filhas dos tempos de paz em que as aguas elaboraram lentamente os continentes. Tomemos nós brasileiros essa lição da natureza; e já que somos a maior região physica da America, procuremos ser tambem a maior nação moral, não pela acção do fogo, mas pelos lentos e methodicos trabalhos das artes, da economia e das sciencias que são absolutamente incompativeis com as estereis glorias das armas, quer se as alcance em paizes estrangeiros, quer venham tintas com o sangue de nossos patricios.

VI

FAMILIA E RELIGIÃO SELVAGEM

Elementos moraes para classificação: familia, monogamia, polygamia e relações do homem com a mulher, entre os selvagens do Brasil. Religião selvagem. Instincto religioso. Idéa de Deus. Systema geral da theogonia tupí. Sentimento de gratidão para com o creador. Immortalidade da alma. Transfigurações. Lenda sobre Mani, que concebe em estado de virgindade. Nomenclatura dos deuses selvagens. Conclusão.

Não são os caracteres physicos, e sim os moraes, que entram como elemento principal em uma boa classificação anthropologica. Segundo as regras fixadas pela sciencia, o instincto religioso de cada raça é um elemento muito importante; e, se não é o primeiro, é pelo menos um dos mais

decisivos para tal mister. Não é a força physica, a belleza, a gentileza da fórma, que constituem, como entre os irracionaes, a superioridade de uma raça humana sobre outra, assim como não são as qualidades physicas que constituem a superioridade de um homem sobre outro.

Ha, sem duvida alguma, certos laços entre as perfeições das fórmas e os dotes moraes, que não se podem contestar; sobretudo ha certos limites que não podem ser excedidos impunemente: é assim que raras vezes um anão será um homem intelligente. A' parte, porém, os extremos limites que não podem ser ultrapassados impunemente, nada ha nas fórmas physicas do homem que indique com certeza superioridade moral. Partindo d'esta regra, cuja verdade é incontestavel, segue-se que aquellas classificações, que se limitarem a caracteres physicos, serão destituidas de importancia, porque ommittirão justamente o que o homem tem de mais caracteristico, que é sua natureza intellectual e moral.

Os mestres da sciencia prestam particular attenção ao sentimento de sociabilidade e ao sentimento religioso. Nós trataremos, pois, de estudar n'este capitulo as manifestações d'esses sentimentos entre os nossos selvagens. Este estudo é difficil por ser necessario evitar com igual cuidado, tanto o desdem, tão natural ao homem civilisado quando vai apreciar instituições barbaras; como o sentimento, não menos natural ao coração humano, de exagerar as vantagens de um estado de cousas qualquer, só porque o não conhece, e suppre, por um ideal da propria imaginação, aquillo que elle não sabe como é em realidade. Temos, pois, de evitar com igual cuidado as suggestões pessimistas, assim como o dominio do romance e da poesia.

PREJUIZOS ANTIGOS

O interesse é na historia um máo conselheiro.

Tanto os conquistadores hespanhóes e portuguezes, como os jesuitas, consideraram o selvagem um instrumento de trabalho, uma especie de mina, cuja exploração disputaram encarniçadamente. Tudo quanto elles escreveram respeito ao selvagem americano, a não serem as primeiras impressões de viagem, é dominado por esse pensamento fundamental.

Tanto a respeito da familia selvagem, como das religiões, merecem-me pouca fé os escriptores antigos. Estava nos interesses dos conquistadores deprimir o mais possivel a raça conquistada; com effeito só assim elles podiam legitimar os medonhos actos de barbaria que commetteram.

Para poder matar o indio, como se mata uma féra bravia, para poder tomar-lhes impunemente as mulheres, roubar-lhes os filhos, crial-os para a escravidão, e não ter para com elles lei alguma de moral e nem lhes reconhecer direitos, era mister acreditar que nem tinham idéa de Deus, nem sentimentos moraes ou de familia.

A historia fará algum dia plena justiça a essas asserções.

Por outro lado, os padres jesuitas antigos, que com o serem grandes homens, nem por isso deixavam de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporaneos. N'aquelle tempo a crença no poder do espirito maligno era tão grande, que Satanaz representava na vida humana um papel quasi tão importante como o do proprio Deus.

Não se entendia, como nós hoje entendemos, que nada apparece na humanidade que não seja a consequencia infallivel de uma lei moral estabelecida pelo Creador. Toda e

qualquer manifestação religiosa era, pois, segundo as idéas do tempo, uma inspiração do diabo, um culto prestado ao espirito das trévas. Impellidos por estes dois poderosos moveis, comprehende-se quantos erros não commetteram os primeiros historiadores, e a desconfiança com que devem hoje ser lidos seus escriptos.

Feitas estas reservas, eu entro no estudo do primeiro ponto, isto é :

FAMILIA SELVAGEM

Tendo eu recusado o testemunho dos escriptores antigos, o que passo a referir é filho da propria observação, ou de testemunhos insuspeitos recolhidos nas localidades, no decurso de longas peregrinações que tenho feito nos ultimos dez annos pelo interior do Brasil.

Em minhas viagens tenho já estado em mais de cem aldêas de selvagens. Conheço cerca de trinta tribus, constituindo dez nações indigenas, algumas já meio civilisadas, outras ainda inteiramente extremes de qualquer comparticipação de nossas instituições, idéas e preconceitos.

De minhas observações tem resultado sempre que, na familia indigena existem : desde as instituições rigidas e de uma severidade de costumes que excedem a tudo quanto a historia nos refere, até a communhão das mulheres. Refiro-me ao indio que não está catechisado, porque este é, por via de regra, um ente degradado ; ou seja que o systema de catechese é máo, ou seja que o esforço do catechista, dirigido especialmente para conseguir um homem religioso, se esqueça de desenvolver as idéas eminentemente sociaes do trabalho livre, ou seja outra qualquer causa, o facto é este : o indio catechisado é um homem degradado, sem costumes originaes, indifferente a tudo, e, portanto, á sua

mulher e quasi que á sua familia. Os aldêamentos indo-christãos não têm, pois, costumes originaes: sua familia é a familia christã, mais ou menos moralisada, segundo o caracter individual do catechista.

Dissemos, porém, que os selvagens, que estão fóra do contacto de nossa civilisação, apresentam nas relações do homem com a mulher todos os typos, desde a communhão de mulheres até uma severidade desconhecida nas sociedades christãs. E' assim que conheço tribus onde não ha casamentos, assim como conheço outras em que a mulher adultera é punida com a pena da fogueira; e como taes instituições possam parecer estranhas, eu necessito de justifical-as com factos.

COMMUNISMO ENTRE OS CAHYAPÓS

Não se entenda por communismo de mulheres alguma cousa de semelhante á prostituição. Aquelle é um modo de familia de que a raça branca tem um exemplo notavel entre os espartanos; esta é a negação da familia.

E' tão importante esta distincção para bem comprehender a familia selvagem, quanto é certo que n'aquellas mesmas tribus, onde ha esse communismo, as prostitutas são tidas em grande desprezo; o que seria impossivel se as duas cousas se equivalessem.

Os *Cahyapós*, que me parecem ser a mais numerosa tribu dos *plateaux* centraes do Brasil, são um exemplo d'esta instituição.

Estes indios, subdivididos em tribus poderosas, debaixo dos nomes de *Cahyapós*, *Gradahús*, *Gorotirés* e *Carahós*, estendem seu dominio desde as florestas da provincia do Paraná, Mato-Grosso, Goyaz, Maranhão, até o Pará, onde,

sob o nome de *Gorotirés,* possuem fortes aldêamentos á margem do Xingú.

A's margens do Araguaya elles entraram,ha poucos annos, em relação comnosco, e têm seus aldêamentos nas setenta leguas que medêam entre o rio Tapyrapé e a Cachoeira-Grande, margem esquerda do Araguaya, com uma população que orça, mais ou menos por dez mil homens, sendo actualmente governados por tres chefes intelligentes e aguerridos, de nomes *Manahô* e *Kamecran*, não me occorrendo agora o nome do terceiro.

Não trato, pois, de uma pequena tribu, e sim de uma grande e poderosa nação.

O communismo de mulheres entre elles consiste no seguinte: a mulher, desde que attinge á idade em que lhe é permittido entrar em relação com o homem,concebe daquelle que lhe apraz. No periodo da gestação e amamentação é sustentada pelo pai do menino, o qual póde exercer igual encargo para com outras, as quaes, durante periodos identicos, moram na mesma cabana. Desde que a mulher começa a trabalhar é livre de conceber do mesmo homem, ou póde procurar outro, passando para este o encargo da sustentação da prole anterior. Notarei que entre os selvagens o menino começa a cuidar da propria subsistencia desde os dez annos, sendo comtudo auxiliado pelos parentes até que baste a si mesmo.

Os selvagens são em geral mui caridosos para com todos os meninos, inclusive para com os de tribus inimigas que tomam na guerra, aos quaes criam como se foram proprios.

Este modo de entender as relações do homem com a mulher, isto é, fazêl-as exclusivamente depender da vontade dos dois, póde ter e effectivamente deve ter grandes inconvenientes. Quaesquer, porém, que elles sejam,não é a pros-

tituição ; é um modo de ser da familia, que elles julgaram melhor, segundo suas idéas e meios de vida.

EXCLUSIVISMO DOS GUATÓS E CHAMBIOÁS

Tomarei agora dois typos diversos : os *Guatós* na bacia do Prata, e os *Chambioás* na do Amazonas.

Os *Guatós* do Paraguay brasileiro são um typo exagerado dos direitos do homem sobre a mulher. Estes *Guatós* são os indios que habitam os immensos campos palludosos do Alto-Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá ; a região de sua residencia se estende, pela margem direita do Paraguay, até a bahia denominada por nós Gayba (o que se diria correctamente *Yngahyba*, que quer dizer lugar de arvores de ingá) ; pela margem direita até a bahia a que chamamos Chanés (o que correctamente se deveria dizer *Echané*—de *echa*, vêr, e *é*, destreza, desembaraço, e que traduziriamos pelo circumloquio portuguez Bella-Vista, lugar descampado) ; pelo Paraguay arriba suas habitações vão até o morro do Descalvado ; pelo S. Lourenço até a confluencia do Cuyabá ; e por este até dez leguas ao sul do ponto do Cassange. Pelos limites que acabo de traçar, vê-se que não tratamos de uma pequena tribu; e, se bem que não possamos nem de longe avaliar a sua população, comprehende-se, pela área que occupa, que tratamos de uma grande nação, dividida talvez em muitas tribus, o que por emquanto não sabemos, porque habitando elles montes isolados em meio d'aquelles vastos pantanaes, occupam por esse só facto uma região pouco accessivel ; e o que dizemos de seus costumes ou nos foi referido pelos officiaes fugitivos de Coimbra, ou pelo que pudemos observar, quando, para evitar a vigilancia das forças paraguayas na occasião em que as iamos atacar, tivemos necessidade de fazer nossas marchas em centenares de canôas, por pantanaes conhecidos por elles, e onde

nos foram de grande e valiosissimo soccorro, já indicando lugares de descanso no meio d'aquellas immensas paludes, já guiando á nossos soldados o caminho n'aquella emmaranhadissima rêde de canaes. O *Guató* não é monogamo : tem uma, duas ou tres mulheres, segundo a agilidade que mostra na caça, pesca e colheita dos diversos frutos que constituem a base de sua alimentação. Parece, pois, que não liga idéa alguma de moral a este facto, que elle regula segundo suas forças physicas, e principalmente segundo a capacidade de alimentar a familia. Nem conheço as diversas ceremonias de que usa para realizar o casamento, porque, quando estive em Mato-Grosso, andava com o espirito muito preoccupado para podêl-as observar, e nem mesmo viria aqui á pello mencional-as(10).

O que interessa á minha these é o recato das mulheres ; se uma *Guató* nos trazia um peixe, uma caça, uma fruta silvestre, ou para obedecer á ordem do marido, ou para procurar obter um objecto nosso que cubiçava, fazia-o sempre com os olhos fitos no chão ou voltados para seu marido.

Se nossos officiaes entravam de sorpreza em alguma cabana, as mulheres, de ordinario assentadas no chão sobre suas esteiras, lhes davam as costas, e viravam-se todas para o marido ou pai de familia, e continuavam o seu serviço sem dizer uma palavra, sem manifestar a tão natural curiosidade de vêr aquella grande porção de canôas e de homens armados, que passavam por uma região até então virgem de outros que não fossem elles mesmos. Este profundo e exagerado recato dos *Guatós* foi geralmente notado sempre pelas forças, onde, reinando o espirito de libertina-

(10) Eu occupei a presidencia da provincia de Mato-Grosso durante os dois ultimos annos da guerra do Paraguay, e alli tive de lutar contra tres inimigos que absorveriam a attenção de qualquer : os paraguayos, a peste e a fome.

gem proprio aos acampamentos militares, eram todos accordes em dizer, que entre os *Guatós* se não consentia genero algum de prostituição. Comprehende-se que, diante de taes sentimentos, nenhuma offensa será sentida tão dolorosamente pelo *Guató* como um desacato á sua familia. Conserva esse povo até hoje grande animosidade contra os hespanhóes; e um velho pratico referia-me sempre, como se fôra passado poucos dias antes, um roubo que os hespanhóes haviam feito de mulheres *Guatós*, e que talvez já datasse de mais de cem ou duzentos annos.

Para elles os paraguayos continuam a ser castelhanos, assim como nós continuamos a ser portuguezes. Quem sabe se não foram essas mulheres, roubadas ha tanto tempo, a razão da extrema fidelidade que nos guardaram sempre esses selvagens que, forçados desde o principio da guerra a passar muitas vezes pelas rondas paraguayas, nunca denunciaram nossos movimentos ou presença nem por gesto? O Dr. Carvalhal, distincto medico do exercito, que, acossado pelo inimigo no combate do Alegre, viu-se obrigado a refugiar-se entre os *Guatós*, que com elles errou por muito tempo, e que, portanto, teve espaço e vagar para notar seus costumes, insistia em suas narrações sobre o singular recato, modestia e honestidade da familia *Guató*.

Tomemos agora um outro typo mais severo ainda do que o *Guató*, e na bacia do Amazonas, o *Chambioá*. Os *Chambioás* com os *Carajás*, *Curajahís* e *Javaés*, formam uma só nação, com sessenta ou oitenta aldêas espalhadas á margem do rio Araguaya, desde o furo Bananal até as Intaipabas (*itaypabe*, agua que corre sobre pedregal), o que mede uma extensão de 120 a 125 leguas, e com uma população de cerca de sete a oito mil individuos. Entre esses indios ha dois factos nimiamente curiosos nas instituições que regulam as relações do homem com a mulher.

O primeiro d'estes é o haver nas aldêas homens destinanos a serem *vires viduarum*. Esses individuos não têm outro mister; são sustentados pela tribu, e não se entregam, como os outros, aos exercicios das longas viagens e peregrinações, que todos fazem annualmente, embora revesando-se.

Esta singular casta, sustentada pelos outros, despertou-me a curiosidade; e tendo eu pela primeira vez notado o facto em uma aldêa, cujo capitão era homem muito intelligente, de nome *Coinamá*, tive occasião de notar-lhe que me não parecia justo, que a aldêa carregasse com o sustento d'esses homens. Elle retorquiu-me que a paz de que gozavam as familias, e de que não gozariam a não serem aquelles individuos ou antes essa instituição, compensava de muito o trabalho que pesava sobre os outros de sustental-os. Respeito á severidade de suas leis, quanto ao adulterio, referiu-me mais de uma vez o venerando Fr. Francisco do Monte de S. Victo, que estes *Chambioás* queimavam as mulheres adulteras. Eu nunca tive occasião de verificar este facto por propria observação (11).

IDADE PARA O MATRIMONIO

Todas as tribus impedem com grande cautela, e algumas até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher, e sobretudo do homem. Assegurou-me Fr. Francisco, que a virgindade do homem era por via de regra mantida até a época do casamento, e que este não era tolerado antes dos

(11) Este Fr. Francisco é um velho e venerando missionario capuchinho, que aldêou os *Apinagés* da Boa-Vista, e que reside hoje em Santa Maria do Araguaya, onde é o superior dos capuchinhos.

25 annos, sem que comtudo seja isso o ordinario: o casamento é commummente depois dos trinta.

A principal razão que dão os selvagens para isso é a força e energia da prole, e a força e energia da prole é cousa muito mais importante em uma sociedade barbara e rudimental, do que entre um povo civilisado, como é facil de avaliar; a tribu que, por falta d'estas instituições, deixar a raça abastardar-se, é uma tribu vencida; sem armas de fogo, sem os diversos recursos que uma cultura mais adiantada póde trazer á arte da guerra, vence aquella tribu cujos individuos dispozerem de mais forças physicas: por aqui comprehende-se o papel importante que representa esse elemento em taes sociedades. Não é só isso. Entre nós, um menino fraco e mal conformado póde vingar á custa de cuidados, e em geral da ausencia absoluta de privações a que está sujeito n'essa idade. N'uma sociedade barbara, porém, onde não é conhecido o uso do sal, onde se não podem encelleirar os alimentos—a fome, as intemperies de que não são protegidos, nem pelas roupas, de que não usam, nem por aquellas choupanas, verdadeiros rudimentos de morada; as peregrinações forçadas, ou pelas estações, ou pela necessidade de buscar alimentos, são outras tantas causas de eliminação a que não poderiam resistir os meninos fracos e mal conformados. O instincto, pois, da propria conservação, o orgulho, o amor paterno e materno, vêm em auxilio do sentimento de honestidade,para fazer do indio um homem pelo commum mais moral do que o christão civilisado.

A opinião contraria ou é fundada em observações superficiaes, ou assenta-se em factos isolados, que entre nós, assim como entre elles, existem; mas não podem, sem imprudencia e notavel erro, ser elevados á categoria de regras geraes. A consequencia que devemos tirar dos factos é esta:

a familia selvagem é tão respeitavel como a christã, dadas as circumstancias de costumes, religião e meios de vida de nossos indios.

A prostituição, que se nota em tão alta escala nas aldêas fundadas por nós, é a consequencia forçosa do aldêamento, o qual, trazendo a vida sedentaria a homens que não têm as artes necessarias para viver n'ella, sujeita-os á cultura da terra para obterem um alimento inferior para elles, ao que com menor trabalho conseguiriam na caça e na pesca, emquanto se podessem livremente entregar a ellas na vida semi-nomade a que estão habituados. D'ahi o desgosto, a preguiça, a ociosidade, que forçosamente corrompem tudo e cream a prostituição, a embriaguez e outros vicios.

No estado selvagem a familia indigena é o que deve ser: a expressão exacta das necessidades sociaes, que elles sentem no gráo de civilisação em que se acham.

E' pois tão digna de respeito como a nossa, e não póde ser alterada senão depois de incutir-lhes nossas idéas e necessidades ; e o primeiro passo para isso é aprender a sua lingua, para podermos ensinar a elles a nossa, e com ella nossas idéas.

Como já observei, os modernos catechistas não aprendem as linguas indigenas. Já ouvi a um d'elles sustentar convencidamente a opinião de que nossos selvagens eram *incatechisaveis por serem descendentes de Caim.* A experiencia dos jesuitas em ambas as Americas prova o contrario.

Em vez de explicação genealogica, me parece muito mais notavel affirmar-se, que é impossivel trazer um homem qualquer ás nossas idéas, desde que nos falte o meio de fazêl-as conhecidas a esse homem, seja elle filho de Caim ou de Abel. Se um derviche do Japão viesse prégar entre nós sua religião, não encontraria provavelmente quem lhe qui-

zesse ouvir os sermões emquanto elle os prégasse na lingua japoneza.

Quando Deus quiz propagar o christianismo não se satisfez que os apostolos o prégassem no dialecto syro-chaldaico que fallavam: fez baixar sobre elles o Espirito-Santo, afim de que podessem fallar todas as linguas. Se os apostolos, que tinham mais força, porque receberam a missão directa da propagação da fé, o não deviam conseguir senão por intermedio das linguas falladas pelos povos pagãos; se isto é ensinado pelo Espirito-Santo, que é a propria sabedoria, como é que aquelles que se afastam do caminho ensinado por Deus se espantam de não chegar ao ponto a que elle se dirige(12)?

Todos nós brasileiros, creados nas fazendas do interior das provincias, sobre tudo nas visinhanças dos pequenos arraiaes compostos de populações mestiças de indios, fomos, desde a infancia, embalados no meio das tradições da religião dos selvagens.

Tempo houve na vida de todos nós, em que o Deus dos christãos foi tão venerado e tão temido quanto os deuses selvagens. Se nossas mãis nos adormeciam muitas vezes com canticos que recordavam a infancia da Virgem Maria, ou o nascimento de Christo, nossas amas de leite nos contavam as historias do *Saci Cerêrê*, narravam-nos o como um certo menino havia sido desencaminhado nos bosques pelo *Curupira*; o como um velho tal, que caçava nos domin-

(12) Tinhamos escripto este capitulo quando nos chegou ás mãos o noticioso relatorio com que o Sr. Cardoso Junior abriu a assembléa de Mato-Grosso no anno passado. N'esse documento, onde encontrámos curiosas informações sobre as tribus selvagens de Mato-Grosso, se lê que a nação *Guató*, de que nos occupámos atraz, está hoje quasi extincta por uma peste de bexigas que a assolou.

gos, sem ouvir missa, fôra impellido pelo *Anhanga* a precipitar-se em um abysmo; o como uma lavadeira de roupa tinha avistado no fundo dos poços o *Unutara,* e tantas outras historias, que não são senão os fragmentos da theogonia aborigene, que, desde pequenos nos foi ensinada, e na qual como disse, tempo houve em que todos nós acreditamos.

Ainda hoje, não ha talvez um só *caepira* de S. Paulo, ou um *bruaqueiro* de Minas, á quem possais dizer, que é um ente imaginario o *Saci Cerêrê,*que elle julgou encontrar por dez horas junto a alguma porteira, que lhe saltou na garupa, ou que lhe fez alguma outra tropelia.

As crenças e superstições indigenas passaram todas para o nosso povo, e os deuses dos *Tupís* vivem ainda em nossos campos vida tão real como a que lhes davam os aborigenes, no tempo em que seus *pagés* (e não piagas) os adoravam : escrever pois a theogonia tupí, é quasi que escrever até um certo ponto as crenças de nosso povo, aquillo em que cada um de nós acreditou até os 10 ou 11 annos.

Não me occupando eu, porém, de escrever uma monographia respeito a religião indigena, e, não devendo tomar d'este assumpto senão a parte que tem ligação immediata com a anthropologia, eu limitarei este parágrapho a registrar apenas aquillo que diz respeito a estas tres idéas capitaes: sentimento de gratidão para com o creador, immortalidade da alma, theoria de penas e recompensas ; começando por dar uma idéa geral do como era concebida pelos selvagens a noção de Deus.

CONCEPÇÃO DA DIVINDADE

Já observei, que me não inspira confiança o que a este respeito escreveram os jesuitas.

Nunca encontrei entre verdadeiros selvagens esta palavra *Tupan* para exprimir Deus : *tupá* significa raio.

Os jesuitas no entretanto a nacionalisaram na lingua geral com o sentido de Deus. De onde a tiraram ?

Quizeram pela imagem do raio dar uma idéa do poder do creador ? Ou Tupan é uma corruptela da palavra Tuba—que significa pai? Não sei. O que sei é, que nunca encontrei tal Deus entre os indios; nunca o encontrei nas tradições do povo do Brasil ; e por tanto eu o excluo da theogonia aborigene *si et in qnantum.*

Examinando esta questão de religião como naturalista, isto é; sem sahir nunca do facto observado e natural, o que a historia nos apresenta é o polytheismo precedendo ao monotheismo.

Se os indios da Asia conceberam o seu Brama, e os hebreus o seu Jehovah, Deus unico em substancia, se bem que trino em suas manifestações; os progressos hoje do sanscrito e do estudo das antiguidades do Oriente, já tem feito recuar muito para traz a epocha da civilisação humana ; de modo que nada hoje nos autorisa a pensar que o Brama das Vedas, ou Jehovah da Biblia, tivessem sido a primeira concepção que esses povos fizeram de Deus; é muito natural que essas idéas elevadas, e que já revelam tanta força de abstracção, tenham sido precedidas de idéas toscas e grosseiras, como foram aquellas pelas quaes todos os outros povos marcharam lenta e successivamente até a posse d'essas concepções já tão fortes e tão elevadas.

Como quer que seja, a idéa de um Deus todo poderoso, e unico, não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America; e pois não era possivel que sua lingua tivesse uma palavra que a podesse expressar.

THEOGONIA DOS INDIOS

A theogonia dos indios assenta-se sobre esta idéa capital: todas as cousas creadas tem sua mãi. E' de notar-se que elles não empreguem a palavra pai; esta palavra pai, não indica a origem de um homem, senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluido a communidade das mulheres; e portanto não podia ser empregada por nossos selvagens em um estado tão rudimental de civilisação. O aphorismo romano: *pater est is quem justæ nuptiæ demonstrat*, explica claramente a razão porque um povo primitivo, quando tivesse a necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferencia a palavra mãi, como judiciosamente observa um escriptor.

O systema geral da theogonia tupí, é este:

Existe tres deuses superiores: o *Sol* que é o creador de todos os viventes; a *Lua* que é a creadora de todos os vegetaes; e *Perudá* ou *Rudá*, o deus do amor, encarregado de promover a reproducccção dos seres creados. Como observarei adiante, as palavras que no tupí exprimem sol e lua, me parecem indicar o pensamento religioso que os nossos selvagens tinham para com esses astros, e que fica indicado. Cada um d'estes tres grandes seres é o creador do reino de que se trata: o sol, do reino animal; a lua, do reino vegetal; e Perudá, da reproducção. Cada um d'elles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os generos admttidos pelos indios: estes por sua vez eram servidos por ioutros tantos seres, quantas eram as especies que elles reconheciam: e assim por diante até que, cada lago ou rio, ou especie animal ou vegetal, tem seu genio protector, *sua mãi*. Esta crença ainda é vulgar entre o povo do interior das provincias de Mato-Grosso, Goyaz, e sobretudo do Pará, e é provavel que tambem do Amazonas.

O sol é a mãi dos viventes, todos que habitam a terra; a lua é a mãi de todos os vegetaes. Estas duas divindades geraes, á quem elles attribuiam a creação dos viventes e dos vegetaes, não tinham nomes que exprimissem caracteres sobrenaturaes. As expressões, que indicam qualidades abstractas, deviam vir em um periodo muito posterior á aquelle em que a civilisação aryana, trazida pela raça conquistadora, veiu encontrar os selvagens da America.

Não tinham termos abstractos para exprimil-os: diziam simplesmente: *mãi dos viventes*, *mãi dos vegetaes*. E' sabido que a palavra sol é *guaracy*, de *guara*, vivente, e *cy* mãi. Lua é *jácy*, de *já* vegetal, *cy* mãi (13).

AMOR E TEMOR DAS DIVINDADES

Qual o sentimento natural para aquelle que nos creou a nós pela mesma fórma porque nossa mãi nos cria? Não é necessario outra prova para concluir que: o sentimento que os *Tupís* tributavam ao sol, devia ser até certo ponto identico ao que tributavam a sua mãi natural.

(13) Estas etimologias offerecem difficuldades em linguas não escriptas. Os *Tupís* do norte dizem *uaracy* ; *uara* ou *guara* não differem senão no modo de escrever; a palavra pronunciada é a mesma *guara* tem diversas significações entre ellas as de: morador, vivente, e a do verbo ser; todas estas redundam em traduzir-se a palavra *guaracy* por mãi dos viventes. Os *Tupís* do sul (*Guaranis*), pronunciam *cuaracy* ; esta corruptela deu lugar a que o sabio Montoya a fl 328 verso, do seu *Tesoro*, diga que ella vem de *cuara* buraco, e *acy* pesado. Chamar o sol de buraco pesado é extravagancia que nunca commetteriam nossos indios, cuja lingua é sempre tão escrupulosa, dando a cada objecto caracteres e predicados que elle realmente tem. *Jacy*, não offerece duvida alguma ; *já* significa fructa, e tambem brotar, como a semente que emerge do solo; a palavra por tanto: ou significa mãi das fructas, ou mãi de tudo quanto nasce do solo.

Qual o sentimento que alimentariamos para com aquelle ser a quem atribuissemos a creação de todos os vegetaes, isto é d'aquillo com que nos alimentamos? Creio que não necessito de outros factos para demonstrar, que os pobres selvagens tributavam a seus deuses sentimentos tão puros de gratidão como aquelles que nós os christãos tributamos ao nosso Deus. Na oracão que nos foi ensinada por Christo, o modo de exprimir nossa relação fundamental para com o Creador é a palavra *pai*. Elles empregam o nome de *mãi*; em que é que isto expressa a ausencia absoluta de idéa de gratidão para com o Creador, como pretenderam os portuguezes e sobretudo os hespanhóes?

Quasi todos os Deuses dos indios americanos, dizem elles, são euses maleficos, á quem attribuiam antes o poder de fazer mal aos homens, do que o de lhes fazer bem.

Eis aqui o resultado de querer escrever sobre cousas que se não tem examinado. Isto é um absurdo; a proposição contraria é que é verdadeira, isto é: com excepção talvez do *Jurupari*, não ha um só ente sobrenatural entre os selvagens a que não se attribua a acção benefica de proteger uma certa parte da creação, de que elle era reputado um pai mais proximo do que o sol ou a lua, mas em summa um pai. Isto é facto que eu tenho examinado com o maior escrupulo.

O que eu nunca encontrei entre os selvagens foi a concepção de um espirito sobrenatural, cuja missão fosse exclusivamente toda mal, como é entre nós a concepção de satanaz: isso sim, isso é que não duvido asseverar que não existe. O proprio *jurupari* não está n'esse caso; as tradições que eu tenho colhido a respeito, e que só se encontram hoje no norte do Imperio, não são completas,; mas a palavra—*jurupari*—equivale a isso que nossas amas de leite nos descrevem como *pesadelo*. E', segundo os indios,

um ente que de noite cerra a garganta das creanças, ou mesmo dos homens, para trazer-lhes afflicções e máos sonhos (14).

Certamente que attribuem-se máos actos aos deuses. Por ventura quem ler a Biblia, sem dar desconto ao que a linguagem humana necessitou de introduzir de seu, poderá conscienciosamente affirmar, que tudo quanto ella attribue ao Deus dos judeus seja santo e honesto? Não fallemos da Biblia; poder-se-ha dizer que os gregos não tinham idéas de seres divinos, porque attribuiam a Jupiter e aos outros acções indignas da divindade? Pois se, entre povos tão cultos e com tão elevadas noções da divindade, deu-se isso, como se pretende que os deuses de nossos selvagens são todos entes maleficos, se os nosssos selvagens, com Hesiodo, Homero, e sobretudo com Aristophanes na mão podiam disputar a superioridade dos seus diante d'aquelles?

E' difficil comprehender bem o espirito da religião dos indios sem estar entre elles, sem ter a paciencia necessaria, e os meios de interrogal-os; e é d'ahi que resulta essa

(14) A palavra Jurupari parece-me corruptela da palavra *Jurupoari* que ao pé da letra traduziriamos : *boca, mão sobre* ; *tirar da boca.* Montoya, *Tesoro,* fl. 202 ver., traz esta phrase *che jurupoari,* tirou-me a palavra da boca. O Sr. Dr. Baptista Caetano, traduz a palavra por : *ser que vem a nossa rede,* isto é : ao lugar em que dormimos.

Seja ou não corrupta a palavra, qualquer das duas traducções está conforme a tradição indigena, e, em fundo, exprime a idéa superstíciosa dos selvagens, segundo a qual este ente sobrenatural visita os homens em sonho, e causa afflicções tanto maiores, quanto, trazendo-lhes a imagem de perigos horriveis, os impede de gritar, isto é : tira-lhes a faculdade da voz.

Babel de informações inexactas qne se tem dado de suas idéas religiosas.

Dizem os que negam boas acções aos deuses selvagens: *Anhanga*, *Curupira*, *Cahipora* (aliás *Cahapora)*, são apenas conservados nas tradições dos brasileiros como entes que podem fazer mal ao homem, sem lhes poder fazer bem algum.

Assim é, se referem-se ás tradições vulgares do nosso povo, modificadas pelo christianismo.

Mas a razão não é porque esses seres sejam por sua natureza maleficos.

Conforme disse acima, os indios attribuem a cada ordem de creação um deus protector, uma especie de *mãi*, que a defende contra tudo, e especialmente contra a acção destruidora do homem. Nas historias que narram, ha quasi sempre um homem que persegue a uma certa ordem de creação, e é a esse homem, que persegue essa ordem de creação, que o deus apparece fazendo algum mal; o mal, portanto, feito a tal homem, não é um mal, é uma punição justa e merecida segundo as idéas dos selvagens.

Tomemos os mesmos exemplos citados. *Anhanga* é o deus da caça do campo; *Anhanga* devia proteger todos os animaes terrestres contra os indios que quizessem abusar de seu pendor pela caça, para destruil-os inutilmente. Concebe-se sem esforço o papel importante que a caça deve representar em povos que não criam animal domestico algum, e que por conseguinte só se alimentam dos que são creados nos bosques, expontaneamente. Partindo d'essas idéas, haverá nada de mais natural, do que haverem milhares de historias em que Anhanga figurasse como fazendo maleficios aos homens?

Da minha collecção de contos eu tomarei uma lenda, ao acaso, para servir de exemplo:

« Nas immediações da hoje cidade de Santarém, um indio *Tupinambá* perseguiu uma veada que era seguida do filhinho que amamentava, depois de havel-a ferido, o indio, podendo agarrar o filho da veada, escondeu-se por detraz de uma arvore, e fel-o gritar ; attrahida pelos gritos de agonia do filhinho a veada chegou-se a poucos passos de distancia do indio — elle a flechou ; ella cahiu : quando o indio, satisfeito, foi apanhar sua presa reconheceu que havia sido victima de uma illusão do Anhanga ; a veada, a quem elle indio havia perseguido, não era uma veada, era sua propria mãi, que jazia morta no chão, varada com a flecha, e toda dilacerada pelos espinhos. »

Eis aqui uma acção demoniaca, dirão. Não, digo eu, esta acção, não repugna a uma divindade ; é necessario estudar estas cousas debaixo do mesmo ponto de vista de quem as imaginou ; os indios tinham na caça o seu sustento ; o instincto lhes tinha indicado que, destruiriam facilmente esse sustento, se não poupassem a vida dos animaes que amamentavam ; e como não tinham e nem podia ter um codigo de leis para caça, tinham um preceito religioso. Esse conto, assim como todos os outros, encerra uma profunda lição de moral, e é de mais a mais a manifestação de uma regra eminentemente conservadora, debaixo do seu ponto de vista, e no estado em que elles se achavam; cousas estas que nunca se devem perder da memoria, pena de não comprehender as cousas, e de escrever romances em vez de escrever historia.

O *Cahapora* é outro exemplo. Homem colossal, de corpo pelludo, montado em um porco do mato, ninguem o podia vêr sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida. O *Cahapora* é pois um ente tão máo, que não póde ser visto sem que arraste a infelicidade para quem o avistar. Assim é ; mas, ouçamos a tradição, e ella nos dará a explicação

do facto. O *Cahapora* era o genio protector da caça do mato, e só era visto quando, rodeando-se uma familia inteira de animaes selvagens, se a pretendia extinguir. Portanto, aqui, como na tradição acima citada acerca do *Anhanga*, o que ha é uma boa acção; é um acto de protecção, exercido pelo genio, contra quem pretendesse destruir aquelles seres que, segundo as crenças selvagens, foram confiados a seus cuidados, e de cuja não destruição os primeiros interessados eram os proprios selvagens.

Eu não posso acompanhar em seus detalhes esta discussão, porque seria mister passar em revista todas as tradições indigenas; e isso faz objecto de um livro especial que comecei ha annos, e que hei de publicar algum dia.

O que está escripto, porém, me parece sufficiente para chegar a esta conclusão: entre os selvagens, assim como entre nós, a acção attribuida aos espiritos sobrenaturaes é uma acção benefica; quem recusar-se a enchergar n'esses seres a manifestação de um verdadeiro e poderoso instincto religioso, a pretexto de que entre elles taes seres são capazes de mal, esse negará que os gregos e romanos tivessem taes instinctos.

Por muito rude e barbara que, á primeira vista, pareça uma instituição qualquer de um povo, ella deve ser estudada com respeito. As instituições fundamentaes dos povos, qualquer que seja seu gráo de civilisação ou barbaria, são o resultado necessario das leis eternas de moral e justiça que Deus creou na consciencia humana, leis que em fundo são as mesmas no selvagem ou no homem civilisado, embora susceptiveis de manifestações diversas, segundo o gráo de adiantamento a que cada um tem chegado.

IMMORTALIDADE DA ALMA.

Acreditavam os selvagens na immortalidade da alma? Distinguiam a alma do corpo? Sem duvida alguma. Todos elles o fazem. Tenho para affirmal-o provas robustas. Em primeiro lugar: quem visita um cemiterio indigena reconhece as sepulturas por panellas, que elles depositam junto das covas, nas quaes collocam comida; as armas do morto o acompanham, porque elle necessita da comida e das armas para prover a seu sustento. Uma e outra cousa ser-lhe-iam desnecessarias se a morte acabasse tudo. Asseveram-me pessoas sisudas que as indias *Chavantes*, no estado selvagem, devoram os filhos que morrem, na esperança de colher novamente a seu corpo a alma do menino.

Eu nunca presenciei esse facto; estou mesmo em muito boas relações com o mais poderoso dos capitães *chavantes* de nome Zaquê; já lhe o perguntei; elle riu-se e não me respondeu; o que eu tomei por uma confirmação; porque é de notar-se, que os nossos indios são muito orgulhosos de suas crenças; nada os offende tanto como o pôl-as em duvida, e d'ahi vem que são nimiamente discretos quando conversam com um christão sobre tal assumpto.

Muitas tribus do baixo Tocantins e do Amazonas enterram seus mortos dentro da propria casa, e isto eu já tenho presenciado; fazem na esperança de, quando dormirem, serem visitados pela alma d'aquelles a quem amaram. Esses factos demonstram, a não deixar duvida, que elles acreditam que, além da vida de que gozamos n'este mundo, ha uma outra que é continuada pelo ser, independente do corpo. Pensarão que ella é eterna? Acreditarão em um lugar de bemaventuranças, e de eternas penas? Não sei; ainda não pude verificar essas cousas; como disse, os indios são muito reservados e discretos em tudo quanto diz res-

peito a assumpto religioso. No meio da conversação mais animada, se se lhes dirige qualquer pergunta tendente a esclarecer qualquer d'esses pontos, elles tornam-se immediatamente frios, as vezes sombrios, e, ou respondem por monosyllabos, ou nada respondem.

Além d'esse destino mysterioso, que o homem prosegue depois da morte, e para o qual collocam elles a comida e as armas do morto, *teonguera*, junto a sua sepultura; possuo duas lendas que recolhi em Fevereiro d'este anno no Pará, e que parecem indicar que os *Tupís* admittiam uma especie de vida semelhante a que nossas superstições attribuem as almas penadas; assim como admittiam a possibilidade da transformação do homem em outros seres.

Ha ainda hoje em Cametá um celebre Honorato a quem a população indigena do lugar attribue a faculdade de transformar-se em peixe ou em cobra, e viajar pelo fundo dos rios quando lhe apraz. Estas superstições são restos de alguma crença religiosa dos velhos *Tupís*, que, ou não chegou até nossos dias, ou a não soubemos recolher.

LENDA DE MANI

Uma das lendas a que me referi acima conserva a tradição de que o uso da mandioca, que tão importante papel representa na vida do indio, lhes foi revelado por um modo sobrenatural. A mandioca é não só o pão do nosso selvagem, como tambem a substancia de que tiram diversos vinhos, como o *kauin*, a *maniquera*, o *puchirum* e outros. Sua descoberta foi para elles mais importante do que a do trigo o foi para os aryas.

Se bem que esta lenda pertença mais ao dominio da poesia do que ao da sciencia, eu não posso furtar-me ao desejo de inseril-a aqui, como um especimen curioso do

producto da imaginação de nossos selvagens. Eil-a tal qual me foi referida pela mãi do Sr. coronel Miranda, ex-thesoureiro da thesouraria de fazenda do Pará, senhora respeitavel de cerca de 70 annos de idade, e que reside em Belém. A lenda diz que a mandioca foi descoberta assim :

« Em tempos idos appareceu gravida a filha d'um chefe selvagem, que residia nas immediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quiz punir no autor da deshonra de sua filha, a offensa que soffrêra seu orgulho e, para saber quem elle era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, por que ella effectivamente era innocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove mezes ella deu á luz uma menina lindissima, e branca, causando este ultimo facto a sorpreza, não só da tribu, como das nações visinhas, que vieram visitar a creança, para ver aquella nova e desconhecida raça. A creança, que teve o nome de Mani, e que andava e fallava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dôr.

« Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se-a, e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floreceu, e deu fructos. Os passaros que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno, desconhecido dos indios, augmentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se ; cavaram-n'a e julgaram reconhecer no fructo que encontraram o

corpo de Mani. Comeram-n'o, e assim aprenderam a usar da mandioca. »

O fructo recebeu o nome de *Mani oca*, que quer dizer : casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca, mas que os francezes conservam ainda sem corrupção.

Esta lenda encerra duas cousas communs á todas as religiões asiaticas : 1.º o attribuir a um deus o ensino do uso do pão : 2.º a concepção sem perder virgindade. Será isto um simples producto da imaginação, será uma lei a que o entendimento humano está sujeito, ou será alguma recordação de velhas crenças asiaticas, conservada confusamente pela tradição oral ? Qualquer d'essas cousas é possivel, mas por emquanto não passa de simples conjectura.

NOMENCLATURA DOS DEUSES TUPI'S.

Os deuses superiores, a quem elles attribuem acção geral sobre o mundo são, como já disse : o sol, a lua, e Rudá, ou o Deus do amor, ou da reproducção.

Guaraci, sol. Este Deus creou o homem e os viventes ; preside os destinos do homem, e confiou os destinos dos outros viventes aos seguintes deuses inferiores :

O dos passaros ou *Guirapurú* ; o nome quer dizer, passaro emprestado, ou passaro que não é passaro. Este *Guirapurú* toma a fórma de um passaro que anda sempre rodeado de muitos outros. As superstições populares do Pará, attribuem a tal passaro a virtude de conduzir a casa d'aquelle que possue um d'elles, continuado concurso de gente. Não ha no Pará, no Maranhão e Amazonas, muitos taverneiros que não tenham na soleira da porta enterrado um *Guirapurú*, a quem attribuem a virtude de conduzir freguezes a sua taverna. Um *Guirapurú*, por esse motivo,

custa caro ; eu possuo um morto (não é possivel apanhal-o vivo), que custou-me 30$ no Pará.

O sol confiou o destino da caça do campo ao *Anhanga*. A palavra *anhanga* quer dizer sombra, espirito. A figura com que as tradições o representam é de um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquelle que persegue um animal que amamenta, corre o risco de ver o *Anhanga*, e a sua vista traz febre, e as vezes a loucura.

O destino da caça do mato foi confiado ao *Cahapora*. Representam-n'o como um grande homem, coberto de pellos negros por todo corpo e cara, montado sempre em em um grande porco de dimensões exageradas, tristonho, taciturno, e dando de quando em vez um grito para impellir a vara. Quem o encontra tem a certeza de ficar infeliz, e de ser mal succedido em tudo quanto intente ; d'ahi vem a phrase portugueza : estou cahipora, como synonima de : estou infeliz, mal succedido no que intento.

A sorte dos peixes foi confiada a *Uauyará*. O animal em que elle se transforma é o boto. Nem um dos seres sobrenaturaes dos indigenas forneceu tantas lendas á poesia americana como o *Uauyará*. Ainda hoje no Pará não ha uma só povoação do interior que não tenha para narrar ao viajante uma serie de historias, ora grotescas e extravantes, ora melancolicas e ternas, em que elle figura como heroe. O *Uauyará* é um grande amador das nossas indias ; muitas d'ellas attribuem seu primeiro filho a alguma esperteza d'esse deus, que ora as sorprendeu no banho, ora transformou-se na figura de um mortal para seduzil-as ; ora arrebatou-as para debaixo d'agua, onde a infeliz foi forçada a entregar-se a elle. Nas noites de luar no Amazonas, conta o povo do Pará que muitas vezes os lagos se illuminam e que se ouvem as cantigas das festas, e o bate-pé das danças com que o *Uauyará* se diverte.

Os deuses submettidos a *Jacy* ou lua, que é a mãi geral dos vegetaes, são: o *Saci Cerêrê*, o *Mboitátá*, o *Urutáu*, e o *Curupira*.

O *Saci Cerêrê* é um dos que figura continuamente nas tradições do povo do sul do Imperio. Com tudo, eu as tenho encontrado tão confundidas com as supertições christãs, que não posso comprehender bem qual é a sua missão entre os vegetaes. As tradições representam-n'o com a figura de um pequeno *Tapuio*, manco de um pé, com um barrete vermelho, e com uma ferida em cada joelho.

O *Mboitatá* é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendeiam; como a palavra o diz *mboitatá* é: cobra de fogo; as tradições figuram-n'a como uma pequena serpente de fogo que de ordinario reside n'agua. Ás vezes transforma-se em um grosso madeiro em brasa, denominado *méuan*, que faz morrer por combustão aquelle que incendeia inutilmente os campos.

Não conheço as tradições relativas ao *Urutaú*, ou *urutaui* e por isso limito-me a consignar aqui o nome, que significa: ave phantasma, de *urú* e *táu*.

O *Curupira* é o deus que protege as florestas. As tradições representam-n'o como um pequeno *Tapuio*, com os pés voltados para traz, e sem os orificios necessarios para as secreções indispensaveis á vida, pelo que a gente do Pará diz, que elle é *mussiço*. O *Curupira* ou *Currupira*, como nós o chamamos no sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no norte como no sul do Imperio. No Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longinqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é *Curupira* que está batendo nas sapupemas, a ver se as arvores estão sufficientemente fortes para soffrerem a acção de alguma tempestade que está proxima. A funcção do *Curupira* é proteger as florestas. Todo aquelle que derriba, ou por qualquer

modo estraga inutilmente as arvores, é punido por elle com a pena de errar tempos immensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.

A estas duas ordens de deuses, que são subordinados como disse, ao sol e a lua, e que se reputam prepostos á conservação dos viventes, segue-se um outro deus superior, é o *Perudá, Rudá,* ou o deus do amor.

Perudá. As tradições o figuram como um velho guerreiro que viaja nos ventos, ou nos raios da lua, e que reside no fundo dos mares. Sua missão é crear o amor no coração dos homens, despertar-lhes saudades, e fazel-os voltar para a tribu, de suas longas e repetidas peregrinações.

Como os outros deuses, tinha sob suas ordens deuses inferiores, a saber : *Cairé* ou lua cheia, *Catiti* ou lua nova, cuja missão é despertar saudades no amante ausente. Parece que os indios consideravam cada fórma da lua como um ente distincto.

Ha incontestavelmente propriedade e poesia n'esta concepção da lua nova e lua cheia como fonte e origem de saudades.

A mesma senhora a quem devo a lenda que deixei escripta acima, deu-me a letra e musica das invocações que os *Tupís* faziam a *Perudá* e a seus dois satellites.

Como são curtas, aqui as transcrevo tal qual as ouvi, parecendo-me que, ou a lingua está adulterada, ou é algum fragmento de tupí anterior ás transformações porque já tinha passado a lingua quando nos foi conhecida, porque palavras ha que não entendo.

Estas invocações eram feitas ao pôr do sol ou da lua, e o canto, como quasi todos os dos indios, era pausado, monotono e melancolico.

A joven india, que se sentia opprimida de saudades pela

ausencia do amante n'aquellas peregrinações continuas em que a caça e a guerra trazia os guerreiros; a joven india, dizemos, devia dirigir-se a *Rudá*, ao morrer do sol ou ao nascer da lua, e estendendo o braço direito na direcção em que suppunha que o amante devia estar, cantava:

Rudá Rudá,
Euacá pinaié,
Amané saçú;
Euacá pinaié,
Aiueté cuiam,
Puxiguera che aicó,
Ne manuara ce rece (o nome do amante)
Cuaa caru pupé
Guaracy uapeca irumó.

Como disse acima, as luas cheia e nova que eram, segundo os *Tupís*, cousas distinctas, e seres diversos, constituiam auxiliares de *Rudá*, e tinham invocações semelhantes ás que se cantavam áquelle deus, e para o mesmo fim de trazer os amantes ao lar domestico pelo poder da saudade.

A invocação á lua cheia, era a seguinte:

Cairé, cairé nu,
Manuia danus sanu;
Ere cy, eru sica (fulano)
Peape amum
Manuara ce rece
Quaa pituna pupé.

O nome da lua cheia era *Cairé*, o da lua nova *Catiti*; esta tinha sua invocação distincta da que dirigiam á lua cheia, si bem que com o mesmo fim.

A invocação á lua nova é a seguinte.

Catiti, catiti,
Jamara notia,
Notia tamara,
Epeju (fulano)
Emu manuara,
'Ce rece (fulana)
Cucecui che aicó
Che ium epeapora.

Estes cantos são ainda repetidos nas populações mestiças do interior do Pará, e, como disse, conservo d'elles tambem a musica. (15)

(15) Si bem que não tenha a importancia dos antigos cantos sagrados, a seguinte cançoneta erotica não deixa de ser curiosa. A lingua e rima indicam que o bardo indigena, seu autor, já tinha estado em contacto com a raça conquistadora; esta cançoneta é muito popular entre o povo de Assumpção e Corrientes; e foi o facto de ouvil-a cantar muitas vezes, ao som da viola, (*maraca* como elles chamam) que despertou-me a idéa de conserval-a por escripto:

Ejo mi remaen,
Maenran p'ico?
Ejo tenon.
Aju ma n'ico.

Eguapy nape....
Maenra p'ico?
Eguapy tenon.
Aguapy ma n'ico.

Ehenon nape.
Maenra p'ico?
Enhenon tenon.
Anhenon ma n'ico.

O deus do amor tinha tambem a seu serviço uma serpente, que reconhecia as moças que se conservavam virgens, recebendo d'ellas os presentes que lhe levavam, e devorando as que haviam perdido a virgindade. Os *Tupinambás* do Pará acreditavam que havia d'estas serpentes no lago Juá, pouco acima de Santarém. Quando alguma menina era suspeita de ter perdido a virgindade, seus pais levavam-n'a ao lago, e ahi deixando-a a sós em uma ilhota, com os presentes destinados á serpente, retiravam-se para a margem fronteira, e começavam a cantar :

Arara, araramboia,
Cucecuy meiu.

A serpente começava a boiar e a cantar até avistar a moça, e, ou recebia os presentes, si a moça estava effectivamente virgem, e n'esse caso percorria o lago cantando suavemente, o que fazia adormecer os peixes, e dava lugar a

Che nhuan nape.
Maenra p'ico?
Che nhuan tenon,
Che nhuan ma n'ico.

Epuan nape.
Maenra p'ico?
Epuan tenon.
Apuan ma n'ico.

Te reho nape.
Maenra p'ico?
Te reho tenon.
Aha ma n'ico.

que os viajantes fizessem provisão para a viagem; ou, no caso contrario, devorava a moça, dando roncos medonhos.

Aqui, como nas outras lendas, ha um pensamento moral. O fim da lenda era proteger a virgindade, influindo salutarmente no espirito das donzellas indias, pelo terror que lhes devia inspirar a perspectiva de poderem ser devoradas pela serpente, desde que perdessem a virgindade.

CONCLUSÃO

Ha muita cousa de grosseiro na fórma das crenças selvagens.

Tambem as superstições christãs do povo ignorante são grosseiras e extravagantes..

Desde porém que as examinar, pondo de parte os nomes proprios, e procurando descer ás idéas fundamentaes, ficar-se-ha sorprendido da notavel e profunda philosophia e poesia que ellas encerram.

Tempo houve em que, graças aos esforços do Instituto Historico, a litteratura nacional manifestou a salutar tendencia de estudar estes assumptos. Os cantos de Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, alguns romances de José de Alencar, composições mais antigas de José Bazilio e Santa Rita Durão, são um lindo collar de perolas que nossa geração legará á posteridade.

Posteriormente, alguns homens orgulhosos se bem que notaveis por seu talento, e á sua frente João Francisco Lisboa, promoveram a reacção. Elles que nada conheciam da lingua, e que portanto nada podiam conhecer da indole do selvagem, porque o que está escripto é falso como mostrei, procuraram lançar o ridiculo sobre estas bellas tradições da

velha America. Como não haviam estudos serios e profundos de philologia, a reacção ganhou a victoria. (16)

Os jovens tatentos, em vez de haurir nas tradições indigenas exemplos tão frequentes n'ella de dedicação levada ao heroismo, amor da patria, desprezo da vida, e energia de caracter, exemplos estes proprios para inspirar virilidade á uma nação que começa, foram buscar na litteratura franceza os modelos molherengos de seus heroes afeminados.

Mas todas essas composições hão de passar. E' na natureza estudada por observação propria, que se inspira a grande arte, e nossos selvagens ministram soberbos typos.

Oxalá renasça o gosto por estudos, que em tão má hora, foram cobertos de desprestigio por quem já não tinha a força para fazel-os.

Pelo que ficou escripto, o leitor terá visto que o selvagem do Brasil não é uma raça sómenos e incapaz de grandes aperfeiçoamentos moraes. Si me fóra dado entrar agora em outra ordem de considerações, eu demonstraria que os mestiços do indio e branco constituem raça energica e que mais iniciativa possue no Imperio. Entre nossos homens illustres, alguns dos quaes mais se distinguiram pela for-

(16) Em uma tão espirituosa quão benevola critica a estes artigos, devida á elegante penna de Joaquim Serra, e publicada na Reforma, nota-se que: tendo estranhado a guerra feita pelo nosso illustre Lisboa ao estudo dos assumptos indigenas, me callasse a respeito das opiniões prégadas no seio do proprio Instituto Historico por um dos seus membros o Sr. barão de Porto Seguro, segundo o qual o meio de catechisar indios é reduzil-os á escravidão, ou matal-os.

Eu não tenho conhecimento d'esse escripto, e que tivesse, o Instituto Historico, como associação litteraria, não tem meio algum para precaver-se contra uma ou outra doutrina extravagante, adoptada por qualquer de seus membros, em quanto ella não é abraçada pela associação, e esta a não prapaga em seus escriptos.

taleza de seu caracter, pela virtude da perseverança, que não é muito vulgar entre nós, foram mestiços. Citarei entre outros o padre Diogo Antonio Feijó. Contra o presupposto de que os indios fallam uma gyria sem leis nem regras ; de que não têm idéas moraes, sentimento de religião ; de que são indolentes e preguiçosos, protestam : a bella lingua tupí, suas admiraveis instituições de familia, suas tradições e crenças religiosas, sua extrema actividade na pesca, na caça e na guerra, unicos trabalhos cuja utilidade comprehendem. Não trabalham nas cousas em que nós trabalhamos, porque nem foram habituados a isso, nem sentem as nossas necessidades.

Sobrios, bons, dedicados até o heroismo, alguns os chamam de traiçoeiros e falsos, porque quasi sempre elles, sendo victimas de traições e falsidades que praticamos, abusando de nossa posição de raça conquistadora, damo-lhes razão de sobra para reagirem contra nós ; e si reagem com hypocrisia é porque essa é a arma do fraco.

E' uma grande raça, repito. Temos muito a ganhar pondo-nos em contacto com ella pelo orgão indispensavel do co-

Se é certo que um membro do Instituto sustenta a barbara opinião, de que a raça selvagem do Brasil deve ser exterminada á ferro e fogo, não é menos certo que tal opinião é singular; e que todos os esforços da associação hão sido dirigidos até o presente no sentido de estudal-a; é esse o primeiro passo para assimilal-a á nossa sociedade.

A *Revista do Instituto* é prova disso, e tambem a sua bibliotheca, unica talvez no mundo que encerra manuscriptos e publicações, rarissimas hoje, respeito ás linguas indigenas. Este ultimo topico está desenvolvido convenientemente na parte d'esta memoria em que eu trato da collecção de escriptos preciosos, relativos ás antigas linguas sul-americanas ; collecção que é hoje uma das mais raras do mundo, e sobre a qual a curiosidade dos modernos linguistas se tem geralmente despertado, desde que se começou a suspeitar que o guaraní ou tupí é lingua mais antiga do que o sanscrito.

nhecimento de sua lingua ; por muitos annos os indios hão de ser os precursores da raça branca em nossos sertões, e nem Deus promoveria a grande fusão de sangue, que se está operando lentamente n'esse cadinho immenso do Brasil, si com isso não tivesse em vista a realisação d'um d'esses grandes designios que marcam as epochas notaveis da historia.

Appendice

MOSTRANDO QUAL É A POSIÇÃO DO INDIO EM PRESENÇA DA RAÇA CONQUISTADORA

(CARTA A JOAQUIM SERRA)

Mais de uma vez, nas palestras do Club da *Reforma*, V. e alguns dos illustres membros da redacção d'esse jornal chasquearam a proposito de meus estudos de linguas e antiguidades indigenas :

Apezar dos edificantes commentarios que V. tantas vezes fez sobre este assumpto, eu vou publicar a memoria, que sobre anthropologia nacional, acabo de ler no Instituto Historico.

— Como é que um homem pratico se occupa em taes cousas?

Como essa pergunta será feita por muita gente que se suppõe com mais juizo do que eu, aqui vai a resposta, a qual servirá de desculpa a esta publicação.

Em primeiro lugar, não ha estudo algum por mais abstracto que pareça, o qual, cedo ou tarde, não traga seus fructos praticos.

Em segundo lugar, se é util estudar, descrever e classificar até a mais miseravel planta de nossos campos, ver o mais rude e pobre mineral de nossos montes; muito mais nobre e util é estudar, descrever e classificar o homem americano, e vou proval-o.

Em nossa situação de raça conquistadora, nós que tomamos o solo a esses infelizes, e que os vamos dia a dia apertando mais para os sertões, temos o dever, como christãos, de arrancal-os da barbaria sanguinolenta em que vivem, para trazel-os á communhão do trabalho e da sociedade em que vivemos. E é mais nobre empenhar trabalho e esforço para conseguir isso, do que para descrever plantas ou mineraes.

Não é só nobre, é tambem nimiamente util.

Por muitos seculos ainda a raça mestiça do branco e do indigena, ha de ser a precursora do branco nos sertões do interior.

Não serão europêos, importados á não sei quantos por cabeça, que hão de começar a povoação das terras virgens.

Ha de ser, como tem sido até aqui, o indio ou o mestiço, seu descendente.

Um distincto estadista brasileiro, fazendo o calculo das despezas que temos feito com colonisação, chegou ao resultado de que cada colono aproveitado, nos têm custado cerca de um conto de reis. Digo *aproveitado*, para entender-se o que fica, deduzidos os que morrem antes de acclimatar-se, os que voltam, os cujas passagens pagamos e que aqui não chegam, aos quaes podiamos bem ajuntar os vadios, que não trabalham, ou que exercem industrias de pouca utilidade, como: engraxar botas, tocar realejo, ou vender bebidas espirituosas.

Aquelles que estimam em menos a população selvagem do Brasil, dizem que nós possuimos quinhentos mil indios.

Eu creio que possuimos mais de um milhão. Mas contemos só os quinhentos mil, os quaes, se é exacto o calculo á que eu alludi acima, valem quinhentos mil contos. Ora, quinhentos mil contos é a renda do Brasil durante 5 annos. Para adquirir de fóra uma população igual á dos selvagens,

que já estão em nossa terra, serão necessarias despezas por espaço de muito centos de annos.

Isto mostra,que o indio é um thesouro de immensa valia para nós, que, mais do que nenhum outro povo do mundo, temos sertões a povoar, e terras que não poderão jamais ser occupadas pela raça branca sem primeiramente serem desbravadas por uma outra raça, menos sujeita ás influencias deleterias dos climas intertropicaes, e capaz de viver fartamente com um pouco de cultura, caça e pesca n'aquelles mesmos lugares em que os brancos morreriam á mingoa.

Mas, dizem, o indio é preguiçoso, estupido, bebado, traiçoeiro e máo.

Coitados! elles não têm historiadores; os que lhes escrevem a historia ou são aquelles que, á pretexto de religião e civilisação, querem viver á custa de seu suor, reduzir suas mulheres e filhas á concubinas; ou são os que os encontram degradados por um systema de catechese, que, com mui raras e honrosas excepções, é inspirada pelos moveis de ganancia ou da libertinagem hypocrita, e que dá em resultado uma especie de escravidão que, fosse qual fosse a raça, havia forçosamente de produzir a preguiça, a ignorancia, a embriaguez, a devassidão, e mais vicios que infelizmente acompanham o homem quando se degrada.

Os escravos dos gregos e romanos eram de raça branca, e não sei que a historia tenha conservado noticia de gente peior.

Qual é o meio de catechisar convenientemente o indio?

E' ensinar em cada tribu alguns meninos a ler e a escrever, conservando-lhes o conhecimento da lingua materna, e sobre tudo: não aldêar e nem pretender governar a tribu selvagem.

Deixemol-os com seus costumes, sua alimentação, seu modo de vida. A mudança mais rapida é aquella que só póde

ser operada com o tempo, e no decurso de mais de uma geração, pela substituição gradual das idéas e necessidades, que elles possuem no estado barbaro, em comparação com as que hão de ter desde que se civilisem. Limitemo-nos a ensinar-lhes que não devem matar aos de outras tribus. E' a unica cousa em que elles divergem essencialmente de nós.

Quanto ao mais, seus costumes, suas idéas moraes, sua familia, seu genero de trabalho para alimentar-se, são muito preferiveis, no estado de barbaria em que elles se acham, aos nossos costumes que elles repellem emquanto podem, e aos quaes se não sujeitam senão quando, enfraquecidos por continuas guerras, se vêm entregar a nós para evitar a morte e a destruição.

Cada tribu que nós aldêamos é uma tribu que degradamos, é a que por fim destruimos, com as melhores intenções, e gastando o nosso dinheiro.

Porque razão sustental-os ou obrigal-os a fazer roça a pretexto de que só assim perdem os habitos da vida nomade, quando elles se sustentam perfeitamente bem, sem ter taes roças?

Não entrará pelos olhos á dentro de todo homem de bom senso que: reduzir á vida sedentaria homens que não têm as artes necessarias para subsistir n'ella, ou equivale a destruil-os á custa de fome e privações, ou equivale a fazer pesar sobre nós o encargo de sustental-os?

Mas, dir-se-ha, os indios aldêados aprenderão logo a cultivar a terra, e poderão viver á sua custa e felizes.

Se a natureza moral de um povo fosse como uma tira de papel, onde se escreve quanto nos vem á cabeça, então seria tão facil mudar-lhes os costumes, como é facil escrever.

Feliz ou infelizmente não é assim. Esses costumes rudes são mais tenazes do que os de um povo civilisado; entrela-

çam-se com seus sentimentos, suas necessidades, e até com suas crenças e superstições religiosas. O mais rudimental conhecimento da natureza faz ver, que é impossivel alterar essas cousas sem o decurso de algumas gerações, e por outro meio que não seja a educação do menino, especial e dirigida para esse fim, e com vistas de reduzil-o a interprete que sirva de laço entre o indio e o christão.

Aldêar o indio em um ponto, é obrigal-o a cultivar a terra para obter um sustento de que elle não necessita; é um peccado contra o senso commum, e d'esses que bradam aos céos.

O indio sustenta-se quasi exclusivamente de carne e peixe. Desde a lagartixa até a anta, a onça e o jacaré; desde o caramujo e a ostra até o pirarucú e o peixe-boi, tudo lhe é carne ou peixe, e lhe serve de alimento, bom e sadio, e elle o prova com a sua robustez, e com o grande numero de annos a que attinge antes de lhe vir a decrepitude.

Notarei para que se não faça idéa erronea de sua hygiene alimentar, pelo que acabo de dizer, que, ao passo que elles se alimentam de muitos animaes, que não comeriamos sem grande rupugnancia, não comem muitos dos que nós comemos; exemplo: a pirahiba, grande parte dos peixes de pelle, o peixe boi, aves e passaros em certas épocas do anno, por serem nocivos á saude.

Diziamos porem,que os indios se alimentam quasi exclusivamente de peixe e carne, e que á vista de seus costumes, elles têm na vida que levam um amplo celleiro d'esses alimentos, com pouco ou quasi nenhum trabalho.

Diziamos que aldêa-los, e por conseguinte sujeital-os á vida sedentaria e a cultivar a terra que lhes dará um alimento de que elles não usam, e que é realmente inferior, constituia um crime de leso senso commum. Vou tornar este pensamento bem claro, figurando um exemplo: Suppo-

nhamos que alguem nos viesse fazer a seguinte proposta: «Proponho que os brasileiros, em vez de comerem carne de vacca, feijão e arroz, se alimentem de lagartixas e jacarés, o que lhes custará muito mais caro ou muito maior trabalho.»

Creio que concordarás que não seria facil sujeitar-nos a isso. Sem palmatoadas, tronco e jejum, seria muito pouco provavel que aceitassemos a proposta. Depois de aceital-a a poder de pancada, jejum e tronco, é muito natural que cada um de nós fosse rebelde, e executasse o serviço de apanhar lagartixas para comer, com muito má vontade.

Pois bem; é isso justamente o que succede ao indio que aldêamos. Exigimos que elle trabalhe para ter um sustento que repelle, tanto como nós repelliriamos o jacaré e a lagartixa; privamol-o de alimentos que prefere, e que elle teria quasi sem trabalho, continuando no genero de vida semi-nomade que lhe é natural. Como isto é contra seus costumes, não é possivel conseguil-o sem castigos; castiguemol-os, e, depois de degradal-os, dizemos: são preguiçosos, estupidos e máos!

Não fôra muito mais util, e ao mesmo tempo muito mais christão, aprender a sua lingua, para poder ensinar-lhes a nossa, e não aldêal-os, porque o aldêamento traz como consequencia forçada isso que venho de referir, e que o simples bom senso convencerá a qualquer pessoa que queira reflectir sobre o assumpto?

Toda tentativa para civilisar indios, que não se assente sobre a base de fazer com que elles comprehendam as vantagens de nossa civilisação, o que só se póde conseguir gradualmente, e o ponto de partida é o ensino da lingua, tudo que não fôr isto, como disse, e não me pejo de repetil-o, é um attentado contra o senso commum.

Mas como ensinar-lhes a lingua?

Pela mesma fórma porque o fizeram os jesuitas, isto é: começando por aprender a lingua d'elles, e creando meninos

a quem obrigavam a fallar o tupí, para se não sequecerem. Estes meninos, quando chegavam a ser homens, eram escolas vivas, porque, possuindo igualmente bem as duas linguas, eram o élo indispensavel para approximar as duas raças.

Os jesuitas antigos começavam por aprender a lingua dos selvagens. Homens de bom senso antes de tudo, comprehenderam que elles, que sabiam ler e escrever, que possuiam habitos de estudo, deviam primeiro aprender a lingua dos selvagens antes de exigir que o selvagem aprendesse a nossa. Si os modernos jesuitas fizessem isso haviam de gozar do respeito e estima de que gozavam os antigos.

Nada ha que o grande apostolo S. Paulo tenha aconselhado com mais energia do que a conversão dos gentios.

De aprender linguas selvagens, que é o primeiro passo para cumprir esse preceito, não me consta que nem um se occupe ; duvido mesmo que haja um só que saiba o nome dos livros onde se póde adquirir esse conhecimento.

Deixemos porém isso de parte :

Dizia eu, que os jesuitas antigos seguiam o methodo de aprender as linguas selvagens, para poder ensinar aos meninos indios o portuguez. Sem o conhecimento de duas linguas é impossivel ensinar uma.

Vai para tres annos que o governo entendeu que me devia nomear chefe de um serviço de catechese.

Desde que eu aceitei o encargo, fiquei na obrigação de empregar os esforços necessarios para bem desempenhal-o, sobre tudo quando tal encargo, era e é gratuito.

Eis-ahi a razão pela qual me dediquei e continuarei a dedicar-me ao estudo das linguas selvagens, e ao de assumptos relativos aos indios. Ha brasileiros que conhecem e estudam entre nós o hebreu, o arabe e o sanscrito. E', pois, natural que hajam alguns que se dediquem ao estudo das curiosas e ricas linguas dos selvagens da sua terra, estudo a que se

prende, como mostrei, a solução de um problema importante.

Nossos homens de talento e que se sentem com vocação para este ramo de conhecimento, deviam estudar o tupí de preferencia a qualquer lingua da Asia, e se eu detive-me tanto n'este assumpto, foi com o fim de vêr se, apontando vantagens praticas para o paiz, obtenho que alguns comecem a dedicar-se a este assumpto.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

FREI FRANCISCO DE S. CARLOS

Biographia lida perante o Instituto Historico em sessão de 21 de Novembro de 1873

PELO

Dr. José Tito Nabuco de Araujo

Os soldados da cruz têm indubitavelmente um destino glorioso no grande theatro do mundo social e politico.

O sacerdote é o ministro de Deus, o discipulo de Christo, e como seu imitador deve despir-se da vaidade da terra, para congregar todo o seu espirito no sublime mysticismo da meditação christã, que eleva a alma do nada da materia, á altura infinita do que é, e ha de ser, por toda a consummação dos seculos.

O christianismo deificou o homem ainda no pó da terra, para glorifical-o na mansão eterna.

O martyr que se votou a mais cruel de todas as mórtes no circo de Roma, para satisfazer a sêde sanguinaria dos Néros e Dioclecianos, o crente foragido nas ermas solidões da Nitria e da Thebaida para escapar á perseguição dos tyrannos, era a victima innocente, a hostia pura e sagrada, que firme em sua fé e baptismo, em sua consagração e martyrio, convulsava agonisante no amphitheatro pagão da altiva Roma, para erguer-se entre os hymnos do céo no altar da gloria e da immortalidade.

Era um heróe, que ainda na noite da vida, nas trevas do mundo transitorio, ostentava o fulgor da divindade na fronte coroada de espinhos, e no rosto macerado pelos mais barbaros tormentos.

Constantino o Grande correu o véo sobre esse passado, onde até a prostituição era imposta como a mais horrivel das penas ás mais castas donzellas e mais edificantes matronas, e a luz raiou entre as trevas, a aurora surgiu sobre o lago infecto e sanguinolento, e o estandarte da mais augusta das religiões conhecidas desfraldou-se no alto dos maiores imperios do mundo, sendo o seu emblema sagrado a estrella fulgida que scintilla na corôa e nos scetros dos imperadores.

Foram tão esplendidos os triumphos da Igreja no seu rapido e futuro desenvolvimento, tão admiraveis e immarcesciveis as palmas colhidas por Antão, Pacomio, Athanasio, Bernardo, que homens e mulheres corriam para admirar os modelos de perfeição evangelica, erguidos no pedestal da terra, a entestar com as alturas do céo.

A Europa inteira ficou maravilhada com o estrondo das victorias alcançadas pelos filhos da fé, da esperança, e da caridade no campo sagrado de sua divina peleja, e os propagadores do instituto religioso, os iniciadores do claustro, formaram longe do ruido do seculo, da effervescencia das paixões, e da grita da ambição e da inveja, a familia religiosa, centro de luz no meio da noite, flor embalsamada entre cardos inodóros, myrrha agradavel do tabernaculo do Senhor, fogo sempre vigilante ao pé da ára santa do sacrificio, e marco brilhante mostrando aos fieis no laberintho dos precipicios da vida, o verdadeiro caminho da Cruz, da salvação, e da eternidade.

O que os sonhos vãos dos philosophos não poderam realisar nem os arroubos academicos conseguir, fel-o a fé

viva de uma outra vida real e eterna, aonde as auróras são perennes, o bem infinito, a esperança satisfeita, e a bemaventurança eterna e divina.

Ergueram-se no areial da proscripção terrestre as arvores sagradas á cuja sombra se abrigaráõ, até o ultimo dos dias os fieis, filhos de Deus, e seus ramos virentes e frondosos derramam-se por toda a parte, illustrando os póvos, espancando as sombras, e fazendo resurgir a luz da fé e da sciencia por todos os angulos da terra.

O Monte-Cassino, a congregação do *Santo Amor*, a de *Cister*, receberam sob suas arcadas, viram prosternados no chão do templo, á luz dos cyrios santos, pontifices e doutores, que foram verdadeiros apostolos da paz e da misericordia, pronunciadores da promissão, no carcere sombrio — dos captivos peccadores.

O progresso do christianismo ia cada vez mais brilhante no caminho da humanidade, e mais tarde quando o pontificado estava no seu maior esplendor, em uma mesma cidade dos *Estados da Igreja*, proximo á cadeira de S. Pedro, no bispado de *Asisium* a 19 kilometros S. E. de *Perusa*, sobre uma montanha, descerrava os olhos á luz *Francisco de Assis*, instituidor da ordem dos *irmãos menores*, filho de um rico negociante de nome *Bernardon*.

O filho do mercador preferiu ser o soldado de Christo, a gozar o luxo e a grandeza, e votando-se á vida monastica, fundou no anno 1208 em *Portiuncula*, perto *de Asisium*, o seu instituto religioso.

O assombro que o illustre fundador causou pelos prodigios de sua abnegação, fé, e caridade, na *Syria e no Egypto*; a visão seraphica que na vespera da Exaltação da Santa Cruz, revelou ao filho de *Asisium* sua eleição divina, santificaram ainda em vida o venerando monge, engrinaldaram-lhe a fronte com o resplendor divino, ao depois

sagrado na santa canonisação pelo papa Gregorio IX, o pontifice das Decretaes.

De um dos herdeiros de sua gloria, de um dos mais illustres filhos da ordem franciscana, vou eu hoje fallar n'este augusto recinto, esperando alcançar a benevolencia de tão excelsos ouvintes.

Frei Francisco de S. Carlos, religioso franciscano do convento de Santo Antonio da côrte fará, pois, o objecto d'este serão litterario.

Frei Francisco de S. Carlos, conhecido no século por Francisco Carlos da Silva, era natural do Rio de Janeiro e baptizado na freguezia de S. José, filho legitimo de José Carlos da Silva, natural e baptizado na freguezia da Sé Velha do bispado do Rio de Janeiro e de sua mulher Anna Maria de Jesus, natural e baptizada na Sé do Rio de Janeiro (1).

O moço Francisco Carlos da Silva mostrou desde os mais verdes annos tendencias religiosas, e ainda mais se pronunciaram estas, depois que algumas decepções vieram amargurar o coração ardente e a imaginação viva do futuro épico brasileiro.

Levado pelo seu espirito, attrahido pelas idéas grandiosas do christianismo, Carlos da Silva procurou o convento de S. Boaventura de Macacú, entrou em familiar conversação com os filhos de Francisco, com os quaes seu pai mantinha relações, e de tal sorte a alma do talentoso joven, se inebriou á vista do mysticismo e sublimidade da vida monastica, tão grande encanto achava na elevação do Evangelho em frente da vã philosophia dos homens, que instado pelos amigos do claustro, resolveu-se a abraçar a vida religiosa.

(1) Livro do Registro dos religiosos franciscanos—Pag. 63.

Francisco Carlos da Silva tinha-se distinguido nos estudos que fizéra, e ainda que as suas pósses não lhe podessem ministrar os meios de haver valiosos volumes e conversar com os notaveis mestres da sciencia, no silencio e calma do gabinete litterario, elle enriquecia a sua intelligencia eleita, já ouvindo as notabilidades do convento, já esquecendo as horas na consulta dos livros da bibliotheca.

O espirito do século volveu-se ao silencio do claustro, o homem, fez-se monge.

Talvez que a fumaça pardacenta do mundo, o alarido do seculo do vapor e da electricidade, do metal e do egoismo, tonteasse o cerebro do illustre fluminense, e elle fosse procurar entre os santos cyrios do altar, a paz e o bem estar, que não se encontra no turbilhão das paixões sociaes.

Frei Francisco de S. Carlos foi aceito á ordem dos irmãos menores de S. Francisco do Rio de Janeiro pelo reverendo provincial frei José de Jesus Maria Reis, e tomou o habito no convento de S. Boaventura da villa de Macacú, sendo guardião o irmão prégador frei José de Santa Ursula Pacheco aos 31 de Outubro de 1778.

O noviciado do novo irmão menor, de S. Francisco foi completado com applauso de seu mestre de noviços e com louvor dos superiores da ordem, e S. Carlos, com a approvação plena dos franciscanos, professou no dia 1.° de Novembro de 1779, sendo nomeado collegial para o curso de philosophia aberto no mesmo convento em 6 de Outubro de 1781, recebendo logo as ordens de sacerdote aos 5 de Julho de 1784, pelo Exm. Sr. D. José Joaquim Mascarenhas Castello Branco, com letras do reverendissimo provincial frei José dos Anjos Passos.

D'ahi por diante começam as glorias do novo filho de Francisco, e o seu acurado estudo, o vigor com que observava os sagrados preceitos da sua regra, tornaram-n'o

digno de merecer dos seus irmãos, no dia 25 de Fevereiro de 1785, a eleição para o cargo de *passante*, equivalente ao que hoje se chama nas *academias*, *repetidor*.

Continuando a distinguir-se na carreira do magisterio, revelando todos os dias elevados dotes oratorios, sciencia, estudo, e perseverança, captivando sempre a estima dos seus discipulos, pela amabilidade do seu trato, e esplendor do seu genio, foi eleito prégador e confessor dos seculares a 28 de Fevereiro de 1789. Mais tarde, chegando a nomeada do illustre monge até a provincia de S. Paulo, foi eleito á instancias do reverendo capitular e da camara da cidade de S. Paulo, lente de Theologia Dogmatica, para ensinar aos escolares ecclesiasticos d'aquelle bispado.

Regressando ao Rio de Janeiro cada vez mais engrandecido pela fama do seu talento oratorio e de suas virtudes, sabendo captivar a geral sympathia de quantos tinham a felicidade de cultivar suas preciosas relações, foi o reverendo monge, eleito commissario dos terceiros do Rio de Janeiro em 24 de Janeiro de 1796, merecendo ser pouco depois em 1801 deputado pelo reverendissimo frei Joaquim de Jesus e Maria, para visitar as ordens terceiras de Minas-Geraes, partindo para o seu destino em companhia do Exm. Sr. Bernardo José de Lorena, general de *Villa-Rica*.

O distincto monge na delicada e espinhosa missão que recebêra da ordem, não desmereceu a confiança n'elle depositada, honrou-a, prestando importantes serviços ao convento pelo modo porque terminou os negocios, então algum tanto complicados entre o convento e diversas ordens terceiras em *Minas-Geraes*.

Frei Francisco de S. Carlos distinguiu-se tanto no pulpito e no magisterio, que ainda em *Minas-Geraes*, foi pedido pelo Sr. Bispo, para ensinar a eloquencia sagrada no seminario de S. José.

E' para lastimar que o illustre franciscano não nos deixasse no seu asilo santo, os sermões que tanto enriqueceram a tribuna sagrada, e que os discursos brilhantes, enlêvo do auditorio arrebatado pela eloquencia do orador, thesouro de fé, e contricção, ficassem sepultados no olvido, perdidos como o echo na amplidão do espaço.

E' para lamentar a incuria d'aquelles a quem cumpre velar na santa guarda dos materiaes com que no futuro, as gerações do porvir, terão de elevar o monumento grandioso da litteratura nacional; ainda mais condemnavel, por certo, que os irmãos da mesma ordem religiosa, sobretudo os ultimos filhos, do claustro derradeiros herdeiros de tantas glorias sepultadas no pó, e no esquecimento, elles que não educam, que não catechisam, que não propagam, nem a fé, nem a caridade, vivam indolentemente, contemplando indifferentemente a ruina do tempo, sem curar ao menos de impedir o corruido da traça nos volumes preciosos, e a derrama do pó destruidor nas estantes da bibliotheca.

Foi em vão que bati a porta dos franciscanos; embalde corri os desertos corredores,não encontrei nem bibliotheca, nem volumes, e o que é mais triste, lamentavel, vergonhoso mesmo, ouvi do provincial da ordem: « *que tudo estava perdido, a bibliotheca em estado de não poder ser visitada, assim como não se haviam collegido os sermões de frei F. de S. Carlos.* »

Entre aquellas ruinas o que unicamente encontrei foi o Livro do Registro dos religiosos franciscanos.

Do convento de S. Antonio passei á bibliotheca publica, gastei alli algum tempo em procurar o importante sermão de frei Francisco de S. Carlos, proferido na capella real, em acção de graças pela feliz chegada de El-Rei D. João VI, augusto e preclaro avô do nosso sabio e amado monarcha,

e não tive a felicidade de achar aquella peça de eloquencia, para enriquecer a historia da vida do orador sagrado.

Resignei-me a fazer obra com o pouco que encontrei, entristecendo-me realmente pelo nenhum caso com que entre nós se conservam preciosos e importantes legados dos que hontem foram verdadeiras glorias da patria, e hoje dormem esquecidos, *até dos seus*, na poeira do sepulchro, onde talvez, nem no dia dos finados, desabroche sobre a lousa fria uma saudade, uma corôa, uma lembrança!

Morreram!... Os mortos pertencem ao sepulchro, o que lhes importa o mundo, o seculo, e o porvir?!

Por effeito de um acto official cuja competencia, justiça, e utilidade não é aqui opportuno examinar, estão hoje desertos e mudos os atrios do convento de S. Antonio.

Sob aquellas abobadas, n'aquellas cellas onde respiraram o ar puro da fé os *Rodovalhos*, *Sampaios*, *S. Carlos*, *Vellosos*, *Monte-Alvernes*, só reina o silencio, a saudade, e a morte!

Aquelle convento é uma tumba; a inscripção compoem-se d'aquelles nomes; ao redor só habita a treva, o pó, o esquecimento!

Não mais se ouve alli nem o som do psalterio sagrado, nem os hymnos dos canticos divinos.

Em meio d'aquellas ruinas está-se aniquilando tudo que podia ser aproveitado; chronicas, manuscriptos, documentos e volumes.

E' preciso salvar alguma cousa; ou a admissão de novos noviços para o erguimento da ordem, ou a desapropriação do convento, com a extincção do instituto, para que, o que n'elle existe ainda de precioso, não se perca de todo.

Do exposto resulta que das homilias, sermões e orações funebres do illustre prégador só podemos obter a que pronunciára nas exequias da rainha D. Maria I.

O incansavel obreiro da nossa litteratura nacional, o erudito Sr. Dr. Fernandes Pinheiro, nosso illustre consocio, fallando do distincto prégador assim se exprime :

« Torrentes de eloquencia despenhavam-se de seus labios, como as aguas do Rio S. Francisco na cachoeira de Paulo Affonso; sua voz maviosa, semelhante á do sabiá, deleitava os ouvidos do auditorio, emquanto sua vigorosa dialectica prendia as attenções. Por vezes abandonava-se á inspiração; soava sobre as azas do improviso e arrebatava os ouvintes á regiões desconhecidas : então era Chrysostomo, era Basilio, era Gregorio de Nazianzeno, n'uma palavra era Massillon. A frescura de suas imagens, o viço e esplendor de sua dicção, transmutava o sermão em hymno, e dir-se-ia que dedilhava a harpa de *David.* »

Sobre o sermão a que nos referimos disse tambem o illustrado Sr. Pereira da Silva o seguinte :

« Todo este sermão é admiravel, os pensamentos superiores, a elegancia da phrase, a eloquencia das idéas, e a vivacidade do estylo se reunem e combinam em proporções iguaes : a alma do prégador expande-se maravilhosamente; seu coração falla em todas as palavras; sua intelligencia apparece em todas as expressões : frei Francisco de S. Carlos, com este sermão funebre, toma lugar entre os mais respeitados e conhecidos prégadores de todas as modernas nações. » (2)

Transcreveremos aqui o trexo d'este sermão que trata de descrever a morte da augusta rainha, notavel pelo pathetico, esplendido pelo vigor da phrase, e eloquencia das idéas, ouçamos o eloquente orador :

« E direi eu, portuguezes, aquelle susurro triste e pavoroso, que vossos corações presagos regeitavam, como

(2) *Plutarcho Brasileiro*, Tom. I, pags. 132 e 133.

áve de máo agouro?... Aquella voz surda que sahia pela boca do povo, e que dizia como que em segredo: — Nossa rainha perece— morre! — Oxalá que não fôra! Verificou-se! — Morreu! — Aqui tendes morta! — Morta? — Eu me reporto — não — viva, porque os justos não morrem! Era necessario que se rompesse este muro de divisão, que impedia-lhe ver o seu Deus sem enigmas: era necessario que os olhos, que foram sempre inundados de lagrimas, estancassem o pranto, e vissem aquella formusura antiga e sempre nóva como diz Santo Agostinho. Bate, pois as azas oh! pomba, solta-te das prisões terrestres, do peso da casa de barro! Hoje é o dia dos teus triumphos! Ergue o collo altivo; remonta os vôos, atravessa as portas dos tabernaculos eternos, abysma-te no coração de teu Jesus, cujas ingratidões nos peccadores tanto magoaram o teu. Recebe o sceptro que elle te ha preparado, mas que sceptro? — Uma vara arrancada d'uma arvore, despojada de suas folhas, privada de fazer sombra, a que o artista dando-lhe um verniz d'ouro não lhe tirou a condição de corromper-se? Não. — E' este sceptro da virtude de Deus que o Senhor envia a Sião para dominar sobre seus inimigos. Arrecada o reino em que teu Deus te mette de pósse: mas que reino? — O de Portugal, que foi fundado em rios de sangue nos campos de Ourique, que no quarto seculo de sua fundação esteve em perigo de ser a herança de estranhos, que no sexto gemeu na viuvez, e que agóra um atrevido repartia sem ser o seu dono (3)? — Não — E' este reino que não tem fim; *et regni ejus non erit finis.* — Recolhe emfim a corôa que te é reservada pelo justo juiz — Que corôa? — D'isto que se chama

(3) O orador allude á divisão do reino de Portugal por Napoleão I ex-vi do tratado secreto de Fontainebleau.

ouro, a que um falso brilhantismo dá o merecimento, e á avareza o preço? — D'estas pedras chamadas ricas, que brilham com a claridade emprestada do sol, e para dizer tudo — terra e mais terra? — Não: a recompensa e corôa é o mesmo Deus recompensador!!! »

Por esta brilhante faceta, podem os conhecedores da oratoria sagrada, julgar de que quilate não eram os brilhantes que do pulpito derramava S. Carlos, diante do auditorio maravilhado pelo esplendor e riqueza de sua dicção.

Notaremos, todavia, que a oração sagrada de que tratamos, resente-se ainda que ligeiramente do estylo antigo e gongorrão tão vulgar nos sermões do missionario franciscano frei Antonio das Chagas, e do padre da companhia de Jesus Manoel dos Reys, que fazia a belleza d'aquella época, insupportavel, porém, perante o progresso da linguagem, do estylo e da litteratura.

Porque o illustre prégador não curou de publicar os seus sermões para legar aos pósteros esse precioso thesouro?

A razão deu-a o seu irmão em habito o venerando frei Francisco de Monte-Alverne, uma das mais scintillantes estrellas da corôa de Francisco.

Disse o eminente orador, que mesmo cégo colheu virente corôa no pulpito, e gemeu o ultimo hymno entre as sombras da morte e a luz brilhante da gloria, na introducção de suas « *Obras Oratorias* » *Discurso Prelim. pag. XI*, o seguinte:

« A difficuldade da impressão, a falta de recursos, a indifferença para com toda a sorte de empresas typographicas, talvez mesmo a modestia dos autores, impediam a execução d'estes projectos que illustraram outras nações, e fizeram avultar a massa dos conhecimentos humanos!! »

Além d'estas considerações apontadas pelo venerando

Monte-Alverne, não pouco concorreu ainda para o descuido de tão importante impressão, o decidido almejo, empenho, e trabalho do illustre franciscano, para ver concluido, impresso e aceito, segundo o seu real valor litterario, o poema epico « *A Assumpção* » sem a menor contestação um dos melhores poemas brasileiros, superior aos que ultimamente têm visto a luz do dia.

O poeta-monge, inspirado pela flamma divina que lhe accendia o estro, cantou na lyra religiosa um hymno, que a posteridade conservará para sempre, entre as mais custosas de suas glorias.

Todo entregue ao difficil, como grandioso empenho que contrahira, terminou a « *Assumpção* » destinada pela excessiva modestia do poeta, a ser o pasto do verme, do fogo, e do esquecimento (4), se alguns dedicados amigos do monge, não o animassem e ajudassem a leval-o ao prélo.

O que sobretudo illuminou a fronte do poéta sagrado e inspirou-o, o que excitou a contemporisar com o desejo dos amigos, foi o cahir entre as mãos de S. Carlos um poemeto francez, com o titulo de *la Chandelle de Arras*.

Esta *obra infernal* na opinião do poeta, *infame em poesia*, era um tecido de injuria, contra Jesus-Christo, sua bemdita mãi, e seus discipulos, S. Carlos, resolveu dar á luz a « *Assumpção*, cuja a acção se abre em *Epheso*.

O poeta antes da censura, disse, prevenindo a severidade dos criticos, a respeito do valor de seu poema, o seguinte:

« .... Se não são versos ao menos não são blasphemias, e se não fallo a linguagem do Pindo, fallo a do Calvario. »

Não concordamos com a opinião de alguns censores sobre ter o poeta escolhido os versos *endecasyllabos* ou *heroicos* rimados de dois em dois, que julgam ser este genero de

(4) Prefação do Poema « *Assumpção* » pag. 111.

verso empregado sómente na poesia comica. Horacio o recommenda para cantar grandes successos e se o « *similiter desinentia* » dos latinos concórre pouco para bella euphonia da metrificação em vulgar como o reconheceu o proprio poeta, todavia, quando é mantida a cadencia e a grandeza do verso, a par da magestade do assumpto, elle não faz desmerecer a Epopeia.

Seria preferivel a oitava rima ou o verso branco, mas porque são os versos da « *Assumpção* » *endecasyllabos*, não deixa o poema de ser notavel e grandioso, além de que o proprio *S. Carlos* reconheceu, que foi má a escolha do verso, sendo o mal irremediavel.

O poeta inspirou-se nos soberbos modelos impressos na lamina brilhante da immortalidade, pelo genio de *Tasso*, *Klopstock* e *Milton*.

A « *Jerusalem,* » a « *Messiada* » e o « *Paraiso Perdido,* » forneceram ao poeta inspiração, idéas, episodios, e até descriptiva.

A cada passo se encontra no poema uma imagem, um reflexo, uma lembrança, d'aquelles fócos de luz, poesia, e gloria.

As scenas religiosas descriptas no poema, assim como, a derróta e sublevação dos espiritos infernaes, assaz confirmam o nosso parecer, sendo para notar que na descripção do inferno, encontremos grandes reminiscencias, semelhança muito approximada do inferno do *Dante*, na *Divina Comedia. Alighiéri*, o immortal cantor de *Beatriz*, que cantou o *Inferno* em XXXIV cantos cheios da maior opulencia de originalidade e maravilhoso, emprestou mais d'uma flôr mimosa do seu primoroso jardim ao celebre cantor de « *Assumpção.* »

No poema do distincto franciscano, notamos, o que infelizmente não encontramos nos poemas contemporaneos de

nossos poetas, grandeza do assumpto, unidade de acção mais ou menos sustentada, originalidade senão no complexo do poema, ao menos em muitos episodios, sendo para notar sobretudo o da descoberta do *Paraiso* onde estão *Enoc* e *Elias*, e cuja descripção é brilhantissima, primando pelo colorido americano ou brasiliano, que faz verdadeiro realce em todo o canto 3.° do poema. E' tambem muito feliz e original o episódio que contem « *Os actos dos Apostolos* » contando a perseguição de *Epheso*, magnifico primor do IV canto do poema.

Toda a « *Assumpção* » revela que o poeta se achava possuido da mais viva fé, que aquelle coração era abrasado pela ardente crença religiosa derramada em cada pagina, verso, cantico, episodio do poema.

No pathetico, que como o maravilhoso é a alma da « *Epopeia* », o distincto épico brasileiro, observou com alguma felicidade as difficeis regras de tão elevada poesia.

O venerando franciscano dedicára todo o resto de seus dias ao trabalho do seu poema « *Assumpção.* »

Era a sua mais querida idéa, o seu mais vivo empenho: — ver aceito e abraçado pela patria agradecida o filho dilecto de sua alma.

A prova d'isto está na ultima entrevista de « S. Carlos » com o seu respeitavel amigo «*Padre-Mestre Monte-Alverne,*» da qual nos falla, com a habitual proficiencia o « Sr. Araujo Porto-Alegre » em uma carta dirigida ao Sr. Dr. Lagos, impressa na *Revista Trimensal do Instituto Historico*, Tomo 3.° n. 12 da 2.ª serie, pag. 544—545.

« Depois de relatar a ultima visita que lhe fez o « *Padre-Mestre Monte-Alverne,* » quando o poeta encarava a morte com toda a resignação, rolou a conversação sobre o seu poema, e as criticas que soffrêra, e n'esta occasião revelou elle o pezar de não ter podido reimprimir sua obra com as

alterações que lhe fizéra não só no todo, como em muitas partes.

« E n'isto, tremulo se debruça, cava debaixo do travesseiro, tira um volume, e mostra-o ao seu amigo: era o da primeira edição, todo riscado, emendado, escripto á margem, intercalado com folhas manuscriptas, e augmentado com caderninhos do mesmo formato; tudo escripto pelo proprio punho, e nitidamente feito e prompto para sahir á luz da imprensa:

« Eis-aqui o meu poema, diz elle a *Monte-Alverne*, possa esta obra dar algum realce á nossa ordem no Brasil. Sinto morrer sem mostrar que fui docil á opinião dos amigos e criticos que me honraram. Eis aqui uma obra cuja historia é simples, mas curiosa, porque nasceu debaixo de inspirações alheias ao apparecimento d'estas creações: aqui nada houve de profano, nada do que pertence ao seculo. »

Apezar da solemne declaração do monge seu venerando amigo, e do annuncio por elle feito d'uma segunda edição, purgada de todo, dos defeitos da primeira, nenhum esforço fez a ordem para obtel-a, e nunca ella appareceu á luz do dia.

E assim se perdem os mais preciosos legados dos que foram, pela indifferença dos que são!

O poema do illustre franciscano estava completamente esquecido; ninguem mais fallava n'elle, tendo sido muito os seus censores, entre elles o conego *J. da Cunha Barbosa*, *Ledo*, e ultimamente o nosso distincto consocio *Dr. J. C. Fernandes Pinheiro*, graças aos esforços do qual deve a patria, uma nova edição (Rio de Janeiro, 1862), por elle correcta, visto não ter podido o illustre critico brasileiro obter d'uma sobrinha do finado franciscano, as importantes corrigendas feitas pelo veneravel monge.

Já anteriormente outro illustrado consocio o *Sr. J.*

Norberto de Sousa e Silva tinha trasladado o poema para as columnas do « *Mosaico Poetico.* »

Citaremos agora alguns trexos da « *Assumpção* » mais dignos de menção.

Na invocação são bellos os seguintes versos:

« Oh! tu, grande signal, raro Portento
Dos sec'los, e do etherio Firmamento;
Nova Idéa brilhante, a mais perfeita
Do Archetypo exemplar; e tão aceita,
Que chegaste a ser d'elle, oh! maravilha!
Doce Mãi, linda Esposa, cara Filha,
Aspira os votos meus; e que meu canto
Cauze a terra prazer ao orco espanto.
Aspira, ó virgem, porque cante e diga;
Quanto a verdade, e a devoção obriga.
Pulchros Celicultores, que os assentos
Rubis, d'onde refracta a formosura,
Desde o berço da luz, da luz mais pura:
Vós, que mil vezes n'esta santa empreza
Mediste-vos com a barbara fereza
Do Cáos; e de seus monstros e tyrannos
Frustrastes as traições e negros planos;
Se por mim celebrada se sublima
Vossa Augusta Princeza, em doce rima,
Dai tambem novo ardor ao canto nosso,
Que sendo por quem é, tambem é vosso.
E tu, Igreja, tu nunca invocada,
Musa do céo, de estrellas coroada;
N'esta via escabrosa e tão confusa
Ah! digna-te de seres minha muza.
Os mysterios descobre ao vate altivos,
Que em cofres d'ouro guardam teus arquivos:

Dize como póde a tanta altura
Elevar-se a terrena creatura;
Que louros recebeu, que recompensa
De alta Mão, que no premio é grata e immensa. »

Mais adiante, no mesmo canto I o poeta abrindo a narração e fallando

« ...... da etherea casa soberana
Do Olimpo onde se escreve a sorte humana
D'aquelle que no céo e fóra existe
A cujo alto poder nada resiste.

relata que o Ente Supremo urdindo os meios de honrar a santidade:

« E fallando comsigo só dizia —
« Pois que! jamais o rosto, e o casto peito
« De meus justos tingiu por meu respeito
« Uma lagrima só, que o tal excesso
« Não deixasse ver só o cunho impresso
« De minha grata mão; e ora apoucado
« Tenho o meu braço immenso abreviado
« Com quem comigo foi das creaturas,
« A mais rica em finezas e ternuras?
« Já n'essa prisca idade, que passára,
« Fiz meu nome atroar, e a minha vára;
« Tremeu o chão, onde o Nilo móra
« Com os deuses sacrilegos que adóra;
« Ouviu-me a voz o mar, e mal que ouviu,
« As phalanges de Memphis engoliu:
« Oito lustros o céo por seu mandado
« Regalou a Jacob meu servo amado;

« Viu o *Nébo*, e o *Sinai*, mudos de espantos,
« E depois de prodigios taes e tantos,
« Tenho hoje o coração tão pouco terno
« Para a mãi coroar do Verbo-Eterno?
« E aonde está o meu poder? Aonde os meus
« Brios? Não será assim : eu sou um Deus!
« Disse : e a natureza que escutára
« A voz de força immensa que a creára,
« Com profundo respeito e fé sobeja
« Respondeu de joelhos : Assim seja.
« Então odor mais fino que a Panchaia
« Por todo o santuario já se espalha.
« Ribombam mil trovões, trisulcam raios,
« Pregões do seu furor e seus ensaios.
« Um arco de esmeraldas fulgurante
« Já brilha mais que a filha do Taumante.
« E os vinte quatro santos anciãos,
« Que estão de pé com harpas entre as mãos,
« Em respeito ao Senhor, que a Estyge aterra
« Suas corôas d'ouro poem por terra.

Este trexo do poema em nada é inferior aos sublimes cantos da *Messiada* e do *Paraiso Perdido*. Sobretudo nota-se n'elle elevação de pensamento, vigor de estylo, cadencia do verso, riqueza de trópos, e facilidade da rima.

A vinda de *Michael* é tambem digna de menção, assim como a descripção do Archanjo

« .... domador do negro inferno.

. . . .

« Lá vem rodando; e bate com a soada
« Nas fornalhas do abismo : na pancada
« Mugiram as cavernas do profundo

« E o choque fez tremer a todo o mundo
« E se apraz comparar com muito o pouco
« Qual estampido fero, horrendo e rouco,
« Que o pedaço da rocha desunido
« Rolando faz, das aguas aluido :
« E o que encontra converte em vil poeira,
« Troncos, vimes, calháos, herva rasteira ;
« Té que batendo o plano, treme o plano ;
« Tal baqueou Lusbel lá no sumano.

Riqueza de tropos, esplendor de estylo, magnificencia de pensamento, elevação de poesia de sobra encontramos no trexo citado.

Não nos podemos furtar aqui de trasladar do canto III do poema os seguintes versos, cheios do perfume da patria, exalando o ar nativo do solo americano, suas riquezas, flores e fructos.

« Ha no seio do Immenso uma paragem
« Escondida aos mortaes ; do céo imagem,
« Lugar Santo, ditoso, sem pezares,
« Onde os prazeres giram a milhares.
« Habitação da paz, solar do riso,
« E com razão chamado Paraiso.
« Acolá se entrelaça como a hera
« C'o o rico Outono, a olente primavera,
« Frescos sempre os matizes da campanha
« De perenne verdor, de graça estranha.
« Não adulam a vista n'estes prados
« Arvoredos por ordem alinhados :
« Nem marmoreas columnas soberanas
« De varias ordens gregas, ou toscanas.
« Nem machinas hydraulicas, que as puras
« Aguas deitam por varias mil figuras.

« Só reina a natural simplicidade,
« Que excede sempre a arte em magestade.
« O' Muza, dá a meus versos a doçura
« Dos fructos, que vou dar a pintura.
« A manga doce, e em cheiro soberana
« Que imita o coração, no galho ufana
« D'um lado a crócea côr, e fulsa exalta
« Do luzente metal, que a muitos falta,
« De outro lado porém retrata aquella
« Que o pudor chama ás faces da donzella.
« Pendendo estão dos ramos verdejantes
« Os cajús, á saude tão prestantes;
« Uns amarellos, e outros encarnados,
« Das gostosas castanhas coroados:
« Talismans, que lhes deu a natureza,
« Por não se fascinar tanta belleza,
« Odoriferos jambos coroados
« Alvejam na vergontea apinhoados
« Negreja o lizo abrunho, envolto em luto
« O qual da Syria veio: e o debil fructo,
« Que lá de Cerasutha o nome toma
« Por Lucullo trazido á velha Roma.
« Entre as folhas gigantes laceradas
« Dos bananaes espessos arranjadas
« Lourejam suas filhas; aguçando
« O apetite, e os olhos afagando.
« Dos folhudos festões estão pendentes,
« Pelo tronco trepando, os recendentes
« Fructos da agreste flôr, quadro imitante,
« Do martyrio e paixão d'um Deus amante.
« Gemem emfim as arvores curvadas
« Com o pezo das fructas sazonadas.
« Do limão virginal, da aurea laranja,

« Pomos d'ouro, talvez que em vossa granja
« Hisperides zelaveis : mas colhidas,
« São por Tyrinthio a Euristheo trazidos
« No mesmo ramo encanta a formosura
« Da fructa em flôr, da verde, ou já madura :
« Mostrando a natureza aqui reunido
« Quanto n'outras sazões tem repartido.
« Tal matrona fecunda em proles bellas
« Nubeis tem, uma ao collo, e outras puellas.
« Assim n'um quadro só pinceis mui habeis
« Dezenha mil objectos deleitaveis.
« Assim por S. João, no mez nevádo,
« Depois do esbulho teres supportado
« De tuas ramas velhas, ó roseira,
« Aos astros te apresentas lisongeira,
« Quando as novas de rosas mil enxertas ;
« Umas em botão, outras abertas.
« Em vão nedios racenios a encrespada
« Vide, que com o olmeiro está casada
« A luz febea expoem, tanta riqueza
« Ai ! da pompa é tropheo, é só belleza.
« Alligero cantor da etherea estancia
« Apenas próvas parte da abundancia.
« Tal era a sorte d'outras muitas fructas,
« Sempre das mãos intactas e incorruptas.
« Tal a da pinha, que trazida outr'ora
« Do Eôo paiz, berço da aurora,
« Com seu nectar suave torna escravos
« Abelhas do monte Hybla, vossos favos.
« Tal a tua, ananaz, rasteiro e baixo :
« Mas que tens por corôa alto penacho,
« E vestido de escamas, qual guerreiros,
« Um halito bafejas lisongeiro.

Um pintor preparando as mimosas tintas em sua palheta, não desenharia melhor que o inspirado poeta as riquezas da flora brasileira. De tal sorte é a descripção da manga, do cajú, e do ananaz, que parece sentir-se o perfume da fructa, como o seu sabor, deixando o leitor com o desapontamento da imaginação, sem poder satisfazer o gosto do paladar.

Entre as censuras feitas ao poema de S. Carlos é sem duvida verdadeira e justa a que se refere a ter o poeta confundido o sagrado com o profano; mesclando em todo o plano da obra os deuses da fabula, com os anjos e archanjos do Paraiso.

O christianismo e a mythologia a cruz e o paganismo estão alli de envolta. A par de S. Miguel, archanjo, aguardando a vinda da *Senhora* de Epheso para o céo, estão

« .... as Eumenides furias tão medonhas
« De gripho armadas, e fataes peçonhas
« A féra Erinix, ou cruel Alecto,
« De serpes engrenhada a coma e aspecto.
« Carybdes, Scylla, Esphinges desconformes,
« E d'um só olho as Gorgonas enormes.
« Equipedes Nubigenas monstruosos,
« De leve nuvem partos vergonhosos :
« Triformes Ginóes, Janos bifrontes,
« Os Aloidas altos mais que os montes
« Hydras de cem cabeças, mil serpentes
« Nas escamas verdes, e na crista ingentes :
« Nas mãos com a tocha a anguifera Megéra
« E com flagello horrivel.

Mas sobretudo o que julgamos de grande reparo, improprio de um poema sacro, e que até provoca idéa por demais

profana e lasciva, é a descripção do emblema do *Espirito-Santo*, que se encontra no canto II, pag. 26 :

« Tambem se via a candida pombinha,
« Emblema do Alto Espirito, que tinha
« Do bico d'ouro um raio, que tocava
« *Da Virgem o peito*, e a *Virgem fecundava*
« Sem que a prole do céo, não vista empreza,
« Desbote a flôr da virginal pureza. »

Ha verdadeiro perigo em pretender-se descrever por actos da vida externa, materiaes e humanos, um alto e sagrado mysterio, como o da Conceição da Virgem. O poeta o tentou e foi cahir em cheio no mais pronunciado materialismo. Uma pombinha lançando raios proliferos no seio de uma virgem, poderá excitar uma idéa material e voluptuosa, nunca o divino mysticismo de uma encarnação sagrada, que o homem aceita com a fé do dogma e nunca com a força do raciocinio.

Outro tanto não se encontra na *Messiada*. Alli não ha idéa que não seja divina : tudo no immortal poema de *Klopstock* é puro e sagrado. Desde a descriptiva da introducção do anjo *Gabriel* no santuario, por intermedio do seraphim *Eloha*, e da genuflexão no altar da redempção, até a entrada do *Messias* no reino da gloria, onde se assenta á direita do seu *Pai Eterno*, tudo rescende á myrrha do céo, á panchaia do paraiso.

Na *Assumpção* a par da contínua côr imitativa do cantico immortal do filho de *Quedlinbourg*, das reminiscencias do *Tasso* e do cégo cantor do *Paraiso Perdido*, existem incorrecções imperdoaveis, sobretudo em um poema do quilate da *Assumpção*.

Entre ellas notaremos uma das mais salientes logo no começo do canto VI:

« O' tu, igreja santa, linda esposa
« Do Cordeiro de Deus; minha mimosa
« Clara musa gentil, que *por capellas*
« Brilhante cercaduras tens de estrellas. »

Aqui o poeta, para forçar a rima, cahiu em deploravel incorrecção de phrase. A euphonia do verso, a belleza do trópo, estão alli completamente sacrificadas pela *cacophonia* —*por capellas*, digna de censura em qualquer escripto litterario, e muito mais flagrante em um poema épico.

Para não alongar mais este trabalho remataremos o que nos suggeriu a analyse do poema de S. Carlos, repetindo ainda uma vez que o consideramos um dos melhores poemas nacionaes, fazendo votos e supplicando á *commissão de pesquiza e exame de manuscriptos* d'este Instituto que, pelos meios ao seu alcance, esforce-se para obter as corrigendas feitas pelo illustre poeta, e que existem em mão de uma sobrinha do finadp monge franciscano.

Continuando a carreira religiosa encetada ainda no verdor dos annos, S. Carlos teve o prazer de ser por duas vezes eleito guardião, terminando a segunda guardiania de Nossa Senhora da Penha, na provincia do Espirito-Santo, com geral applauso da ordem, pelo que foi em 1813 eleito guardião do convento de Santo Antonio da côrte, sendo mais honrado com o cargo de revisor ou censor episcopal, para o qual foi nomeado pelo bispo capellão-mór em attenção ao saber, e virtudes do illustre e venerando monge.

Ainda uma gloria, um brilhante louro estava reservado ao eloquente orador sagrado. Por occasião das festividades que se celebraram n'esta capital pela chegada da familia

real (1808) foi S. Carlos o prégador escolhido para occupar a tribuna sagrada, e com tanto realce o fez que o principe regente, ao depois el-rei D. João VI, maravilhado pela eloquencia do orador, confessou nunca ter ouvido nada de melhor, nomeando-o logo prégador de sua real capella, e agraciando-o mais tarde com o honroso emprego de examinador da mesa de consciencia e ordens.

No capitulo provincial celebrado em 15 de Outubro de 1814 foi eleito definidor, sendo proposto em segundo lugar na nomina que se fez dos religiosos para visitador-geral e presidente do capitulo em 26 de Outubro de 1820, eleição presidida pelo padre-mestre Fr. José Carlos de Jesus Maria, de cujo officio tomou posse por nomeação do Sr. internuncio em Lisboa, celebrando o capitulo provincial em 20 de Outubro de 1821.

Foi esta a ultima corôa conquistada pelo monge franciscano.

Fatigado pelo excesso do estudo e do trabalho, tendo sobre os hombros a pesada cruz da senectude, com a aureola argentina que a mão do tempo cinge a fronte dos que muito têm penado n'este valle tenebroso, S. Carlos abandonou o pulpito, e ainda mais sepultou-se entre as sombrias arcadas do claustro de Santo Antonio.

Sereno e contricto o filho de Francisco aguardava que a sua ultima hora corresse na ampulheta da vida, que o derradeiro crepusculo, o ultimo raio de luz desmaiasse para sempre n'aquelles olhos illuminados pela chamma viva da fé, e que tinham ainda no caminho tortuoso e asperrimo da terra contemplado as grandezas infinitas do céo, os extases indescriptiveis da verdadeira gloria, que só é dado ao justo devassar dos ennegrecidos umbraes da humanidade.

A 6 de Maio de 1829, na idade de sessenta e seis annos,

tres mezes e sete dias, o anjo da morte roçou a sua aza negra sobre a fronte abatida do venerando franciscano.

Contricto, e tendo recebido todos os sacramentos, o religioso ancião deitou a fronte sobre o travesseiro da morte e dormiu para sempre. Nos labios pousava-lhe um sorriso !

E' que ás portas do tumulo sua alma eleita reconhecia quanto era pequeno o planeta terrestre lançado na amplidão do espaço a par da immortalidade e da gloria.

Aquella voz eloquente, que vibrava imponente do alto da tribuna sagrada, e da qual o virtuoso principe regente el-rei D. João VI apregoava a primazia, emmudeceu para sempre.

Do orador, do monge, do poeta, só existe um tumulo, uma cruz, e uma saudade !

Elle descança no meio das trevas, do esquecimento, e do descalabro de sua ordem.

Entre aquellas ruinas do passado, na noite escura que cerca o claustro de S. Francisco, algumas estrellas fulgem illuminando o tabernaculo santo. São os tumulos dos venerandos vultos da ordem, archotes inapagaveis da fé, que perdurarãõ para sempre, glorificando a *Provincia da Immaculada Conceição* (5), e o Pantheon da Santa Cruz. E quando os posteros se erguerem no sólo do Brasil, certo que uma corôa immarcescivel e uma gloriosa inscripção apontarão ao futuro caminheiro d'esta estrada transitoria a ultima morada do poeta da *Assumpção !*

A inscripção dirá : A Patria agradecida.
A corôa será a da — Immortalidade.

E' a unica aspiração do genio, a unica gloria, a ultima conquista.

Immortalidade na terra, eternidade no céo !

(5) Assim se denomina a ordem franciscana no Brasil.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1873

1ª SESSÃO EM 13 DE JUNHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Sr. Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, Maximiano Marques de Carvalho, Felizardo Pinheiro de Campos e João Ribeiro de Almeida ; e, sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não havendo leitura de acta, o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, 1º secretario, lêu o expediente, que constou do seguinte :

Um aviso do Sr. ministro do Imperio, datado de 14 de Janeiro do corrente anno, declarando ficar inteirado, pelo officio que lhe dirigiu o Sr. presidente, das pessoas que foram eleitas para servirem os diversos cargos d'este Instituto durante o presente anno social.

Dito do Sr. director da secretaria de estrangeiros, remettendo, de ordem do Sr. ministro d'esta repartição, um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na actual sessão.

Officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, datado de 15 de Janeiro do corrente anno, remettendo um exemplar da *Collecção das Leis* e re-

soluções promulgadas pela assembléa provincial na sessão de 1872.

Dito do mesmo Sr. presidente, datado de 10 de Maio ultimo, solicitando do Instituto uma collecção de suas *Revistas* para uso da bibliotheca publica d'aquella provincia. —Ao Sr. 1° secretario para satisfazer a requisição.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo dois exemplares do *Relatorio* apresentado á assembléa provincial na sua sessão do corrente anno, e dois ditos da *Collecção das Leis* d'aquella provincia do anno de 1872.

Dito do Sr. presidente da provincia do Espirito-Santo, remettendo dois exemplares da *Collecção de Leis* d'aquella provincia, promulgadas pela assembléa provincial no anno passado.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella passou-lhe a administração da provincia, e um exemplar da *Collecção das Leis* provinciaes de 1872.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. Dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior passou-lhe a administração da provincia em 5 de Novembro de 1872.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. vice-presidente desembargador José Pereira da Graça entregou-lhe a administração da provincia em 4 de Março ultimo.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo o *Relatorio* que apresentou á assembléa provincial no acto de sua installação em o 1° de Junho do anno passado, e a *Collecção das Leis* provinciaes do mesmo anno.

Dois ditos do Sr. Dr. Latino Coelho, secretario da academia real das sciencias de Lisboa, um com data de 13 de Dezembro do anno passado e outro com data de 20 de Fevereiro do corrente anno, em os quaes accusa o recebimento dos tomos XXXIII, XXXIV e XXXV da *Revista* d'este Instituto, remettidos áquella academia pelo Sr. 1° secretario, e agradecendo em nome da mesma esta offerta.

Dito do Sr. conselheiro Antonio José Duarte de Araujo Gondim, ministro residente do Brasil na republica do Uruguay, offerecendo ao Instituto a obra que, sob o titulo *Rio Grande do Sul and its colonies*, publicou em Londres o Sr. M. G. Mulhall.

Dito do Sr. Dr. Leonel M. de Alencar, encarregado de negocios do Brasil na republica da Bolivia, remettendo um exemplar do 1° tomo do *Archivo Boliviano*, que seu autor, o Sr. Vicente Ballevian y Roxas, offerece a este Instituto.

Dois ditos do Sr. José A. Tavolara, bibliothecario da bibliotheca nacional da cidade de Montevidéo, solicitando pelo primeiro, datado de 27 de Janeiro do corrente anno uma collecção de nossas *Revistas* para uso d'aquella bibliotheca, e no segundo, datado de 13 de Maio ultimo, agradecendo ao Instituto a remessa da dita collecção.

Dito do Sr. Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras, secretario interino da associação typographico-litteraria d'esta côrte, convidando a este Instituto para assistir á sua installação, que teria lugar no dia 16 do corrente, em uma das salas da livraria do editor E. Dupont, e offerecendo por parte d'este varios folhetos.

Dito do Sr. 1° secretario da sociedade scientifica escola de Nelson, communicando ao Instituto a installação da mesma, remettendo a relação das pessoas que formam a directoria e solicitando o auxilio d'este Instituto.

Uma carta do Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, offerecendo seis exemplares do *Relatorio da enfermaria homœopathica*, que, sob a sua direcção, mandou a mesa da santa casa da misericordia d'esta côrte crear para tratamento dos indigentes affectados da febre amarella.

Dita do Sr. Antonio Rodrigues de Almeida Pinto, residente no Pará, offerecendo ao Instituto o seu livro constante de *Noticias authenticas de factos interessantes que se deram no correr da vida do 8° bispo d'aquella provincia, o Sr. D. Romualdo de Sousa Coelho.*

Dita do Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, offerecendo um exemplar impresso de uma parte da *Illiada de Homero*, traduzida em irlandez pelo Dr. Macs-Hale, arcebispo de Tuam.

Dita do Sr. Dr. Gustavo L. G. Dodt, offerecendo o seu opusculo, contendo os *Relatorios* das explorações que fez nos rios Parnahyba e Gurupy, e terrenos que demoram entre as cabeceiras d'este e as margens do Tocantins na provincia do Maranhão.

Dita do Sr. Henrique Lisboa, datada de Caracas, offerecendo um folheto, contendo a exploração feita no Alto de Naiguatá, montanha mais elevada da cordilheira de Caracas.

Cinco officios do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, acompanhando as seguintes offertas : *Justificação do ex-promotor da capital do Maranhão Filippe Franco de Sá. Almanak administrativo da dita provincia. Relatorio da exposição maranhense em* 1872. *Relatorio* com que o Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. vice-presidente desembargador José Pereira da Graça. *Discursos lidos na inauguração da bibliotheca popular maranhense.* O n. 37 do periodico *Paiz*, e os ns. 31, 32 e 35 do *Publicador Maranhense*, onde se acham publicados varios artigos historicos.

O mesmo Sr. Dr. Cesar, por parte do Sr. Dr. José Ascenço da Costa Ferreira offerece um volume das *Lições de Economia Politica*, por este escriptas.

Foram feitas as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos de um exemplar da traducção do *Adolescente* de Cesar Cantu, feita por uma menina de 15 annos, e de um exemplar do opusculo *Reflexões do conselheiro Figueira de Mello sobre a proposição do senado quanto á attribuição do Supremo Tribunal de Justiça de estabelecer a verdadeira intelligencia das disposições duvidosas e obscuras de nossas leis patrias*, etc.

Pela secretaria do Imperio varios *Relatorios* de presidentes de provincias e *Collecções de Leis Provinciaes.*

Pelas secretarias de estrangeiros e justiça os *Relatorios* que os Srs. ministros d'estas repartições apresentaram á assembléá geral legislativa na presente sessão.

Pela Sra. D. Narcisa Amalia as suas poesias com o titulo *Nebulosas.*

Pelo Sr. Manoel Buarque de Macedo o *Relatorio da commissão directora da exposição provincial de Pernambuco.*

Pela associação club polytechnico do Rio de Janeiro os seus *Estatutos.*

Pelo Sr. senador Candido Mendes de Almeida o 2º volume do *Direito Civil Ecclesiastico Brasileiro antigo e moderno, e suas relações com o direito canonico. Pinsonia ou a elevação do territorio septentrional da provincia do Grão-Pará á categoria de provincia com a mesma denominação. Discurso pronunciado na sessão de 22 de Feve-*

reiro de 1873 sobre a politica internacional do ministerio e a eleição indirecta: e *Discurso pronunciado na sessão de 10 de Março sobre a politica religiosa do ministerio.*

Pelo Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto a sua obra com o titulo *Vôos Icarios.*

Pela sociedade real de geographia de Londres o seu jornal de 1871.

Pela sociedade auxiliadora da industria nacional varios numeros de seu jornal.

Varios jornaes remettidos por diversas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Lêu-se e foi remettida á commissão de admissão de socios a seguinte proposta :

« Propomos que seja conferido o titulo de membro honorario do Instituto ao illustre Sr. conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão. Rio, 13 de Junho de 1873 (assignados). —*Marquez de Sapucahy.—J. M. de Macedo.—José Ribeiro de Sousa Fontes.—Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Felizardo Pinheiro de Campos.—Dr. João Ribeiro de Almeida.— Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.—Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.—Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.* »

O Sr. desembargador Olegario expôz os motivos que o levavam a pedir exoneração do lugar de relator da commissão de estatutos e redacção da *Revista ;* respondeu-lhe o Sr. 1° secretario, o que deu lugar a uma discussão, finda a qual deliberou o Instituto nomear uma commissão especial para fixar a intelligencia do art. 24 dos estatutos. Foram nomeados pelo Sr. presidente para membros d'essa commissão os Srs. Drs. Homem de Mello, Macedo e Moreira de Azevedo.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. Imperial, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,
2° SECRETARIO.

2.ª SESSÃO EM 27 DE JUNHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Felizardo Pinheiro de Campos, Antonio Alvares Pereira Coruja, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, Alfredo d'Escragnolle Taunay, brigadeiro Dr. José V. Couto de Magalhães e Conego Dr. Manoel da Costa Honorato, faltando por incommodados os Srs. visconde do Bom-Retiro, Drs. J. M. de Macedo e desembargador Olegario H. de Aquino e Castro. E sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. 2.° secretario, Dr. Sousa Fontes leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, o Sr. presidente a deu por approvada.

Em seguida o Sr. 1.º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo dois exemplares das *Leis Provinciaes* promulgadas pela respectiva assembléa legislativa na sessão do anno proximo passado.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo dois volumes da compilação das — *Leis provinciaes* dos annos de 1868 a 1872 comprehendendo os actos administrativos e legislação geral subsidiaria.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que abriu a assembléa legislativa provincial no dia 1.º de Março ultimo.

Dito do Sr. presidente da provincia do Espirito-Santo, remettendo dois exemplares do *Relatorio* que apresentou á assembléa provincial na sessão ordinaria installada em 2 de de Maio do presente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Pará, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que o seu antecessor, o Sr. barão da Villa da Barra, passou-lhe a administração da mesma em 2 de Novembro do anno proximo passado.

Dito do Sr. Dr. Pizarro, director interino do museu nacional do Rio de Janeiro, communicando que, em uma caixa com livros, que recebeu da casa Brockhaus de Leipzig, vieram alguns pacotes de brochuras para este Instituto. Inteirado.

Dito do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, offerecendo 20 exemplares da *Collecção dos Discursos da Corôa e respectivos votos de graças da camara temporaria, desde a Assembléa Constituinte até o anno de* 1872. Sendo dois exemplares para o archivo do Instituto e os mais para serem distribuidos pelos seus socios presentes.

Dito da directoria da bibliotheca pitanguyense da cidade da Ponta Grossa, na provincia do Paraná, pedindo ao Instituto uma collecção de suas *Revistas* para uso da mesma bibliotheca. Ao Sr. secretario para satisfazer ao pedido.

Dito do Sr. Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, offerecendo algumas cadernetas, contendo *Exposições de historia patria* por elle feitas aos alumnos do collegio S. João, da cidade de Campinas.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pela secretaria de Marinha de um exemplar do *Relàtorio* apresentado á assembléa geral legislativa na 1.ª sessão da 15.ª legislatura, pelo Sr. ministro e secretario de Estado conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz.

Pelo Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão de 2 exemplares da *Prosopopeia* de Bento Teixeira, reproducção fiel da edição de 1601.

Pelo Sr. João Candido de Moraes Rego de um exemplar do *Almanak administrativo da provincia do Maranhão*, 5.º anno de 1873.

Pela sociedade imperial dos naturalistas de Moscow, de 4 fasciculos dos seus *Boletins* do anno de 1863.

Pelo Sr. Daniel Gavet, de um exemplar do seu livro com o titulo : *Mes pages intimes*, Paris, 1873.

Pela sociedade estudos historicos, (antigo Instituto Historico de Paris), o seu jornal o *Investigador* dos mezes de Janeiro e Fevereiro do corrente anno.

Pela sociedade geographica de Paris, o seu *Boletim* do mez de Fevereiro do corrente anno.

Pelo Sr. coronel I. V. Pederneira, por intermedio do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, o seu livro com o titulo : *Interesses materiaes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.*

Pelo Sr. Dr. Filippe Franco de Sá, ex-promotor publico

da cidade do Maranhão, *Justificação* por elle produzida quando accusado e responsabilisado por falta de cumprimento no exercicio d'aquelle cargo.

Pelo Instituto de Washington, 6 volumes dos *Relatorios* dos objectos pelos Estados-Unidos remettidos á exposição universal de 1867.

Varios jornaes e periodicos, remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foram lidas as seguintes propostas :

1.ª « Propomos para socio honorario do Instituto Historico ao nosso antigo e illustrado consocio Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

Sala das sessões, 27 de Junho de 1873. — *Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* — *José Ribeiro de Sousa Fontes.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.* — *Pedro Torquato Xavier de Brito.* — *Joaquim Norberto de Sousa e Silva.* — *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* — *Felizardo Pinheiro de Campos.* — *M. da C. Honorato.* » — Foi remettido á commissão de admissão de socios.

2.ª « Os abaixo assignados propõe que seja admittido socio correspondente do Instituto Historico Geographico do Brasil o Dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, cidadão brasileiro, natural de Cametá, provincia do Pará, engenheiro civil, formado na universidade de Liège, actualmente em serviço em sua provincia natal, onde tem publicado memorias geographicas respeito á importante região do valle do Amazonas. Para titulo de admissão os abaixo assignados offerecem a inclusa memoria original inedita

sobre archeologia, intitulada « *Reliquias de uma grande tribu extincta.* »

Sala das sessões, 26 de Junho de 1873. — *José Vieira Couto de Magalhães.* — *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.* — Na fórma dos estatutos, foi a memoria remettida á commissão de archeologia e ethnographia.

Leu-se, e ficou sobre a meza para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer :

« A' commissão de admissão de socios foi presente a proposta assignada por diversos membros do Instituto e lida em sessão de 13 do corrente, conferindo ao nosso digno consocio o Sr. conselheiro Francisco Freire Allemão, o titulo de membro honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Os estatutos que regem a nossa associação reserva essa subida classificação aos socios que se tiverem distinguido por serviços notaveis prestados ao Instituto.

A commissão reconhece com satisfação o incontestavel merito do candidato e os titulos que o recommendam á consideração do Instituto.

Acquiesce, portanto, á proposta, lembrando : Que o Sr. conselheiro Dr. Francisco Freire Allemão, illustrado lente de botanica da escola de medicina do Rio de Janeiro, se acha inscripto como socio correspondente d'este Instituto desde Fevereiro de 1839.

Que, elevado á cathegoria de socio effectivo, prestou o auxilio de suas luzes em commissões permanentes do Instituto, sendo por muitos annos eleito membro da de archeologia e ethnographia e por ultimo da de estatutos e redacção da *Revista*.

Que nas paginas da mesma *Revista* se encontra o acurado fructo de sua proficiencia e saber, distinguindo-se entre os

seus trabalhos aqui prestados, a importante *Memoria* que foi lida em sessão de 16 de Maio de 1856, e se acha inserta no vol. 19.° da *Revista*

E, finalmente, que bem abonados se acham os titulos de merecimento e competencia á honrosa proposta, quando ao candidato foram já dirigidas, em occasião solemne, pelo ex-1.° secretario e hoje muito digno orador do Instituto, como justa homenagem devida á illustração e ao talento, as eloquentes phrases que se seguem, e que a commissão repete como suas, pondo termo ao parecer que offerece :

« O Sr. Dr. Freire Allemão, verdadeiro desvelado e incansavel cultor da sciencia, abalisado naturalista que as mais illustradas nações do velho mundo se ufanaríam de possuir, tem já feito tanto pélo seu paiz, tanto para sua gloria, já são tão conhecidas a consciencia, a profundeza e o esmero com que é sufficiente annunciar-se um novo fructo dos seus estudos e laboriosas indagações, para se comprehender que elle acaba de ganhar mais uma victoria para a sciencia. »

Rio, 27 de Junho de 1873. —*Olegario Herculano de Aquino e Castro.* — *Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

O Sr. brigadeiro Dr. J. V. Couto de Magalhães leu uma memoria archeologica respeito ao gráo de civilisação a que chegaram os indigenas sul-americanos antes de soffrerem a influencia das sociedades christãs que occupáram a America.

Finda a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2.° SECRETARIO

3.ª SESSÃO EM 11 DE JULHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos, na sala do Instituto, os Srs. Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Joaquim Antonio Pinto Junior, José V. Couto de Magalhães, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, conego Manoel da Costa Honorato Alfredo d'Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de Sua Magestade o Imperador, que recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não compareceram por incommodados os Srs. 1.° secretario conego Fernandes Pinheiro e thesoureiro Coruja.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, servindo o de 2.° secretario, leu a acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada com a seguinte observação feita pelo Sr. Dr. Homem de Mello :

« Que além das cadernetas contendo exposições de historia patria, feitas aos alumnos do collegio de S. João da cidade de Campinas, offerecidas pelo Sr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, deve-se tambem mencionar a offerta do *Almanak* da mesma cidade, para o anno de 1873, onde se acha a biographia do distincto botanico brasileiro Joaquim Corrêa de Mello. »

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.° secretario servindo de 1.°, deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. director geral da secretaria de estran-

geiros, remettendo um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo Sr. ministro d'aquella repartição á assembléa geral legislativa na 2.ª sessão da actual legislatura.

Dois ditos do Sr. presidente da provincia do Ceará, um com data de 18 de Junho e outro com data de 19 de Julho do corrente anno, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que o seu antecessor passou-lhe a administração da provincia, e o *Almanak administrativo, mercantil e industrial* d'aquella provincia, para o corrente anno.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo para o archivo do Instituto, um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. desembargador José Pereira da Graça passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha.

Dito do Sr. José Manoel Garcia, accusando e agradecendo o recebimento da collecção de *Revistas* que este Instituto lhe concedeu para uso da escola nocturna de adultos da sociedade auxiliadora da industria nacional.

Houve as seguintes offertas :

Pelo Sr. Dr. Emmanuel Liais, de um exemplar de sua obra, com o titulo : *Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil.* Paris, 1872.

Pelo Sr. João José de Moraes Tavares de um exemplar do *Systema metrico ou Auxiliador do official de fazenda.*

Pelo Sr. Dr. Eduardo José de Moraes, por intermedio do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, de 20 exemplares do *Relatorio apresentado ao Sr. presidente de Santa Catharina, pelo engenheiro Eduardo José de Moraes, director da estrada D. Francisca;* sendo dois exemplares para o archivo do Instituto e os mais para serem distribuidos pelos socios presentes.

Pelo Sr. D. Antonio da Costa, residente em Lisbôa, de

um exemplar de sua obra com o titulo: « *Tres Mundos*, Lisboa, 1873.

Pela associação dos engenheiros civis portuguezes, a sua *Revista de Obras Publicas e Minas*, do mez de Janeiro do corrente anno.

Pela sociedade auxiliadora da industria nacional os numeros de Janeiro e Fevereiro do seu jornal.

Pela sociedade de geographia de Paris, do seu *Boletim*, do mez de Abril do presente anno.

Pelo Sr. Guido Cora, os seus *Cosmos*, contendo commumunicação sobre os progressos mais recentes e notaveis da geographia e da sciencia, Turim, 1873.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e approvou-se unanimemente por escrutinio, o parecer da commissão de admissão do socios, que ficára sobre á mesa, elevando o Sr. conselheiro Francisco Freire Allemão, socio effectivo, á categoria de honorario.

O Sr. Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello leu as *Memorias do Visconde de S. Leopoldo*, compiladas e postas em ordem pelo mesmo consocio.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão ás 8 horas.

Carlos Honorio de Figueiredo
2.° SECRETARIO SUPPLENTE

4ª SESSÃO EM 25 DE JULHO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio A. Pereira Coruja, Drs. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Felizardo Pinheiro de Campos, José Vieira Couto de Magalhães, Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, conego Manoel da Costa Honorato, Ladisláo de Sousa Mello e Netto, Alfredo d'Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não tendo comparecido, por justo impedimento, os Srs. 1° e 2° secretarios, occuparam estes cargos os Srs. secretarios supplentes Drs. Carlos Honorio e Moreira de Azevedo; este procedeu á leitura da acta da sessão anterior, a qual, posta em discussão, foi approvada; e aquelle deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Uma carta do Exm. Sr. ministro do Imperio, dirigida ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, solicitando a remessa de uma collecção das *Revistas* do mesmo Instituto para ser enviada ao Sr. José Silvestre Ribeiro, em Portugal, em troca de suas obras historicas e litterarias, e especialmente de dezesete volumes das *Resoluções do Conselho de Estado* d'aquelle paiz.

Um officio do Sr. director-geral da secretaria de estrangeiros, remettendo, de ordem do Sr. ministro d'aquella re-

partição, um exemplar da *Auto-biographia do general José Antonio Paez*, impresso em New-York em 1871.

Dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, enviando um exemplar da *Collecção das Leis e resoluções promulgadas na 1ª sessão da 15ª legislatura da assembléa provincial.*

Dito do Sr. José Tito Nabuco de Araujo, declarando não poder comparecer á sessão por motivo justificavel, e offerecendo vinte exemplares do seu romance *Mimi* para serem distribuidos pelos socios presentes.

Dito do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, remettendo para o archivo do Instituto um exemplar da *Falla dirigida á assembléa provincial do Amazonas*, pelo Sr. presidente Domingos Monteiro Peixoto.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Evaristo Nunes Pires, por intermedio do Sr. Coruja, de dois exemplares do seu opusculo de historia patria, com o titulo de *Breve Memoria e Elogio Historico de Feliciano Nunes Pires.*

Pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva de um exemplar do *Esboço Historico da Academia de Marinha desde sua fundação* e da *Companhia de Aspirantes a Guarda-Marinhas, acompanhado dos regulamentos vigentes na escola de marinha, annotados por Augusto Zacarias da Fonseca Costa.*

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira de um exemplar de sua obra, com o titulo de *Breves considerações sobre a historia e cultura do caféeiro e consumo de seu producto.*

Pelo Sr. conego Honorato, por parte de seu irmão Anto-

nio da Costa Honorato, de vinte e um exemplares da *Nova Tabella de Cambios entre o Brasil e as principaes praças da Europa e Estados-Unidos*, pelo mesmo offertante editadas, sendo um exemplar para o Instituto e os mais para serem distribuidos pelos socios presentes.

Pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito de um volume do *Tratado de limites das conquistas entre os Srs. D. João V, rei de Portugal, e D. Fernando VI; rei de Hespanha*, impresso em Lisboa em 1750.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Lêu-se e ficou sobre a mesa o seguinte parecer da commissão especial, composta dos Srs. Drs. Homem de Mello, Macedo e Moreira de Azevedo, fixando a intelligencia do art. 24 dos estatutos.

« A commissão especial, encarregada de fixar a intelligencia do art. 24 dos estatutos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro de modo que fiquem devidamente discriminadas as attribuições da commissão de estatutos e as do 1° secretario relativamente á redacção da *Revista Trimensal* do mesmo Instituto, tem a honra de apresentar o resultado de seu exame e estudo sobre este assumpto.

« O art. 24 dos estatutos, considerado em sua letra e em seu espirito, parece á commissão bastante claro e positivo, de modo a não poder suscitar duvida fundada sobre a sua intelligencia e litteral execução.

« O art. 24 diz:

« Pertence á commissão de estatutos a redacção da *Re-*
« *vista Trimensal*, dirigida pelo 1° secretario; dar o seu
« parecer sobre duvidas que occorram na intelligencia de
« algum artigo dos mesmos estatutos, e propôr as emendas,

« reformas ou additamentos que se julguem necessarios, os
« quaes, depois de discutidos em sessão, serão approvados
« ou regeitados. Pertence-lhe igualmente escolher os es-
« criptos que devem ser publicados, tanto na *Revista do*
« *Instituto*, como avulsos, recebendo antes do 2º secreta-
« rio as copias das actas, as correspondencias que a mesa
« ordenar que se publiquem, as observações e avisos que
« devem entrar no jornal, e, finalmente, as memorias, do-
« cumentos e artigos que lhe forem remettidos pelas res-
« pectivas commissões, com o competente parecer sobre a
« conveniencia da sua publicação. Tambem lhe pertence
« toda a ingerencia ácerca da redacção, impressão e distri-
« buição da *Revista do Instituto*, apresentando para isso
« um plano que se deva seguir, em que venham calculadas
« as despezas indispensaveis para serem approvadas. »

« Esta disposição estatue de modo explicito e terminante que á commissão de estatutos pertence a redacção, impressão e distribuição da *Revista Trimensal*, dirigida pelo 1º secretario; pertence-lhe escolher os escriptos que n'ella devem ser publicados; bem assim as impressões avulsas, e, emfim, tanto a parte que se poderia chamar litteraria, como a economica, das publicações do Instituto. Sendo isto claro, como clara tambem é a disposição que estatue a direcção do 1º secretario em todo esse mister, não se poderia em boa regra de direito interpretar o art. 24, conferindo ao 1º secretario attribuições distinctas, exclusivas, com preterição das attribuições da commissão de estatutos na redacção da *Revista*: tanto esta, como aquelle, tem igual ingerencia, a mesma e uma só tarefa, sendo promiscuo o desempenho das obrigações que a lei commetteu á commissão de redacção e ao 1º secretario.

« O que razoavelmente se deprehende d'aquelle artigo é que a commissão de estatutos, que tambem o é da redacção

da *Revista*, deve funccionar sob a direcção ou presidencia do 1° secretario, formando com elle uma só commissão, na qual a harmonia e o accordo mutuo são as faceis condições de melhor desempenho do arduo, generoso e relevante serviço. Esta disposição do art. 24 dos estatutos basêa-se em fundamentos muito razoaveis: o 1° secretario do Instituto é sobrecarregado de tão pesada tarefa, de tanto e tão assiduo trabalho, e de tanta responsabilidade, ao menos moral, no deposito do archivo, bibliotheca e museu, que justamente se reputou demasiado onus exigir d'elle o encargo difficil e afanoso da redacção da *Revista Trimensal*. Entretanto eram indispensaveis o seu concurso, os seus conselhos e a sua direcção, por isso que o secretario é o depositario do archivo e da bibliotheca, o guarda zelador de todos os trabalhos, e memorias que se lêm no Instituto ou que lhe são remettidas; e assim legitima e plenamente justificada é a sua participação no trabalho da redacção da *Revista*.

« A commissão especial, julga que a questão que lhe cumpriu estudar, pouco importa o facto averiguado de ter sido deixada até hoje a redacção da *Revista* excluvivamente a cargo do 1° secretario; é esse um facto que prova sómente duas cousas: a negligencia das commissões de estatutos e a benemerita dedicação dos 1os secretarios. O que é legal e positivo, o que se deve observar e cumprir, é o preceito claro e evidente do art. 24 dos estatutos: a redacção, impressão e distribuição da *Revista Trimensal do Instituto*, e quanto é a ella concernente, pertencem á commissão de estatutos, dirigida ou presidida pelo 1° secretario. A questão que se aventou desapparece e annulla-se ante a clareza do art. 24 dos estatutos, e não póde ter outra consequencia que não seja o accordo mutuo e a efficaz harmonia dos cultores da historia, da geographia e da ethnographia patria, que sómente sabem disputar por emulação de maior tri-

buto de benemeritos serviços. A commissão especial conclue, sendo de parecer que o art. 24 dos estatutos do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro é claro, e deve ser exactamente cumprido emquanto o mesmo Instituto não o reformar, como melhor e mais conveniente julgar em sua sabedoria. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brasil, 25 de Julho de 1873. —*Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.*—*J. M. de Macedo.*—*Manoel Duarte Moreira de Azevedo.* »

Lêu-se e tambem ficou sobre a mesa o seguinte parecer :

« A' commissão de historia foram presentes dois volumes de poesias do Sr. Dr. Rozendo Moniz Barreto, com os titulos de *Cantos da Aurora* e *Vôos Icarios.*

« Ambos os volumes contêm poesias historicas que lhes dão grande realce e tornam o seu autor digno de ser admittido como socio correspondente do Instituto Historico, onde poderá prestar valiosos serviços. Em 25 de Julho de 1873. —*J. Norberto de Sousa e Silva.*—*J. M. de Macedo.* »

O Sr. Dr. Couto de Magalhães continuou a leitura da sua *Memoria sobre a ethnographia indigena do Brasil*, e o Sr. Dr. Homem de Mello continuou a leitura das *Memorias do Visconde de S. Leopoldo*, pelo Sr. Dr. Homem de Mello compiladas e postas em ordem.

A's 8 horas o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo,

2° SECRETARIO INTERINO.

5.ª SESSÃO EM 8 DE AGOSTO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez Sapucahy

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom-Retiro, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Felizardo Pinheiro de Campos, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, Joaquim Antonio Pinto Junior, A. Deodoro de Pascual, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.º secretario, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada.

O Sr. 1.º secretario conego Fernandes Pinheiro deu conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Communicação do Sr. thesoureiro A. A. Pereira Coruja, de não poder comparecer á presente sessão por incommodado.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Pará, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que o 2.º vice-presidente barão de Santarém passou-lhe a administração da provincia em 18 de Abril do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, enviando dois exemplares do *Relatorio* com que abriu a assembléa provincial em 17 de Maio ultimo.

Ditos dos consocios Srs. senador Luiz Antonio Vieira da Silva e Dr. Cezar Augusto Marques, declarando que de bom grado aceitávam a commissão que este Instituto lhes commetteu de o representar na solemne inauguração da estatua do finado Dr. Antonio Gonçalves Dias, que tem de ser erecta na cidade de S. Luiz provincia do Maranhão. Inteirado.

Dito dos Srs. presidente e secretario geral da associação brasileira de acclimação, communicando a installação da mesma no dia 26 de Julho proximo findo, e enviando os *Estatutos* e a relação dos membros que compõe o conselho administrativo. E' recebido com agrado a communicação.

Dito do Sr. secretario da sociedade alpha litterario, enviando a relação das pessoas que compõe a sua nova directoria, e communicando que suas sessões são celebradas no imperial lycêo das artes e officios. Inteirado.

Dito do Sr. consocio Dr. Cezar Augusto Marques, remettendo para o archivo do Instituto, um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. presidente da provincia do Maranhão abriu a assembléa legislativa provincial no corrente anno.

Carta do Sr. vice-almirante De la Ronèière-Lerrou datada de 16 de Junho do corrente anno, dirigida ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, communicando-lhe ter sido nomeado presidente da sociedade de geographia de Pariz, em substituição ao Sr. marquez de Chasseloup-Laubat, cuja recente perda ella deplora ; e que entre os deveres, que lhe são impostos, se dedicará sempre com particular solicitude a conservar as multiplicadas relações com as sociedades geographicas estrangeiras, nomeadamente com este Instituto, por conter suas publicações preciosos documentos para o conhecimento do Brasiil, e por isso acolherá sempre

com a maior deferencia e zelo as communicações que por este Instituto forem dirigidas áquella sociedade. E pessoalmente se felicita pela opportunidade que se offerece em entrar em relações com o Sr. presidente, como um dos mais distinctos representantes do mesmo Instituto.

Foram feitas as seguintes offertas:

Pela redacção do *Direito, Revista de Legislação, doutrina e jurisprudencia*, os numeros 1 e 2.

Pelo Sr. Francisco de Figueiredo de um exemplar do *Relatorio* que o mesmo apresentou á mesa da veneravel ordem terceira dos minimos de S. Francisco de Paula, no acto da posse da nova administração em 31 de Maio do corrente anno.

Pelos Srs. Drs. Joaquim dos Remedios Monteiro e Alfredo Theotonio da Costa, de dois exemplares da *Noticia Geral da Provincia de Santa Catharina, escripta pelo arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.*

Varios jornacs e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas sao recebidas com agrado.

Leu-se e entrou em discussão o parecer da commissão especial, fixando a genuina intelligencia do art. 24 dos estatutos. Falláram sobre o mesmo parecer os Srs. conego Fernandes Pinheiro, Drs. Pinto Junior e Homem de Mello, sendo afinal approvado.

Leu-se, e igualmente entrou em discussão o parecer da commissão de historia dado sobre as obras poeticas offeredas ao Instituto pelo Sr. Dr. Rosendo Muniz Barreto, e depois de fallarem sobre o parecer os Srs. conego Fernandes Pinheiro, Pinto Junior e Marques de Carvalho, foi adiado a requerimento do Sr. Norberto.

Passando-se á 2.ª parte da ordem do dia, o Sr. Dr.

Homem de Mello proseguiu na leitura das *Memorias do visconde de S. Leopoldo*, por elle compiladas.

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M, o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,
2.° SECRETARIO

6.ª SESSÃO EM 22 DE AGOSTO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. visconde do Bom-Retiro, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, Felizardo Pinheiro de Campos, desembargador Olegarto Herculano de Aquino e Castro, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, conego Manoel da Costa Honorato, José Tito Nabuco de Araujo e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as devidas honras e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.° secretario, leu à acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

Em seguida o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, 1.° secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Um officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o 1.º vice-presidente passou-lhe a administracção da mesma em 16 de Junho ultimo.

Dito do Sr. Dr. Francisco Ferreira Corrêa, offerecendo ao archivo do Instituto um exemplar do *Relatorio*, que apresentou, como presidente da provincia do Espirito-Santo, á assembléa provincial, em 9 de Outubro de 1871.

Dito do consocio Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, explicando de novo as causas que lhe impediram de continuar a fazer parte da commissão de admissão de socios d'este Instituto.

Dito do consocio Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, offerecendo dois folhetos contendo a *Descripção dos festejos que tiveram lugar por occasião do assentamento da pedra fundamental do edificio onde tem de funccionar a aula publica da 1.ª freguezia da capital do Maranhão.*

Dito do Sr. director geral interino da repartição da estatisca, offerecendo dois exemplares do *Relatorio* e trabalhos estatisticos, do corrente anno, por elle apresentados ao Exm. Sr. ministro do imperio.

Houve as seguintes offertas :

Pelo instituto academico da Bahia, de um exemplar dos seus *Estatutos*.

Pelo Sr. Claudio de Abreu, do seu livro com o titulo *Uma pagina de poeta.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se e foi remettida á commissão subsidiaria de historia, a seguinte proposta :

Proponho para socio d'este Instituto na qualidade de membro correspondente, o Dr. em medicina Evaristo Nunes Pires, natural do Rio Grande do Sul, bacharel pelo collegio D. Pedro 2.°, servindo de prova de admissão os dois trabalhos que offerece hoje ao Instituto. Rio, etc, Antonio Alvares Pereira Coruja.

Entrou em discussão o parecer, adiado, da commissão de historia, dado sobre as obras poeticas do Sr. Dr. Rozendo Muniz Barreto. Depois de fallarem sobre o parecer os Srs. Drs. Olegario, Macedo e Marques de Carvalho, foi approvado e remettido, com a seguinte emenda, á commissão de admissão de socios :

« Supprimam-se todas as palavras que se seguem as — lhe dão grande realce. J. M. de Macedo. — J. Norberto de Sousa e Silva.

Entrou igualmente em discussão e foi approvado, o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento, dado sobre as contas do Sr. thesoureiro relativas ao anno findo, e orçando a receita e despeza do corrente anno social.

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS.

Illm. Sr. — A commissão de fundos e orçamentos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro tem a honra de apresentar a V. S. o seu parecer, aqui junto, sobre as contas do Sr. thesoureiro em o anno social de 1872.— Deus guarde a V. S. Sala das sessões do Instituto, 30 de Julho

de 1873.—Illm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, dignissimo 1.° secretario do Instituto Historico.— Os membros da commissão.—*Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*

A' commissão de contas e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foram presentes as contas, livros e documentos comprobatorios da receita e despeza, prestadas pelo Sr. thesoureiro relativamente ao anno social findo de 1872. A despeza effectuada, na importancia de 8:890$620, é demonstrada por 35 documentos, todos em devida fórma e competentemente legalisados.

A escripturação está em dia, feita com regularidade ; acham-se pagas todas as despezas do anno social.

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA :

§ 1.° Joias de entradas..................	20$000
§ 2.° Remissões.........................	60$000
§ 3.° Prestações semestraes dos socios....	804$000
§ 4.° Cobrança da divida activa..........	336$000
§ 5.° Assignatura e venda da *Revista*.....	188$800
§ 6.° Juros de 10 apolices da divida publica.	600$000
§ 7.° Juros de dinheiro em conta corrente na caixa economica..............	44$500
§ 8.° Subvenção do thesouro nacional....	7:000$000
Somma a receita......	9:053$300

SALDO QUE PASSOU DE 1871, SENDO :

Em dinheiro...........	516$186	
Em 10 apolices........	10:000$000	
Na caixa economica	593$675	11:109$861
Total................		20:163$161

Verifica-se que a receita propria do anno de 1872 foi inferior á do anno de 1871 na importancia de 473$900. Esta differença para menos proveiu da conversão, feita da ordem do Instituto, de 25 acções do banco rural e hypothecario em 5 apolices da divida publica, e de menor renda nas seguintes verbas : joias de entradas, prestações semestraes dos socios, cobrança da divida activa, e assignatura e venda da *Revista*.

DEMONSTRAÇÃO DA DESPEZA :

§ 1.º Impressão da *Revista* e reimpressão dos numeros esgotados...........	4:112$000
§ 2.º Encadernações e compras de livros...	141$000
§ 3.º Ordenados dos empregados, e porcentagem pela cobrança da divida activa.	2:776$800
§ 4.º Expediente, solemnidade da sessão anniversaria e despezas diversas.....	776$720
§ 5.º Diversas impressões e trabalhos lithographicos.........................	734$100
§ 6.º Despezas com a execução dos bustos do visconde de S. Leopoldo, e Dr. A. Gonçalves Dias...............	350$000
	8:890$620

SALDO, Á SABER:

Em dinheiro na mão do thesoureiro..........	118$366	
Em dez apolices da divida publica.............	10:000$000	
Na caixa economica....	1:154$175	11:272$541
		20:163$161

Demonstra-se assim uma diminuição de despeza n'este exercicio, com relação ao anno de 1871, de 87$220, apezar da despeza extraordinaria para occorrer aos gastos com os dois bustos, que o Instituto mandou executar.

A commissão tendo a este respeito ouvido ao Sr. thesoureiro e de accordo com este, offerece o seguinte projecto de

ORÇAMENTO PARA 1873:

Art. 1.° a saber:

E' orçada a receita em.................		9:056$000
Prestação do thesouro nacional..............	7:000$000	
Juros de dez apolices da divida publica.......	600$000	
Divida activa..........	350$000	
Corrente..............	700$000	
Joias..................	40$000	
Assignaturas e venda da *Revista*.............	300$000	
Juros da caixa economica.	66$000	

Art. 2.° a saber:

E' fixada a despeza em..	9:056$000

Impressão da *Revista*...	3:600$000	
Reimpressão da antiga..	400$000	4:000$000

AOS EMPREGADOS :

§ 1.º Escripturario ou amanuense..........	720$000	
§ 2.º Revisor e conservador da Bibliotheca..	720$000	
§ 3.º Porteiro e continuo................	600$000	
§ 4.º Agente.........	360$000	
§ 5.º Porcentagens do mesmo..............	20$000	
§ 6.º Servente........	360$000	2:780$000
Compras de livros e encadernações.........		1:000$000
Expediente e eventuaes..		1:276$000
		9:056$000

Art. 3.º E' o thesoureiro autorisado a pôr na caixa economica o saldo do fim do anno para conjunctamente com os outros alli existentes ser empregado em apolices da divida publica para fundos do Instituto.

Em conclusão, é a commissão de parecer, que sejam approvadas as contas do Sr. Thesoureiro, correspondentes ao anno de 1872, reconhecendo-se o zelo do mesmo no desempenho da trabalhosa tarefa, que lhe está confiada.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brasil, 30 de Julho de 1873. — *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.* — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho.*

Ficou sobre a meza, para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer da commissão de admissão de socios :

« A commissão de admissão de socios, tendo em attenção a proposta apresentada em sessão de 27 do mez proximo passado, com a assignatura de 9 membros do Instituto Historico, conferindo ao nosso digno consocio, o Sr. Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, o titulo de membro honorario do mesmo Instituto, e considerando :

Que o Sr. Dr. Perdigão Malheiro, notavel jurisconsulto e illustrado escriptor, faz parte d'esta associação desde 18 de Julho de 1851, data em que foi recebido na qualidade de socio correspondente ;

Que desde 1859 até o fim do anno passado serviu com assiduidade e zêlo o cargo de relator da commissão de admissão de socios, tendo antes do mesmo modo servido em outras commissões do Instituto ;

Que o seu conhecido trabalho, intitulado *Indice chronologico dos factos mais notaveis da historia do Brasil*, sobre o qual levantou-se proveitosa e esclarecida discussão entre os nossos finados consocios, conselheiros Diogo de Bivar, Candido Baptista, barão de Cayrú e Dr. Joaquim Caetano, sobre diversos pontos da historia e estatistica do Brasil, assim como outros escriptos que posteriormente há publicado, dão irrecusavel testemunho do apreço que liga ás letras e á historia da nossa patria ;

E, finalmente, que a graduação que se lhe pretende conferir, attentas as qualidades que o distinguem, servirá de novo estimulo, a que continue a corresponder, com o fructo dos seus estudos e saber, á confiança que em suas luzes deposita a corporação de que faz parte, é de parecer que seja approvada a proposta, sendo o mesmo Senhor elevado á socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Rio, 25 de Julho de 1873. *O. H. de*

Aquino e Castro.—Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo obtendo a palavra, leu a *Biographia*, por elle escripta, do distincto brasileiro, Antonio Francisco Dutra e Mello.

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2.° SECRETARIO

7ª SESSÃO EM 12 DE SETEMBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Bom-Retiro, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Maximiano Marques de Carvalho, tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Antonio Alvares Pereira Coruja, conego Manoel da Costa Honorato, José Tito Nabuco de Araujo, Joaquim Antonio Pinto Junior e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lêu-se e approvou-se a acta da anterior.

O Sr. 1º secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. presidente da provincia do Rio-Grande do Norte, enviando um exemplar do *Relatorio* com que foi aberta a sessão ordinaria da assembléa legislativa provincial no dia 5 de Outubro do anno proximo findo.

Dito da directoria da bibliotheca pitanguyense, agradecendo a remessa que este Instituto lhe fez de uma collecção de suas *Revistas* para uso d'aquella bibliotheca.

Carta do consocio Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, escripta de Lisboa, offerecendo os seguintes manuscriptos: *Dois documentos raros para servirem á historia dos tumultos de Manoel Bekman. Noticia dos successos e expulsão dos padres da Companhia de Jesus do Estado do Maranhão.* Cópia da *Relação das cousas do Maranhão, por Simão Estacio da Silveira*: e o *Tratado do melhoramento da navegação por canaes*, escripto pelo finado Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva,e impresso em Lisboa em 1800.

Dita do Sr. Augusto Lobo de Moura, offerecendo ao Instituto um exemplar da *Memoria sobre a seringueira*, escripta por A. R. P. Labre.

Foram feitas as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Roberto Armenio de um exemplar do seu folheto, com o titulo *A Libertação das raças de côr por uma revolução na applicação das machinas á vapor*.

Pelo Sr. Baguet de um exemplar da sua obra *Rio Grande do Sul et Paraguay, souvenirs de voyage*, Anvers, 1873.

Pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito de dois exemplares do *Projecto de lei sobre o ensino livre*

apresentado á camara dos deputados na sessão de 16 *de Julho do corrente anno*, pelo Dr. Cunha Leitão.

Pelo consocio Sr. senador Candido Mendes de Almeida de dois exemplares do *Discurso* que pronunciou na sessão de 30 de Junho do corrente anno na discussão do voto de graças, sobre a politica religiosa do ministerio.

Pelo consocio Sr. conego Manoel da Costa Honorato da obra em tres volumes, com o titulo *Bibliotheca Canonica, Juridica, Moral e Theologica*, escripta por Lucio Ferrari e impressa em Bonini em 1763, e vinte e um exemplares da *Defesa*, por elle escripta, do bispo do Rio-Grande do Sul, contra os actos da assembléa da mesma provincia, negando ao culto publico os meios pecuniarios, sendo um exemplar para o archivo do Instituto e os outros para serem distribuidos pelos socios presentes.

Pela sociedade de geographia de Paris do seu *Boletim* do mez de Junho do corrente anno.

Pela sociedade de geographia de Londres o seu jornal do mez de Maio do presente anno.

Pela redacção da revista o *Direito* o n. 4 da sua revista.

Pelo consocio Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, vinte exemplares da *Instrucção sobre o reconhecimento dos rios*, para uso da escola de applicação do corpo de estado-maior, e o *Mappà*, manuscripto, por elle organisado, dos rios Negro e Iapurá, por tres confluencias superiores á do rio Uapés.

Pela secretaria da guerra de um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa pelo Sr. ministro e secretario de Estado conselheiro João José de Oliveira Junqueira.

Pelo Exm. Sr. 1° vice-presidente d'este Instituto, visconde do Bom-Retiro, vinte exemplares da obra, com o ti-

tulo *O Imperio do Brasil na Exposição Universal de* 1873 *em Vienna d'Austria*, sendo um exemplar para o archivo do Instituto e os outros para se distribuir pelos socios.

Terminado o expediente, o Sr. Dr. Moreira de Azevedo pediu a palavra e declarou que a commissão nomeada por este Instituto para felicitar a S. M. o Imperador no dia 7 do corrente, anniversario da independencia do Brasil, cumpriu o seu dever, e elle, como orador nomeado, por impedimento do Sr. Dr. Macedo, pronunciou a seguinte allocução :

« Senhor! — Ha pouco mais de meio seculo que um Principe firme e resoluto, apoiado por cidadãos benemeritos, cujos nomes a posteridade já se adiantou em perpetual-os, cheio de fé, encarando sem receio a ameaça dos maiores perigos, hasteou nos campos do Ypiranga o estandarte de uma nação nova, alçou o grito da liberdade de um povo, saudou com sua voz a aurora da emancipação de um paiz; com duas palavras alterou o mappa do universo, transformando uma colonia em Imperio; acordou os brasileiros de um lethargo de tres seculos; tornou-se heróe da conquista mais bella de que se podem ufanar os homens, a da independencia e da liberdade, e escreveu seu nome na pagina mais brilhante dos annaes da patria; e se d'esse Principe, Senhor, herdastes o throno e o sceptro, tambem herdastes a gloria e admiração que o vosso longo e sabio reinado hão justificado.

« Hoje recorda a nação a maravilhosa epopéa escripta no Ypiranga, e orgulha-se por vêr que, assim como plantou Cabral nas terras da America o estandarte da cruz, tem sabido V. M. Imperial firmar o pavilhão auri-verde no Imperio americano.

« Senhor! Na ausencia do seu orador, que, com pincel de mestre, sabe realçar os feitos dos nossos maiores, esco-

lheu o Instituto Historico o ultimo dos seus membros para em seu nome felicitar n'este dia V. M. Imperial, que pelas suas virtudes, sciencia, justiça e prudencia, tem consolidado as instituições no solo da patria e guiado o paiz na estrada larga e segura que hoje percorremos. »

S. M. o Imperador dignou-se responder que associava-se, cheio de jubilo, ás congratulações do Instituto. »

A resposta de Sua Magestade é recebida com profundo respeito e acatamento.

ORDEM DO DIA

Lêu-se e foi approvada a seguinte proposta :

« Proponho que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro peça ao Exm. Sr. ministro da guerra uma cópia authentica da memoria do major Seweloh, intitulada *Recordações da Campanha de* 1827 *contra Buenos-Ayres*, vertida para a lingua vernacula pelo Sr. Dr. Thomaz Alves Nogueira por ordem do Exm. Sr. conselheiro Jaguaribe. Sala das sessões do Instituto, em 12 de Setembro de 1873.—*Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* »

Lêu-se igualmente, e foi remettido á commissão de estatutos, um officio do Sr. visconde de Ponte Ferreira, pedindo a sua reintegração de membro effectivo do Instituto, que ha 33 annos resignára por causas que então se deram e que agora se acham removidas.

Approvou-se unanimemente, por escrutinio, o parecer da commissão de admissão de socios, elevando o socio effectivo Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro á categoria de socio honorario.

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo pediu que a commissão de pesquiza de manuscriptos empregasse seus esforços e actividade em ordem a obter para o Instituto a acqui-

sição dos documentos e trabalhos ineditos do finado brasileiro Antonio Francisco Dutra e Mello.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro lêu um trabalho do Sr. barão de Porto-Seguro, com o titulo *Primeiras explorações da costa brasileira de* 1501 *a* 1506 (paginas ineditas da 2ª edição da *Historia Geral do Brasil*).

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2º SECRETARIO.

8.ª SESSÃO EM 26 DE SETEMBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Vieira Couto de Magalhães, Maximiano Marques de Carvalho, Agostinho Marques Perdigão Malheiro, tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras e senador Candido Mendes de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que, recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, secretario supplente, leu a acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, deu-se por approvada.

O Sr. 1.º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Cartas dos Srs. Dr. Sousa Fontes; 2.º secretario, e Pereira Coruja, thesoureiro, communicando não poderem comparecer á sessão, por incommodados.

Officio do consocio Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, enviando para o archivo do Instituto, uma copia da *Carta* que o Exm. e Revm. Sr. D. Antonio Marcos de Sousa, saudoso bispo do Maranhão, dirigiu nos ultimos dias de sua vida ao Rev. cabido da mesma diocese, manifestando as suas disposições.

Dito do Sr. conselheiro Manoel Francisco Corrêa, offere-

cendo tres exemplares impressos do *Discurso* que proferiu na camara dos Srs. deputados, em 12 de Agosto do corrente anno, ácerca da missão especial que desempenhou n'esta Côrte o general D. Bartholomeu Mitre, enviado extraordinario da republica argentina.

Dito do Sr. Dr. João Wilkens de Mattos, offerecendo dois exemplares do *Relatorio* com que abriu a 1.ª sessão da 21.ª legislatura da assembléa provincial do Ceará, em 20 de Outubro do anno passado.

Dito do consocio o Sr. Dr. Perdigão Malheiro, concebido nos seguintes termos:

« Exm. e Revm. Sr. Tenho a honra de accusar recebida a grata communicação de V. Revm., constante do seu officio de 16 do corrente.

A proposta assignada por nove conspicuos collegas, o parecer benevolamente honroso da distincta commissão de admissão de socios, a votação unanime do Instituto em sessão de 12, elevando á categoria de socio honorario o ultimo e o mais humilde de seus membros, conferiram-lhe, por triplice modo, uma distincção de valor inapreciavel. Tanto mais, quanto é ella devida exclusivamente á sua magnanima generosidade.

Cordiaes agradecimentos aos meus irmãos de letras, a todos e a cada um seus nomes ficarão indelevelmente gravados em minha memoria e coração. E para com o Instituto mais cresceu a divida de eterna gratidão.

Palavras não a exprimem ; seriam pallido reflexo do sentimento que domina minha alma.

Com quanto no declivio da vida e quasi desalentado, sinto-me renascer ao sôpro vivificante do Instituto. Esforçar-me-hei por corresponder á sua determinação, e dar-lhe provas do meu subido respeito e profundo reconhecimento.

Rogo, pois, a V. Revm. a bondade de transmittir ao Instituto e a cada um de nossos consocios estes meus sinceros votos.

E a V. Revm. reitero os protestos de minha particular estima e consideração.

Deus Guarde a V. Revm., 26 de Setembro de 1873.

Illm. e Revm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, D. secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

O socio honorario. — *Agostinho Marques Perdigão Malheiro.* »

Depois da leitura d'este officio, o Sr. presidente, em nome do Instituto, declarou que este não fez mais do que praticar um acto de justiça e reconhecimento aos talentos e serviços prestados pelo Sr. Dr. Perdigão Malheiro.

Houve as seguintes offertas:

Pelo consocio Sr. tenente coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, de um exemplar da nova *Carta corographica do Imperio do Brasil*, por elle reduzida da que foi organisada polo coronel Conrado Jacob de Niemeyer, acompanhada de uma minuciosa noticia manuscripta sobre os trabalhos preliminares para a reducção da mesma.

Pela redacção do *Novo Mundo*, de um exemplar do seu jornal do mez de Agosto do corrente anno.

Pelo Sr. conde de Croizier, da obra com o titulo: *Les intérets européens en Asie — La Perse et les Persans.* Paris, 1873.

Pelo Sr. J. Eubank da Camara, do — *Projecto geral de uma rede de vias ferreas commerciaes e estrategicas para a provincia do Rio Grande do Sul.*

Pela academia de Mineapolis, — *Constitution and by Laws of Minnesota Academy of natural sciences, with*

address of president, list of officers aud committees for 1873.

Pelo Sr. Dr. Evaristo Nunes Pires dos numeros 32 a 36 do periodico *Instrucção Publica.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, obtendo a palavra, continuou com a leitura da sua memoria sobre a *Anthropologia indigena do Brasil.*

Finda a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,

2.º SECRETARIO SUPPLENTE

9.ª SESSÃO, EM 10 DE OUTUBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto, os Srs. visconde do Bom-Retiro, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, José Vieira Couto de Magalhães, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Tito Nabuco de Araujo, tenente co-

ronel Pedro Torquato Xavier de Brito, Maximiano Marques de Carvalho, Antonio Alvares Pereira Coruja, conego Manoel da Costa Honorato, João Ribeiro de Almeida, e Alfredo d'Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, passou-se ao expediente, que constou do seguinte:

Um aviso do Exm. Sr. ministro da guerra, remettendo, em solução ao pedido que lhe fez o Instituto em 13 de Setembro ultimo, a traducção do manuscripto allemão do coronel Seweloh, relativamente á campanha da Cisplatina em 1827.

Um officio do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo dois exemplares do *Relatorio* com que o Sr. 1.º vice-presidente passou-lhe a administração da mesma.

Outro do Sr. inspector geral da instrucção publica da provincia do Espirito-Santo, remettendo um exemplar do *Relatorio* que, sobre o estado da instrucção, apresentou ao Exm. Sr. presidente d'aquella provincia, em 20 de Setembro do anno passado.

Outro do Sr. conselheiro inspector d'alfandega d'esta côrte, declarando, em resposta ao que lhe dirigiu o Sr. 1.º secretario d'este Instituto, em 7 do corrente, que sendo por este pagos os direitos respectivos, e responsabilisando-se por qualquer duvida futura, será entregue o caixote contendo livros com destino ao Instituto. Inteirado.

Outro do Sr. Dr. José Rufino Soares de Almeida, offerecendo ao Instituto o busto do finado monsenhor José Antonio Marinho, visto ter-se fechado o collegio por elle fundado, na rua do Riachuelo, onde existia o referido busto, e julgar dever elle ser collocado na sala da bibliotheca

d'este Instituto, do qual foi o illustre finado um de seus membros. O Instituto aceita a offerta e agradece.

Houve mais as seguintes offertas :

Pelo instituto archeologico alagoano, de sua *Revista* do mez de Junho do corrente anno.

Pela redacção, do *Direito, Revista de Legislação, doutrina e jurisprudencia* o n. 7 do seu jornal.

Pelo Sr. Guido Cora, de um exemplar do *Cosmos*, contendo communicações sobre os progressos mais recentes e notaveis na geographia e da sciencia. Turin, 1873.

Pela sociedade de geographia de Paris, o seu jornal do mez de Julho do corrente anno.

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, de um exemplar do *Mappa topographico de parte da provincia de Santa Catharina comprehendendo as comarcas do litoral, colonias e terras publicas adjacentes ás mesmas colonias, organisado pela commissão do registro geral de estatistica das terras publicas, etc, segundo os trabalhos dos engenheiros Carlos Odebrecht, Pedro Luiz Taulois e Henrique Kreplin.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

A' pedido do consocio o Sr. Dr. Macedo, o Instituto concedeu uma collecção de suas *Revistas* á bibliotheca popular itaborahyense.

Leu-se e foi remettida á commissão de redacção, um officio do Sr. barão de Porto-Seguro, nosso digno consocio, reclamando contra uma nota aos *Apontamentos para a historia dos Jesuitas* do Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, impressos no tomo 34 parte 2.ª da *Revista do Instituto.*

ORDEM DO DIA

Foi remettida á commissão de geographia a seguinte proposta e os trabalhos á que ella se refere :

« Propomos para socio correspondente do Instituto Historico Geographico Brasileiro o Sr. Dr. Antonio Pereira Rebouças Filho, natural da cidade de S. Salvador da Bahia, nascido a 13 de Junho de 1839, filho legitimo do Sr. conselheiro Antonio Pereira Rebouças, servindo-lhe de titulo de admissão as memorias e estudos sobre a provincia do Paraná, e explorações da estrada de Coritiba ao rio Ivahy, e communicações do Brasil com a Bolivia pelo rio Madeira.

Instituto, 10 de Outubro de 1873.

O Bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito. — Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, obtendo a palavra, concluiu a leitura do 3.° capitulo de sua memoria sobre a *Anthropologia dos indigenas do Brasil.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,

2.° SECRETARIO

10.ª SESSÃO EM 24 DE OUTUBRO DE 1873.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Joaquim Manoel de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, Maximiano Marques de Carvalho, José Vieira Couto de Magalhães, Joaquim Antonio Pinto Junior, Aleixo Boulanger, Ladisláo de Sousa Mello Netto, Alfredo d'Escragnolle Taunay, e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, passou-se ao expediente, o qual constou de:

Um officio do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo dois exemplares da *Collecção das leis e regulamentos* d'aquella provincia, relativos ao anno proximo findo.

Dito do Sr. director da secretaria de estrangeiros, cobrindo outro do Sr. consul geral do Brasil nos Paizes-Baixos, em que remette, por intermedio d'aquella secretaria, com destino ao Instituto, 50 exemplares do opusculo do Sr. P. M. Netscher, *Um mot de réplique à Mr. Varnhagen*, e a carta que o mesmo Sr. Netscher dirije ao Sr. 1.º secretario, pedindo que entregue um d'aquelles exemplares ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, outro ao Sr. Dr. Macedo, e os outros que os faça distribuir pelos membros do Instituto e por pessoas que se interessem pela historia do Brasil.

Officios dos nossos consocios o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, e do Sr. Themístocles Aranha, secretario da commissão encarregada de dirigír as obras do monumento da estatua do Dr. Gonçalves Dias, remettendo, este a seguinte cópia authentica do auto da inauguração d'aquella estatua, e aquelle o *Publicador Maranhense* e varias poesias soltas, sobre a descripção dos festejos que tiveram lugar, na provincia do Maranhão, por occasião da dita inauguração, no dia 7 de Setembro ultimo.

COPIA.

Auto da inauguração solemne da estatua do poeta Antonio Gonçalves Dias—Aos sete dias do mez de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos setenta e tres na cidade de S. Luiz do Maranhão e largo dos Remedios, em cujo centro acha-se erigido o monumento á memoria do poeta Antonio Gonçalves Dias, rematado pela estatua do mesmo velada pelas bandeiras nacionaes do Imperio do Brasil, foram presentes as autoridades civis e ecclesiasticas, os representantes da provincia residentes na capital, os chefes das repartições publicas, as commissões representantes de associações commerciaes, industriaes e beneficentes, os redactores de jornaes, homens de letras e outras pessoas. Sendo cinco horas da tarde dirigiram-se para junto do monumento : — a commissão nomeada pelo Dr. Antonio Henriques Leal para presidir a esta solemnidade ; o presidente da provincia o excellentissimo Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, o da camara municipal major Alexandre Collares Moreira, o governador do bispado arcediago Manoel Tavares da Silva e mais pessoas presentes e ahi leu o Sr. José Manoel Vinhaes, procurador do Dr. Antonio Henriques Leal para represental-o na

construcção do monumento e solemnidades a elle concernentes, o seguinte discurso inaugural enviado de Lisboa — Senhores, descubramo-nos e curvemos respeitosos as frontes ante a estatua do sublime poeta, cuja immensa e imperecivel gloria irradia explendorosa por todo o Imperio do Brasil; d'essa estatua que se nos mostra com todo o seu brilho artistico illuminada pelo sol americano. Enchamonos do mais justo orgulho, não só por possuir esta bella cidade um monumento, senão por ser o primeiro que se levanta no Brasil á expensas e esforços particulares. O estrangeiro que aportar á nossas plagas contemplará de longe este testemunho da nossa homenagem ao genio poetico. Traçar o elogio do creador da poesia nacional é ocioso quando o proclamam com eloquencia e bem alto seus escriptos, os *Tymbiras* e seus immortaes cantos. E de mais, não me é dado coordenar idéas, que me combatem n'este momento o espirito e embaraçam-me a penna tantos e tão oppostos sentimentos,—de intima satisfação e extraordinario contentamento, pela realisação d'esta idéa porque lido desde o dia tres de Novembro de 1864, que é de todos nós, e de que fui apenas humilde executor e fiel interprete; e de saudades d'essa terra querida, que trago sempre no coração e na memoria; pungindo-me ellas agora mais amargamente. Ahi tendes essa divida de gratidão paga por nós, coetaneos, ao genio da poesia brasileira, não consoante os meritos e o valor litterario, e o patriotismo de Antonio Gonçalves Dias, nem a medida de meus desejos, que mercê de Deus e da coadjuvação de meus patricios e benevolos estrangeiros, levaria de certo ao cabo, se a cruel enfermidade que me traz ausente da patria, ha mais de cinco annos, me não frustrasse os planos; mas consola-me ao menos a idéa de que a posteridade é para Gonçalves Dias de hontem, fazendo

quasi nove annos que esse astro fulgurante atufou-se para sempre nas aguas do oceano, que lhe serviram de tumulo! A vós habitantes da cidade de S. Luiz do Maranhão, e com especialidade aos illustres membros da sua municipalidade dirijo-me por derradeiro: minha missão termina hoje, e a vossa, muito mais importante e delicada, vem substituil-a; pois que vos cumpre zelar pela conservação d'este monumento, que é agora propriedade da provincia e deposito nacional,que importa ser guardado com toda a veneração e acatamento, como estimulo perenne, que é, a instigar as gerações vindouras, para que trilhem desassombradas as sendas, que conduzirem a gloria e a immortalidade.—Terminado este, os senhores presidentes da provincia e da camara municipal, José Manoel Vinhaes representante do Dr. Antonio Henriques Leal iniciador e promotor da idéa do monumento, e senador Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, representante do Instituto Historico, tomaram os cordões das bandeiras nacionaes que occultavam a estatua e a descobriram. Apresentou armas o quinto batalhão de infantaria que fazia as honras militares, salvaram os fortes, repicaram os sinos de todos os campanarios, subiram ao ar numerosas girandolas de todas as praças da cidade e as bandas de musica reunidas tocaram o hymno composto expressamente para este acto pelo Sr. Francisco Libanio Colás. Acto continuo leu o seguinte discurso o senhor presidente da camara, recebendo o monumento e agradecendo em nome da provincia o serviço prestado pelo Dr. Antonio Henriques Leal— Senhores membros da commissão encarregada de erigir o monumento ao Dr. Antonio Gonçalves Dias: — E' para mim motivo de justa gloria ser o interprete do jubilo d'esta cidade, por ver realisado o monumento do grande poeta. A divida que hoje paga o Maranhão era uma divida nacional, porque

Gonçalves Dias não honra só a sua terra natal, porém a todo o Brasil. A camara municipal d'esta cidade, recebendo este monumento, não póde deixar de erigir um voto de louvor, expressão do reconhecimento nacional ao Dr. Antonio Henriques Leal, a quem se deve a realisação do grandioso pensamento por elle concebido e desenvolvido ; e tambem agradece a todos, nacionaes e estrangeiros, que por qualquer fórma o auxiliaram e contribuiram para que a estatua do grande cantor,do alto d'aquella columna,possa attestar ás gerações futuras a gratidão d'um povo coetaneo; aquelle, cujos cantos lhe serão padrão de eterna gloria. A cidade do Maranhão assignalará entre os seus primeiros dias este em que se inaugura a estatua do immortal poeta. E a camara municipal, á qual tenho a honra de presidir, congratula-se com a digna commissão que dirigiu as obras do monumento, pelo cabal desempenho que deu á honrosa tarefa. Possa este tributo de homenagem ao primeiro poeta nacional servir de estimulo aos que trabalham para opulentar as letras patrias, ou, por outra qualquer fórma, para gloria e engrandecimento do Brasil. — Foram depois lidos um discurso do Dr. Gentil Homem de Almeida Braga, por parte da commissão encarregada de presidir esta solemnidade, e outros dos relatores de diversas commissões, assim como numerosas poesias, sendo uns e outras distribuidos em avulsos e publicados em uma folha do jornal— Paiz — dedicado á memoria do poeta. Encaminhando-se o prestito para a tribuna levantada junto ao monumento, foi ahi lido e assignado pelas pessoas presentes este auto, sendo do mesmo extrahidas duas cópias authenticas, uma para ser remettida ao Instituto Historico Brasileiro e outra ao Dr. Antonio Henriques Leal ; devendo ficar este livro guardado no archivo da municipalidade. Eu Antonio José da Silva Sá, secretario da camara o escrevi e assigno, *Antonio José da*

Silva Sá.—Silvino Elvidio Carneiro da Cunha— Alexandre Collares Moreira—Arcediago Manoel Tavares da Silva —Luiz Antonio Vieira da Silva— Joaquim Marques Rodrigues — José Manoel Vinhaes— Gentil Homem de Almeida Braga— Manoel Silvestre da Silva Couto— Themistocles Aranha — Dr. Cesar Augusto Marques, em commissão do Instituto Historico e Geographico—Miguel Calmon du Pin Almeida— Dr. Tolentino Augusto Machado— José Ganne— Ricardo Decio Salazar — Joaquim de Paula Pereira de Lacerda — Antonio Justino de Mesquita — O capitão Feliciano Caliope Monteiro de Mello — José Joaquim Pereira dos Santos — José Joaquim Pereira dos Santos— José Pedro Ribeiro — Antonio J. de Miranda — Luiz Manoel Fernandes — José Theodoro da Silva e Sousa— Sabino Antonio dos Santos— Manoel de Jesus Cabral— João Luiz da Rocha Compasso— Francisco Carneiro Junqueira— Alexandre Pires Seabra— Miguel Joaquim M. de Abreu Peixoto — M. Pompilio Alves— José Joaquim Pereira— José Joaquim Ferreira de Carvalho — José de Salles Smith — Joaquim Isaias da Cruz—Pedro José da Silva Pereira—F. Eugenio Perdigão— Candido Ferreira de Oliveira— Jorge de Araujo Torreão— Antonio Rodrigues das Neves Junior — Filippe Thiago Borges de Queiroz—Luiz V. Telles de Menezes—Raymundo Nonato Russen— Tito Marianno da Cunha— Damazo José Pereira—João Marcellino Romeu— Henrique A. Mendes— Raymundo Nonato Corrêa Marques — Miguel Archanjo de Lima — Benedicto Alcanforado — Manoel Alves Serrão— Francisco de Assis do Rego Barros— João Pedro Marques de Figueiredo — João Martins de Freitas— José Caetano de Almeida — Hermenegildo João Xavier da Silva — João Affonso do Nascimento — Joaquim Leocadio da Cunha Bello — Filomeno Juleff Portella Richards — Francisco João Martins — Antonio Victor de Araujo — José Joaquim

Lopes de Sousa — Luiz Raymundo de Azevedo — José de Araujo Costa — Hamilton de Moura Ferro— Luiz Carlos Fernandes Lima—Egydio José Vianna— Luiz de Sá Lima— José de Sá Lima— Edemundo Dantes da Fonseca Soares— José Francisco Costa — Ludgero Odorico Silva Ribeiro Junior—Domingos Soares da Silva Santos—Pedro Joaquim Henriques — João Alves do Valle — Antonio Gonçalves de Jesus — Está conforme. Maranhão, 7 de Setembro de 1873. — O secretario da Camara, *Antonio José da Silva Sá.*

Houve as seguintes offertas :

Pelo Sr. 1.° secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, d'um exemplar do seu *Resumo de Historia litteraria.*

Pelo Sr. director do archivo militar, d'um exemplar da *Carta do Imperio do Brasil, reduzida em conformidade da publicada pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer em* 1845 *e das especiaes das fronteiras com os Estados limitrophes, organisada ultimamente pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro.*

Pelo Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, d'um exemplar do seu folheto com o titulo : *Noticia sobre a agricultura do Brasil.*

Pela redacção do *Direito*— Revista de Legislação, doutrina e jurisprudencia, o n. 8 do seu jornal.

Pelo Sr. B. L. Garnier, editor, um exemplar da *Historia da conjuração mineira,* estudos do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional.

Pela redacção do jornal o *Novo Mundo*, o n. 36 do vol. 3.°

Pelo Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, por intermedio do Sr. Coruja, d'um exemplar do *Almanak de Campinas.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Não havendo propostas nem pareceres de commissões, o Sr. Dr. Couto de Magalhães pediu a palavra e leu o ultimo capitulo da sua memoria sobre a *Anthropologia dos indigenas do Brasil.*

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. *José Ribeiro de Sousa Fontes,*

2.º secretario.

11.ª SESSÃO EM 7 DE NOVEMBRO DE 1873.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Antonio Alvares Pereira Coruja, conselheiro Filippe Lopes Netto, senador Candido Mendes d'Almeida,

José Vieira Couto de Magalhães, José Tito Nabuco d'Araujo, Maximiano Marques de Carvalho, Ladisláo de Sousa Mello Netto e Caetano Alves de Sousa Filgueiras, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que, recebido com as honras do estylo e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o Sr. 1.° secretario deu conta do expediente, que constou do seguinte :

Um officio do Sr. presidente da provincia das Alagôas, enviando um exemplar do *Relatorio* com que installou a 2.ª sessão da 19.ª legislatura d'assembléa provincial.

Dito do consocio o Sr. Dr. Perdigão Malheiro, communicando não poder comparecer á presente sessão por incommodado, e offerecendo, por parte do Dr. J. A. de Azevedo Castro, um exemplar do opusculo escripto por este senhor, com o titulo *Breves annotações á lei do elemento servil.*

Carta do Sr. N. W. Posthumus, 2 ° secretario da sociedade neerlandeza, estabelecida em Amsterdam, communicando a sua installação, os nomes dos membros da mesa, e solicitando d'este Instituto as suas publicações em troca das que aquella sociedade tem de remetter.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pelo consocio o Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, d'um manuscripto sobre os ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu em confissão.

Pelo consocio o Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, d'uma *Memoria sobre navegação, á vapor, do Rio de S. Fraxcisco*, e o *Relatorio da viagem e exploração do Rio das Velhas e S. Francisco ;* ambos escriptos pelo Sr. Francisco Manoel Alves de Araujo.

Pelo gabinete portuguez de leitura, d'um exemplar do *Relatorio* da directoria do mesmo gabinete, do anno de 1872.

Pelo monte-pio geral de economia dos servidores do Estado, o *Relatorio* apresentado ao mesmo, no corrente anno, pelo seu presidente Exm. Sr. visconde do Rio-Branco.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, pediu a palavra e leu um seu trabalho com o titulo *Motim popular.— Os tiros no Theatro.*

A's 7 $^1/_2$ horas, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. I., levantou a sessão.

Dr. *José Ribeiro de Sousa Fontes,*
2.º secretario.

12.ª SESSÃO EM 21 DE NOVEMBRO DE 1873.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, desembargador Olegario Herculano de Aquino e Castro, José Tito Nabuco de Araujo, José Vieira Couto de Magalhães, Ladisláo de Sousa Mello Netto, Felizardo Pinheiro de Campos, Maximiano Marques de Carvalho, João Ribeiro de Almeida ; faltando com causa os Srs. Dr. Joaquim Manoel

de Macedo, conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, senador Candido Mendes de Almeida e Antonio Alvares Pereira Coruja. E sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, procedeu a leitura da acta da sessão antecedente, a qual, posta em discussão, e não havendo quem sobre ella fizesse observações, o Sr. presidente a deu por approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.º secretario servindo de 1.º, deu conta do expediente que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, transmittindo um exemplar do *Relatorio* com que o seu antecessor passou-lhe a administração da mesma no dia 1.º de Dezembro do anno proximo findo.

Outro do Sr. presidente da provincia do Paraná, remettendo dois exemplares da *Collecção de Leis* e Decretos promulgados pela assembléa provincial, em sua sessão do corrente anno.

Outro do consocio Sr. Dr. José Vieira Couto de Magalhães, remettendo ao Sr. 1.º secretario varios exemplares impressos do capitulo 4.º da sua memoria sobre *Anthropologia do Brasil*, para serem distribuidos pelos socios presentes.

Outro do consocio Sr. Dr. Perdigão Malheiro, declarando não poder comparecer á sessão por incommodado, e enviando ao Instituto um exemplar encadernado e 20 ditos em brochura, de sua obra—*Escravidão no Brasil*; sendo aquelle para o archivo do Instituto e estes para serem distribuidos pelos socios presentes.

Outro do Sr. Dr. Americo Alvares Guimarães, residente na provincia de Sergipe, communicando achar-se envestido do cargo de director geral da instrucção publica d'aquella

provincia, e que n'essa qualidade e na de simples particular, punha á disposição do Instituto os seus serviços.

Carta do Sr. engenheiro civil, Roberto Armenio, offerecendo para o Instituto e para os socios presentes, alguns exemplares das suas— *Explorações para o estabelecimento d'uma estrada de ferro á vapor de S. Fidelis á Santo Antonio de Padua, na provincia do Rio de Janeiro.*

Houve as seguintes offertas :

Pela redacção do—*Direito—Revista de legislação, doutrina e jurisprudencia*, o n. 9 do seu jornal.

Pelo Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, d'um da sua obra com o titulo : *Manual Pratico do advogado (acções civeis).*

Pelo Sr. Bento José Barbosa Serzedello, d'um exemplar do *Archivo Historico da Veneravel Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo.*

Pelo Sr. senador Figueira de Mello, por intermedio do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, d'um exemplar da sua *Historia da Revolução Praeira.*

Pelo Sr. Michel Breithof de 20 exemplares para serem distribuidos pelos socios presentes, da 2.ª edição do seu — *Ensaio sobre o espirito humano*, e impresso no Rio de Janeiro.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Terminado o expediente o Sr. Dr. Ladisláo Netto pediu a palavra e leu ao Instituto o artigo em que pela imprensa deve dar alguns esclarecimentos sobre a inscripção phenicia, de cujo exame o encarregou o anno passado o mesmo Instituto.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, obteve a palavra e leu a *Biographia* (por elle escripta) de fr. Francisco de S. Carlos.

Finda a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. I., levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueirêdo,

2.º secretario interino.

13ª SESSÃO EM 5 DE DEZEMBRO DE 1873

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. conego Dr. Fernandes Pinheiro, Drs. José Ribeiro de Sousa Fontes, Carlos Honorio de Figueiredo, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, conselheiro Lopes Netto, José Tito Nabuco de Araujo, Joaquim Antonio Pinto Junior, Maximiano Marques de Carvalho, Guilherme Schuch de Capanema, tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, José Vieira Couto de Magalhães, Felizardo Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes de Almeida, Ladisláo de Sousa Mello Netto e Antonio Alvares Pereira Coruja, faltando o Sr. conego Honorato por justo impedimento, sendo annunciada a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lêu-se e foi approvada a acta da antecedente.

Constou o expediente do seguinte :

Um officio do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que o Sr. 4º vice-presidente passou-lhe a administração da provincia no dia 22 de Outubro proximo findo.

Outro do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo um exemplar do *Relatorio* que apresentou á assembléa legislativa provincial no acto de sua installação no dia 1º de Junho do corrente anno.

Outro da Illma. camara municipal d'esta côrte, solicitando para a sua bibliotheca uma collecção das *Revistas* d'este Instituto.—Resolveu este na fórma do pedido.

Outro do Sr. Henrique Schutel Ambauer, agradecendo ao Instituto o diploma de membro correspondente que este lhe enviou.

Outro do Sr. Felix da Cunha Leão, enviando uma caixa com livros, remettida da cidade do Porto a este Instituto pelo Sr. Antonio Moreira Cabral.

Houve as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos dos seguintes folhetos : *Questão religiosa, o beneplacito e a desobediencia, considerações feitas pelo Verdadeiro Crente. Elemento Servil,* artigos sobre a emancipação por T. Alencar Araripe. *Ligeira analyse do folheto publicado na côrte sob o titulo « O Rei e o Partido Liberal,* » por Tristão de Alencar Araripe.

Pelo Sr. Tito de Noronha: *Grammatica Portugueza,* por Fernão de Oliveira, 2ª edição conforme a de 1536, publicada pelo visconde de Azeredo e Tito de Noronha. *Numis-*

matica Portugueza. Ditos da Freira, revistos por Tito de Noronha. *Curiosidades Bibliographicas. O Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende. Ordenações do Reino*, edições do seculo XVI, e *Imprensa Portugueza do XVI seculo, seus representantes e suas producções.*

Pela secretaria da camara dos Srs. deputados *Annaes do Parlamento Brasileiro*, primeiro anno da decima quinta legislatura, sessão de 1872.

Pela sociedade de geographia de Paris o *Boletim* de Agosto do corrente anno.

Pela redacção do *Direito, revista de legislaçãa, doutrina*, etc., o n. 1 do 2° volume.

Pelo Sr. Dr. Prado, de Buenos-Ayres : *El Atenéo Argentino*, publicacion quincenal; *Revista del Rio de la Plata*, periodico mensuel de historia y literatura d'America, publicado por André Lamas e outros. *Descripcion Historica de la antigua provincia del Paraguay* por D. Mariano Antonio Molas. *Catalogo de las monedas y medallas del museo de Buenos-Aires* e *Revista de la Republica*, ciencias y letras.

Pelo Sr. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, *Bibliotheca Universal*, curiosidades, noticias e variedades historicas brasileiras.

Pelo Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, *Pantheon Maranhense*, tomo 1°, impresso em Lisboa no corrente anno.

Pelo Sr. Anjel J. Carranza, *Epitome sobre a vida intima y publica del presbitero Don Escolastico Vegada.*

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Lêu-se e foi remettida á commissão de historia a seguinte proposta :

« Proponho para socios correspondentes os seguintes senhores :

« O Dr. D. Aurelio Prado y Rojas, nascido em Buenos-Ayres a 2 de Maio de 1842, advogado, juiz da primeira instancia no civel, professor de direito romano na universidade de Buenos-Ayres, socio de varias academias e sociedades, é autor de alguns notaveis escriptos por elle offerecidos ao Instituto Historico.

« O Dr. Angelo J. Carranza, natural de Buenos-Ayres, advogado e autor de varios trabalhos litterarios publicados em avulso, ou nas revistas scientificas e litterarias, havendo feito homenagem ao dito Instituto de alguns d'esses trabalhos.

« O Dr. D. Carlos J. Alvares, tambem natural de Buenos-Ayres, advogado, lente cathedratico de direito canonico na universidade de Buenos-Ayres e autor de numerosos artigos estampados na *Revista de Buenos-Ayres*, por elle offerecidos ao nosso Instituto.

« Estes tres cavalheiros occupam os importantissimos lugares de presidente, vice-presidente e secretario do Instituto bonaerense de numismatica e antiguidades, uma das mais recommendaveis associações scientificas da America hespanhola. Sala das sessões do Instituto Historico, em 5 de Dezembro de 1873.—*Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* »

Foram approvados e remettidos á commissão de admissão de socios os dois seguintes pareceres :

1.º « A' commissão de geographia foi presente a proposta dos socios os Srs. bacharel Pedro Torquato Xavier de Brito e Dr. Maximiano Marques de Carvalho, apresentada em 10 de Outubro do corrente anno sobre a admissão do Sr. Dr. Antonio Pereira Rebouças, natural da cidade do Salvador na provincia da Bahia, para socio correspondente do Instituto, servindo-lhe como titulo de admissão as *Memorias* e estudos sobre a estrada de ferro de Curitiba á

Mato-Grosso, assim como sobre a do Madeira ao Mamoré nos nossos limites com a republica de Bolivia, e, tendo a mesma commissão attentamente examinado as referidas *Memorias*, em que o seu illustre autor revela bastante conhecimento da geographia do nosso territorio e do da Bolivia, é de parecer que a dita proposta seja approvada. Rio de Janeiro, 19 de Novembro de 1873.—*Candido Mendes de Almeida.—Manoel da Costa Honorato.—Guilherme S. de Capanema.* »

2.º « A commissão de archeologia do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, para satisfazer o que foi deliberado em sessão de 26 de Junho ultimo ácerca da proposta de tres distinctos membros d'este Instituto, tendo por fim a admissão do Sr. Dr. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins para socio do mesmo Instituto, lêu com a devida attenção o trabalho archeologico, que, como titulo de admissão, foi apresentado, e tem a satisfação de declarar que o acha digno do apreço do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, quer na essencia, quer na fórma, e que lhe parece indicar em seu autor aptidão para trabalhos e investigações, que muito poderáõ concorrer no futuro para o desenvolvimento da archeologia brasileira. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em 15 de Dezembro de 1873. — *Ladislão Netto. — Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.* »

O Sr. Dr. Couto de Magalhães lêu o *Plano* por elle elaborado de um serviço methodico de catechese para o Imperio do Brasil, segundo as actuaes circumstancias, não só dos indigenas senão das industrias em que mais convenientemente podem ser empregados.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo procedeu á leitura da *Noticia da sepultura do poeta mineiro Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.*

Inscreveram-se para trabalhos no anno social futuro os senhores :

Dr. Moreira de Azevedo, *Sedição Militar de Julho de 1831 no Rio de Janeiro.*

Conego Dr. Fernandes Pinheiro, *Jorge de Avilez perante a historia.*

Dr. José T. Nabuco de Araujo, *Biographia de Fr. Francisco de Sampaio e Rodovalho.*

Dr. Marques de Carvalho, continuação da *Historia Philosophica*, por elle já lida em uma das sessões passadas.

A's 8 horas o Sr. presidente obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes,
2º SECRETARIO.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 20 DE DEZEMBRO DE 1873

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy

A' 5 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. presidente, 1º e 2º secretarios, e numero legal de socios, o Sr. presidente abriu a sessão em assembléa geral para eleições dos membros da mesa e das commissões que devem servir no anno social de 1872, e, preenchidas as formalidades prescriptas pelos estatutos, sahiram eleitos os senhores :

PRESIDENTE

Exm. marquez de Sapucahy (reeleito).

1º VICE-PRESIDENTE

Exm. Sr. visconde do Bom-Retiro (idem).

2º VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo (idem).

3º VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva (idem.)

1º SECRETARIO

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (idem).

2º SECRETARIO

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes (idem).

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo (idem).
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo (idem).

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo (idem).

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja (idem).

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (idem).
Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho (idem).

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. Antonio Pereira Pinto.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior (reeleito).

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Senador Candido Mendes de Almeida (idem).
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.
Dr. Antonio Pereira Pinto (idem).

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, (idem).
Dr. José Maria da Silva Paranhos.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.
Dr. José Tito Nabuco de Araujo.
Antonio Deodoro de Pascual.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Dr. José de Saldanha da Gama (idem).
Tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito.
Major Alfredo d'Escragnolle Taunay.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.

Dr. Guilherme Schuch de Capanema.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato, (reeleito).

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. José Vieira Couto de Magalhães.
Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto (idem).
Dr. Miguel Antonio da Silva.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Dr. Caetano Alves de Sousa Filgueiras.

COMMISSÃO DE PESQUIZA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Felizardo Pinheiro de Campos (idem).
Dr. Carlos Honorio de Figueiredo (idem).
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

Terminada a eleição o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em férias, e levantou a sessão.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1873

DISCURSO DO EXM. PRESIDENTE MARQUEZ DE SAPUCAHY

Celebra hoje o Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brasileiro o trigesimo quinto anniversario de sua inauguração. Jaz no abysmo do passado ha mais de um terço de seculo, o dia auspicioso em que nos animos de dois distinctos patriotas levantou-se a idéa grandiosa da fundação de uma sociedade litteraria, que curasse de reunir e organisar os elementos para a historia e geographia do Brasil, dispersos por suas provincias e fóra do Imperio.

O modo como a associação tem procedido durante esse consideravel espaço de vida, em cumprimento dos deveres a que sujeitou-se, attestam as paginas da *Revista Trimensal* nos 35 volumes dados á imprensa.

Ides agora, senhores, tomar conhecimento das occurrencias do periodo de que devemos conta. E' principalmente para exhibir aos olhos do publico o fructo das lucubrações do anno social, e para informal-o dos successos academicos de então, que a sabedoria dos estatutos creou esta solemnidade.

Os illustrados 1° secretario e orador vão desempenhar tarefa tão honrosa e agradavel com o primor habitual que os distingue.

Vereis consignados no relatorio productos de propria lavra dos socios, merecedores de consideração e louvor, d'entre os quaes anticipo a especial menção do notavel trabalho ethnographico do erudito benemerito consocio o Sr. Dr. Couto de Magalhães.

Conhecereis o estado do quadro da sociedade, suas alterações devidas á inscripção de novos e esperançosos collaboradores, e aos claros abertos pela fatal necessidade que arrebatou prestantes lidadores, cuja biographia traçará, com mão de mestre, o nosso eloquente orador.

Tenho, senhores, succintamente executado o preceito da nossa lei organica. Concluo rendendo graças a S. M. o Imperador, protector immediato do Instituto, pela continuação de seus beneficios; e á S. M. a Imperatriz, carinhosa mãi dos brasileiros, por honrar mais uma vez esta festa litteraria.

Aos conspicuos cidadãos presentes, e ás graciosas representantes do sexo adoravel, que se dignaram de illuminar com sua presença este recinto, dirijo tambem em nome do Instituto, cordiaes agradecimentos.

Está aberta a sessão.

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO

O CONEGO DR. J. CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Senhores — Indeferindo a supplica, que respeitosamente apresentei-vos em meu relatorio, ordenastes continuasse a a occupar esta cadeira ; obedeci-vos ; dest'arte a subida consideração que me mereceis, e o reconhecimento que vos devo pelas reiteradas provas de confiança com que me haveis honrado. Sêde pois indulgentes ; e dignai-vos de prestar-me benevola attenção.

Cada vez mais arreigada acha-se no animo de nacionaes e estrangeiros a convicção da utilidade do nosso Instituto, que, qual mimosa planta, brotou dentro os fraguedos do indifferentismo, lá nos confins do vertiginoso periodo da menoridade.

Continuamos na posse da invejavel ventura de serem todas as nossas sessões honradas com a augusta presença de S. M. o Imperador, cuja proverbial benignidade serve-nos de seguro santelmo. Conta-se dos Casares romanos haverem algumas vezes descido á arena dos amphitheatros para justarem com os gladiadores : em bem diverso estadio e com muito melhor exito poderia o Cesar brasileiro disputar aos mais amestrados athletas a palma dos triumphos intellectuaes ; prefere porém manter-se na elevada posição de juiz do campo, recommendando-se os seus veredictos, pela sabedoria e imparcialidade.

Abertas as tranqueiras e dado o signal do torneio, arrojáram-se á liça esforçados paladinos, cujas armas e florões venho em rasteira phrase epilogar.

Ouvimos por espaço de cinco sessões o erudito e succulento

trabalho do Sr. Dr. Couto de Magalhães intitulado *Anthropologia do Brasil;* é dividido em quatro capitulos versando sobre as seguintes materias: investigações de qual dos periodos da idade de pedra podem se considerar pertencentes os selvagens sul-americanos; estudos das antigas raças que na mesma região encerravam dois typos, um puro e outro cruzado com uma raça branca allophylla; demonstração lucida e concisa do theorema que a nenhuma d'as linguas da familia aryanna se filiam as grandes linguas americanas; e finalmente curiosissimo quadro da familia e religião entre os nossos autochthones, ainda illustrado pela transcripção de algumas invocações endereçadas pelos *Tupís* aos grandes espiritos.

Enriquece a terceira parte d'esta interessante monographia um precioso catalago das obras até hoje escriptas sobre os idiomas indigenas sul-americanos, cujo valor e utilidade são por demais manifestas. Com chave de ouro rematou o nosso illustrado consocio o seu bellissimo trabalho exhibindo-nos o seu plano de catechese, consistente na fundação de collegios destinados a educação de meninos indigentes, aos quaes todavia se conserve o conhecimento da lingua materna combinada com a nossa, afim de que ambas sirvam de laço de communicação entre os representantes da civilisação e os da barbaria.

Pensa o Sr. Dr. Couto que esses collegios devem ser disseminados pelas provincias do Amazonas, Pará e Mato-Grosso, mas dependentes na suprema direcção e programma de estudos de um estabelecimento central, cuja séde cumpre seja na capital do Imperio, para onde deverão ser enviados os mais distinctos alumnos dos outros collegios, afim de completarem os seus conhecimentos linguisticos com o aprendisado dos quatro, ou cinco grandes idiomas americanos.

A experiencia que o intrepido explorador do Araguaya tem adquirido em semelhantes materias serve de penhor da proficuidade de seu plano ; oxalá possa elle encontrar todo o favor nas regiões officiaes e a leal cooperação dos homens de boa vontade.

O Sr. Dr, Homem de Mello deparou entre os preciosos manuscriptos do visconde de S. Leopoldo, com alguns apontamentos para a sua autobiographia, e obtida a venia de quem lhe a podia outorgar, redigiu com elegancia e sobriedade de dicção um valioso trabalho, que trouxe ao nosso conhecimento sob o modesto titulo de *Memorias do Visconde de S. Leopoldo compiladas e postas em ordem.*

Imperiosos motivos determinaram o nosso illustre consocio a interromper as suas leituras, sendo de esperar, que no anno vindouro cheguem a essa anhelada conclusão.

Duas biographias de poetas foram lidas por um novo adepto, que d'esta arte quiz corresponder á confiança que n'elle depositamos e o bom augurio que tiramos da sua candidatura. Claro é que refiro-me ao Sr. Dr. José Tito Nabucc de Araujo, a cujas acertadas pesquizas devemos travar mais amplas relações com o mallogrado e esperançoso Dutra e Mello, a quem tivemos por companheiro na romagem das letras. Pertenceu elle a uma brilhante pleiade de poetas da primavera, que só tiveram tempo para colher flôres, e com ellas tecer grinaldas, que lhes enfeitassem as frontes para o convivio da eternidade. Foi um e glorioso predecessor de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Castro Alvares, Moysés da poesia, que avistaram do Nebo da esperança os longinquos horizontes da Chanaan da grandeza nacional.

Outro eximio alumno do Parnaso, que trocára a lyra de Orpheo pelo plectro de David, buscando na *Assumpção da Virgem* disputar os louros que cingiam os bustos de Milton

e Klopstock, em uma palavra, frei Francisco de S. Carlos, mereceu do nosso laborioso consocio, o Sr. Dr. Nabuco, consciencioso estudo biographico com miras de completar os trabalhos até agora vindos á lume. Escassearam-se-me lazeres para o necessario confronto ; assim, pois, da perfeição da obra só posso aquilatar pelo mui provado talento e mestria do autor.

Longe da patria cuja memoria tem sempre presente, não cessa o Sr. barão de Porto Seguro de elucidar os pontos litigiosos dos nossos annaes : e ainda este anno remetteu-me a nota que tive a satisfação de ler-vos em sessão de 12 de Setembro, relativa ás *Primeiras explorações da costa brasileira de* 1501 a 1506. E' essa nota um excerpto da segunda edição da sua *Historia Geral do Brasil* prestes a sahir do prélo.

A indefessa actividade do Sr. Dr. Moreira de Azevedo, o seu decidido amor pelos estudos da historia patria, levaram-no a occupar-se de um assumpto, que se nos antolha hoje de apoucado interesse, mas que aos olhos contemporaneos apresentou-se como um dos maiores caracteristicos do estado anormal da sociedade brasileira. Quero fallar dos tiros disparados contra os espectadores reunidos no theatro de S. Pedro de Alcantara.

Immune de exageração partidaria, e só encarando os factos pelo prisma da verdade, demonstrou o nosso distincto collega com exuberancia de provas, que a imputabilidade de tão lastimavel facto deverá unicamente recahir sobre os corypheus da parcialidade, que a si propria se denominava de *exaltada*, por contraposição á calma e justeza de proceder da que, offerecendo ás autoridades constituidas franco e leal apoio, mereceu a honrosa qualificação de *moderada*. Pôz em relevo o louvavel procedimento do juiz de paz, Dr. Saturnino de Sousa e Oliveira, e vindicou-lhe a ultrajada me-

moria dos convicios e chocarrices dos inimigos politicos. Tempo é que a historia vá lento e lento diluindo as calumnias, e rehabilite os caracteres injustamente conspurcados. Para tão honroso empenho, fio, terá o nosso instituto trazido copiosissimo cabedal.

Graças ainda ás diligentes e proveitosas indagações do referido academico, sabe-se hoje com inabalavel certeza, que o mavioso cantor de *Glaura*, o Dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, fallecido n'esta cidade no dia 1 de Novembro de 1814, fôra encommendado e sepultado na igreja de S. Pedro, filial á parochia de Santa Rita.

Na penultima sessão communicou-nos o Sr. Dr. Ladisláo Netto, director do Museu Nacional, que pretendia dirigir-se aos jornaes, relatando-lhes os resultados das suas investigações concernentes á commissões que lhe confiára o Instituto, estimulado pela carta que ao seu venerando presidente dirigira o Sr. Antonio Alves da Costa, annunciando a existencia de uma inscripção gravada sobre uma pedra, que pretende-se encontrada no sitio de Pouso Alto, visinho do rio Parahyba. Assegurou-nos o nosso digno consocio que a nenhuma fadiga se poupára, para averiguar da identidade do autor da mencionada carta, sendo mallogradas todas as suas diligencias.

Não desanimou comtudo o nosso douto confrade ; por quanto possuindo copia da referida inscripção, e utilisando-se dos conhecimentos que adquirira das linguas orientaes, tentou vertêl-a e adequadamente interpretal-a. Acredita que no antigo idioma phenicio fôra ella composta ; e, desejando ver apoiada a sua conjectura pela autoridade dos mestres, dirigiu-se aos Srs. Renan e Bargés, cuja reputação em semelhantes estudos tem recebido a consagração dos sabios. Grande foi o jubilo do joven antiquario ao receber as animadoras expressões que lhe endereçáram essas duas

summidades linguisticas, acompanhadas da cavalheiresca offerta do seu mui valioso concurso.

N'essa mesma communicação mencionava o Sr. Dr. Ladisláo que nenhuma impressão desfavoravel lhe causára a a noticia, divulgada por alguns jornaes nossos, trasladando-a de uma revista peruana, de haver-se encontrado no porto de Guayaquil outra inscripção em tudo identica á que nos foi revelada. Entende o nosso illustrado collega, que semelhante inscripção é totalmente espuria, visivelmente forjada com o proposito de arrebatar-lhe a gloria da interpretação, supra alludida. Bem haja o esperançoso archeologo que, em tempos tão positivos, consagra seus lazeres a tão arduos estudos, dos quaes por certo jorrarão ondas de luz sobre o quasi ignoto periodo pre-historico.

Além das propostas tendentes á admissão de novos adeptos, que ainda pendem do exame das respectivas commissões, merecêram immediata annuencia do Instituto as que propunham a elevação á categoria de socios honorarios os Srs. conselheiros Dr. Francisco Freire Allemão e Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro. Como sabios, é este o maior galardão que podemos conferir aos nossos benemeritos, tanto mais apreciado pela parcimonia havida em sua concessão.

Propuz em sessão de 12 de Setembro, com plena approvação vossa, que solicitasseis do ministerio da guerra uma cópia authentica da memória do major Seveloh, intitulada *Recordações da campanha de 1827 contra Buenos Ayres*, vertida da lingua allemã para a nossa pelo Sr. Dr. Manoel Thomaz Alves Nogueira. Com o seu habitual cavalheirismo serviu-se o Sr. conselheiro Junqueira, que actualmente dirige esse ministerio, de acceder aos vossos desejos, ordenando a prompta entrega do original da dita versão, cuidadosamente recolhido ao nosso archivo.

Na fórma marcada pelos estatutos apresentou a commissão de fundos e de orçamento, o seu parecer sobre as contas do nosso dignissimo thesoureiro, acompanhado do balancete da receita e despeza do Instituto no corrente anno. Mantido o equilibrio entre o *deve* e *o ha de haver* sobranos um pequeno saldo para fazer face a quaesquer emergencias. Satisfeita com o resultado do seu escrupuloso exame, propôz a sobredita commissão um voto de louvor e confiança ao acrisolado zelo do nosso benemerito thesoureiro ; proposta, que, como era de esperar, foi unanimemente approvada.

Havendo-se suscitado duvidas ácerca dos limites das attribuições da commissão de redacção da *Revista* e as do 1° secretario, foram ellas submettidas ao alvidramento de uma commissão especial, que em seu mui luminoso parecer, approvado em sessão de 8 de Agosto, entendeu que de nenhuma interpretação necessitava o art. 24 dos estatutos ; sendo bastante explicita a competencia de ambas as entidades na redacção, impressão e distribuição da *Revista* ; terminando por aconselhar a concordia entre os licitantes, unidos pela uniformidade do anhelo de bem servirem ao Instituto.

As commissões de historia, geographia e archeologia elaboraram eruditos pareceres relativos aos trabalhos de alguns cavalheiros que aspiram entrar para o nosso gremio. Pendendo elles de juizo da commissão de admissão de socios, abstenho-me de maior desenvolvimento.

Folgo de noticiar-vos, que em dia se acha a publicação da *Revista,* honrosamente cobiçada por associações e individuos nacionaes e estrangeiros. Não corresponde infelizmente a venda a um tão ardente desejo que em todas as classes se nota de possuil-a, e talvez seja phenomeno explicavel pela circumstancia de ignorar muita gente, que as nossas collec-

ções se acham quasi completas, estando já autorisada a eimpressão de cinco cadernetas que faltavam aos tomos rXII e XIII.

Irrefragavel prova do subido conceito de que goza a nossa associação, é por sem duvida a extrema benevolencia com que são attendidos os seus reclamos, e nos reiterados testemunhos de estima que diariamente recebe das autoridades de todas as hierarchias. Dignem-se ellas de receber pelo meu humilde intermedio a viva expressão de reconhecimento pela sua muita bondade.

Não menor gratidão devemos aos distinctos cavalheiros, que pelos seus generosos donativos, tanto contribuem para a opulencia da nossa bibliotheca, assim como do nosso archivo.

As academias, institutos e demais associações scientificas e litterarias de dentro e fóra do paiz, continuam a manter com a nossa as mais cordiaes relações, buscando na mutua remessa das nossas publicações estreitar os vinculos de fraternidade.

Continuei a encontrar nos empregados do Instituto a mesma intelligente e zelosa cooperação, que tanto os têm recommendado á vossa benevolencia.

Chegou a sua conclusão um trabalho de longo folego, que ha quatorze annos,nos fôra solemnemente annunciado: refiro-me á *Historia da Conjuração Mineira*, escripta pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Anticipei no meu primeiro relatorio o juizo que formava de tão delicada empreza, e folgo de declarar-vos, que ligeiras e accidentaes são as modificações operadas em meu animo apoz sua attenta e integral leitura.

Compulsando preciosos e inéditos documentos, descobriu o nosso 3° vice-presidente a têa arachneida que envolvia a opulenta capitania de Minas-Geraes; e com anormal solici-

tude iniciou-nos nas intimas praticas de Maia com Jefferson, nas venerandas ruinas do romano circo de Nimes. Entreviu na caligem da servidão os roseos horizontes da liberdade ; mostrou-nos o contagio da grande idéa da independencia nacional levada por Maciel ás auriferas terras que sombream o Itacolomy e o Itatiaya, penetrando como uma restea de sol no modesto cenaculo de Villa-Rica, em que Claudio, Gonzaga, Alvarenga, Freire de Andrade, Toledo, Barbosa, Vieira e Rollim prelibavam nos livros dos encyclopedistas francezes o nectar da liberdade, e suspeitando em Freire de Andrade um novo Washington, auguravam para Xavier a gloriosa missão de Franklin.

Quaesquer que sejam os dissentimentos que possam por ventura apparecer sobre as apreciações e conclusões do autor, é fóra de duvida, que prestou elle com a publicação da alludida obra mais um relevante serviço ás patrias letras.

Enriqueceu a bibliotheca do Instituto o nosso 2° vice-presidente com as suas *Noções de Corographia Brasileira*. No escassissimo prazo de cinco mezes, consultou o Sr. Dr. Macedo tudo o que ácerca da materia se acha escripto, desde o *Dialogo da Riqueza do Brasil*, por Bento Texeira Pinto, e o *Tratado descriptivo do Brasil em* 1587, por Gabriel Soares de Sousa, até a *Corographia* do padre Ayres do Casal, o melhor e mais abundante subsidio de futuros e identicos trabalhos.

Avantaja-se o livro do nosso consocio pela excellencia do methodo, clareza de exposição e graças de um estylo que lhe é peculiar; e se alguns senões se lhe podem notar, procedem elles da vastidão do plano e da deficiencia de dados.

Mais completa na parte estatistica é a brochura que nos foi remettida pelo nosso 1° vice-presidente com o titulo, *O Imperio do Brasil na exposição universal de Vienna em*

1873, destinada a completar as preciosas informações registradas n'outra, vinda á lume em 1867, por motivo da exposição universal de Pariz.

Caracteristica do pensamento inspirador de semelhante trabalho, é por certo a *Advertencia priliminar*, onde se lêm estas singelas palavras :

«. . . . . fique registrado, que o pensamento director na publicação da *Breve noticia* de 1867, no presente trabalho não foi o de falso patriotismo, que exagerando as vantagens de uma região, occulta seus defeitos.

« Tendo-se por alvo principal tornar bem conhecido o Imperio do Brasil, e esclarecer os imigrantes, procurou-se com todo cuidado dizer sómente a verdade. »

Nobre e tocante programma, que nenhuma só vez foi infringido na execução do grandioso commettimento.

Semelhantes a esses filhos prodigos, que jámais calculam a herdada opulencia, viveram as primeiras gerações ignaras das divicias de que eram possuidoras. Mais cautos, ou quiçá mais previdentes, tombamos nós outros nossas terras, inventariamos o espolio dos intrepidos *bandeirantes*, tomando por divisa o *festina lente*.

Um illustrado estrangeiro que o Instituto se presa de contar por socio, conhecido vantajosamente pelos seus numerosos e doutos escriptos, n'uma palavra o Sr. Dr. Manoel Liais, deu á estampa em lingua franceza uma monumental obra a que intitulou—*Climas, Geologia, Fauna e Geographia Botanica do Brasil.*

Treze annos de residencia no nosso paiz, e o desempenho de varias commissões de que foi incumbido pelo governo imperial, habilitaram-no ao cabal cumprimento do seu compromisso. Na secção geologica examinou perfunctoriamente a natureza da formação do sólo, dando maior desenvolvimento as questões relativas ás minas, tudo de modo

synthetico e de facil comprehensão. Occupando se em seguida da fauna dos tempos recentes e quartenarios ; não desdenhou a zoologia e a paleontologia brasileiras, e obrigado pela estreiteza do plano a limitar-se á classe dos mamiferos, ampliou os mui conhecidos e estimados estudos do Dr. Lund, celebre naturalista dinamarquez. Na secção geographico-botanica incluiu a climatologia, fazendo-a acompanhar de curiosissimas observações relativas a distribuição dos vegetaes por toda a vasta superficie do Imperio.

Tão modesto no titulo como util na pratica é o opusculo offerecido ao Instituto pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo. Denomina-se elle —*Curiosidades —Noticias e variedades historicas brasileiras.*

E' seguramente a paciencia um dos apreciaveis dotes do historiador que não desacoroçôa ao compulsar pulverentas revistas e carcomidos jornaes, e d'essa mina extrahe ouro de finissimo quilate, do qual novo Benevenuto Cellini fabrica graciosos braceletes e mimosas arrecádas. Lendo os escriptos do nosso laborioso consocio parece-me descobrir n'elles *essa intuição quasi prophetica do passado*, de que nos falla o Sr. Alexandre Herculano.

Foi igualmente donativo d'outro nosso prestimoso collega o Sr. Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão a reproducção autographica da *Prosopopéa* de Bento Texeira Pinto O unico merito, quanto a mim, d'esse poemeto estava na sua raridade bibliographica e na circumstancia de haver sido a primeira producção poetica dada ao prélo por um filho da terra de Santa-Cruz. Esta ultima circumstancia era todavia sufficiente para fazer desejavel nova edição, felizmente realisada pelo digno bibliothecario, com autorisação do governo imperial.

Recebemos no derradeiro dia de sessão ordinaria um exemplar do *Pantheon Maranhense* devido á laboriosa e

patriotica penna do nosso consocio o Sr. Dr. A. Henriques Leal, No volume que acaba de sahir da imprensa nacional de Lisboa lêm-se as biographias de Manoel Odorico Mendes, João Ignacio da Cunha (Visconde de Alcantara), Francisco Sotero dos Reis, José Candido de Moraes e Silva e Antonio Pedro do Costa Ferreira (barão de Pindaré). Faltou-me tempo para detidamente apreciar tão susbstanciosa obra; mas o seu simples titulo, e exposição do plano, foram bastantes para entristecer-me, julgando descobrir n'ella tendencias autonomicas, e um certo *particularismo*, que muito desejára ver banido da nossa nascente litteratura.

Antes de fechar o cyclo das obras offerecidas este anno ao Instituto pelos seus socios, seja-me licito ajuntar-lhe o meu *Resumo de Historia Litteraria*, escripto como complemento de outro livro que em mais verdes annos compuz para a instrucção dos meus alumnos. Foi por certo consummado arrojo offertar-vos tão humilde trabalho; animou-me porém a convicção de que as almas grandes são sempre generosas, e que o *pujante Nilo*, na phrase de Diniz, *não rejeita o tributo de incognito regato*.

Para não fatigar-vos em demazia apenas farei menção de mais tres preciosas obras, devidas a munificencia de S. M. o Imperador.

Contém a primeira d'essas obras fidelissima narrativa da memoravel sessão da Academia Real de Hespanha (de 15 de Fevereiro de 1872), a que dignou-se de assistir o mesmo Augusto Senhor. Vê-se ahi uma bellissima versão para a lingua castelhana do canto III dos *Lusiadas*, seguida de um succulento estudo critico litterario com o titulo de — *Fraternidade dos idiomas e das letras de Portugal e de Castella*,—devido á doutissima penna do Sr. Leopoldo Augusto Couto. Finalisa esse interessante escripto por uma luminosa apreciação das *Cantigas d'El-Rei D. Affonso o*

sabio, feita pelo assás conhecido litterato o Sr. João Valera

A *Memoria sobre a antiga Alexandria*, elaborada por Mahmoud-Bey, astronomo de S. A. o vice-rei do Egypto, foi acolhida com singular apreço pelos que se applicam a sciencia de Champollion e Young. Descreve minuciosamente a famosa cidade que ao vencedor de Dario deve o nome, assim como os seus risonhos arrabaldes margeados pelo Nilo, fazendo preceder o seu profundo estudo archeologico de uma idéa geral do sólo e da sua constituição geologica.

Do mesmo sabio astronomo é outro importantissimo escripto, denominado *Systema metrico actual do Egypto comparado com o systema francez, os nilometros antigos e modernos e os antigos cubitos do Egypto*. A magnitude e vantagens d'este trabalho resultam da simples exposição do titulo.

No momento de quedar-me do meu penoso percurso permitti, senhores, que me congratule comvosco pela realisação de um dos nossos anhelos. Desde o dia 7 de Setembro d'este anno campêa na ridente praça dos Remedios da cidade de S. Luiz do Maranhão a modesta estatua do nosso pranteado consocio o Dr. Antonio Gonçalves Dias, ouvindo o doce murmurio do Bacanga e do Anil, e bafejada pelas auras da bahia de S. Marcos.

DISCURSO

DO ORADOR DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

O rio da morte vai sempre correndo silencioso e implacavel, como o fatalismo musulmano, vai sempre correndo pelo fundo do abysmo sem luz; ninguem vê o abysmo, e todavia é por suas bordas que todos caminham e n'elle cahem indistincta, e mil vezes inesperadamente : o velho que tropeça nas ruinas da idade, o ardente mancebo cuja vida subito se apaga ao fulgurar mais deslumbrante da esperança, a noiva anhelante de amor, que ao pisar n'um tapete de flôres desapparece na voragem ; o anjo ha poucos mezes nascido, que cahe dos seios, dos labios, do coração de sua mãi, e some-se na cova insondavel ; o grande da terra emfim que orgulhoso levanta o pé para subir o mais alto gráo da escala social e tomba na profundeza das desillusões da vida n'aquelle desengano extremo e enregelado que está lá embaixo no rio, que corre silencioso, e cujo sorvedouro immenso recebe e absorve do mesmo modo o botão de flôr que murchou precoce, e o monumento que abateu depois de admirar o mundo.

N'este anno de 1873 o rio implacavel atravessando o recinto do Instituto Historico e Geographico do Brasil, arrancou d'elle e levou-lhe absorvidos não um, mas dois monumentos nos nossos finados consocios os sabios Custodio Alves Serrão e Joaquim Caetano da Silva.

O seculo decimo oitavo acabou engrandecendo duplicadamente a provincia do Maranhão. Com differença de poucos mezes, depois que na cidade de S.Luiz tinha nascido Manoel Odorico Mendes nasceu Custodio Alves Serrão,na villa agora cidade de Alcantara, que fronteira d'aquella e em sua linda collina se debruça vaidosa para espelhar-se no mar ; a

bahia de S. Marcos separou os dois berços, onde se enfaxavam dois genios, que foram embalados pelo bater cadencioso de ondas irmãs, e bafejados pelas mesmas auras rescendendo em perfumes das mesmas flôres : á voz do acceano, que se afigura sahida do infinito, a doçura das auras e a amenidade dos arômas, derramáram talvez n'aquelles berços os dons das profundezas e das harmonias, com que as intelligencias d'esses que então dormiam o somno da infancia, haviam de illustrar e enriquecer a patria.

Ambos foram poetas. Odorico fez a *Tarde*—aquella tarde tão deliciosa e bella que para ter condigno rival foi preciso que Gonçalves Dias viesse depois criar a maravilhosa *Aurora* dos Tymbiras, que ha de amanhecer perpetuamente no céo da poesia. Odorico elevando-se a conquistador, com a espada de Camões, de Ferreira, de Garção e de Caldas tomou para nossa litteratura, da França, dois louros de Voltaire, da Roma de Augusto o carro fulgente de Virgilio, da Grecia dos semi-deuses o sceptro olympico de Homero. Alves Serrão, que nunca versejou, foi explendido poeta, e tambem conquistador do mesmo gosto nas amplidões dos reinos da natureza ; traduziu epopéas nas revelações da geologia, fallou aos rochedos mudos, compôz hymnos com os échos das minas, e sentando-se fatigado á sombra de arvore frondosa cantou o poema d'essa amiga verdejante desde a semente que encerra o germen, os cotylidones que são as tetas nutritivas do vegetal nascente, o caule que manifesta o crescimento, a raiz que succa nos seios da terra; os ramos que se desenvolvem, as folhas que respiram, a flôr que se desabotôa offerente, e desejosa de amor, os orgãos sexuaes que pendem, approximam-se ou se preparam para o mimoso consorcio, e até emfim o fructo que corôa a arvore, que é o premio e a benção d'aquelle amor d'este consorcio. Odorico e Alves Serrão dois homens superiores, tinham de ser tão grandes nas

letras e nas sciencias, que nascidos quasi a um tempo, nos dois berços não poderam caber em uma só cidade, e por isso a bahia de S. Marcos os separa, dando á cidade de S. Luiz a ufania de um e a de Alcantara a gloria do outro.

Alguns annos são já passados depois que ouviste, n'este mesmo lugar a voz mais fraca dizer o elogio do illustrado e benemerito Manoel Odorico Mendes : agora é a vez de Alves Serrão, ainda como aquelle tambem condemnado ao infortunio d'além tumulo,que lhe impõe por biographo elogiador, quem em sua rudeza não póde esclarecer bastante seu alto merecimento scientifico, a nobreza de seu caracter, a sua vida contrariada, melancolica, mas lucifera como aquelles cantos de Ossian, que repassados de dôr e tristeza, resplendem todavia com as flammas da gloria e com o lampejar de acções famosas.

Custodio Alves Serrão, filho legitimo de José Custodio Alves Serrão, e de D. Joanna Francisca da Costa Leite, achou-se ao nascer com tantos irmãos e tão pouca fortuna no casal paterno que, ao cahir das faxas foi adoptado por seus avós maternos Christovão da Costa Leite e D. Maria Thereza, e sob os cuidados immediatos de sua madrinha e tia D. Francisca Romana da Costa Leite, em quem teve mãi estremecida. Até os 12 annos os brincos infantis o occupáram mal distrahidos pelo ensino das primeiras letras, dado em casa pelo mestre-amor de sua madrinha, e as vezes por professores ephemeros, que se succediam quando a familia ia passar mezes em Alcantara. O proprio Alves Serrão, nosso illustre consocio, diz em seus apontamentos biographicos,que não sabe como adivinhou a arte de lêr e de operar sobre numeros, a de escrever com alguma orthographia; e como imprimia na memoria os primeiros rudimentos de latinidade, a artinha do Padre Antonio Pereira. Em sua inexcedivel modestia explicando o facto pela vontade

de saber, que então já o dominava, insinúa que essa virtude era filha do medo de correcções moderadas que experimentava ; mas embora elle não as ostente, vão em seguida accumular-se provas d'aquella força de animo, que na conquista da instrucção e luzes triumpha da carencia de mestres, e com poucos livros que lhe depára como consolação o começo do seu captiveiro á si mesmo ensina o que ignora, continuando a advinhar o que almejava aprender.

Na idade de 12 annos o auspicioso menino foi entregue como pupillo em Alcantara aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, com os quaes apenas adiantou no latim tentativas de traducção sobre lições do Breviario, e praticou as obrigações cenobiticas : destinado a ser frade pela sua familia, urgido para que o fosse por aquelles que já o eram e o tinham em tutella, Alves Serrão mal póde lutar e resistir: não tinha vocação para o claustro e menos para o sacerdocio; sorria-lhe a vida imaginada e desejada no gozo das affeições dos laços do coração, e no encanto da familia ; confessou-o e não foi attendido ; tão novo ainda como poderia oppôr energica desobediencia á duas vontades de poder tão forte ? Aos tres lustros a victima entrou para o noviciado e um anno depois professou.

Já velho e prestes a dormir o somno da morte, Alves Serrão memorando este facto de influencia capital sobre o seu destino, apenas com tristeza conta que não foi voluntario o voto a que se encadeiára, que sujeitou-se á elle por gratidão devida á seus parentes ; não deixa, porém, transpirar leve queixa nem de constrangimento oppressivo d'estes, nem de acção e de meios prepotentes, ou abusivos empregados pelos religiosos, a quem fôra confiado, e sómente, profundamente melancolico diz : « Talvez tivessem razão, que me não fôra concedido outro quinhão na vida ! « Mas

n'este dizer gemeu-lhe o coração na velhice resumindo no gemido todas as magoas de sua vida fatalmente contrariada.

No Brasil a mão do Estado já trancou as portas dos claustros; não seria pois generoso combater agora instituições que aos poucos vão se afundando nas sepulturas dos ultimos frades,e se ainda quizessemos ostentar idéas,que aliás nunca dissimulamos, não haviamos de esquecer os serviços immensos prestados outr'ora, e mesmo em recentes épocas, pelas ordens monasticas ; não olvidariamos que foram os conventos as arcas de salvação dos restos da civilisação antiga,escapados ao diluvio horrivel dos barbaros, e as placentas das sciencias resnascidas na infancia nova do mundo a reconstruir-se civilisado, sahindo do cahos europêo na idade média ainda toda cheia de sombras, de violencias e terrores sob multiplo dominio de ufanosos analphabetos, senhores de baraço e cutello, com milhões de servos a beijar-lhes os pés e a matarem-se e a matar por elles; e menos deixariamos de lembrar os prodigios de catechese que em nosso paiz realisaram os jesuitas até o dia em que a grandeza do seu poder arrojando-os ao abuso, e a allucinação da cubiça, afastando-os do céo, e nodoando-os na terra vieram justificar o acto que os baniu; e finalmente em desvanecimentos da maior gratidão recordariamos essas tetas abundantes, offerentes e numerosamente aproveitadas que em nossos conventos deram o leite da latinidade,da philosophia, da eloquencia, da historia e das mathematicas á tantos mil brasileiros, especialmente no tempo da colonia, e do reino.

Mas, nosso empenho é outro : não temos que dizer em processo julgado, nem o claustro que se condemna nos agradeceria as flôres que possamos colher nos jardins riquissimos do seu brilhante passado, para ornar-lhe os tu-

mulos, alguns bem gloriosos, que são os conventos em ruinas, e os conventos que se perpetuam tornados em palacios de governo provincial, de faculdades de sciencias, em hospitaes, em bibliothecas, e algum tão grandioso que chegou para quasi tudo isso. O nosso empenho é apresentar-vos o nosso muito illustre consocio honorario Custodio Alves Serrão no triste e cruel dia que o prendeu um grilhão, que amesquinhou-lhe, violentou-lhe e obscureceu-lhe a vida toda.

Tres palavras rezumem a historia de 58 annos de magoas, talvez, provalvemente de arrependimento esteril, inutil, torturador, porque não tinha remedio ; Deus perdôa ao maior dos peccadores que profundamente se arrepende do mal, do proprio crime que praticou ; mas o convento não perdôa o voto perpetuo, de que se arrepende o seu professo, não perdôa ao menino que se submette á medo, ou por condescendencia mal reflectida, não perdôa, a quem não desejou, não pediu; suppóz-se apenas susceptivel, e depois reconheceu-se incapaz de satisfazer o voto perpetuo; o convento não perdôa, não absolve o arrependimento, abriu sua porta, chamou, recebeu quem entrou ou quem lhe foi trazido, fechou depois á este a porta, e escreveu n'ella o verso de Dante : «*Lasciate ogni speranza oh voi che entrate* ; » tres palavras—frade sem vocação—eis a vida de frei Custodio Alves Serrão.

O voto do professo sem vocação, do homem que por obediencia ou fraqueza toma o habito de frade e não faz, não póde fazer d'esse habito mortalha do coração, morto para o mundo, do homem que nasceu para o amor da familia, da patria, da sociedade, e que com esses sentimentos n'alma imagina sempre, e a pezar ou a doçura de laços, o encanto de direitos, e a nobreza de deveres que Deus tambem abençóa ; mas que para o frade não devem radiar nem no mudo e secreto desejo impossivel, no sonho vão do pen-

samento ; semelhante voto é o tormento de todos os dias e de todas as horas, tormento que revoga a natureza sem poder matal-a, que impõe sacrificio sem merito nem proveito, engano esteril que não engana ao céo ; tormento que incessante magôa e punge, e que não permitte o gemido, tormento que tem voz e falla, porque de continuo repete implacavelmente ao professo : « E's filho, mas não tens pais nem familia ! E's sensivel, mas não podes amar ; és homem, mas não pódes ter mulher ; tens patria, mas não és cidadão ; és frade, e portanto vives só para o serviço e gloria de Deus ! » e o ultimo gráo do tormento, o professo, a victima, o frade sem vocação escuta de continuo tambem na sua consciencia a voz suprema de Deus que lhe diz : « não te aceito. ! »

Fr. Custodio abatido pelo voto a que se submettêra por gratidão, resignou-se, e para occupar a alma constrangida, e achar conforto no proprio claustro, concentrou-se todo no estudo : aperfeiçoou-se no latim, e no convento dos carmelitas de S. Luiz do Maranhão para onde o mandaram, achando grammaticas e diccionarios do francez e do italiano aprendeu e soube essas linguas com o unico esforço da propria vontade, e da ambição de saber. Aos dezoito annos de idade, em 1817 a modestissima bibliotheca do convento não tinha mais alimento novo para o espirito illuminado do joven professo. Então os frades ufanosos de intelligencia tão promissora de gloria e honra para sua ordem, propuzeram fazer seguir para Coimbra o talentoso e já admirado Alves Serrão afim de illustral-o com o ensino de superiores sciencias : effereceram transporte e alimentação á custa do convento, correndo todas as outras despezas por conta da familia do seu pupillo, e já irmão. A familia aceitou agradecida a proposição. Fr. Custodio transpôz o Atlantico, chegou á Lisboa e allli com outro

companheiro de igual destino apresentou-se ao provincial da ordem : o recebimento não foi fraternal : Fr. Custodio o lembra com tristeza : ao ver os dois recem-chegados jovens frades brasileiros, o provincial exclamou com sarcastica zombaria : « Oh... não são muito meladinhos.» Em 1818 ainda um frade e um chefe da provincia carmelita parecia admirar-se de achar menos accidentada, e por isso menos mesquinhadora a côr de frades seus irmãos, e filhos ou descendentes de portuguezes por serem nascidos no Brasil !...

Em Portugal a vida de Fr. Custodio foi toda de triumphos academicos e de contrariedades e tormentos no convento ; mas, ou por desenvolvimento um pouco tardo de um dos principaes dotes de seu magnanimo caracter, ou talvez por energica reacção contra a propria fraqueza que sacrificára seu destino á obediencia dos parentes, fulgiu n'elle com a força de vontade já evidenciada no estudo, aquelle espirito de independencia que sempre se observou em seus actos e procedimento, e que, isento das asperezas e da vaidade do capricho, era indomito e inabalavel baseado nas convicções de sua razão esclarecida. O anno de 1818 correu placido : recolhido ao convento collegial de Coimbra, nosso joven frade fez seus exames de portuguez e latim, e matriculado no collegio das artes, dependencia da universidade, cursou as aulas de philosophia racional e do grego, sendo n'esses preparatorios approvado no fim de poucos mezes de admiravel applicação.

Em 1817 começou porfiada campanha : as autoridades do convento collegial impuzeram á frei Custodio o curso das sciencias theologicas, e elle, resistindo com todo o poder de sua vontade, elle frade professo, que não tomára, nem tomou ordem alguma, e nem a de prima tonsura, protestou, quiz e seguiu o curso das sciencias naturaes. O reitor e

doutores do collegio cedêram, mas vingaram-se : ao frade sem vocação, que não queria ser theologo, negaram qualquer frequencia fóra das aulas com os condiscipulos, e no convento, que era claustro carcere, o pobre martyr não achou livros, nem irmãos explicadores, nem mestres conselheiros ; encontrou sómente ou filho de calculo systematico, ou triste indicio de vergonhosa ignorancia, como um cordão sanitario contra a peste das sciencias naturaes, de que frei Custodio pudéra ser tremendo elemento de fatal contagio.

O frade, que nem prima tonsura tomára, tinha provavelmente para si, que fóra das sublimes funcções do sacerdocio e das lições transcendentaes da theologia, tambem se encontra monumental e maravilhoso altar digno das adorações do Omnipotente, o altar da sciencia da natureza, immensa e incommensuravel pyramide, cuja base se profunda e se abysma na parabola divina do Genesis, cujo corpo se eleva com o desenvolvimento de toda creação universal, e em cujo apice a intelligencia humana imagina o throno de Deus, que é o creador, o regulador, o Senhor emfim.

Engrandecido por sentimento tão magestoso, o distincto estudante avançou nos estudos de sua predilecção sempre reprovado pela critica dos frades, mas sempre applaudido pelos lentes e merecendo approvação plena em todos os seus exames, premio nos do terceiro anno, e finalmente terminando o quarto e ultimo do curso, o grão honroso de bacharel formado.

Que trabalhos, porém, a vencer! Que privações a experimentar, e que constancia e energia em dolorosas provas para conseguir tanto! Longe da patria, mal visto e desestimado entre aquelles que deviam amal-o como irmão, Fr. Custodio, já suspeito de ruins tendencias pelo seu amor ás

sciencias physicas, torna-se escandaloso, manifestando-se apologista da revolução liberal de 1820; a este escandalo succede logo depois a perturbação das relações do Brasil com Portugal, e o convento castiga no joven frade o crime de haver nascido no reino prestes a ser imperio independente, suspendendo-lhe a alimentação! O pretexto da evidentemente temporaria falta de remessa da pensão, que pagava a familia do joven frade, é indigno de religiosos do Divino Mestre, do amor do proximo, cuja sublimação é a caridade.

A victima lembrava com ufania vingativa que no seu Maranhão os conventos offereciam sempre agasalho, fraternal hospedagem, excellente e gratuito tratamento a quantos religiosos chegavam de Portugal: mas os tormentos da penuria não lhe abateram o animo; a victima improvisou fracos e ephemeros recursos durante dois annos; teve mezes de miserias, dias de fome, nunca uma hora de abatimento de animo, nunca um instante de desespero, que é o lampejo infernal da alma sem fé; trabalhou, individou-se, ás vezes agradeceu á Deus a abundancia no pão e agua, que para outros eram indicadores de martyrio da carne em jejuns devotos; e paciente n'esse periodo de provação, chegou ao termo d'ella erguendo a serena fronte laureada pelo titulo scientifico que, apezar dos frades, das perturbações politicas, da vileza do convento, da penuria, da miseria e da fome, quizéra e soubéra conquistar. Exemplo eloquentissimo do poder da vontade e da grandeza do coração.

Era o anno de 1823: a reacção absolutista começára a pronunciar-se, e, facto aliás já comprehendido nas observações da physiologia politica, o provincial dos carmelitas que em 1820 se mostrára convicto liberal, em 1823 arrependido e contricto profligou santamente os frades que dois

annos antes haviam incorrido com elle no mesmo peccado, e intimou-os a recolherem-se ao convento de Lisboa: os religiosos brasileiros foram declarados mais ou menos discolos e sujeitos severamente a essa intimação.

Fr. Custodio já tinha saudado com enthusiasmo a independencia da patria, desde 1821 não devia ao convento nem o pão quotidiano dado por caridade; suas idéas liberaes, e sua nacionalidade o expunham á soffrimentos ainda maiores; julgou-se, pois, desligado de qualquer obediencia official n'este sentido ao provincial; e tendo opportunamente chegado a Lisboa o seu parente o commendador Honorio José Ferreira escreveu-lhe expondo sua difficilima situação: o seio fraternal do compatriota abriu-se generoso e nobre: pouco tempo depois o mesmo navio trazia os dois brasileiros, e fundeava em 1825 na bahia do Rio de Janeiro ao espectaculo das embarcações embandeiradas, e ao côro marcial do troar dos canhões das fortalezas em festejo do reconhecimento da independencia.

Fr. Custodio pisou de novo o solo querido da patria, ouvindo hymnos á liberdade, e recebendo no convento do Carmo da cidade do Rio de Janeiro agasalho de verdadeiros e bons irmãos e do governo, logo no anno seguinte, o decreto de sua nomeação de lente de zoologia e botanica da imperial academia militar, que aliás tinha desejado obter por concurso publico e solemne, como verbalmente o requerêra ao Imperador.

No magisterio desde logo revelou-se tão brilhante a illustrada capacidade d'este nosso venerando consocio, que em 1828 foi elle nomeado director do museu nacional, resignando por isso a commissão de redactor de uma parte do *Diario da Camara dos Deputados*, tarefa que desempenhára desde 1826 com applauso de todos, e durante a qual estreitou relações com os mais notaveis membros do nosso

parlamento n'aquella época. Em 1833, reformada a academia, que passou a denominar-se escola militar, o curso de sciencias physicas foi limitado ás duas cadeiras de physica e chimica e mineralogia, sendo o illustre Alves Serrão encarregado da ultima.

Depois de nove annos de activo e glorioso trabalho, em 1835 o amor e gratidão levaram Fr. Custodio a visitar sua madrinha, e mãe adoptiva, e seu Maranhão que tanto amava; mas de caminho a sabedoria e o patriotismo soffrêam o coração que quer voar, e o sabio patriota explora as serras de Itabaiana em Sergipe, afamadas por salitrosas e auriferas, e a formação bituminosa das praias de Camaragibe nas Alagôas, enviando amostras para o Rio de Janeiro.

Emquanto assim prestava serviço consideravel, expontaneo e sem auxilio algum dos cofres publicos, eram-lhe na côrte suspensos por inaccumulaveis com os de lente os seus vencimentos de director do museu; mas ainda bem que no anno seguinte, e de volta á capital do Imperio, lhe foram elles justamente restituidos.

O anno de 1842 e os esforços e conselhos do nosso muito illustre consocio presidiram á reforma da administração scientifica do museu nacional, que foi subdividida em quatro secções, cabendo ao sabio director a de minerologia, geologia e sciencias physicas, e interinamente a de numismatica, artes liberaes; archeologia, usos e costumes das nações modernas; immenso campo em que sómente póde arar com proveito lavrador immenso.

O frade sem vocação, que, por não têl-a, nunca se prestára a tomar nem a tonsura-prima, tinha obtido o breve de sua secularisação perpetua em 1840; o lente sabio cansado do labor de mais de 20 annos de magisterio consciencioso e explendido, e o administrador zeloso, tanto do dever como do direito, alcançou em 1847 a jubilação na escola e a de-

missão no museu ; em uma e outra apagáram-se pharóes luminosissimos, e se em um e outro vieram depois radiar brilhantes astros, nem estes mesmos e nem um só dos contemporaneos esqueceram o valor vivificante,e a luz magnifica e deslumbradora d'aquelle sol tão grande, que na mesma cidade precisou de dois horizontes para o seu occaso.

Mas esse sol no occaso ainda teve crepusculo resplendente: depois de furtar-se em 1849 á direcção do jardim botanico da Lagôa de Freitas, para o exame e relatorio do qual fôra commissionado trez annos antes, tendo então offerecido idéas de reforma, e projecto do respectivo regulamento, em 1859 cedeu ao empenho do governo, e ao impulso do patriotismo, e confiado em promessas de todos os meios para os indispensaveis melhoramentos aceitou a laboriosa commissão. E a commissão foi crepusculo, em que o administrador subalterno irradiou conhecimentos, e esclareceu a necessidade de despezas, de recursos e de obras indispensaveis, e a administração superioradíou, meditando, hesitou, estudando, nada fez, nem concedeu, reflectindo sem chegar ao termo da reflexão, até que em 1861 o jardim botanico passou a ser administrado pelo Instituto Fluminense de Agricultura. Alves Serrão applaudindo esse facto lembra no emtanto que no correr d'esses 11 ou 12 annos de empenho esteril para fazer o bem, de concepções perdidas, de requisições desattendidas, só no Imperador achou animação de obsequioso incentivo, que lhe deu alimento á paciencia; mas de cujo favor não quiz jamais abusar; pedindo o que era dever, o que cumpria partir do poder executivo.

Não se limitáram a estes os serviços prestados pelo nosso venerando consocio: como rico fóco de sciencia, foi elle aproveitado pelo governo em diversas commissões, avultando a do conselho de melhoramentos da casa da

moeda, na qual deu provas de que era na chimica notabilidade distincta. Cumpre tambem registrar que, retirado do magisterio e da direcção do Museu, offertou a este toda a sua preciosa bibliotheca.

O alto merecimento de Fr. Custodio ficou estampado em honorificos diplomas, como os de socio instituidor da sociedade de melhoramentos da instrucção elementar; de socio effectivo, depois honorario, do nosso Instituto; de socio presidente honorario da sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e de membro do conselho fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura. S. M. o Imperador houve por bem agraciar este brasileiro illustrado e benemerito com a commenda da ordem de Christo; elle, porém, agradecendo aliás muito a distincção, deixou de tirar o titulo competente, levado a isso por idéas, em que fraternisava com Alexandre Herculano, e ainda dizia-o, e com exemplar modestia escreveu em seus apontamentos, porque essa honra não se conformava com a sua humilde posição.

Sabio creado no gabinete, de profundos e constantes estudos, eminente nas sciencias physicas, na botanica igual a Freire Allemão, que é um monumento; em politica sempre liberal por convicção e por amor da patria, e nunca, nem um só dia, ambicioso por amor de si; de caracter independente até a resistencia na guarda de seu direito; no culto da amizade typo de dedicação e de pureza, em suas relações particulares angelica amabilidade; como lente a eloquencia abraçada com a logica mais cerrada, como administrador o zelo mais intelligente fulgurando pelo esplendor de immaculada probidade; eis ahi Frei Custodio Alves Serrão.

Desde 1861 recolhido ao seu pequeno, mas bello sitio da Gavêa, suave retiro, onde a velhice honrada abençoou as

economias do tempo do labor honradissimo e francamente remunerado, o nosso venerando consocio, o sabio Fr. Custodio viveu ainda perto de 12 annos tranquillo e tão feliz como podia sêl-o: teve alli por companheiro o livro, por encanto a solidão, por conforto o trabalho moderado, por alegria o desabrochar das flôres, e o *romper* dos fructos dos vegetaes que eram seus filhos, e os filhos e os amôres do seu cultivo, e por festas as visitas dos bons amigos; houve, porém, sempre na sua vida e no seu coração um certo que de melancolia sem abatimento, que pudéra assemelhar-se á harmonia triste, monotona, mas implacavel, que, decorada pela memoria, a memoria repete incessante á despeito da vontade que quer e não póde esquecêl-a. Era talvez, provavelmente, a lembrança da profissão imposta ao menino.

Aos 73 annos de idade a arvore immensa e frondosa vergou á rajada do vento que enregela e que prostra: Fr. Custodio sorriu-se, sentindo na molestia o frio da brisa que não engana: logo depois não veiu mais rajada, apenas veiu o sopro da morte, e um grande homem cahiu áquelle sopro, como cahe a folha secca no chão, ou grão de fina arêa na ampulheta. Mas é sobre os mais altos pincaros das serranias que as aguias têm os seus ninhos, e, aguia na sciencia, Fr. Custodio morreu a 10 de Março de 1873 em seu ninho, das alturas da Gavêa.

Joaquim Caetano da Silva, filho legitimo de Antonio José Caetano da Silva, natural da ilha de Santa Catharina e de D. Anna Maria Floresbina, natural de Paranaguá, nasceu a 2 de Setembro de 1810 na povoação chamada Guarda do Serrito, da freguezia do Espirito-Santo do Jaguarão, sendo a 24 de Novembro do mesmo anno baptizado na freguezia de S. Pedro do Rio-Grande.

Se houve na segunda infancia e no alvor da juventude

de homem tão notavel revelações de seu espirito superior, passáram ellas ignoradas na provincia de seu nascimento, ou não chegáram até nós ; deviam, porém, ter havido ; porque era força que a natureza tivesse marcado logo no berço, e posto em relevo na idade que é flôr antes da idade que é fructo, o genio, as disposições, a concentração do animo na conquista de uma idéa ; o desprezo dos prazeres e divertimentos vulgares, e, permitti-me dizêl-o, certa originalidade innocente, que fizeram do muito illustrado Dr. Silva um typo, que desappareceu com a sua morte.

Aos 16 annos deixou elle a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul para ir completar em França os estudos das disciplinas preparatorias, seguindo logo depois o curso de medicina na faculdade de Montpellier, e sustentando these, que versou sobre idèas da philosophia medical, a 29 de Agosto de 1837, data do seu diploma de doutor pela Universidade de França.

Até aqui 11 annos de estudos de humanidades e de medicina apenas vos indicam na carreira pouco morosa um estudante applicado e talentoso ; agora, porém, entrando em alguns detalhes, nobre orgulho vai levantar nossas cabeças admirando esse grande sabio brasileiro que foi um planeta que se apagou, tendo sido justamente apreciado na patria sómente em limitado circulo de homens de letras e de sciencias.

Notai bem, Silva parte para França aos 16 annos, isto é, em 1826, e a 20 de Agosto de 1828 recebe o diploma de membro da sociedade de Historia Natural de Montpellier : os estudantes brasileiros e portuguezes tinham fundado n'esta cidade, com o fim de se instruirem mutuamente na lingua portugueza, a sociedade litteraria luso-brasileira de Montpellier, e na sessão de 21 de Junho de 1829, Silva, secretario d'ella, apresenta uma lista de 490 pala-

vras, que Moraes não apontava no seu *Diccionario*, e das quaes aliás se servia quando explicava os significados de outras dicções; tres annos mais tarde, em 1832, lê ainda elle importantissimos trabalhos, que denominou: — *Supplemento ao Diccionario de Moraes* —, e n'esse escripto offerece a riqueza de mais 400 vocabulos, colhidos de outros autores, e principalmente nas obras de Francisco Manoel do Nascimento, de Diniz e de Garção, e não o esqueçais, Silva tinha então 22 annos, e era assim que o estudante doudejava na mocidade travessa.

Quer ainda mais nosso orgulho de brasileiros? A 14 de Novembro de 1831, Silva é laureado pela Universidade de França com o diploma de bacharel em letras; a 11 de Fevereiro de 1836 apresenta elle ao *Circulo Medico de Montpellier* um trabalho com o titulo de *Fragmento de uma memoria sobre a quéda dos corpos*, escripta em francez para uma sociedade de francezes distinctos, que reconheceram em seu autor conhecimentos superiores em physica, fizeram publicar o estimado estudo no primeiro boletim social do mez de Abril, e a 31 de Julho do mesmo anno entregáram o diploma de membro titular do Circulo Medico ao nosso compatriota, que no anno seguinte recebeu tambem o de membro correspondente da Sociedade Real de Medicina de Gand.

E' pouco ainda? E' licito exigir mais do joven estudante, que cursa as aulas com applauso unanime dos professores e lentes, que acha tempo para ler e reler o *Diccionario* de Moraes e os classicos portuguezes, e que alimenta sociedades litterarias e scientificas com surprendentes memorias reveladoras de profundo estudo?... Oh! a fonte é rica e perenne: saciemos o nosso orgulho.

Silva, o estudante e bacharel em letras dispunha apenas de sufficiente pensão; mas não ha pensão que chegue

quando o pensionista se escravisa a alguma paixão exigente de ouro: nosso compatriota fulgurava tanto e honrava tanto o nome brasileiro, que lhe deveis perdoar uma unica fraqueza, se quizerdes, um vicio dispendioso e caro, elle tinha uma paixão, um amor indomito, para satisfazer o qual não lhe bastariam thesouros, um amor que exclusivamente o dominava a esgotar-lhe a modesta pensão; oh! perdoai-lhe, senhores, esse amor invencivel era o amor dos livros. Pois bem! Silva achou recursos em si mesmo para duplicar suas mesadas: quereis saber o que fez? Foi professor particular, ensinou diversas disciplinas preparatorias em Montpellier, e sabei-o, e ufanai-vos de sabêl-o, Silva, o joven estudante brasileiro ensinou em França e á francezes a lingua franceza, bem entendido a lingua de Racine e de Molière.

Respiremos um pouco. A lembrança d'esse mancebo que, ainda estudante, já se annunciava sabio, e que, ainda discipulo, já se ostentava esclarecido mestre, deve fechar este quadro da vida do nosso benemerito e venerando consocio.

Vamos respirar; requeremos, porém excusa de esquecimento que seria criminoso, ou nodoada pela ingratidão; uma reminiscencia que ficou á outros, e a que o nosso amigo e sabio Silva sempre pareceu absolutamente estranho: é que sua illustrada intelligencia era fonte de lições gratuitas, e sua bolsa muitas vezes recurso fraternal; intelligencia e bolsa tomadas em tributo por outro amor, tambem santo, o amor dos irmãos, o irmão dos compatriotas longe da patria.

Com o titulo de doutor em medicina e com enorme capital de conhecimentos, Joaquim Caetano da Silva disse adeus á França, e chegado á cidade do Rio de Janeiro recebeu a 21 de Fevereiro de 1838 o decreto de sua nomeação

de professor do imperial collegio de Pedro II, onde ensinou com admiravel proficiencia grammatica portugueza, rethorica e grego, limitando-se depois com a completa organisação do collegio, á cadeira d'essa ultima materia. A 25 de Abril de 1839 foi tambem nomeado professor de rethorica, poetica e grego do licêo provincial do Rio de Janeiro, aliás ephemero. A 26 de Junho d'esse anno succedeu ao bispo de Anemuria na reitoria d'aquelle imperial collegio por escolha do governo do regente em nome do Imperador.

Em sua natural, mas exagerada modestia, o Dr. Silva, de volta da Europa, entrára na capital do Imperio e n'ella vivia com a simplicidade do sabio, que por sel-o muito mais de si duvida, e sem trazer o tambor do charlatão, que com o rufar teimoso de annuncios estrepitosos e de hyperbolicos encomios dissimula o pouco que merece. Sua primeira nomeação deveu-a á informações de illustres brasileiros, seus collegas em França; as outras á immediata e evidente demonstração do poder de suas faculdades. Logo a 29 de Dezembro de 1838 o Instituto Historico e Geographico Brasileiro mandou-lhe o diploma de seu membro titular, a 15 de Abril do anno seguinte o de membro effectivo, até que a 8 de Julho de 1859 o elevou a membro honorario.

O collegio de que era reitor e professor tornou-se para o nosso venerando consocio em eremiterio de que elle fóra das horas de aula era o anachoreta da sciencia, que só quebrava o silencio e deixava o livro, quando o amor da familia vinha impor-lhe algum descanso, ou a amizade lhe trazia em conversações sempre correntes sobre letras e artes, á distração que mais lhe aprazia. Porto-Alegre, um dos seus bons amigos disse-nos uma noite em que sahiamos juntos da morada do Dr. Silva: « eis ahi um homem que estuda

25 horas por dia !! Esse viver tão retirado do nosso consocio foi causa de lamentavel facto: poucos conheceram de perto o Dr. Silva, e ainda menor foi o numero d'aquelle que podem dar testemunho da extensão immensa de seus conhecimentos. Ainda bem que ficaram d'elle, para honra de sua memoria, trabalhos de superior merecimento e uma obra monumental.

Em 1851, nas sessões de 26 de Setembro, 10 e 24 de Outubro do nosso Instituto, e na augusta presença de S. M. o Imperador, leu o Dr. Silva extensa memoria sobre os limites do Brasil com a Guyana franceza conforme o sentido exacto do art. 8° do tratado de Utrecht, luminoso escripto que foi a primeira pedra do monumento que depois ergueu.

A 14 de Novembro d'esse mesmo anno foi o nosso preclarissimo consocio escolhido para encarregado de negocios junto ao governo dos Paizes Baixos, e em 17 de Fevereiro de 1854 nomeado consul geral do Brasil no mesmo reino.

De novo na Europa, e certamente de menor importancia o que porventura deve ou não deve a patria ao Dr. Silva, como diplomata, ou alto agente commercial: que se conceba e se admitta a hypothese da mais completa esterildade na missão e no consulado, e o Brasil ainda abençôa o diplomata e o consul estereis, dado que o fossem, lembrando a obra colossal que tem por titulo o *Oyapok e o Amazonas*, escripta em francez, que admira aos puristas francezes, e, o que é mais, obra que vale tanto como o maior exercito a estender-se do cabo de Orange em defesa do Oyapok, que é brasileiro; obra grandiosa e brilhante como o sol, que elucidou a questão até á evidencia, e que em resposta do governo da França, onde ella produziu sensação notavel, teve o silencio confesso reconhecedor do direito do Brasil.

Tornado á patria, o nosso benemerito consocio enceta no Instituto, em 1863, a leitura de trabalho longo de assombrosa erudição, a que elle deu o titulo de *Questões Amerinas*, e que tinha por fim apurar varios pontos que Humboldt deixára indecisos no seu *Exame critico da historia e da geographia do novo continente*: por infelicidade só dois artigos foram lidos, o primeiro—*Antilia*, o segundo—*Brazil*: revelavam ambos estudo extraordinario, descommunal; no ultimo, porém, no da origem do nome *Brazil*, que ficou ao imperio diamantino, maravilham a paciencia, criterio e abysmo de averiguações, e por condigno remate, a estupenda sciencia que elevou o nosso consocio á orientalista applaudido pelos mais celebres orientalistas da França.

O Dr. Silva parou ahi: doente, quasi cégo, abatido de forças physicas e de animo, foi ainda inspector geral da instrucção primaria e secundaria do municipio da córte, e depois até sua morte, director do Archivo Nacional; já não era, porém, o mesmo planeta radiante de luz, era sómente a agonia moral dolorosa, prolongada sem desespero, mas com profundo cansaço, e com menos preço mal dissimulado da vida material.

Retirado para a cidade de Nictheroy e habitando em uma casa no bairro de S. Domingos, e á beira-mar, havia alguns mezes que o sabio Dr. Silva não escrevia mais, e que, negando-se obstinadamente ao mais curto passeio, apenas caminhava de seu quarto de dormir até ás salas de recepção e de refeição.

Debalde os medicos impunham a necessidade do exercicio, o Dr. Silva não se movia; debalde seu genro, a despertar-lhe o amor, a paixão do estudo, se lhe offerecia como secretario para escrever, corrigir e coordenar seus trabalhos, conforme o que elle dictasse; o Dr. Silva respondia sem-

pre : « hoje não posso ». Abatido, depauperado de forças, annunciou todavia ao seu medico assistente, que morreria de uma congestão cerebral, e a 27 de Fevereiro d'este anno, quando o julgavam em grande melhora de padecimentos, a prophecia realisou-se, a congestão cerebral pronunciou-se ; e no outro dia o Dr. Silva deu a alma á Deus.

O Dr. Joaquim Caetano da Silva, além de membro honorario do nosso Instituto e das já mencionadas sociedades scientificas da Europa, foi tambem membro da de Geographia de Pariz, recebendo a 6 de Junho de 1856 o competente diploma acompanhado de officio o mais honroso e bem merecido. Era desde 18 de Julho de 1841 cavalleiro da ordem de Christo, a 30 de Novembro de 1845 teve a condecoração do officialato da imperial ordem da Rosa, da qual foi elevado depois a dignitario, ornando-lhe ainda o peito a commenda da ordem de Christo de Portugal. Mais que tudo isso, contou elle, com justo desvanecimento, por grande e autorisado apreciador do seu transcendente merecimento o Sr. D. Pedro II que o honrou sempre com a sua amizade, que o distinguiu, que o amparou com a sua mão augusta, multiplicando favores, que muito lhe dissipáram nuvens tormentosas da vida. O protector d'este sabio resplende pelo patriotismo e pelo culto da sciencia na magnanima protecção.

Em seu pobre e laborioso viver de sessenta e tres annos, o nosso venerando consocio conheceu, sentiu dois profundos amores, que lhe encheram e aditaram o coração ; o amor da esposa e o amor da filha : casou-se em França a 24 de Novembro de 1837 com a Exma. Sra. D. Suzana Clotilde de Moinac, filha de Antonio Moinac, director da academia de bellas-artes de Montpellier, e pintor historico, e de seu consorcio teve uma filha a Exma. Sra. D. Laura de Oliveira, casada desde alguns annos com o Sr. João Anto-

nio de Oliveira, intelligente e honradissimo empregado da fazenda provincial do Rio de Janeiro: as virtudes de ambos foram e são dignas da exemplar fidelidade de um marido modelo e de um pai, cuja ternura não póde ser excedida.

Se o nosso illustrado consocio não destruiu, e não é admissivel, nem consta que o fizesse, deixou trabalhos, manuscriptos completos ou incompletos, que devem ser thesouros: acabada, embora não corrigida, tinha elle a sua *Grammatica Portugueza*, que será necessariamente obra magistral: além das *Questões Americanas*, que adiantava, sabemos que em desenvolvidos apontamentos, ou já talvez em esboço geral executava longo estudo sobre os limites do Brasil; e mal se póde calcular o que mais ficou delineado por esse sabio, que vivia com a mão esquerda contendo os livros abertos, e com a direita manejando a penna a recolher informações, esclarecimentos e luzes para succulentas memorias e obras.

O Dr. Silva foi um homem prodigio de estudo, fonte profunda de sciencia, e abysmo de modestia, que exagerada perdia-se em humildade: expandia-se em admiração e em applauso dos escriptos e das obras dos outros, e concentrava-se timido e receioso do merecimento de seus trabalhos magistraes. No viver, no parecer e nos modos, era um typo: alto de estatura, magro, de rosto longo e oval, de elevada e bella fronte, de cabellos alourados e cercando a cabeça com erguido penteado estranho á moda geral, myope, nos ultimos annos quasi cégo, e por isso com andar vagaroso e desageitado, e afigurando-se indifferente a quanto o cercava, e que não via, de gravissimo aspecto, affavel no trato, mas raramente risonho, incapaz de conversação banal e nunca tolerando a licenciosa, conhecendo as ruas da cidade do Rio de Janeiro pelo caminho das bibliothecas,

o Dr. Silva foi mais conhecido do povo como original, do que como sabio, e porque não foi pedinte e ambicioso politico, poucos em sua vida aquilatáram as proporções magnificas de seu patriotismo acrisolado.

Mas sobre a sua modesta sepultura erguem-se as suas obras, e os seus escriptos de brasileiro sabio, e para o autor do *Oyapock e o Amazonas*, para o lexicographo e purista da lingua portugueza, para o hellenista consummado, e o orientalista que soube improvisar-se applaudido, para o philosopho e litterato, que abrangia em toda a luz possivel a civilisação antiga e moderna, para o medico sem clinica que estava á par de todo o progresso da medicina, e que nas sciencias physicas se indicava apenas amador, nada aprendendo, e as vezes sendo illuminador dos mestres, a posteridade levantará um altar no templo da memoria, e n'esse altar o Dr. Silva refulgirá com a gloria que reflectirá sobre a patria feliz de homem tão honesto, de sabio tão profundo, e de cidadão tão dedicado e benemerito.

Ao começar d'este discurso humilde e rude, lembramos a coincidencia de dois berços illustres, onde quasi ao mesmo tempo, e só com a differença de alguns mezes de nascimento se enfachavam dois genios, o de Odorico Mendes e de Alves Serrão, e vimos então como a bahia de S. Marcos separou os dois berços, que não podiam, por grandiosos, caber em uma só cidade: agora não é berço, é tumulo, não é nascimento, é morte; mas a coincidencia se repete na agonia, no passamento e no jazigo: apenas com a differença de alguns dias expira em S. Domingos de Nictheroy o sabio Dr. Joaquim Caetano da Silva, emquanto de outro lado e na Gavêa morria outro sabio Fr. Custodio Alves Serrão: agora é a vez da magnificencia da morte; ha dois gigantes que morrem tambem agonizando em duas cidades fronteiras; mas as duas sepulturas de taes gigantes tam-

bem não podiam caber em uma só cidade, e foi por isso que a bahia magestosa do Rio de Janeiro separou as duas sepulturas, como a bahia de S. Marcos tinha separado dois berços: a grandiosidade no principio e no fim; mas a separar e a mostrar em face essas grandezas humanas o oceano, sempre o oceano, que excede o grandioso, afigurando o infinito.

MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1873.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Relação summaria das cousas do Maranhão, escripto em Lisboa em 7 de Março de 1624.

Relação historica e politica dos tumultos que succederam na cidade de S. Luiz do Maranhão, com os successos mais notaveis que n'elle aconteceram. Sua descripção geographica, seu descobrimento, conquista, guerras com francezes intrusos e indios naturaes, invasão dos hollandezes, sua expulsão, exacta narração do tumulto que na dita cidade se levantou e a quietação d'elle com a vinda de Gomes Freire de Andrade. Por Francisco Teixeira de Moraes, 1692.

Copia extrahida de uma collecção de manuscriptos intitulada : Obras de varios autores, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

PELO SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

Ultimos momentos dos inconfidentes de 1789, pelo frade que os assistiu de confissão.

PELO SR. DR. ANTONIO MANOEL GONÇALVES TOCANTINS.

Reliquias de uma grande tribu extincta.

MAPPAS, CARTAS &—, OFFERECIDOS AO INSTITUTO EM 1873.

PELO SR. TENENTE CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Mappa representando as tres communicações dos rios Negro e Japurá por tres confluencias superiores a do rio Uaujús, &: traçado pelo offertante.

PFLO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

Mappa topographico da parte da provincia de Santa Catharina, comprehendendo as comarcas do littoral, colonias e terras publicas adjacentes ás mesmas colonias: organisado pela commissão do registro geral e estatistica das terras publicas, segundo os trabalhos dos engenheiros Carlos Revière, Manoel da Costa Sampaio, Emilio Odebrecht, Pedro Luiz Taulois e Henrique Kreplin.

PELO ARCHIVO MILITAR

Carta do Imperio do Brasil, reduzida em conformidade da publicada pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer em 1845 e das especiaes das fronteiras com os Estados limitrophes, organisada ultimamente, pelo conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro—1873.

OBRAS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS PELOS PRESIDENTES DE PROVINCIA DURANTE O ANMO DE 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DO ESPIRITO SANTO

Collecção de Leis da Provincia do Espirito Santo, tomo 35, anno de 1872. Victoria, 1872.

Falla com que foi aberta a sessão extraordinaria da assembléa provincial em Maio de 1873—Victoria.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARANÁ.

Collecção de Leis promulgadas pela Assembléa Provincial na sessão de 1872.

Relatorio com que o Sr. commendador Manoel Antonio Guimarães passou a administração da provincia ao actual presidente, em 13 de Julho de 1873, e Collecção de Leis Provinciaes de 1873. Coritiba, 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DAS ALAGÔAS

Compilação das Leis Provinciaes dos annos de 1868 a 1872. Maceió, 1873. 2 volumes.

Relatorio com que foi installada a segunda sessão da 19ª legislatura da Assembléa Provincial da provincia das Alagôas em 16 de Março de 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO CEARÁ

Collecção das resoluções e Regulamentos promulgados pela Assembléa Provincial do Ceará, do anno de 1872. Ceará, 1873.

Relatorio com que o sr. commendador João Wilkens de Mattos abriu a 1ª sessão da 21ª legislatura d'Assembléa

Provincial do Ceará no dia 20 de Outubro de 1872. Fortaleza, 1873.

Relatorio da Exposição Provincial de 1872. Maranhão 1873.

Almanak administrativo e Industrial da provincia do Ceará para o anno de 1873.

PELO Sr. PRESIDENTE DA PROVINCIA DO PARÁ

Relatorio apresentado ao Exm. sr. barão da Villa da Barra em 5 de Novembro de 1872, por occasião de passar a administração da provincia ao 2° vice presidente o Sr. barão de Santarem. Pará, 1872.

Relatorio com que o Sr. barão de Santarem, 2.° vice-presidente passou a administração da provincia do Pará ao Sr. Dr. Domingos José da Cunha Junior, em 18 de Abril de 1873.

PELO PRESIDENTE DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO NORTE

Relatorio com que o Sr. presidente da provincia abriu a 1ª sessão ordinaria da Assembléa Legislativa no dia 5 de Outubro de 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO PRESIDENTE DA PROVINCIA DA BAHIA

Relatorio com que o Sr. Dr. José Eduardo Freire de Carvalho, 4° vice-presidente passou a administração da provincia ao Exm. Sr. commendador Antonio Candido da Cruz Machado, em 22 de Outubro de 1873. Bahia, 1873.

Leis e Resoluções da Assembléa Legislativa da provincia da Bahia, publicadas em 1872.

Falla dirigida á Assembléa Provincial, pelo 1° vice-presidente na abertura da sessão installada no 1° de Março de 1873, Bahia 1873.

Relatorio com que o Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella passou a administração da provincia ao 1° vice-presidente desembargador João José de Almeida Couto, no dia 16 de Novembro de 1872. Bahia, 1873 : e officio que dirigiu o 1° vice-presidente da provincia, desembargador Almeida Couto ao 4° vice-presidente ao passar-lhe a administracão em 1° de Junho de 1873.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE SERGIPE

Relatorio com que o Exm. Sr. presidente Dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior passou a administração da Provincia no dia 5 de Setembro de 1872 ao Exm. Sr. Dr. Cypriano de Almeida Sibrão, 1° vice-presidente. Aracajú. 1872.

PELO SR. PRESIDENTE DA PROVINCIA DE GOYAZ

Collecção de Leis da mesma provincia do anno de 1872.

Relatorio apresentado a assembléa legislativa provincial de Goyaz em 1° de Junho de 1872.

PELO SR. PRESIDENTE DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

Collecção das leis da mesma provincia de 1872.

Relatorio com que o seu antecessor José Francisco Pereira Junior passou-lhe a administração da provincia no dia 1° de Dezembro de 1872. Porto-Alegre, 1873.

Collecção das Leis e Resoluções da provincia, de 1873. Porto-Alegre, 1873.

OBRAS E DOCUMENTOS OFFERECIDOS POR DIVERSOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1873

PELA COMMISSÃO DIRECTORA DA EXPOSIÇÃO DA PROVINCIA DE PERNAMBUCO

Relatorio da mesma commissão. Pernambuco, 1873.

PELO SR. DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

Discurso que por occasião da collocação da pedra fundamental para a edificação do predio onde deve funccionar a eschola publica da freguezia de N. Sra. da Conceição, recitou o Dr. C. A. Marques. Maranhão, 1873.

Relatorio com que o Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha abriu a Assembléa Legislativa da provincia do Maranhão em 17 de Maio de 1873.

Relatorio da Exposição de 1872. Maranhão, 1873.

Almanak administrativo da provincia do Maranhão para o anno de 1873.

Discursos lidos na inauguração da Bibliotheca Popular Maranhense. Maranhão, 1872.

Justificação do ex-promotor publico da capital do Maranhão Dr. Filippe Franco de Sá. S. Luiz, 1872.

Relatorio com que o Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha passou a administração da provincia do Maranhão ao Sr. vice-presidente, desembargador José Pereira da Graça em 4 de Março de 1872. Maranhão, 1873.

Descripção dos rios Parahyba e Gurupy. Relatorios sobre a exploração dos mesmos, seguidos de uma Memoria sobre o porto de S. Luiz do Maranhão por Gustavo Luiz Guilherme Dodt. Maranhão, 1873.

Falla dirigida á Assembléa Legislativa Provincial do Ama-

zonas na 2ª sessão da 11ª legislatura pelo bacharel Domingos Monteiro Peixoto, presidente da provincia. Manáos, 1873.

Descripção dos festejos que tiveram lugar por occasião do assentamento da pedra fundamental do edificio onde tem de funccionar a aula publica da 1ª freguezia da capital do Maranhão. 1873.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA DE PARIS

Bulletins da mesma, varios ns. de 1872 e 1873.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA DE LONDRES

Varios ns. do seu jornal de 1872 e 1873.

PELA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

Os ns. do seu jornal do corrente anno.

PELA SOCIDADE DOS NATURALISTAS DE NEUCHATEL

Bulletin de la société des sciencos des naturalistes de Neuchatel, os tomos 8º e 9º, 1870, 1871, 2 volumes.

PELO INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO ALAGOANO

Os 2 primeiros numeros.

PELO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT

Illiada de Homero, traduzida na lingua irlandeza pelo Dr. Mac-Uale, arcebispo de Tuan.

Almanack de Campinas para 1873.

PELO SR. DR. FELIZARDO PINHEIRO DE CAMPOS

Questão religiosa. O beneplacito e a desobediencia. Considerações pelo verdadeiro crente. Rio de Janeiro, 1873.

Elemento servil. Artigos sobre a emancipação por T. de Alencar Araripe, mandados publicar por Leandro Bezerra Monteiro. Parahyba do Sul, 1871.

O Adolescente educado na bondade, sciencia e industria, por Cesar Couto e traduzido por uma menina brasileira. Rio de Janeiro, 1872.

Reflexões do conselheiro Figueira de Mello sobre a proposição do Senado quanto á attribuição do Supremo Tribunal de Justiça de estabelecer a verdadeira intelligencia das disposições duvidosas de nossas leis patrias, etc.

Reflexões sobre as commissões reunidas da camara dos Srs. Deputados; ligeira analyse do folheto publicado com o titulo: --- O Rei e o partido liberal, por Tristão de Alencar Araripe. Recife, 1869.

PELO SR. Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

Noções de Geographia do Brasil, Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. SENADOR CANDIDO MENDES DE ALMEIDA

Direito civil e ecclesiastico brasileiro antigo e moderno e suas relações com o direito canonico, tome 2º. Rio de Janeiro, 1873.

Pinsonia ou a elevação do territorio septentrional da provincia do Grão-Pará á cathegoria de provincia com a mesma denominação. Rio de Janeiro, 1873.

Discurso pronunciado pelo senador Candido Mendes de

Almeida na sessão de 22 de Fevereiro de 1873, sobre a politica internacional do ministerio e a eleição indirecta. Rio de Janeiro, 1873.

Discurso pronunciado pelo mesmo Sr. senador na sessão de 10 de Março de 1873, sobre a politica religiosa do ministerio. Rio de Janeiro, 1873.

Discurso pronunciado na sessão de 30 de Junho de 1873 pelo senador Candido Mendes de Almeida, na discussão do volo de graças sobre a politica religiosa do ministerio.

PELO SR. DR. ROZENDO MUNIZ BARRETO

Vôos Icarios, Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ DUARTE DE ARAUJO GONDIM

Rio Grande do Sul and its german colonies, by Michel G. Mulhall. London, 1873.

PELO SR. HENRIQUE LISBOA

Primera Ascencion al pico de Naiguata, 9430 pies sobre el nivel del mar, etc. Caracas, 1872.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO

Collecção de discursos da corôa e respectivos votos de graças da camara temporaria desde a constituinte até 1872. Rio de Janeiro, 1873.

Relatorio da secretaria da Camara dos Srs. Deputados, mencionando os trabalhos estatisticos durante o anno de 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. AMERICO BRASILIENSE

Resumo das exposições oraes da historia patria, feitas aos alumnos do collegio de S. João em Campinas, 1873.

Almanack de Campinas seguido do Almanack do Rio-Claro para 1873.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL

Collecção de leis e decisões do governo do Imperio do Brasil de 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. BENJAMIM FRANKLIN RAMIZ GALVÃO

Prosopopéa por Bento Teixeira, reproducção fiel da edição de 1601, segundo o exemplar existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. 1873.

PELO SR. FRANCISGO DE FIGUEIREDO

Relatorio da veneravel ordem 3ª dos minimos de S. Francisco de Paula apresentado á nova administração no acto de posse, em 31 de Maio de 1873, pelo Irmão Corrector. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. ALFREDO THEOTONIO DA COSTA

Noticia Geral da provincia de Santa Catharina pelo Arcipreste Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva, natural da mesma provincia. Desterro, 1873 (Posthuma).

PELA REDAÇÁO

O Direito, Revista de Legislação, Doutrina e Jurisprudencia, os numeros de 8 a 9. Rio de Janeiro 1873 e o 1° numero do 2° volume.

PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DR ACCLIMAÇÃO

Estatutos da mesma. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. EMMANOEL LIAIS

Climats, géologie, faune, et géographie botanique du Brésil. Paris, 1872.

PELO SR. JOÃO JOSÉ DE MORAES TAVARES

Manual do systema metrico ou auxiliador do official de Fazenda. Rio de Janeiro 1873.

PELO SR. D. ANTONIO DA COSTA

Tres mundos. Lisboa, 1873.

PELA ASSOCIAÇÃO DOS ENGENHEIROS CIVIS PORTUGUEZES

Revista de obras publicas e minas. Publicação mensal. o n.° 37 Lisboa, 1873.

PELO SR. GUIDO CORA.

Cosmos. comunicazion sui progressi più recente e notavole della geografia e delle scienze affini. Torino, 1873.

PELO SR. JOÃO CANDIDO DE MORAES REGO

Almanak administrativo da provincia do Maranhão, 5.° anno. 1873.

PELA SOCIEDADE DOS NATURALISTAS DE MOSCOU,

Os seus Boletins do anno de 1873—4 fasciculos.

PELO SR. DANIEL GAVET.

Mes pages intimes. Paris, 1873.

PELO SR. CORONEL V. PEDERNEIRAS

Interesses materiaes da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1872.

PELO SR. DR. FILIPPE FRANCO DE SÁ

Justificação do ex-promotor publico da capital do Maranhão. S. Luiz, 1872.

PELO INSTITUTO DE WASHINGTON

6 volumes dos Relatorios dos objectos apresentados pelos Estados-Unidos á Exposição Universal de 1867.

PELA SRA. D. NARCIZA AMALIA

Nebulosoas. Poesias. Rio de Janeiro 1 vol.

PELO SR. DR. MANOEL BUARQUE DE MACEDO.

Relatorio da commissão directoria da exposção provincial de Pernambuco, em 1872.

PELO SR. DR. JOSÉ ASCENÇO DA COSTA FERREIRA

Lições de Economia Politica. S. Luiz, 1872.

PELO SR. DUPONT.

Varios folhetos sobre diversos assumptos.

PELO INSTITUTO HISTORICO DE PARIS

L' Investigateur—journal de la société des études historiques—Ancien Institut Historique—38 année. Os numeros de Janeiro e Fevereiro. Paris, 1872.

PELO SR. ANTONIO RÕIZ DE ALMEIDA PINTO

O Bispado do Gram-Pará durante a vida de seu bispo D. Romualdo de Sousa Coelho. Pará, 1872.

PELO EDITOR

Catalogo dos livros antigos e modernos de Theologia, Sciencias e Artes, Bellas letras e historia, por Francisco Arthur da Silva. 2.ª edição. Lisboa, 1872.

PELA REDACÇÃO

Archivio per l'antropologia e la Etnologia, pubblicato dal Drs. Paolo Mantegazza e Felice Finze. Firenze, 1871.

PELO SR. VICENTE DE BOLLIVIAN Y ROXAS

Archivo Boliviano—Colleccion de documentos relativos a la historia de Bolivia. Paris, 1872—o 1º nº.

PELO SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

Esboço historico da academia, de Marinha desde sua fundação e da companhia de aspirantes á guarda-marinhas, acompanhado dos regulamentos vigentes na escola de Marinha, annotados por Augusto Zacarias da Fonseca Costa. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. NICOLÁO JOAQUIM MOREIRA

Breves considerações sobre a historia e cultura do cafeeiro e consumo do seu producto. Rio de Janeiro, 1873.

Noticia sobre a agricultura do Brasil. Rio de Janeiro. 1873.

PELO SR. TENENTE CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Tratado de limites das conquistas entre os Srs. D. João 5º rei de Portugal e D. Fernando 6.º rei de Hespanha—Lisboa, 1750.

Instrucção sobre o reconhecimento dos rios para uso da escola de applicação do corpo do estado maior. Rio de Janeiro, 1866.

PELO SR. DR. JOSÈ TITO NABUCO DE ARAUJO

Dois exemplares do seu romance—Mimi.—Rio de Janeiro, 1873.

Manual Pratico do Advogado (acções civeis). Rio de Janeiro, 1873. 2 vols in-8.

PELO SR. CLAUDIO DE ABREU

Uma pagina de poeta. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. Dr. FRANCISCO FERREIRA CARDOSO

Relatorio lido no paço d'Assembléa Legislativa da provincia do Espirito Santo pelo presidente da mesma em 1871.

PELO SR. DR. JOSÉ MARIA DO COUTO.

Relatorio e trabalhos estatisticos apresentados ao Exm. Sr. conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira, ministro e secretario d'Estado dos negocios do Imperio, pelo director geral interino da repartição de Estatistica. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. ROBERTO ARMENIO.

A libertação das raças de côr por uma revolução na applicação das machinas á vapor.

PELO SR. AUGUSTO DE MOURA.

Memorial sobre a comarca de Guarapuava. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. BAGUET.

Rio-Grande do Sul et Paraguay. Souvenirs de Voyage. Anvers, 1873.

PELO SR. DR. ANTONIO CANDIDO DA CUNHA LEITÃO.

Ensino lívre—Projecto de lei apresentado á camara dos deputados na sessão de 16 de Julho de 1873. Rio de Janeiro.

PELO SR. L. JACOME.

O cavallo na provincia do Rio Grande do Sul. Brasil. Porto-Alegre, 1873.

PELO SR. CONEGO MANOEL DA COSTA HONORATO.

Bibliotheca canonica, juridica, moralis et theologica. Boniniæ, 1763. 3 vols.

Defesa do bispo do Rio-Grande do sul contra os actos da assembléa da mesma provincia. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. MANOEL DE ARAUJO CASTRO RAMALHO.

Gazeta Rio-Grandense, publicação mensal destinada ás

artes, sciencias, industrias, agricultura e commercio. Porto-Alegre, 1873. Ns. 2 e 3.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Tratado do melhoramento da navegação por canaes, publicado por frei José Mariano da Conceição Velloso. Lisboa, 1800, 1 vol.

PELO SR. VISCONDE DO BOM RETIRO.

O Imperio do Brasil na exposição universal de Vienna. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. BACHAREL JOAQUIM JOSÉ FERNANDES MACIEL.

Relatorio do Estado da Instrucção publica da provincia do Espirito Santo. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO.

Memoria sobre a navegação á vapor do Rio de S. Francisco, por Francisco Manoel Alves de Araujo.

Relatorio da viagem de exploração do rio das Velhas e S. Francisco, pelo mesmo Alves de Araujo.

PELO SR. B. L. GARNIER, EDITOR.

Historia da Conjuração Mineira — Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional, por Joaquim Norberto de Souza e Silva. Rio de Janeiro, 1873. 1 vol.

PELA REDACÇÃO DO JORNAL—O NOVO MUNDO.

Tres numeros do seu jornal.

PELO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA.

Relatorio da directoria do mesmo gabinete apresentado aos accionistas em 1872. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. CONEGO DR. JOAQUIM CAETANO FERNANDES PINHEIRO.

Resumo de Historia litteraria. Rio de Janeiro, 1873. 2 vols.

PELO SR. DR. AGOSTINHO MARQUES PERDIGÃO MALHEIRO.

A Escravidão no Brasil. Ensaio historico, juridico e social. Rio de Janeiro, 1866. 3 vols.

PELO MONTE-PIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO.

Relatorio apresentado á Assembléa geral dos contribuintes no biennio de 1873 a 1875, pelo presidente Exm. Sr. visconde do Rio Branco. Rio de Janeiro, 1873.

PELO SR. BENTO JOSÉ BARBOSA SERZEDELLO.

Archivo historico da veneravel ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo no Rio de Janeiro.—1873.

PELO SR. TITO DE NORONHA.

Grammatica da lingua portugueza por Fernão de Oliveira 2.ª edição conforme a de 1536 publicada pelo visconde de Azevedo e Tito de Noronha, Porto, 1873. Numismatica portugueza. Ditos da Freira revistos por Tito de Noronha, Porto, 1872. Curiosidades bibliographicas.— O Cancioneiro geral de Garcia de Resende, Porto, 1871. Ordenações do Reino, edições do seculo 16.º Porto e Braga, 1871. Im-

prensa portugueza do 16.° seculo, seus representantes e suas producções. Ordenações do Reino, Porto, 1873.

PELO SR. DR. MANOEL DUARTE MOREIRA DE AZEVEDO.

Bibliotheca Universal. Curiosidades, noticias e variedades historicas brasileiras. Rio de Janeiro. 1 vol.

PELO SR. DR. ANTONIO HENRIQUES LEAL.

Pantheon Maranhense — Tomo 1.° Lisboa, 1873

PELA SECRETARIA DA CAMARA DOS DEPUTADOS.

Annaes do parlamento brasileiro—1.° anno da 15.ª legislatura, sessão de 1872, 5 tomos. Rio de Janeiro, 1873.

FIM DO TOMO XXXVI, PARTE SEGUNDA

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXVI PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

QUARTO TRIMESTRE

Typ. de—Pinheiro & C.ª—Rua Sete de Setembro n. 159.